

O Mestre do Thriller

M. J. ARLIDGE

Autor Bestseller do *Sunday Times*

UMA
HORA
DE
VIDA

UM A UM, TODOS CAIRÃO

TOP
SEL
LER

«ARREPIANTE»
THE TIMES

«VICIANTE»
THE SUN

«IMPIEDOSO»
SUNDAY MIRROR

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#)

;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)

Table of Contents

DIA UM

1

2

3

4

5

6

DIA DOIS

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

DIA TRÊS

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

DIA QUATRO

68

69

70

71

72

73

74

75

76

77

78

79

80

81

82

83

84

85

86

87

88

89

90

91

92

DIA CINCO

93

94

95

96

97

98

99

100

101

102

103

104

105

106

107

108

109

110

111

112

113

114

115

116

117

118

119

120

121

122

123

124

125

126

127

128

129

130

131

DIA SEIS

132

133

134

Agradecimentos

Edição original

Título: *All Fall Down*

Texto: © 2020 M. J. Arlidge

Capa: Orionbooks

Fotografias da capa: © Henry Steadman

Publicado pela Orion,

uma chancela do Orion Publishing Group, Londres.

Todos os direitos reservados.

Edição em português

Título: *Uma Hora de Vida*

Tradução: Rui Azeredo

Revisão: Teresa Antunes

Paginação eletrónica: Wonder Studio

ISBN edição impressa: 978-989-564-287-8

ISBN edição ePub: 978-989-564-440-7

1.^a edição: janeiro de 2021

Versão 1.0: março de 2021

© 2021 Topseller, uma chancela da 20|20 Editora.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem prévia autorização da editora.



Rua Alfredo da Silva, 14 • 2610-016 Amadora • Portugal

Tel. +351 218936000 • GPS 38.742, -9.2304

contacto@topseller.pt • www.topseller.pt • [f topseller.pt](https://www.facebook.com/topseller.pt)

Garantia incondicional de satisfação e qualidade: se não ficar satisfeito com a qualidade deste livro, poderá contactar diretamente a Topseller, juntando a fatura, e será reembolsado sem mais perguntas. Esta garantia é adicional aos seus direitos de consumidor e em nada os limita.

Uma Hora de Vida é uma obra de ficção. Nomes, personagens e episódios resultam da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas, acontecimentos ou locais reais é pura coincidência.

DIA UM

1

Justin Lanning espreitou pela janela, fixando o horizonte. O Sol, cuja luz lhe inundara o escritório durante todo o dia, iniciara a sua descida, com o brilho dourado a deslizar pela superfície da água. Havia algo de majestoso, até triunfante, no seu progresso — os longos braços de luz a parecerem reclamar a água ondulada, os barcos baloiçantes, até a própria marina. Espetacular e belo, e relaxante também, um momento de libertação depois do que se revelara um dia muito esgotante.

Virando costas à janela que ia do teto ao chão, Justin espreitou para o relógio — 17h58 — e regressou à secretária. Era o único ocupante do amplo e bem equipado escritório, algo que lhe dava imenso prazer. Era um espaço opulento, agradável, poderoso... mas tratava-se de um segredo glorioso. Do exterior, a Endeavour House não se diferenciava de qualquer outro bloco de escritórios de Ocean Village. O *foyer* era discreto, não oferecendo qualquer pista sobre os escritórios montados ao gosto do cliente nos dois pisos superiores; escritórios concebidos para deslumbrar. O luxuoso mobiliário italiano, as instalações de arte moderna e, sim, a vista — tudo fora cuidadosamente calibrado para ostentar riqueza, profissionalismo e sucesso. A poucos era permitida a entrada, mas quem tinha esse privilégio sentia-se tranquilizado e inspirado depois de um vislumbre tentador da Redstone Solutions.

Justin desligou o computador, pegou no telemóvel e avançou para o elevador. Por muito exigente e imprevisível que fosse o seu dia, orgulhava-se de sair a horas. Sentia-se cativado por tal eficiência — entrava às 6 horas, saía às 18 —, e era também útil para regular o seu estado de espírito. Independentemente dos negócios tratados no dia,

se podia sair a horas, então, era garantido que estava tudo controlado.

As portas do elevador deslizaram e Justin entrou, premindo o botão para a cave. Saindo a esta hora, poderia estar em casa pelas 18h30, o que lhe proporcionava imenso tempo para fazer exercício antes de Adam regressar. Adam — só de pensar nele sentiu um leque desconcertante de emoções: fúria, desilusão, desejo, e muito mais além disso. Nos últimos tempos, as coisas andavam tão diferentes, tão complicadas, que o lar já não era o santuário que deveria ser. O relacionamento deles necessitava de ser gerido com pinças, com um estado de espírito calmo, daí a importância do relaxante exercício físico.

As portas encerraram-se e o elevador iniciou a descida. Os pisos foram passando — dez, nove, oito, sete. Justin deu por si a murmurar uma canção alegre, festejando o facto de o dia de trabalho ter finalmente terminado. Seis, cinco, quatro. Justin deixava-se levar por um agradável devaneio, as suas preocupações lentamente a diluírem-se...

E então, de repente e sem aviso, o elevador travou, chiando até se deter com um safanão, projetando Justin para trás. Ao embater com a cabeça na parede espelhada, soltou um impropério ao ser-lhe arrancado o ar dos pulmões.

Um estranho silêncio invadiu a caixa de metal, com o agradável zumbido do progresso substituído por uma inércia desprovida de vida. Atordoado, Justin cambaleou para a frente, carregando com força no botão para a cave — uma, duas, três vezes. Nada aconteceu, e, enquanto continuava a pressionar com força, apercebeu-se de que as luzes do elevador também se tinham apagado. Era como se toda a geringonça de repente tivesse... morrido.

Recompondo-se, experimentou os botões para os outros andares, antes de desistir e acionar a campainha do alarme com uma resignação irada. Algures ao longe, souou um tinido abafado, mas pouco conforto lhe deu. O responsável pela manutenção iria levar uma eternidade a chamar os técnicos do elevador, e teria de esperar mais tempo ainda até que o libertassem, dado que, aparentemente, estaria encravado entre dois pisos. Conseguiriam pôr o elevador de

novo em funcionamento? Ou teriam de içá-lo pelo poço do elevador, como um saco de batatas? Praguejando, pontapeou as portas, vendo os seus planos para a noite a desintegrarem-se. Que raio lhe acontecera para ser deixado ali pendurado como uma marioneta avariada? O que é que se passava?

Sentiu-o antes de o ouvir — o seu novo *Samsung* a vibrar no bolso, antes de soltar o habitual trinado.

— Graças a Deus...

Alguém estava ao corrente do seu apuro; não havia dúvidas na sua mente de que a chamada se relacionava com a sua emergência. Pegando no telemóvel, ficou surpreendido ao ler as palavras no ecrã — não era Adam, nem do escritório; era um número não identificado —, mas ainda assim atendeu. Não interessava quem fosse, desde que pudesse libertá-lo daquela caixa de metal.

— Estou?

Do outro lado, apenas silêncio.

— Daqui Justin Lanning — prosseguiu. — Consegue ouvir-me?

A sua voz preencheu o elevador, mas não surgiu resposta. Estava convencido de que a ligação era boa — ouviu algo a zumbir do outro lado —, não entendendo a razão para não lhe responderem.

— Estou preso entre os pisos três e quatro, portanto, se puder...

Algo o levou a não continuar a falar. Uma inspiração do outro lado, como se a pessoa fosse falar. Justin queria continuar, para explicar o seu aperto, mas de repente sentiu-se sem forças para prosseguir, como se algo — ou alguém — lhe ordenasse que se calasse.

E então, por fim, a pessoa falou — uma voz masculina suave, sussurrante.

— Tens uma hora de vida.

2

O ponteiro indicava 130 quilómetros por hora, mas a inspetora-chefe Helen Grace não abrandou. Seguia na Fawley Road, acelerando para sul na direção da costa, impulsionada pela estrada desimpedida e pela água cintilante ao fundo. Aquela solitária extensão de alcatrão poderia, se calhar *deveria*, tê-la perturbado, flanqueada de um dos lados pela desativada central elétrica e do outro pela New Forest, ambas cenários de crimes que lhe haviam provocado bastante sofrimento em anos recentes. Mas os traumas do passado já não a perturbavam.

A *Honda Blackbird* posicionou-se ao seu lado, preparando a ultrapassagem. Helen lançou uma espreitadela ao condutor, já em parte a contar que o sargento-inspetor Joseph Hudson a brindasse com um sorriso triunfal, mas o olhar dele permanecia resolutamente apontado à estrada, como se visse uma bandeira axadrezada ao longe, como se aquela corrida fora de horas tivesse efetivamente algum significado. Agradou a Helen ver que ele estava determinado a evitar a derrota, que estava disposto a reagir ao desafio silencioso e provocador dela.

Evidentemente, aquela perseguição tinha mesmo um significado, embora nenhum dos dois se sentisse preparado para o admitir. Joseph Hudson era uma aquisição relativamente recente da Equipa de Incidentes Graves da Esquadra Central de Southampton, e uma aquisição ainda mais recente na cama de Helen, mas aos poucos tornava-se uma parte essencial da vida dela. Passavam boa parte do dia de trabalho a orbitar em redor um do outro, e a maioria das noites envolvidos nesta agradável dança. Helen sabia que não conhecia bem Hudson, mas tratava-se de um homem excitante,

impulsivo e arrebatado, que partilhava com ela a paixão pela velocidade. O relacionamento deles não era imune a complicações — por certo que levaria os colegas a fazerem má cara —, mas Helen não podia negar que apreciava a companhia dele e o *frisson* existente entre ambos.

Girando o acelerador, Helen mergulhou em frente, ganhando um ou dois metros ao seu oponente. A estrada começava a chegar ao fim — restavam apenas cerca de cem metros antes de uma curva apertada à direita —, mas não se surpreendeu ao ver Joseph uma vez mais a pôr-se ao seu lado, recusando-se a ser relegado para segundo plano. Ambos os motores rugiram, com a curva apertada a correr na direção deles, cada um dos condutores a calcular o passo seguinte. O sol poente banhou com luz a estrada costeira e Helen viu que tinha o caminho desimpedido, espicaçando a sua sensação de expectativa. Se tivesse visto alguma viatura a aproximar-se, teria reduzido de pronto a velocidade, pondo um fim ao jogo, mas neste caso levou o ponteiro a chegar aos 145 quilómetros por hora, voando para a curva, antes de desacelerar de repente e inclinar-se para curvar. A estrada naquela extensão de costa era velha, com o piso desgastado e uma leve camada de gravilha solta a cobrir a superfície, e a moto de Helen derrapou. Sentia-se confortável, com tudo controlado, mas ainda assim a derrapagem levou-a a fazer uma curva maior do que pretendia, e o seu perseguidor aproveitou. Com um rugido de satisfação, Joseph passou por dentro a grande velocidade, gritando-lhe quando o fez.

— Vejo-te em tua...

— Pois, está bem... — ripostou Helen, acelerando a sua moto com um rugido, levando-a a atingir os 160 quilómetros por hora.

Joseph era um condutor experiente, e teve de recorrer à astúcia para se manter na dianteira, porque, no que tocava a potência bruta, havia apenas um vencedor. Com um impulso determinado, Helen passou por ele, com a sua *Kawasaki* a rosar de felicidade ao reagir à deixa dela. Pouco depois, Joseph Hudson chegou ao lado dela, levando a sua moto ao limite absoluto só para conseguir manter-se a par.

Naquele momento, Joseph arriscou uma espreitadela na direção dela — afetuosa, desafiadora —, o que agradou a Helen. Aquela era uma atividade a que, por norma, gostava de se dedicar sozinha, rasgando as estradas rurais num isolamento glorioso. Mas, de momento, era algo que fazia gosto em partilhar, mostrando a Joseph rotas secretas e atalhos que explorara quando conduzia sozinha. Não se devia apenas ao facto de ter encontrado um concorrente à altura, mas porque lhe parecera natural. O relacionamento deles era ainda prematuro; porém, Helen permitia-se passar mais tempo com Joseph do que teria imaginado. Desde Jake que não deixara que ninguém se aproximasse, mantendo deliberadamente ao largo os interessados, mas de momento parecia-lhe inútil rejeitar a intimidade, ignorar que encaixavam. Com frequência, Helen achara que nunca iria acontecer, mas já não havia como negar.

Por fim, encontrara alguém capaz de a acompanhar.

3

— Por amor de Deus, acalma-te! O que dizes não faz sentido...

— Que parte é que não percebes?

— Tudo! Pareces um louco a falar!

— Também tu ias parecer, se tivesses passado pelo que eu passei...

— Que foi exatamente o quê? Vê se te acalmas e conta-me o que aconteceu...

O tom de Adam revelou-se tão condescendente, tão carregado de irritação, que a vontade inicial de Justin foi mandá-lo dar uma volta. Mas houve qualquer coisa — um resquício de afeto, ou puro e simples terror? — que o travou, obrigando-o a conter a sua fúria.

— Eu ia a descer no elevador...

— Sim...

Céus, cala-te e deixa-me acabar!

— E o meu telemóvel tocou. — Uma vez mais, a voz de Justin começou a tremer, enquanto tentava descrever a sua situação de apuro. — E uma... uma voz do outro lado começou a ameaçar-me... dizendo-me que me restava uma hora de vida.

Silêncio.

— Adam, ainda aí estás?

— Sim, estou aqui, é só que...

A condescendência já se evaporara, substituída por confusão e preocupação.

— Reconheceste a voz?

— Não...

— Fazes ideia de quem possa querer ameaçar-te?

— Não.

— Não pode ter sido uma brincadeira? Algum tipo de partida?

— Não... de maneira nenhuma...

Era possível, como é evidente, mas Justin simplesmente sabia que não fora. Quem lhe ligara transmitira o seu arrepiante ultimato, e uns segundos depois as luzes acenderam-se e o elevador prosseguira a suave descida, como se o seu antagonista estivesse no controlo de tudo.

— Queres ligar à polícia?

— Se calhar...

— Justin, se achas realmente que alguém quer fazer-te mal, então tens de ligar...

— E digo-lhes o quê? Que não sei quem é o tipo e não sei o que quer...

— OK, OK... Não te irrites. Trata... olha, trata de voltar para casa e lá decidimos o que fazer. Se eu sair já, não chego muito depois de ti.

Justin sentiu-se invadido por um súbito assomo de afeto e gratidão. Apesar das recentes dificuldades entre ambos, o que mais desejava naquele momento era estar com alguém que efetivamente o conhecesse, que pudesse abraçá-lo e dizer-lhe que ia correr tudo bem.

— Obrigado, Adam. Já chamei o carro. Eu... vejo-te em casa daqui a nada.

Terminada a conversa, Justin virou-se. Nesse preciso momento, apareceu o *Mercedes* preto, ronronando ao passar pela longa fileira de carros no parque de estacionamento do edifício de escritórios, detendo-se diante dele. Todos os dias à mesma hora, uma daquelas viaturas de luxo transportava-o até casa, àquilo que lhe era familiar, sólido e reconfortante. Abrindo a porta, Justin entrou no carro, fechando-a com firmeza. Nesse preciso momento, acendeu-se a pequena luz vermelha junto ao vidro separador, indicando que o motorista o ouvia.

— Grange House, por favor. O mais depressa possível.

A luz apagou-se, uma afirmação silenciosa de atenção partilhada. Pouco depois, atravessavam a segunda barreira de segurança, saindo para a rua e ocupando o seu lugar no meio do trânsito da hora de ponta. Assim que Justin se recostou no confortável couro, observando os carros à sua volta, sentiu por fim a batida do coração a

abrandar. Quando o elevador parara, ficara alarmado, convencido de que passaria horas numa caixa sem ar. Mas o que se seguiu revelara-se ainda pior. Incompreensão, depois puro medo, com Justin a imaginar todo o tipo de cenários horríveis — as portas do elevador a abrirem-se para revelar um atacante, o elevador a mergulhar até ao fundo —, antes de ser inesperadamente libertado da sua provação, depositado no parque de estacionamento na cave como se nada tivesse ocorrido. Sentia-se confuso e desorientado, mas ainda assim fora poupado, e dispunha então da oportunidade de atirar para trás das costas todo aquele horrível pesadelo. Desligara o telemóvel, aconchegara-se no banco traseiro de um luxuoso *Mercedes* e ia a caminho de casa.

Expirando vagarosamente, abanou a cabeça face à loucura de tudo aquilo, antes de dar uma espreitadela ao seu relógio.

18h08.

4

— Isto é um peso morto. Vou ter de te pedir que o leves.

Charlie Brooks colapsou sobre um caixote, arquejando intensamente. Contara ser de algum préstimo para Steve no sótão empoeirado, mas a tentativa dela de pegar nas peças do velho berço de Jessica revelou-se um absoluto fracasso. Pesava uma tonelada, e no presente estado dela, grávida de 8 meses, com uma barriga enorme, não ia mesmo arriscar.

— Não te preocupes — disse Steve, com um risinho. — Já sei que aqui sou eu o burro de carga.

Começou a juntar os artigos, enquanto Charlie dava uma olhadela à abundância de produtos de bebé que ladeava o berço de madeira.

— Não sei para que temos aqui tanta coisa.

Estavam cercados por esterilizadores, espreguiçadeiras, a velha alfofa e uma quantidade infindável de sacos com roupa de bebé. Quando Jessica começou a dar os primeiros passos, e depois foi para a escola, tinham empacotado e guardado todo aquele material, acabando por cair no esquecimento. Mas quando Charlie, surpreendente e agradavelmente, voltou a engravidar, foram obrigados a aventurar-se de novo naquele lugar negligenciado. Ao interiorizar uma fatia do seu passado, que iria voltar a ser o presente deles, Charlie sentiu uma ponta de ansiedade. Iria lembrar-se do que fazer quando o bebé chegasse? Conseguiriam lidar com a falta de sono? E como é que Jessica reagiria face à chegada de um irmão? Até ver, pouco dissera sobre o assunto, apesar de observar atentamente as dicas dos pais e a mudança evidente da forma da barriga da mãe.

— Se eu descer, queres passar-me as coisas?

De repente Charlie sentiu vontade de sair daquele espaço

claustrofóbico. Havia ali demasiados objetos, demasiados sinais do passado dela. Os livros da escola, a mochila do Inter-rail, a primeira farda da polícia, um vestido de dama de honor — como se tudo tivesse combinado estar ali para a fazer sentir-se velha, nada atraente e completamente estourada.

— OK, mas tem cuidado.

Charlie não necessitava do aviso de Steve. Desceu cuidadosamente cada degrau da escada, assegurando que assentava bem os pés antes de avançar. A gravidez estava a correr bem, apesar dos horríveis enjoos matinais, e estava determinada a não se pôr em perigo, a si ou ao seu bebé, por causa de uma estupidez.

Já lá em baixo, dirigiu-se ao quarto das crianças. Começara por ser de Jessica, e, mais tarde, quando ela se mudara para um quarto maior, tornara-se o quarto de hóspedes. Ou, melhor dizendo, um atarro. Era raro alguém visitá-los para ficar, o que levou a que o pequeno quarto se tornasse um depósito de coisas que tinham preguiça de deitar fora. A chegada iminente de uma segunda criança estimulara-os a entrar em ação, com cada minuto livre passado a vasculhar e a descartar coisas. O resultado era agora um quarto livre de detritos, embora ainda se mantivesse em aberto a questão de ser adequado para um quarto de crianças.

— Temos tanto para fazer — lamentou-se Charlie, quando Steve passou por ela, segurando a cabeceira do berço.

— Há imenso tempo — respondeu descontraidamente Steve, antes de voltar a sair.

Estava entusiasmado, o que deixou Charlie contente, pois sentia dificuldade em libertar-se das suas preocupações. Como é que iam arranjar tempo para tudo? Com Jessica já a frequentar a escola, a sua vida fora do trabalho tornara-se uma ronda interminável de desafios logísticos. Deixá-la na escola, ir buscá-la, levar Jessica a casas de amigos, festas de aniversário — a isso fora acrescentada uma longa lista de deveres associados a bebés: check-ups, ecografias, decoração, limpeza e compras. Pois, por muito cuidadosa que Charlie tivesse sido ao guardar o material de bebé de Jessica, parecia estar sempre em falta alguma peça do esterilizador ou da espreguiçadeira.

Olhando em seu redor, para as paredes por pintar, para a lâmpada

despida e para a cabeceira ali pousada, Charlie sentiu-se sobrecarregada. Estava genuinamente entusiasmada face à perspectiva da nova chegada, mas de súbito não se sentiu minimamente preparada. Ainda lhe restavam duas semanas de trabalho, pelo que era difícil arranjar tempo para se preparar devidamente. Odiava a ideia de não ter tudo no lugar, convencida como estava de que esquecera tudo o que aprendera sobre como criar um recém-nascido. Sabia que estava a ser irracional, mas não conseguia conter-se. Em todas as outras áreas, os prazos podiam ser manipulados, o *timing* alterado, mas naquele aspeto era impossível. Ao pousar a mão sobre a barriga, sentindo uma vez mais um forte pontapé do seu bebé, algo se tornou penosamente evidente.

O relógio não parava.

5

— Vamos lá, vamos lá...

Justin murmurava só para si, incentivando o carro a passar os semáforos temporários que os detinham quando tentavam abandonar Southampton. Como se tivesse consciência da sua urgência, o motorista acelerou, transpondo o semáforo no preciso momento em que passava de amarelo a vermelho.

Justin permitiu-se um fugaz sorriso. Por fim, estavam livres do trânsito, no último troço de estrada rumo à pequena aldeia de Wickham, a que ele e Adam chamavam casa desde o ano anterior. Nem sempre fora um lugar acolhedor, com alguns residentes mais idosos inicialmente perturbados com a presença de um casal declaradamente gay, outros incomodados com a opulência da casa construída de raiz, temendo que desencadeasse uma súbita invasão de «dinheiro novo». Mas, com o passar do tempo, Justin e Adam conquistaram os mais céticos, e já se encontravam integrados na vida local como se sempre lá tivessem vivido.

Outra espreitadela rápida ao relógio: 18h48. Em menos de dez minutos estaria em casa, com Adam e *Caspar*, o *Yorkshire terrier* que recentemente haviam comprado. Em segurança, feliz, descontraído. A cada minuto passado, a aflição experienciada no escritório parecia cada vez mais irreal, a ponto de começar a questionar-se se efetivamente acontecera. Sentiu-se um palerma por se ter deixado assustar tanto — talvez não tivesse passado de um idiota qualquer a ligar aleatoriamente para alguns números.

Cerrando os olhos, Justin afundou-se ainda mais no assento estofado e luxuoso. Sabia que recorrer ao serviço de automóveis era uma extravagância, que facilmente poderia ter chamado um táxi ou,

Deus o ajudasse, aprender a conduzir. Mas agradava-lhe a ideia de ter um contrato com eles, agradava-lhe a ideia de ser capaz de chamar uma viatura de luxo, agradava-lhe a sensação de poder e de prestígio que lhe outorgava. Mais do que isso, regalava-se no seu conforto, como se viajasse em primeira classe de casa para o trabalho. Enquanto serpenteavam pelas sinuosas estradas rurais, permitiu-se embalar pelo movimento suave do carro, com o corpo e a mente finalmente a relaxarem.

O que faria primeiro? Falaria com Adam? Ou levaria *Caspar* a passear? Estavam em meados de outubro, e os bosques já começavam a ficar castanho-avermelhados e dourados. Seria preferível sair primeiro e só mais tarde abordar os acontecimentos bizarros do final de tarde? Sim, era a melhor ideia. Desse modo, talvez até pudessem passar juntos uma noite descontraída — seria fantástico, pois recentemente esses momentos rareavam.

De repente, Justin abriu os olhos, atormentado por um desconforto que lhe atravessou o corpo. Percorrera tantas vezes aquelas ruas que conhecia de cor cada curva e contracurva, cada subida e descida, o seu corpo a acompanhar os habituais movimentos da viatura. Por norma, apreciava tal bailado, acalmava-o, mas instintivamente percebeu que qualquer coisa não batia certo. Endireitando-se no assento, olhou em redor, para descobrir que seguiam por uma rua desconhecida, desviando-se da rota usual.

— Desculpe... — Percebendo que não premira o botão do intercomunicador, fê-lo e voltou a falar: — Desculpe? Acho que virámos no sítio errado. — Nem de propósito, nesse momento passaram disparados por uma placa que assinalava que rumavam a oeste, afastando-se da aldeia. — Esta estrada leva-nos a Shedfield. A saída para Wickham ficava mais ou menos um quilómetro e meio lá atrás...

O motorista assentiu com a cabeça, como se tivesse compreendido, mas não alterou a velocidade ou a direção. Justin espreitou-lhe a nuca, observando os ombros largos e muito direitos, o cabelo cortado rente, percebendo pela primeira vez que não o reconhecia. Seria um funcionário novo? Alguém que não conhecia a zona?

— Há um cruzamento já à frente. Pode dar a volta lá... — O carro

acelerou, levando Justin a tombar para trás no assento. — Não há pressa. Mais vale chegar inteiro... — brincou, com a sua voz a soar monótona e tensa.

A que velocidade seguiriam? A 100 quilómetros por hora? A 110? Uma ansiedade crescente começou a apoderar-se dele. Porque é que iam tão depressa? E porque é que o motorista não respondia?

— Olhe, vou ter de lhe pedir que abrande... — Não houve resposta, e a viatura continuou a acelerar pela estreita via rural. — Olhe, amigo, que raio de pressa é essa?

Como que em resposta, o carro guinou violentamente para fora da estrada, projetando Justin para o seu lado esquerdo. Em desespero, agarrou-se ao cinto de segurança e endireitou-se, para descobrir que aceleravam por um caminho de terra, com o *Mercedes* aos solavancos sobre uma superfície desnivelada. Irritado e assustado, Justin desapertou o cinto de segurança e inclinou-se para a frente, batendo furiosamente no vidro separador.

— Já lhe disse para parar...

O carro prosseguiu a marcha veloz, e, para sua surpresa, Justin avistou em frente portões de rede metálica, que se encontravam abertos, como se os esperassem. Momentos depois, entraram no que era claramente uma espécie de estaleiro de obras.

Tomado pelo pânico, levou a mão ao bolso para aceder ao telemóvel. Carregou com força para desbloquear, mas nesse preciso momento o carro parou de repente. Apanhado desprevenido, Justin foi catapultado para a frente, batendo com a cara no separador de vidro. Largou o telefone e foi projetado para trás. Levou instintivamente a mão à cabeça, mas ficou ali a pairar desesperadamente, corpo e cérebro demasiado assoberbados para funcionarem. Via estrelas, sentia na boca o sabor a sangue, os membros tremiam-lhe, e nada pôde fazer quando a porta se abriu e foi agarrado por mãos brutas, que o arrancaram da viatura.

6

Abrindo a porta, Adam entrou para a divisão às escuras.

— Olá? — A sua saudação ecoou no espaço vazio, até esmorecer.
— Justin?

Não houve resposta. Na verdade, não se escutou qualquer tipo de som, a não ser o raspar das patas de *Caspar* a andar de um lado para o outro sobre o chão de madeira envernizada. Adam acabara de o ir buscar ao vizinho, um rapaz que amava cegamente o cachorro, mas, como era habitual, *Caspar* não manifestara interesse por Adam, preocupando-se apenas em procurar Justin, a quem dedicava a sua exclusiva atenção.

Contornando o cão, Adam rumou à cozinha. Frequentemente, dava com Justin lá, a deitar uma cerveja abaixo enquanto preparava algo imaginativo para o jantar, mas a cozinha encontrava-se deserta.

— Justin? Estás em casa?

A sua voz estrangulada ecoou nas paredes, mas ainda sem resposta. Adam seguiu em passos rápidos para o quarto de casal. Também se encontrava vazio, pelo que avançou, passando por todos os quartos e casas de banho, antes de, por fim, regressar à zona de estar. Dado o silêncio assustador da casa, iria perceber assim que Justin entrasse, mas de momento não restavam dúvidas. Estavam sozinhos.

Pegando no telemóvel, marcou o número de Justin. Seguiu diretamente para o voicemail, pelo que decidiu deixar uma mensagem. Com a voz tremente, disse:

— Sou eu... Estou em casa. Não sei por onde andas. Liga-me quando ouvires esta mensagem.

O cão olhava-o com um ar de súplica, como se ele devesse esforçar-

se mais, mas o que mais poderia fazer? Iria esperar uns minutos — dar tempo a Justin para que lhe retribuísse a chamada — e então, caso não desse sinal de vida, ligaria para a empresa de serviço de automóveis a dar conta da sua preocupação. Por norma, não levavam tanto tempo a chegar a casa, mas era hora de ponta, por isso talvez estivessem presos no trânsito. Ansiosamente, Adam espreitou o telefone.

19h07.

DIA DOIS

7

Charlie atravessou rapidamente a cozinha, lançando uma olhadela rápida ao relógio. Era bem cedo, e, como de costume, estava atrasada. Dormira mal, não encontrando uma posição em que ficasse confortável, e sentia-se entorpecida quando o despertador tocou. Steve já saíra para o trabalho, deixando a Charlie a incumbência de alimentar e vestir Jessica, enquanto tentava de alguma forma arranjar tempo para se pôr apresentável para ir trabalhar.

— Queres comer mais alguma coisa? — Jessica olhou para os restos dos seus cereais *Weetabix*, com um ar profundamente pensativo. — Decide depressa, por favor, querida, já estamos atrasadas...

Após uns momentos de reflexão, Jessica assentiu, enfiando a mão na caixa para retirar outro biscoito de cereais. Charlie conteve um suspiro; a filha comia bem, mas era lenta, e já estavam atrasadas. Jessica estava vestida, o que era uma bênção, mas, antes de saírem, desse por onde desse, ainda teria de a pentear, algo que Jessica abominava, usando frequentemente uma tesoura imaginária para ameaçar que cortaria o cabelo. Em certas manhãs, Charlie sentia-se tentada a autorizar.

Além dos seus habituais deveres matinais, Charlie ainda tinha de arranjar tempo para embalar o almoço. Era uma nova parte da rotina quotidiana, depois de a melhor amiga de Jessica, Mia, ter adotado recentemente tal medida para as refeições. Enfiando um pacote de *snacks Hula Hoop* e um pacote de sumo de maçã na lancheira de Jessica, estendeu a mão para o pão, com o intuito de preparar uma sanduíche de *Marmite*, tipo cereja no topo do bolo. Ao fazê-lo, sentiu uma pontada aguçada no centro do seu ser. A dor percorreu-lhe o

corpo, desequilibrando-a, e arquejou ao agarrar-se à bancada em busca de apoio. Um instante de medo, um instante de choque, e depois uma onda de alívio — não era nada grave, embora fosse doloroso o bebé pisar-lhe o osso ilíaco. Endireitando-se, Charlie percebeu que Jessica olhava fixamente para ela, com uma expressão preocupada.

— Está tudo bem, querida — esclareceu-a de imediato Charlie. — É só o teu irmãozinho ou irmãzinha a treinar no trampolim...

Disse-o com ligeireza, apesar de sentir as entranhas a latejarem. Satisfeita e desinteressada, Jessica retornou ao seu *Weetabix*, brincando com ele, como se ponderasse comê-lo. Por momentos, Charlie não se moveu, olhando para a filha a tentar adivinhar-lhe os pensamentos.

— Jessie? — A menina assentiu com a cabeça e depois, por fim, levou a colher à boca. — Jessie, querida, estás entusiasmada com o bebé? — Mais uma colherada, mas Jessica não respondeu. — Vai ser divertido teres alguém com quem brincar, não vai? — prosseguiu Charlie, num tom animado. — Podes mostrar-lhe as tuas bonecas, os teus brinquedos... Vai ser como ter um amigo em casa a toda a hora. — Jessica já se fartara do seu *Weetabix*, afastando a tigela. Continuava sem reação, levando Charlie a pensar se sequer a ouvira. — Jessie? Estás entusiasmada?

E, então, Jessica olhou finalmente para cima, anuindo brevemente, antes de dizer:

— Posso ter rolinhos de salsicha na minha festa? — Charlie ficou momentaneamente perplexa. A festa de aniversário de Jessica seria no dia seguinte, e estava certa de que tudo fora estabelecido nas suas imensas conversas. — E biscoitinhos?

Jessica levantou-se, afastando-se da mesa e procurando as suas bonecas preferidas, arrumadas numa fila perfeita no sofá da sala de estar. Charlie ficou ali especada, triste. Sabia que era uma estupidez sentir-se perturbada com a reação de Jessica, mas contara com um pouco mais de entusiasmo. Já vira crianças a ficarem praticamente histéricas com a possibilidade de terem um irmão para tomar conta, vestir e mimar. Mas, até ali, Jessica não revelara nada disso. Pouco perguntara, pouco falara, sobre o nascimento; na verdade, parecera

tremendamente alheada da chegada iminente.

Perdida nas suas bonecas, Jessica estava interessada apenas na sua festa, nos seus amigos, nos seus brinquedos... em si. Era assim o perfeito alheamento da juventude face aos outros.

8

Helen encontrava-se perfeitamente quieta, com os olhos bem fechados face ao sol matinal. Apesar disso, sabia que Joseph olhava para ela. Despertava com frequência do sono para dar com ele apoiado num cotovelo, a observar o corpo firme dela, repleto de cicatrizes, e percebia pelo ritmo dos movimentos dele que era o que fazia naquele momento. De início, puxara o lençol até ao queixo, envergonhada com as cicatrizes, mas agora já conseguia estar ali deitada, nua e exposta. Não se importava que ele olhasse. Sabia que não era o desejo que o levava a examinar as faixas de pele assanhadas que lhe decoravam o corpo. Estava intrigado com ela, tal como ela em relação a ele.

— Não tinhas de ir a um lado qualquer? — questionou Helen, num sussurro, sem abrir os olhos.

— É provável. Sabes, é que eu tenho uma chefe que é um pesadelo. Não posso chegar tarde ao trabalho.

— Então, é melhor ires andado. Mas, primeiro, podes preparar-me o pequeno-almoço.

— Não é esse o eterno dilema? — suspirou Joseph. — *Ambição versus...*

— *Versus* o quê? — reagiu Helen, rebolando para o lado dele.

— *Versus...* — Joseph fez uma pausa para pensar, olhando para ela, e então concluiu: — ... prazer.

— Então, é isso que isto é?

— Diz-me tu.

Helen sorriu fugazmente, mas nada disse, deitando-se uma vez mais de costas. Estava a apreciar o jogo, mas sabia que a sua pergunta descontraída a dada altura teria de ter uma resposta. Sentia

de facto algo por Joseph? E ele por ela? E, se sim, que raio iriam fazer em relação a isso? Romances entre elementos da equipa não eram bem aceites, e, se Helen desejava efetivamente manter um relacionamento com ele, isso implicaria que um deles teria de abandonar a Esquadra de Southampton, pensamento que lhe provocou um arrepio na coluna. Mas talvez ela se estivesse a precipitar. Até ver, eram apenas dois amantes a partilhar uma cama.

Apesar da concordância tácita dele para preparar o pequeno-almoço, Joseph não mostrou tenções de sair da cama, passando antes um dedo suavemente pelo mais recente ferimento de guerra dela, uma área com uma cicatriz grossa na coxa.

— Não.

Helen não queria recordar o seu recente encontro com a morte, bem nas profundezas da New Forest. Obedientemente, Joseph subiu o dedo até à barriga dela, mas também ali detetou vestígios de batalhas passadas. Passando sobre o diafragma, sobre os seios, roçou a lateral do pescoço dela, evitando à justa outra cicatriz.

— Como é que o fazes? — O tom dele mudara subtilmente, com a preocupação a infiltrar-se no seu afeto. — Como é que consegues erguer-te sempre de novo?

— Acho que é sorte — respondeu ela, com um encolher de ombros.

— Estou a falar a sério, Helen — insistiu Joseph. — Levaste o teu corpo, e a ti própria, a passar por tanto. Não temes que a tua sorte um dia se esgote?

Helen virou-se para ele, surpreendida. Tivera uma conversa muito semelhante com a sua superior, a superintendente Grace Simmons, uns meses antes, na qual também ela dera voz às suas preocupações. Representaria aquilo apenas preocupação genuína e bem-intencionada? Ou ambos haviam detetado algo que lhe passara ao lado?

— Para ser sincera, não é algo em que eu pense. Se há um trabalho a fazer, faço-o.

— E nunca te sentiste tentada a dar um passo atrás, para longe da linha da frente?

— Para abrir alas a alguém mais capaz, queres tu dizer?

— Não, é claro que não. É só que... nunca sentes que... — Joseph baixou o olhar para os lençóis, parecendo procurar as palavras certas — que já fizeste o suficiente?

A pergunta dele foi certa. Não era algo que nunca lhe tivesse passado pela cabeça. Helen já dera por si a interrogar-se se alguma vez conseguiria parar, e quando.

— Não... Nem por isso. Para ser sincera, não sei o que mais poderia fazer...

— Mas e se alguém sentisse algo por ti... — Helen fitou-o com atenção, curiosa face ao que se seguiria. — Se alguém quisesse tomar conta de ti, digamos...

— Se gostasse genuinamente de mim — reagiu Helen com cautela —, saberia que não valeria a pena tentar mudar-me. Isso seria a prova do verdadeiro afeto, o único tipo que eu aceitaria.

— Portanto, tu estás... aberta à ideia de um relacionamento?

— Claro. Não sou assim tão estranha, por muito que possas ter achado o contrário.

Sem o desejar, surgiu uma imagem de Emilia Garanita na mente de Helen, mas ela fez por afastar aquele espetro. A jornalista não tinha lugar ali.

— Conta-me mais.

O tom de Joseph era descontraído, mas não foi suficiente para disfarçar o seu interesse.

— Provavelmente, já estarás a par de muito, pelo menos daquilo que estou disposta a partilhar. — Seria de desapontamento a expressão dele? — A verdade é que nunca fui muito boa a manter relacionamentos. Eu... sempre achei que o contacto comigo traz mais mal do que bem às pessoas. E foi... foi por isso que construí uma vida sozinha. — Mais um sinal de inquietação na expressão de Joseph. — Não é que dissesse «não» a alguma companhia no Natal, alguém com quem ir de férias, talvez...

Não tinha a certeza de estar a falar mesmo a sério — se algum dia conseguiria ir assim tão longe —, mas Joseph pareceu agradado com a ideia, o seu rosto atraente a abrir-se uma vez mais num sorriso.

— E tu? — prosseguiu Helen, num tom animado. — Estás no mercado? Ou bastou-te uma vez?

— Bem, não posso propriamente afirmar que da última vez acabou bem, mas nunca digas nunca... — Helen nada disse, continuando a olhar para ele. Ela já respondera a perguntas suficientes, e estava curiosa para saber mais. Joseph pareceu pressentir isso, percebendo que era a sua vez no jogo das revelações. — Eu e a Karen casámos muito jovens. — Joseph fez uma pausa, e, por momentos, Helen achou que aquilo era tudo o que ele estava preparado para oferecer, mas depois prosseguiu: — Qualquer um poderia ter-nos dito que era um erro; até nos disseram, mas não quisemos saber. Porque é que havíamos de dar ouvidos? A verdade é que não nos conhecíamos muito bem um ao outro. Tu sabes como é, conhece-se alguém, gostase do aspeto, é divertida, animada, bondosa... isso parece bastar. Mas não é assim, claro... Os anos passam, a vida torna-se mais séria, e de repente percebemos que temos necessidades absolutamente distintas, posturas completamente diferentes em relação a família, filhos, política...

— Tu tiveste filhos? — questionou Helen, com surpresa.

— Felizmente, não — respondeu Joseph, sorrindo. — Também teríamos dado cabo disso. Para ser sincero, quanto mais nos conhecíamos um ao outro, mais percebíamos que éramos completamente incompatíveis. No fim, tivemos de pôr fim à experiência e seguir com as nossas vidas.

— Um novo começo.

Joseph anuiu com a cabeça e permaneceu em silêncio, continuando a olhar para Helen. E então, pela primeira vez, Helen sentiu-se verdadeiramente constrangida, como se algo tivesse mudado. De alguma maneira, sentiu-se moralmente obrigada a dizer qualquer coisa, a reagir à honestidade e abertura de Joseph, mas não lhe ocorreu nada. O que poderia oferecer que fosse honesto, sincero e verdadeiro, quando, na realidade, os sentimentos dela estavam em constante mutação?

Ele ainda a fitava, como se lhe lançasse um desafio silencioso. Helen sentiu-se a corar. Estava na iminência de lhe dar uma pobre desculpa para se escapar à situação quando o seu telefone começou a tocar. Aliviada, e talvez um pouco envergonhada, rolou para o lado para atender.

— Desculpe incomodar tão cedo, senhora inspetora... — O inspetor Bentham era sempre educado, mas não perdia tempo com amabilidades quando tinha algo grave a reportar. — Encontrámos um corpo.

9

As rodas afundaram-se na gravilha, levando a moto a estacar abruptamente. Helen saltou da sua *Kawasaki* antes sequer de o ruído do motor se silenciar. Enfiou a chave no bolso e correu em direção ao local. Pensamentos egoístas do seu próprio prazer eram já uma memória longínqua; agora era novamente uma inspetora, plena de energia e concentração.

Diante dela, encontrava-se um agente fardado junto a um quadrado perfeito de fita policial tremulante. Era procedimento habitual erguer um cordão em redor do local do crime, mas Helen achou aquilo um pouco ridículo. Encontravam-se num local de construção numa zona remota do campo junto a Curbridge, acessível apenas por meio de uma via de terra com cerca de quilómetro e meio. As hipóteses de aparecer alguma pessoa a passear pelo local eram no mínimo remotas.

Joseph Hudson desmontara da sua moto e encontrava-se ao lado dela, já a erguer a fita da polícia. Agachando-se para passar por baixo, Helen aproximou-se do agente de plantão, que parecia notoriamente desconfortável.

— Bom dia — disse Helen, mantendo um tom animado. — O que tem para mim?

— Uma vítima, homem, morto, entre os 20 e os 30 anos...

— Quem o encontrou? — quis saber Joseph.

— O responsável pelo local.

Helen reparou então num homem de aspeto duro sentado nos degraus de um contentor. Com a barba por fazer e o cabelo a ficar grisalho, o seu rosto desgastado denunciava uma vida de trabalho a céu aberto. Dava passadas vigorosas num cigarro, e mesmo àquela

distância Helen percebeu que a mão dele tremia.

— De momento não há obras em curso no local, mas ainda assim ele vem cá na maioria das manhãs para ver se está tudo bem. Abriu as portas por volta das 8h30 e chamou-nos cinco minutos mais tarde. Tenho todos os pormenores, e ele aceitou a fazer um depoimento.

Enquanto o agente ia fazendo o seu relatório, Helen observou o local. Eram imediatamente visíveis as fundações de um edifício grande — um armazém, ou uma unidade industrial, talvez —, assim como betoneiras, carrinhos de mão e pilhas dispersas de tijolos de cimento. Uma leve camada de pó branco cobria tudo, e isso, a par das latas descartadas de *Coca-Cola* e dos pacotes vazios de batatas fritas, deveria conferir ao local uma sensação de vida, de atividade temporariamente suspensa. Mas, na realidade, todo o lugar tresandava a morte, como se a equipa de operários tivesse desistido a meio, abandonando o projeto ao seu destino.

— Há alguma ideia de quem seja a vítima?

A pergunta de Joseph despertou Helen do seu devaneio.

— O responsável da obra não o conhece... e eu não toquei em nada — disse o agente, respondendo antecipadamente à pergunta que se seguiria.

— Alguém comunicou algum desaparecimento? — quis saber Helen.

— Há algumas pessoas que podem encaixar — respondeu o agente, hesitante. — Mas enquanto não se souber mais...

— Vamos?

Helen apontou para o cadáver, e em poucos segundos chegaram junto do mesmo. Era notório que a vítima não se tratava de um operário; antes mesmo de Helen reparar no seu fato azul de seda, viu os seus luxuosos sapatos de pele. O homem estava voltado para baixo contra a terra, os braços abertos para a frente, a cabeça ligeiramente para o lado. Tinha os olhos arregalados, olhando espantado para o céu.

— Foi arrastado até aqui — comentou Helen, apontando para o padrão manchado na terra que conduzia ao corpo.

— Olha para aqui — acrescentou Joseph. — Há uma espécie de

pegada.

Helen agachou-se, observando o que parecia ser uma pegada de uma bota junto ao corpo. Era grande — tamanho 42, 43? — com um visível padrão estriado na sola. Uma bota do exército? Talvez calçado de caminhada? Voltando costas ao cadáver, Helen seguiu a fileira de pegadas, que se tornaram mais leves e apartadas a cada passada, sugerindo que o assassino largara o corpo e depois fugira.

— Alguma ideia de para onde seguem? — perguntou ela, apontando para as pegadas.

— Há marcas recentes de pneus a entrar e a sair do local. Parece que quem fez isto se dirigiu a uma viatura e partiu — respondeu abruptamente o agente. — Não faço ideia de que carro se trata, mas pus fitas à volta para assinalar o local.

— Muito bem. Estamos muito longe da vila — retorquiu Helen —, e aqui não há transportes públicos.

— O que pode sugerir que este local não foi escolhido ao acaso. Afastado, ermo, sem possibilidades de haver testemunhas do crime...

Sopesando as palavras de Joseph, Helen devolveu a atenção ao corpo. Debruçando-se, retirou uma caneta do bolso e baixou a gola da camisa do homem. Detetara marcas nessa zona, e a sua expressão ensombrou-se ao ver o que tinha diante dela. Uma faixa grossa de uma contusão roxa à volta de todo o pescoço. Seguindo diretamente pelo centro daquela zona escura traumatizada, como um aprumado colar escarlata, havia um corte profundo, que rasgara a carne. Quem quer que fosse responsável por aquele crime horrível aplicara demasiada força, deixando o pescoço da vítima tão danificado que Helen conseguiu vislumbrar a traqueia no interior.

Atrás dela, Joseph expirou lentamente, manifestando o que sentia. Era uma forma brutal e terrível de morrer. Helen quase conseguia sentir a sufocante falta de oxigénio, a dor devastadora da pele a abrir-se, enquanto a arma — um pedaço de arame, talvez um garrote? — aplicava cada vez mais força. Fazendo por se libertar da sua perturbação, Helen calçou um par de luvas e ergueu suavemente a cabeça do homem, voltando o rosto aos poucos na sua direção. A vítima era jovem, tinha boa pele e feições vincadas e atraentes,

embora exibisse já os olhos raiados de sangue, a cara suja, e tivesse perdido qualquer vestígio da vida que em tempos iluminara aquelas feições. Voltando a pousar a cara na terra, Helen começou a tatear o corpo, com as mãos a assentar no bolso lateral do casaco do homem, dilatado de modo promissor.

Com cuidado, enfiou lá a mão, tateando o tecido em busca de objetos mais pequenos que pudessem tombar para fora, mas não encontrou mais nada a não ser o volume reconfortante de uma carteira. Retirou-a e abriu-a. Deparou-se com uma série de cartões de crédito platina e, entre estes, a habitual carta de condução cor-de-rosa do Reino Unido. Puxando-a, Helen observou os detalhes. E, então, teve a segunda surpresa do dia. A fotografia era-lhe vagamente familiar, apesar de um pouco turva, mas não havia dúvidas quanto à identidade da vítima. Era um nome que Helen reconhecia, um nome que a maioria dos habitantes de Southampton reconheceria. Um homem cuja vida já antes fora tocada pelas trevas.

— O Justin Lanning era um dos nomes da sua lista? — questionou, voltando-se uma vez mais para o agente fardado.

— Sim, senhora inspetora — respondeu de pronto.

— E o que já sabemos relativamente às circunstâncias do seu desaparecimento?

O agente fez um compasso de espera, como se odiasse ser o portador de más notícias.

— O companheiro dele ligou na noite passada. Foram recolher o Lanning ao escritório dele por volta das 18 horas, mas nunca chegou a casa. Ao que parece, ligou ao companheiro por volta dessa hora, um pouco alterado.

— Porquê?

— Porque tinha acabado de receber um telefonema ameaçador, no qual lhe disseram... — o agente voltou a hesitar, parecendo perturbado, antes de concluir: — ... disseram-lhe que lhe restava uma hora de vida.

10

Charlie estava parada sobre o cimento frio, observando com atenção o espaço deserto à sua frente.

Helen e o inspetor Hudson encontravam-se no espaço da obra a tratar do local do crime, mas Charlie dirigira-se de imediato para a Endeavour House. O escritório de Lanning ficava no último andar, uma *penthouse* com uma vista espantosa sobre a água. Iria lá em breve, mas por ora queria dar uma vista de olhos à cave — o último local onde Justin Lanning fora visto com vida.

Fora avistado a sair do elevador pouco depois das 18 horas, em direção ao parque de estacionamento subterrâneo, onde era habitual apanhar o serviço de transporte automóvel executivo que o levava a casa. Depois disso, nada... Até à perturbadora descoberta daquela manhã. O telemóvel de Lanning estava desaparecido e fora desligado por volta da hora em que deixara o trabalho, pelo que não serviria de nada para seguir os seus passos. A narrativa do desaparecimento do abastado executivo teria de ser montada peça a peça.

— A que horas chegou o carro?

Ela voltou-se para Dave Prentice, o chefe de segurança do edifício. Com peso a mais e papada, exibia o físico e o comportamento típicos de um ex-polícia. Nos seus tempos, teria sido imponente, mas naquele momento parecia intimidado.

— Às 17h31.

— Como é que consegue ser tão preciso? Tem câmaras aqui em baixo?

— Infelizmente, não — respondeu Prentice, cada vez mais embaraçado. — Mas os carros executivos têm comandos embutidos que fazem levantar automaticamente os portões, permitindo que

entrem no parque de estacionamento. Cada comando tem uma assinatura única, por isso temos a certeza de que se tratava do carro do Lanning. Passei a matrícula e os dados ao seu colega por telefone.

O inspetor Bentham já fora incumbido de procurar os dados do carro desaparecido e do seu motorista — era crucial encontrar a viatura —, mas não era isso que motivava Charlie. Estava mais interessada no facto de o motorista de Lanning — o seu raptor? — ter entrado no edifício meia hora antes de Lanning telefonar a requisitar a sua boleia para casa. Poderia tratar-se apenas de um caso de serviço exemplar — um condutor habitual que já sabia que Lanning gostava de ser recolhido às 18 horas em ponto —, mas Charlie pressentiu um motivo mais sinistro.

— O que mais há aqui em baixo? — perguntou, observando as filas de carros elegantes.

— Pouca coisa. Arrumos, vestiários para o pessoal, a subestação de serviço e o sistema do eleva...

— Gostava de ver isso, por favor.

O tom dela foi educado, mas urgente. Prentice não se demorou, encaminhando-a para a zona mais afastada do parque de estacionamento, onde uma porta de aço barrava o acesso à zona de serviço do edifício. Encontrava-se decorada com letreiros onde se lia «Entrada Proibida» e «Perigo de Eletrocussão», mas alguém não dera importância aos avisos. O robusto cadeado que supostamente deveria trancar a porta estava dependurado no seu encaixe.

— Mas que raio?!

Prentice, aturdido, estendeu a mão para o cadeado, mas Charlie deteve-o, agarrando-lhe o braço a meio do gesto. Dando um passo em frente e calçando luvas de látex, ela pegou no cadeado. Fora cortado na perfeição, com um alicate, ou outro instrumento semelhante, antes de ser recolocado no encaixe, permitindo ao intruso o acesso àquele espaço reservado.

Abrindo cuidadosamente a porta, Charlie entrou. Um brilho ténue e fantasmagórico iluminava o espaço claustrofóbico, que ganhava vida com o débil zumbido de eletricidade. À primeira vista, não havia registo de pegadas ou de padrões no pó, mas mesmo assim Charlie

agiu com cuidado, mantendo-se nos limites da divisão enquanto avançava até à parede mais distante. Prentice seguiu na sua pegada, ligeiramente ofegante.

— O que temos aqui?

— O quadro elétrico, os medidores de eletricidade, a caixa de fusíveis principal e uma tomada separada que fornece energia ao sistema do elevador.

Ele apontou para uma consola grande na parede ao fundo e Charlie aproximou-se. Reconheceu a marca — *Schindler* —, mas não fazia ideia das funções dos botões e das alavancas.

— Tem noção de como isto funciona?

— Não faço a mínima ideia. Não é a minha área — retorquiu de pronto Prentice, ávido por aligeirar nem que fosse apenas uma parte da responsabilidade pelo desaparecimento de Lanning.

— Mas e se quisesse desligar a corrente elétrica do elevador? Se, digamos, houvesse um incêndio e pretendesse desativar o sistema?

— Bem, se o alarme de incêndio for ativado, os elevadores param automaticamente. Mas, se o quiser fazer manualmente, acho que basta puxar ali aquela alavanca.

Apontou para uma peça vermelha grande no lado direito da consola. Charlie aproximou-se mais e, mesmo sob a luz pálida da lâmpada de sódio, reparou que na alavanca havia bastante menos pó do que no resto da caixa, como se tivesse sido manobrada recentemente. Simples, mas eficaz. Assim que um intruso tivesse acesso à subestação, seria uma brincadeira de crianças desativar os elevadores, deixando Lanning à sua mercê.

Agradecendo a ajuda de Prentice, Charlie incitou-o a abandonar a sala às escuras.

— Ninguém põe aqui os pés até a equipa do local de crime concluir o seu trabalho, entendido?

Prentice assentiu com vigor, por momentos de volta ao seu papel de bófia ultrapassado. Deixando-o ali de sentinela, Charlie regressou à zona principal do parque de estacionamento, com o olhar a incidir uma vez mais nas portas do elevador principal. A imagem do que sucedera era agora bem clara, parecendo encaixar no essencial do que Adam Cannon contara ao operador quando comunicara o

desaparecimento do seu companheiro. O agressor de Lanning chegara logo após as 17h30, posicionando-se no parque de estacionamento, antes de rumar à subestação. Desativando os elevadores precisamente às 18 horas, fizera então o telefonema, presumivelmente a partir da mesma cave, antes de ficar à espera, assumindo — sabendo? — que a reação instintiva de Lanning seria apanhar o carro e resguardar-se em casa, até compreender o significado da estranha ameaça de que fora alvo.

A seu tempo, saber-se-ia quem transportara Lanning para a sua morte. Talvez um dos seus motoristas habituais estivesse envolvido — subornado, chantageado, quiçá sob ameaça? Ou talvez o agressor tivesse simplesmente levado «emprestado» o carro para executar o seu plano assassino. A seu tempo, iriam descobrir isso, mas por ora uma coisa era evidente. O ataque a Lanning exigira pesquisa, planeamento e execução minuciosos. Não se tratava de uma partida telefónica, nem de uma brincadeira inocente.

O assassino cumprira a sua ameaça.

Amontoaram-se em volta dela, ansiosos por detalhes. Até os inspetores mais experientes presentes na sala pressentiram que iria ser uma grande investigação.

— A maioria vai reconhecer o nome. — Helen afixou uma fotografia de rosto no quadro dos homicídios. Estava de volta à Esquadra Central de Southampton, na sobrelotada sala de operações. — O Justin Lanning era um dos elementos de um grupo de adolescentes raptados pelo Daniel King há oito anos. Frequentavam todos a mesma secundária de Southampton e estavam a participar numa atividade do Prémio Duque de Edimburgo¹ nas South Downs quando caíram nas garras dele. Cinco adolescentes foram mantidos cativos na quinta do King nas imediações de Chilgrove, onde foram física e psicologicamente torturados. O Lanning e três dos seus amigos acabaram por conseguir escapar, mas a sua colega Rachel Wood não teve tanta sorte; foi assassinada pelo King na cave da sua quinta, antes de ele incendiar o edifício e fugir.

King nunca chegou a ser detido, mas Helen não precisou de o pôr por palavras. Todos os agentes presentes sabiam-no bem — King era um infame fugitivo da justiça —, e ela queria que se mantivessem atentos ao aqui e agora.

— Na altura, o Lanning tinha 17 anos — prosseguiu — e, como é evidente, ficou seriamente traumatizado com a experiência. Mas ele e os outros sobreviventes revelaram-se bastante resilientes. O Lanning, em particular, parece ter somado sucessos. Com apenas 25 anos, a sua vida parecia bem mais organizada e impressionante do que a minha alguma vez o foi...

Ouviram-se uns risinhos abafados por parte dos elementos da

equipa, um momento de ligeireza numa manhã que se revelara bastante perturbadora.

— Estudou na Universidade de Southampton — continuou Helen —, tendo-se destacado em Exploração Marinha. Depois, fez uma pós-graduação de um ano em Brighton, em Estudos Económicos, antes de regressar a casa. É de Southampton, foi criado em Fordham e, tal como o resto do grupo do Duque de Edimburgo, frequentou uma escola local, St Mary. Acabou por montar casa na cidade, começando a trabalhar em 2016 na Redstone Solutions, uma empresa que fornece proteção a companhias da indústria petrolífera e do gás. Vivia com o companheiro, Adam Cannon, numa casa enorme na aldeia rural de Wickham, e parecia bem instalado. Mas, na noite passada, foi estrangulado e o seu corpo despejado numas obras, a alguns quilómetros de casa.

Detetou uns olhares de reconhecimento por parte da sua equipa — Daniel King ameaçara estrangular os jovens raptados enquanto estavam amarrados na cave —, mas Helen não iria por essa via. Estava interessada em provas, não em especulação.

— Cremos que tenha sido raptado no seu escritório em Ocean Village no final da tarde de ontem. Sabemos quem estava escalado para ir buscar o Lanning na noite passada?

— Falei com a empresa de carros — respondeu o inspetor Bentham. — Trata-se da Prestige Travel, e estão instalados junto a uma propriedade industrial em Tornhill. É uma pequena firma, que recorre a uma escala rotativa de motoristas para as recolhas na Endeavour House. Um tipo chamado Leo Bagdadtis ficou incumbido de ir buscar o Lanning, mas parece que o carro dele foi roubado por volta das 15 horas de ontem.

— Isso foi confirmado?

— Ele ligou para a esquadra local ontem por volta das 15h30. Falei com o pessoal de lá... O Bagdadtis estava lá às 18 horas, a dar conta do roubo. Não tem antecedentes e parecia muito irritado com a perda da sua única fonte de rendimento. Parece credível.

— OK, então vamos pela abordagem habitual: enviar agentes a casa dele. Procuramos quaisquer testemunhas, imagens de

videovigilância, tudo o que nos possa dar uma pista sobre quem levou o carro. Fazemos alguma ideia de onde o carro se encontra neste momento?

— Não tem qualquer tipo de localizador — respondeu Joseph —, por isso vamos ter de ser nós a dar com ele. Recebemos boas imagens do trânsito até Botley. Não apareceu nada que mostrasse o Lanning ou o motorista, mas indicou-nos a direção da viagem...

— Que sugere que seguiam para casa do Lanning — interrompeu Helen.

— Exatamente. Isso leva-nos até cerca das 18h40. Não houve desvios no percurso, o progresso foi normal por entre o trânsito habitual, mas perdemos o carro quando abandonou a estrada de Botley.

— E então...?

— Daí pode ter seguido para qualquer lado, mas não há imagens de trânsito do carro a regressar a Southampton, nem foi apanhado em nenhuma das estradas nacionais ou autoestradas próximas.

— Alguma coisa nos portos e aeroportos?

— Não, por isso a teoria em que estamos a trabalhar indica que foi escondido localmente... numa garagem, parque de estacionamento, anexo... ou largado algures perto do local do crime. Obviamente, avisámos a brigada de trânsito, assim como os agentes de ronda locais, mas também vamos enviar drones... Há imensos bosques e lotes agrícolas por lá que podem servir como bons lugares de despejo.

— Avisa-me assim que tiveres alguma coisa — reagiu Helen, virando-se então noutra direção. — O que sabemos sobre o telefonema, aquele com as ameaças ao Lanning?

— Foi feito a partir de um telemóvel descartável — explicou Charlie, virando-se para se dirigir a todo o grupo. — O sinal perdeu-se pouco depois das 18 horas de ontem e, na verdade, só houve sinal duas vezes: ontem nas imediações da Endeavour House e outra vez uns dias antes, na zona de Northam.

— Alguma ideia de onde foi comprado o telemóvel?

— O cartão SIM não está registado em nenhum dos grandes

fornecedores de serviço nacionais, por isso deve ter sido adquirido no mercado negro.

— Alguma ideia de onde veio especificamente o sinal da primeira chamada?

— Temos uma área de cerca de 800 metros em Northam, mas há muitos apartamentos, lojas, unidades industriais... não podemos ser mais específicos do que isso.

— E sobre a chamada em si, o que sabemos?

— Foi feita às 18 horas e durou precisamente um minuto.

— Ao segundo? — reagiu Helen, surpresa.

— Ao segundo.

Helen assentiu com a cabeça, mas nada disse. Uma vez mais, reparou nos olhares trocados entre os elementos da equipa; nitidamente, a precisão da abordagem do assassino perturbava alguns dos agentes.

— Muito bem... O historial de chamadas e mensagens do Lanning é obviamente importante. Temos apenas um relato em segunda mão do conteúdo da chamada, da parte do companheiro do Lanning. Portanto, temos de ver quem contactava o Lanning nos dias anteriores à noite de ontem. Terá havido outras mensagens ameaçadoras, alguns padrões de chamadas invulgares, novos contactos?

— Estamos em cima disso — confirmou Charlie.

— Enquanto tratamos dos contactos, quero que os outros passem revista à vida do Lanning. Vamos passar a pente fino o seu atual companheiro, o Adam Cannon. Falem com vizinhos, vejam se conseguimos descobrir que tipo de casal formavam, mas verifiquem também a situação financeira dele, os e-mails, as mensagens. Além disso, procurem também familiares, amigos, colegas, pessoas com quem o Lanning possa ter interagido no estrangeiro. Disponibilizar proteção no negócio do petróleo pode ser perigoso... O Lanning deve ter mantido contacto com todo o tipo de ditadores, funcionários corruptos, mercenários e mafiosos vulgares. Vamos ver se a Redstone, e em particular o Lanning, teve alguns problemas. Contratos rescindidos, acusações lançadas, pessoas pagas ou *não*

pagas. O Lanning estaria a passar por problemas financeiros? Ter-se-á endividado com a mudança para Wickham? Estaria satisfeito com a sua vida pessoal? Não vamos deixar uma pedra por revirar, e logo veremos o que rasteja de lá de baixo.

Seguiu-se um breve momento de silêncio, com alguns membros da equipa a escrevinhar, até que a inspetora Malik falou.

— E procuramos saber se a sua morte teve alguma ligação com as suas experiências passadas?

Malik não precisou de especificar ao que se referia, e, secretamente, Helen louvou-a por ter tido a coragem de lançar a questão.

— Não é essa a nossa principal linha de investigação — respondeu Helen. — Mas devemos manter-nos de mente aberta. Houve três «avistamentos» do King nos últimos 18 meses, o mais recente há cerca de 4 semanas, em Southampton. — Uma onda de interesse percorreu o grupo, mas Helen tratou logo de acalmar as hostes. — Mas foi tudo pouco substancial e feito de forma anónima ou por alguém em busca de publicidade. Um dos sobreviventes, a Maxine Pryce, acabou de publicar um livro sobre a provação a que foram sujeitos, o que quer dizer que o rapto ainda está muito presente na mente das pessoas... De repente, o King começa a ser visto por todo o lado. Por isso, tratamos com muitas cautelas essas alegações pouco consistentes e questionamos também o método de ataque. Sim, parece que o Lanning foi estrangulado, mas poderá haver inúmeras razões para ter sido assassinado dessa forma. Pode ter uma ligação com as suas experiências passadas. Pode ser pura coincidência. Ou pode ter sido deliberadamente concebido para nos despistar, para nos levar a um beco sem saída. — Deixou aquilo assentar, antes de prosseguir: — O Daniel King era um indivíduo altamente perturbado, nitidamente capaz de matar. E pode estar, ou não, morto. Mas temos de olhar para a natureza dos seus ataques. Antes dos incidentes na sua quinta, o King tentou estrangular duas pessoas, duas crianças que regressavam a pé para casa da escola em caminhos rurais remotos. Nenhuma das tentativas correu bem, com ambas as vítimas a conseguirem dar-lhe luta e a gritarem por ajuda. Essas

tentativas de homicídio não foram particularmente bem pensadas ou executadas; foram toscas e amadoras. Até o comportamento com os miúdos do Duque de Edimburgo foi trapalhão. Tinha-os à sua mercê, amarrados na cave, mas bastou um simples erro da parte dele para escaparem. Por isso, sim, o King era um assassino violento e motivado, mas não era um homicida calculista. O homicídio do Justin Lanning parece diferente... limpo, preciso... profissional, até.

— Estamos então a dizer que é alguém contratado? — reagiu Malik.

— Cabe-nos a nós descobrir — respondeu Helen, determinada a não permitir que a equipa se precipitasse. — Portanto, vamos a isso, OK?

A reunião terminou e a equipa apressou-se a fazer o que Helen ordenara. Ela poderia ter prosseguido com a conversa, mas o que necessitavam naquele momento era de provas sólidas. Ainda assim, ao observar os seus agentes a regressarem prontamente aos seus postos de trabalho, a mente dela continuou a dar voltas sobre o modo como o homicídio de Lanning fora cometido. À primeira vista, apresentava todos os sinais de ter sido um trabalho encomendado — bem planeado e executado sem piedade, com o assassino a escapar com facilidade. Mas, se fosse esse o caso, então uma questão intrigante permanecia sem resposta.

Se de facto se tratara de um homicídio profissional, porque é que Lanning fora avisado da sua morte?

¹ O Prémio Duque de Edimburgo é uma atividade destinada a jovens dos 14 aos 24 anos. Percorrendo vários patamares, implica ajudar a comunidade e o ambiente, desenvolver novas capacidades, planejar, treinar e completar uma expedição, e trabalhar em equipa numa atividade residencial. [N. T.]

12

— Justin Lanning? — Emilia Garanita não conseguiu disfarçar o seu espanto. Rumou apressadamente ao remoto estaleiro de obras na esperança de encontrar algo sumarento, mas não era fácil assimilar o que lhe fora revelado. — Tem a certeza de que era esse o nome?

O agente Marvin Hayes de repente ficou preocupado, como se tivesse pisado a linha ou dito algo que não era suposto dizer. Parecia ansioso por se ver livre de Emilia, acalentando a esperança de que ela se desse por satisfeita se lhe confiasse uma migalha, mas percebia agora que fora um erro contar com isso. Ela não se iria embora.

— Como é que o identificaram?

— Não foi difícil — revelou o polícia fardado, lançando um olhar nervoso por cima do ombro. — Tinha a carteira com ele. Mas, afinal, quem é ele?

Emilia sentiu-se tentada a rir-se, mas conteve-se. Aquele miúdo acabara, sem dúvida, de sair da academia de polícia. Deveria ter uns 12 anos quando Justin e os colegas de escola foram raptados, pelo que talvez fosse compreensível que não reconhecesse o nome Lanning, mas ainda assim... fora tanto o aparato em redor do caso que, por certo, devia ter registado qualquer coisa.

Cinco adolescentes, jovens, ingénuos e cheios de sonhos, raptados e torturados por um solitário tresloucado numa quinta remota. Era o pesadelo de qualquer pai — um pesadelo ainda bem presente na memória das pessoas. Mas se alguém se tivesse esquecido dos pormenores, as tristes memórias de Maxine Pryce preencheriam as lacunas. Emilia lera *Uma Noite Sombria* para se preparar para a recente entrevista que lhe fizera por telefone, e, nas suas mais de 500 páginas, continha angústia, dor e tragédia de sobra, mesmo para o

leitor mais sensível. Talvez devesse comprar um exemplar para aquele jovem inexperiente...

— É só alguém com quem me cruzei em tempos — respondeu Emilia, mantendo uma expressão séria.

Era mentira. Na época, Emilia tentara aceder aos adolescentes traumatizados, mas as famílias e a polícia haviam montado uma parede protetora impenetrável ao redor deles. Emilia era na altura uma jornalista novata, faltando-lhe a audácia ou a sagacidade que adquirira entretanto, e restara-lhe conversar com tios, tias e conhecidos, nenhum dos quais com algo de valor para revelar. Aparentemente tudo voltara ao início, mas desta vez sem ninguém a proteger Lanning.

— Quem é que o encontrou?

— O responsável pelo local. Mas não sei como se chama.

Aquelas últimas palavras foram pronunciadas de forma seca e definitiva, como que a pôr um fim à conversa. Emilia riu-se. Assim que um bófia mordida o isco, assim que largava informação que podia ser usada contra ele, ficava preso ao anzol. Seria *ela* a decidir quando é que acabava a conversa.

— Então, uma última pergunta — disse Emilia. — Como é que ele morreu?

Na verdade, era aquilo que queria saber. Já obtivera bem mais do que esperara ao chegar àquele local remoto, mas o impacto do artigo — e da morte de Justin Lanning — dependia significativamente do que Hayes dissesse a seguir.

— Olhe, não lhe posso adiantar muito... — prosseguiu o agente, nervoso. — Só estou aqui para proteger o local...

— Mas... — reagiu Emilia, num tom persuasivo.

— Mas ouvi o inspetor Hudson a dizer que foi estrangulado.

E ali estava. Se quisesse ser sincera consigo mesma, Emilia tinha de admitir que já esperava ouvir aquela resposta, mas nem por sombras achou que fosse possível. Evidentemente, teria de dar seguimento ao assunto através do seu contacto na morgue, mas, se o agente Hayes estava a dizer a verdade, então acabara de lhe ir parar ao colo uma história sensacional. Justin Lanning escapara à morte da primeira vez, mas não agora. Haveria a possibilidade de os dois

acontecimentos estarem ligados? Teriam as trevas regressado para o reclamar?

Era uma ideia tentadora. Daniel King não era propriamente o assassino mais eficaz — tentara e falhara, por duas vezes, estrangular duas miúdas que caminhavam sozinhas, antes de lhe caírem no colo os participantes do Prémio Duque de Edimburgo. Nem sequer a sua contagem de cadáveres o punha na primeira divisão. Nada disso — o que fascinara as pessoas fora o que fizera àqueles miúdos; isso e o facto de ter desaparecido. Na sequência do incêndio na quinta, fora avistado logo a seguir à fuga dos jovens na aldeia de West Ashling, e mais tarde em Chichester. King supostamente ter-se-á suicidado — o seu chapéu, roupas, carteira e telefone foram encontrados um dia junto a uma falésia remota, após o inferno na quinta. Mas como é que alguém poderia ter a certeza? O corpo dele nunca fora encontrado, nem sequer fora visto a cair na água. Seria possível que ainda andasse por ali, consumido por pensamentos maléficos, a preparar-se com tempo para voltar a atacar?

Pryce descartara tal ideia no livro dela, mas houve vários «avistamentos» ao longo dos anos e surgiram algumas teorias da conspiração na Internet, fornecendo detalhes sobre os «homicídios subsequentes» de King. E, entretanto, Justin Lanning fora estrangulado, ali mesmo em Southampton. Se houvesse algo capaz de reacender a especulação sobre o paradeiro de Daniel King, só poderia ser aquele crime brutal.

— Muito obrigada, agente Hayes. Foi de grande préstimo.

O polícia pareceu perturbado, mas Emilia não ficou ali a troçar do desconforto dele. Tinha uma história para desenvolver. Iria assentar principalmente no homicídio da noite anterior, realçando a cruel e irónica tragédia da morte de Lanning, mas haveria imenso espaço também para Daniel King. Ele era o verdadeiro ponto de interesse, e não hesitaria em trazê-lo de novo para a ribalta para os seus leitores, assegurando que incluiria a única fotografia oficial existente dele, aquela que ainda lhe provocava calafrios. Estranhamente atraente, com encantadores olhos verdes, cabelo claro desgrenhado e uma expressão dissimulada — era um monstro sedutoramente sinistro.

Um assassino fantasma que continuava a assombrar a imaginação coletiva.

13

— Não posso acreditar. Não parece real.

Maxine Pryce passou nervosamente o dedo pelo colar, remexendo no pendente em forma de coração. Charlie reparou quão pálida parecia naquela manhã e interrogou-se se seria sempre assim.

— É que ainda há uns dias falei com o Justin...

Encontravam-se sentadas no Café Belmondo, um espaço elegante no centro da cidade conhecido pelos seus croissants. O interior requintado de inspiração *Art Déco* era luxuoso e impressionante — todo em ferro ornamental e vitrais. Era uma espécie de palácio que fazia com que os clientes, só por lá se encontrarem, se sentissem na moda e cheios de sucesso. Escusado será referir que se tratou de uma escolha de Pryce.

— E como é que ele estava quando falaram?

Uma breve pausa antes de Pryce responder:

— O Justin de sempre...

Revelou-se difícil perceber se tal foi dito com afeto ou não.

— E vocês eram chegados?

— Claro. Quando se passa pelo que passámos, não há como não o ser.

— Então, eram amigos?

— Sim. Amigos com um passado. Mas, sim, amigos.

Foi dito com carinho, mas com alguma irritação subjacente, como se Pryce comesse a sentir-se farta das perguntas. De início, mostrara-se relutante quanto ao encontro, alegando, com verdade, que tinha uma agenda muito ocupada, tendo em conta que era o dia do lançamento do seu livro. Era uma jovem mulher resiliente e dura, nitidamente habituada a levar a sua avante, mas concordara de

imediatamente em encontrar-se com Charlie assim que esta lhe transmitira a notícia chocante da morte de Lanning. Pryce prometera ajudar no que fosse possível, mas revelava um misto de choque, sofrimento, irritação e desconforto. Charlie estava desejosa de explorar isso, e ia prosseguir quando o telemóvel de Pryce começou a tocar. Esta pegou no aparelho de pronto, mas a sua expressão ficou desapontada ao ver o número e pousou-o de novo na mesa, permitindo que continuasse a tocar.

— Se precisar de atender...

— É só uma jornalista. Uma jornalista *muito* cansativa.

Charlie podia adivinhar de quem se tratava, e em silêncio amaldiçoou Emilia Garanita. Sempre que a tragédia batia à porta, ela começava a rondar.

— Encontravam-se muitas vezes? — prosseguiu, afastando para longe da mente todos os pensamentos relacionados com a jornalista.

— Nem por isso. O Justin tinha a vida dele e eu a minha, mas estávamos sempre de olho um no outro...

— Conversavam ao telefone?

— De vez em quando.

— Com que frequência, em média?

Pryce hesitou, então, como que pressentindo uma armadilha.

— As vezes que fosse preciso. Porque pergunta?

— Bem, no seguimento da morte dele, verificámos o historial de chamadas... — Charlie não divulgara até então o seu conhecimento do telefonema ameaçador; ainda não se revelara necessário — e ficámos intrigados com o facto de na semana passada ele lhe ter ligado todos os dias. Antes disso, era raro ligar-lhe... Se tanto, a cada dois ou três meses...

Charlie deixou que aquela assimetria pairasse no ar. Uma vez mais, Pryce afastou o cabelo do rosto, até que cedeu:

— Ele queria falar sobre o livro, só isso. Sabia que ia sair hoje, por isso...

— Foi muito insistente...

— É o Justin a ser Justin — respondeu secamente Pryce, evitando a pergunta.

— Ligou-lhe na segunda-feira e falaram durante... — Charlie

fingiu que consultava o bloco de notas para ser mais precisa — 15 minutos. No dia seguinte conversaram durante 8 minutos. Depois, na quarta e na quinta-feira ele ligou-lhe algumas vezes, mas as chamadas foram diretamente para o voicemail.

— Tenho andado muito ocupada.

— Discutiram por causa de alguma coisa? — Notou-se um tom cortante na voz de Charlie, afetando a tentativa de Pryce de soar descontraída. — Nitidamente, havia algo a incitá-lo — prosseguiu a inspetora, como se declarasse o óbvio. — Durante uns meses não houve contacto e de repente bombardeia-a com chamadas, que a Maxine começa por atender e depois ignorar.

Por momentos, Pryce nada disse. O seu bom humor forçado já se esfumava. Era evidente que queria evitar abordar mais a fundo o seu relacionamento com Justin Lanning, mas já não havia por onde escapar.

— Pronto... tivemos uma discussão. Que ele insistia em querer sustentar.

— Mas a Maxine não estava interessada?

Pryce assentiu vagarosamente com a cabeça e explicou:

— Ele queria dinheiro. — Não era o que Charlie estava à espera. Sim, Pryce recebera um valioso adiantamento pelo livro, mas não havia dúvidas de que Lanning era o mais rico dos dois. — Ele achou que, por eu estar a contar parcialmente a nossa história no livro, deveria receber uma parcela do lucro.

— E a Maxine não concordou?

— Disse-lhe que, se era isso que achava, então deveria escrever o seu próprio livro.

— E como reagiu ele a isso?

— Se a memória não me falha, disse-me que me fosse foder.

— Depois disso, bloqueou-o.

Maxine encolheu os ombros.

— Não havia mais nada a dizer-lhe. Eu tinha a minha opinião, ele a dele. O que tem de entender em relação ao Justin é que ele adorava ser o líder, adorava levar a sua avante. Mais do que isso: adorava dinheiro. Por isso, quando alguém tomava a iniciativa, ganhava

algum dinheiro, retirava algo de bom do que foi uma experiência bastante merdosa, bem... ele não gostava.

— Então, não foi o que contou no livro que o preocupou?

— Nem sei ao certo se ele o leu, para ser sincera. Para o Justin, tudo se resumia ao facto de eu estar a receber todas as atenções e, sim, o dinheiro, por causa do livro. Queria a fatia dele.

— E como é que ele encarou a sua recusa em alinhar?

— Não ficou contente, mas o que podia ele fazer?

Uma vez mais, Charlie detetou a força — a firmeza — subjacente à conduta cativante de Pryce. Tal como Lanning, sobrevivera à provação, vindo a tornar-se uma jovem adulta loquaz e bem-sucedida. Fossem quais fossem os laços de lealdade que a uniam a Lanning, nitidamente não ia permitir ser pressionada por ele, nem que os protestos dele a fizessem mudar de rumo. Independentemente do custo que acarretasse, estava determinada a alcançar o seu próprio sucesso.

O que levou Charlie a equacionar as raízes do brutal homicídio de Lanning. À primeira vista, parecia improvável que Pryce recorresse a medidas extremas para proteger o troféu que tanto lhe custara conquistar, mas era evidente que havia muito em jogo. Pryce assinara um lucrativo contrato para dois livros — corria o rumor de que já estaria a trabalhar na sequência — e obtivera muito espaço e tempo de antena nos grandes meios de comunicação social nacionais. Talvez se tivesse apossado da aflição do grupo, deixando os outros de parte, dos quais já há algum tempo não havia notícias. Terá gerado mágoa? Raiva? Até hostilidade? Ainda era impossível dizer, mas, quando Charlie deu a conversa por terminada, ficou a pensar se o livro de Pryce — e, tão importante quanto isso, o dinheiro ao mesmo associado — teria desempenhado um papel importante na morte de Lanning.

Atualmente, a tragédia era um bem valioso.

Excerto de Uma Noite Sombria, de Maxine Pryce

Não me recordo de quando os perdi de vista. Até ao final da tarde seguíamos num passo acelerado, determinados a não nos desiludirmos — nem à escola. Ninguém o admitiria, mas havia, sem dúvida, um espírito de competição com os outros grupos, muitos dos quais oriundos de escolas privadas. Nós, os puros e duros de Southampton, íamos mostrar àqueles emproados que podíamos lá chegar, que éramos mais rijos do que eles. O Justin, em particular, parecia espicaçado por esse pensamento — dois anos antes, o irmão dele conquistara o Prémio de Ouro Duque de Edimburgo, levando a sua equipa em segurança até ao final. Talvez o Justin quisesse imitar o irmão, ou talvez quisesse apenas impressionar as raparigas com as suas capacidades de liderança. Na altura, estávamos todas apaixonadas por ele, inconscientes de que desperdiçávamos o nosso tempo.

Tínhamos passado o dia a seguir o grupo na nossa dianteira — não de forma propositada; simplesmente era assim que as coisas funcionavam. Todos tínhamos percursos ligeiramente diferentes; contudo, sempre que transpúnhamos o cume de uma colina, ali estavam eles, com os seus conhecidos impermeáveis roxos, obstinadamente mantendo um avanço de uns 800 metros. Equacionámos se o roxo seria a cor da escola deles, entretendo-nos a criar toda uma série de lemas obscenos para os nossos concorrentes endinheirados. Tratou-se de uma boa diversão, e, apesar das bolhas, do cansaço e da queda a pique da temperatura, sentíamos-nos felizes — um pequeno grupo de colegas de escola a enfrentar os elementos nas South Downs.

O Justin era o líder, eu a organizadora, o Callum o brincalhão, a Rachel só se ria e dizia palavrões, e a Fran era a competente, pois

basicamente revelava-se eficiente em tudo. Estávamos a safar-nos bem, mais do que simplesmente a aguentar-nos contra concorrentes mais «ilustres», mas, com o aproximar da noite, a coisa começara a correr mal. A Rachel, que fora um acrescento tardio ao grupo, estava a sair-se bem, acompanhando o ritmo forte imposto pelo Justin, mas a concentração dela deve ter vacilado por um segundo. Ou talvez se tenha devido ao cansaço. De uma maneira ou de outra, não deu por uma toca de coelho e tropeçou, ficando com uma forte entorse no tornozelo.

— Bolas! Que merda! — A Rachel exprimia-se de uma forma muito viva, e praguejou a valer, agarrada ao pé magoado. Preocupados, reunimo-nos em redor dela, querendo prestar todo o auxílio possível. Mostrou-se corajosa, como sempre fazia, mas era notório que estava cheia de dores. Teríamos de rever os nossos planos. — Desculpem lá, pessoal. Sei que não queriam perder os outros de vista...

Naturalmente, ficámos todos um pouco desiludidos, mas não valia a pena queixarmo-nos. Éramos uma equipa. Teríamos apenas de nos adaptar, traçar um novo plano.

Pouco depois, seguiu-se o Desastre n.º 2. O Callum pegou no mapa — o nosso único mapa — para tentar descobrir um local perto para acampar. Mas o sentido de oportunidade dele foi o errado, com uma grande rajada de vento a arrancar-lhe o mapa das mãos, e, antes de conseguirmos reagir, já o mapa nos fugira, dançando sobre a charneca até bem longe.

É difícil descrever como nos sentimos derrubados naquele momento. Não corríamos perigo imediato — tínhamos tendas, mantimentos —, mas a noite aproximava-se, e de repente não dispúnhamos de uma forma de nos orientarmos. Teríamos de abdicar da nossa tentativa de concluir o desafio? Pedir ajuda? Pegámos nos telemóveis que transportávamos nas mochilas, mas não havia nada — nem rede, nem 3G, nenhuma forma de aceder a um mapa ou contactar o mundo exterior.

Seguiu-se uma longa discussão, antes de o Justin tomar a decisão. Seguiríamos em frente, sem abandonar o plano original, tentando chegar ao nosso ponto de paragem agendado. O penedo onde planeáramos acampar ostentava características únicas e era facilmente

visível ao longe, e, apesar de se prever ser complicado para a Rachel, iríamos ajudá-la à vez. Se tivéssemos sorte, se os deuses estivessem do nosso lado, ainda lá chegaríamos antes de anoitecer, para depois decidirmos o que fazer.

Os deuses não estiveram do nosso lado. Se fosse possível voltar atrás, alterar uma única coisa que fosse na minha vida — nas vidas de todos nós —, seria aquele momento. Teria insistido para que não saíssemos dali, para que montássemos ali a tenda para passar a noite. Tanta dor, tanta tragédia, tanto sofrimento poderiam ter sido evitados se tivéssemos permanecido onde estávamos e abdicado da nossa ambição de terminar o exercício.

Mas, em vez disso, seguimos caminho, avançando de forma vacilante sobre o terreno irregular. As conversas esmoreceram, sendo substituídas por um silêncio soturno e por um esgar ou um suspiro ocasional. Ironicamente, aquela seria a melhor parte da noite que iria mudar para sempre as nossas vidas.

Quase deu para sentir o nevoeiro antes de o ver. Fez-se sentir uma opressão pesada e húmida no ar que parecia envolver-nos, enregelando-nos até aos ossos. A seguir, avistámos os primeiros fiapos, colunas de vapor finas como gaze, a dançar no ar como um feitiço de uma varinha de condão de Hogwarts. Naquele ponto, pouco foi dito, apesar de eu ter visto a Fran e o Callum a trocarem olhares nervosos. Eram pessoas habituadas a andar no exterior e sabiam com o que contar. Como seria de esperar, daí a nada estávamos envolvidos por um manto denso. Foi então que o pânico se instalou a sério.

As raparigas — eu própria incluída — estavam assustadas, enquanto os rapazes simplesmente pareciam pálidos, o que era pior. Ainda foi tentado um par de piadas sem jeito, mas a gravidade da situação era mais do que evidente para todos. Estávamos completamente cercados pelo nevoeiro cerrado, embrulhados como um presente de Natal, mal conseguindo ver os próprios pés, sem saber por onde andávamos nem o que pisávamos.

— Parece que estou atolada num pântano... — queixou-se a Fran, observando as botas encharcadas.

— Não tarda nada, ainda torço o outro pé... — prenunciou a

Rachel, coxeando com a dor.

Tinham razão. Devíamos ter parado logo ali. Mas o terreno estava empapado e não havia um lugar evidente onde pudéssemos abrigar-nos. Por isso, avançámos o melhor que conseguimos. Tínhamos as nossas bússolas, sabíamos mais ou menos em que direção seguir e, além do mais, se continuássemos em marcha, manter-nos-íamos quentes. Na realidade, acho que estávamos a adiar uma decisão por ninguém saber ao certo o que fazer. Gostávamos de nos vangloriar de sermos pré-universitários maduros, cheios de coragem, mas na verdade não passávamos de uns miúdos.

Quem começou a chorar primeiro? Eu? A Fran? A Rachel? Não me lembro, mas recordo-me de que o nosso estado de espírito em breve ficou negro. Seguimos à risca a direção apontada pela bússola, mas estávamos sempre a deparar com obstáculos complicados — regos, ribeiros, encostas íngremes e escorregadias. A cada revés, o moral afundava-se ainda mais; nenhum daqueles obstáculos fora assinalado na nossa rota pré-programada, tão cuidadosamente detalhada no nosso mapa levado pelo vento. As conversas cessaram por completo, com todos deprimidos e ensimesmados nos seus pensamentos mais sombrios, a maioria dos quais — para ser sincera — se concentrava na estupidez que fora o Callum ter perdido o mapa. Aos poucos, o estado de espírito alterou-se. O Justin revelara-se ávido para que seguissemos caminho — e os seus argumentos na altura haviam feito sentido —, mas percebia-se a relutância das pessoas em avançar, com o ritmo a abrandar a cada minuto.

— Vamos lá, pessoal, não podemos estar longe.

— Foda-se, Justin! Nem sequer conseguimos ver a ponta do nariz, como é que hás de saber onde estamos?

Foi a Rachel a falar. Direta como sempre.

— Ainda assim, tenho a certeza de que se nós...

— Talvez seja melhor pararmos. Esperar que o nevoeiro levante. Tal como está, mal consigo dar outro passo.

— É um nevoeiro gelado — contrapôs o Justin. — Não temos equipamento para estar aqui fora. Temos de ir até uma zona mais alta, como concordámos...

— Se assim é, onde está a zona mais alta? Já estamos fartos de

andar em terreno plano — interrompeu a Fran, dando luta.

— Deve ser já à frente. Tenho a certeza de que é já à frente.

— Foda-se, isso é maravilhoso, não é?

— Calem-se lá. Acho que estou a ver alguém.

Fora o Callum a falar. Virámo-nos para seguir o olhar dele, achando que alucinava; não havia ali nada além do espesso e imperioso nevoeiro. Mas, então, vimo-lo, um vestígio de luz, a aparecer e a desaparecer de vista.

— É uma tocha?

— Sim, acho que é uma tocha, está a mover-se...

Silêncio, enquanto todos nos esforçávamos por ver melhor.

— Não, não se mexe — interveio a Rachel, com a voz subitamente aguda e excitada. — O nevoeiro move-se, mas a luz não.

Ela tinha razão. Então, o que seria? Talvez um veículo? Havia caminhos lá em cima nas Downs. Ou algum tipo de habitação? Foi tomada uma decisão silenciosa, e corremos para a luz, certos de que só poderia significar algo de bom. Em menos de cinco minutos, estávamos lá, espantados com a aparição diante de nós. Era uma casa de quinta, uma casa a cair aos pedaços no meio do nada. A luz que avistáramos provinha do interior, uma candeia a iluminar a janela da cozinha.

O Justin não hesitou, avançando para lá em passadas firmes e batendo à porta da frente. De imediato, um monte de cães desatou a ladrar no interior, o que levou alguns de nós a parar para pensar, mas agora que ali estávamos o Justin mostrava-se determinado a pôr-nos em segurança. No entanto, a porta manteve-se resolutamente trancada. Ouvíamos os cães a ladrar, mas não nos apercebemos de qualquer movimento lá dentro, nenhum sinal de presença humana. Depois, de início baixinho, ouvimo-los. Passos a aproximarem-se.

A porta então entreabriu-se e apareceu um homem. Espreitava desconfiado para nós, enquanto lhe apareciam junto aos pés dois *Dobermanns*.

— Sim?

Era jovem e atraente, de uma forma estranha, como um Joaquin Phoenix mais novo. O seu olhar saltitava entre nós e parecia nervoso, com a voz a vacilar um pouco enquanto falava. O Justin informou-o

rapidamente do nosso sofrimento, perguntando se podia dar-nos abrigo até o nevoeiro levantar. O homem pareceu não saber o que fazer, como se pressentisse um logro, até perigo, pelo que o Justin se ofereceu para pagar — pela comida, bebidas, o que pudesse oferecer-nos —, e isso pareceu ser decisivo.

— É... é melhor que entrem, então.

Afastou-se para nos dar passagem, e, um a um, entrámos em fila, com o nosso novo amigo à espera até que todos atravessássemos a soleira, antes de fechar bem a porta. Estávamos tão gratos por estar no interior — longe da escuridão, do nevoeiro, do frio — que até podíamos ter chorado.

Não fazíamos a mínima ideia de que nos havíamos enfiado na boca do lobo.

Justin estava estendido na mesa de autópsias, tapado da cintura para baixo com um fino lençol branco. Helen já sabia com o que contar — frequentava a morgue há mais de dez anos —, mas nem por isso o cenário chocante deixou de a atingir. Segundo todos os relatos, Lanning fora um jovem cheio de vida e bem-sucedido, repleto de energia empreendedora e zelo próprio da juventude. Mas naquele momento não passava de um corpo pálido, sem vida e sombrio, com a exceção do anel violáceo da contusão em redor do pescoço.

— Asfixia devido a estrangulamento com garrote. — A voz brusca levou Helen a voltar-se. O patologista-chefe, Jim Grieves, arrastava-se na direção dela, ansioso como sempre por dispensar as formalidades. — Mas acho que já sabia isso... — prosseguiu Grieves, com um sorriso matreiro a surgir e a desaparecer logo de seguida.

Helen também sorriu; não era capaz de resistir à bizarra mistura da sua irritação persistente com o bom humor rabugento.

— Por acaso, sim. Alguma ideia de como aconteceu? Do que foi utilizado?

— Diria que, provavelmente, terá sido um processo em duas fases — respondeu de pronto Grieves, posicionando-se junto ao corpo. — Primeiro, foi incapacitado; depois, assassinado.

Helen virou-se para ele, surpreendida.

— Está a dizer-me que foi agredido? Deixado inconsciente?

Apontou para as contusões nas bochechas e na testa de Lanning.

— Não, são apenas ferimentos de impacto, provavelmente infligidos no carro ou noutra lugar qualquer. Não há terra ou poeira nos cortes.

— Então, foi drogado e depois...? — Grieves sorriu, agradado por

ter Helen numa posição de inferioridade. A seguir, apontou para o lado direito do pescoço de Lanning, onde se via na pele uma marca amarela e azulada. — A contusão não é suficiente para um golpe de gravata — frisou Helen, debruçando-se sobre o cadáver.

— Veja mais de perto...

Helen obedeceu e detetou marcas de perfuração no centro da contusão.

— Foi injetado com algo? — Mas, assim que o disse, percebeu que se equivocara. Havia duas minúsculas marcas lado a lado. — Foi atingido com um *taser*... — prosseguiu ela, incapaz de disfarçar a surpresa.

— Seria a minha aposta — confirmou Grieves. — A distância entre as marcas de perfuração leva a crer que isso seja altamente provável.

Helen voltou a pensar no local do crime. Nas marcas de pneus que sugeriam que o carro parara de repente, nos padrões de arrastamento no solo, nas pegadas de botas, no facto de o fato de Lanning ter ficado coberto de poeira.

— Então, talvez o carro tenha travado de repente e depois o Lanning tenha sido arrastado de lá, incapacitado com um *taser*...

— É muito provável. Se ele tiver mesmo sido derrubado pelo *taser*, não estaria em condições de resistir a mais ataques.

Helen assentiu com a cabeça, com uma expressão sombria. Os *tasers* incapacitavam as suas vítimas por mais de dez minutos, durante os quais pouco controlo se exercia sobre os membros ou faculdades. A ideia de alguém em estado tão vulnerável ser lenta e deliberadamente estrangulado era hedionda.

— Alguma ideia do que foi usado durante a segunda fase do ataque?

— É difícil dizer — respondeu bruscamente Grieves. — Podemos concluir que foi estrangulamento com garrote por causa da perfeição e uniformidade da contusão e da natureza abrangente da compressão. Toda a circunferência do pescoço foi afetada, como se algo tivesse sido enlaçado em volta e depois apertado. Muito diferente do estrangulamento manual...

— Mas o que quer que tenha sido usado deve ter sido muito fino

— reagiu Helen, apontando para o traço vermelho delgado que percorria o centro da contusão.

— Por norma, no estrangulamento com garrote, o instrumento usado é algo que está à mão: um cachecol, um cinto, uma peça de roupa da vítima, como collants ou um soutien...

— E neste caso o que terá sido?

— Provavelmente, algum tipo de arame.

Helen digeriu calmamente a informação, mas sentiu um aperto no estômago.

— Posso fazer mais testes, para tentar apurar que tipo de metal é, mas por agora é tudo o que tenho.

— E ferimentos defensivos? Algumas células de pele por baixo das unhas? Fibras de roupa?

— Vai ter de falar com a Meredith em relação à roupa dele; mandei tudo para ela. Mas não descobri nada que sugerisse algum tipo de luta. Pelo aspeto das coisas, foi apanhado de surpresa, com poucas hipóteses de reação antes de ser assassinado.

Aquilo encaixava com as próprias conclusões de Helen, mas não era propriamente animador. O assassino revelara-se rápido e preciso, com Lanning a ter poucas hipóteses de se salvar do ataque selvagem. O que poderia ter sido uma bênção, pois não terá sofrido, mas tornava a morte de Lanning ainda mais macabra. O assassino aparentemente fizera o telefonema ameaçador antes de conduzir calmamente Lanning até um local remoto à sua escolha para o matar. Tal autocontrolo, tal confiança, parecia tudo próprio de um assassino determinado e experiente.

— Aviso-a assim que tiver mais alguma informação.

Grievess já se virara para dar seguimento aos exames. Agradecendo-lhe, Helen abandonou a morgue, com uma série de pensamentos conflitantes a circularem na sua mente. A natureza sofisticada e metódica da execução parecia ir contra a possibilidade de Daniel King poder de alguma forma estar envolvido. Contudo, era possível que ele tivesse atacado nos anos subsequentes, aprimorando as suas capacidades. O *taser* era também um acrescento estranho. Agentes da polícia e guardas usavam-nos com regularidade, mas também todo o tipo de criminosos e delinquentes. A Polícia Alfandegária

confiscara recentemente três caixotes de *tasers* num cargueiro holandês ancorado em Southampton. Naturalmente, era bastante provável que quem quer que fosse o responsável tivesse achado que tal precaução era necessária para subjugar Lanning, já não um adolescente inexperiente, mas um jovem atlético e musculado. Porém, não deixava de ser intrigante.

A verdade é que nada daquilo teria feito soar os alarmes se não fosse o uso do arame. Era impossível dizer que horrores suportara Rachel Wood antes da sua morte, o seu corpo consumido pelo inferno na quinta, mas o que era evidente — tanto pelas vítimas que King perseguira nas estradas rurais como pelo desafortunado grupo de alunos da escola — era que ele utilizara um laço de arame galvanizado para atacar as vítimas, envolvendo-lhes os pescoços e puxando com força enquanto se debatiam por respirar. A escolha da arma poderia ser coincidência, mas, tendo em conta o historial de Lanning, parecia improvável.

Helen já se encontrava quase no exterior do edifício quando o seu telemóvel tocou. Atendeu imediatamente e sentiu-se agradada por ouvir a voz do inspetor Bentham. Tratava-se de um agente diligente e determinado, e ela detetou um certo entusiasmo na sua voz.

— Estou com a equipa em Wickham. Encontraram umas provas cómicas, ainda que interessantes, junto dos vizinhos, e acabei de receber uma chamada do banco do Lanning que pode ser relevante.

— Sou toda ouvidos.

— O companheiro dele levantou 20 mil libras em dinheiro de uma conta-poupança conjunta há três dias. Não encaixa com os seus hábitos normais; nem o Lanning nem o Cannon levantavam dinheiro dessa conta há meses...

— E? — reagiu Helen, pressentindo que vinha aí mais.

— Falei com o banco onde foi feito o levantamento. Recentemente, foi aplicada uma restrição à conta, para assegurar que ambos os titulares estivessem presentes quando eram feitos levantamentos, mas neste caso o Cannon conseguiu convencer uma funcionária inexperiente a fazê-lo sozinho, contando-lhe uma história triste sobre o namorado estar retido no hospital e a precisar urgentemente de

dinheiro.

De repente, Helen deu por si a relaxar. Não era uma revelação bombástica, mas tratava-se de uma pista importante, e um lembrete na hora certa para que não se precipitasse. Não valia a pena inventar fantasmas; seriam as provas a levá-la à verdade.

Agradecendo a Bentham, Helen desligou a chamada e transpôs as portas para a luz do dia.

15

— Não sei porque é que está tão interessada. Foi um simples levantamento.

— De uma quantia bastante elevada.

— O dinheiro é nosso. Ninguém, além de nós, tem nada que ver com o que fazemos com ele.

— Não neste caso. Por isso, importa-se de me contar para que fim foi levantado?

Helen observou Adam Cannon enquanto ele dava voltas pela sala, com os seus mocassins de pele a deslizarem pelo chão encerado. Estava perturbado e agitado, claramente a ponderar o quanto deveria partilhar e o quanto deveria guardar para si.

— Olhe... há uns meses tive uns problemas por causa de... de apostas. Descontrolei-me um pouco e usei parte das nossas poupanças para me livrar das dívidas.

— É por isso que a vossa conta tem uma dupla proteção?

Cannon fitou-a com um olhar perfurante. Tendo concordado em encontrar-se com Helen, preocupava-o agora o quanto ela penetrara na sua vida privada.

— As poupanças eram para o nosso casamento. O Justin... O Justin não estava satisfeito com o que eu fiz, por isso é que saí de casa por umas semanas.

— E as vossas discussões recentes? — Mais um olhar penetrante na direção de Helen. — Na semana passada, foram ouvidos gritos. Do Justin. Os seus vizinhos iam aparecer para dizer algo, para ver se estava toda a gente bem, mas então a discussão de repente acabou, por isso...

Helen percebeu que Cannon se sentiu tentado a praguejar por

entre dentes.

Expirando vagarosamente, ele respondeu:

— Recentemente... tive uma pequena recaída... no jogo.

— Quanto apostou?

Cannon não conseguiu encarar Helen, enquanto respondia:

— Cinquenta mil libras, mais ou menos. — Helen disfarçou um assobio. — Eu não queria ir tão longe, obviamente, mas... mas estar aqui, em Southampton, quero eu dizer... Bem, nunca resultou muito bem para mim. O Justin nunca o viu dessa forma; sempre se referiu às nossas *escolhas*... mas não sei se alguma vez compreendeu como eu me sentia, quão entediado estava neste maldito fim do mundo. — Helen deveria ter-se surpreendido com aquilo, mas, de alguma forma, aquela casa absolutamente silenciosa no seu isolamento rural absolutamente tranquilo parecia estranhamente desprovida de vida, até um pouco sufocante. — Abdiqueei de um bom emprego em Londres para me mudar para aqui. Instalei-me por conta própria, mas não arranjei clientes suficientes, por isso fui deixado aqui... Um dono de casa e passeador de cães... — Lançou um olhar sombrio a *Caspar*, que o ignorou. — Sentia-me aborrecido. Completamente entediado, então fiz o que me fazia sentir um pouco mais vivo.

— Mas como é que acumulou novas dívidas tão depressa?

— O Justin tinha falado com todos os corretores de apostas locais e com muitos mais em Southampton. Isso, associado ao meu historial de mau crédito, afastou todos os contactos.

— Então, apostou com corretores do mercado negro? — Cannon assentiu com a cabeça. — Assumo que o Justin descobriu que voltou a descarrilar?

— Uma das pessoas a quem eu devia dinheiro apareceu cá em casa. Foi o Justin quem abriu a porta.

— Quando foi isso?

— Há uma semana.

— Então, a vossa relação ficou com problemas...

— Estávamos a passar por algumas dificuldades.

— Ele ameaçou pôr fim ao casamento?

— Discutimos isso.

— Pediu-lhe para sair de casa?

— Não!

— Mas deve ter receado isso? — O silêncio de Cannon foi bastante elucidativo. — Quanto dinheiro há nessa conta-poupança?

— Cerca de 500 mil. O Justin andava a sair-se bem...

— E esta casa vale quanto? Mais de um milhão?

— Penso que sim.

— E não me engano se disser que é a pessoa mais próxima do Justin?

— Vá à merda!

As palavras atingiram-na em cheio.

— Mas está a seguir a minha linha de pensamento? — prosseguiu Helen. — O vosso relacionamento vacila por causa do jogo. Pode ser mandado para a rua, deixado sozinho à mercê dos credores. Mas, com a morte do Justin, as suas dívidas são saldadas...

— É revoltante sugerir isso. Eu nunca faria mal ao Justin.

— Traiu repetidamente a confiança dele. E, uns dias antes da morte dele, levantou 20 mil libras sem o seu conhecimento ou consentimento.

— Foi só para manter os meus credores ao largo. Ameaçaram-me!

— Mas é inegável que, em termos financeiros, faria mais sentido pagar a alguém para matar o Justin... Assim, todos os seus problemas seriam resolvidos. Os 20 mil certamente bastariam para pagar um ataque daquele tipo.

— Não, não, não, de maneira nenhuma!

— Então, o que é que lhe aconteceu?

— Não faço ideia... — O tom dele era angustiado, mas também denotava raiva. — Sim, por vezes revelei-me uma porcaria de namorado... uma porcaria de ser humano. Mas não sou um assassino. Nunca faria algo do género. Cada segundo que perde a acusar-me é tempo desperdiçado, tempo que poderia ser gasto a perseguir os verdadeiros assassinos.

— Assassinos? — questionou Helen.

— Vá lá, inspetora — ripostou Cannon. — Isto não foi obra de um louco... ou de alguém em busca de vingança. Teve que ver com o trabalho dele. Foi um serviço contratado. Percebe isso, não percebe?

— Porquê?

— Porque as ações dele custam milhões de dólares às pessoas; ele tinha inimigos em inúmeros países.

— Mas disse ao meu colega que não havia ameaças específicas de que tivesse conhecimento.

— Exatamente. De que eu tivesse conhecimento. Não quer dizer que não as houvesse... O Justin raramente me falava do trabalho dele; dizia que era mais seguro assim. — Começara a falar muito depressa, mas Helen não conseguiu perceber se o fazia por convicção ou desespero. — Ele trabalhava num mundo cheio de pessoas que resolvem problemas, patifes, intermediários. Se ajudava um grupo a prosperar, então havia quem perdesse, pessoas que não aceitariam de bom grado que lhes fosse negada uma fortuna que achavam ser sua por direito próprio.

— Tudo isso pode ser verdade, Adam. Mas não há provas de uma ameaça específica.

— Então, procure melhor. E olhe à sua volta. — Cannon apontou para o teto, e Helen reparou que havia pequenas câmaras instaladas bem alto nos cantos, a abarcar discretamente cada divisão. — O Justin levava muito a sério a sua segurança. Por um único motivo: trabalhava num negócio perigoso, um negócio em que as pessoas são capazes de matar. Num par de ocasiões, houve quem tentasse entrar cá em casa. Ninguém na aldeia alguma vez teve desses problemas, por isso, porquê o Justin? Porquê nós?

Cannon calou-se, com a sua prestação maníaca a furtar-lhe o fôlego. Helen fitou-o com atenção, sopesando as suas palavras.

— Há câmaras de videovigilância em todo o lado?

— Em todas as divisões e em diversos pontos em volta do perímetro da propriedade.

Helen deteve-se, após o que olhou diretamente para Adam Cannon.

— Então, é melhor darmos uma vista de olhos.

16

Aninhou-se ao centro do ecrã, que exigia a sua atenção. O carro começou a avançar velozmente, saltitando no terreno irregular, tornando difícil concentrar-se na imagem desfocada, mas Joseph não desviava o olhar, convencido de que haviam desenterrado a primeira pista concreta naquele estranho caso.

Assim que abandonara a sala de operações, reunira-se com agentes da equipa tecnológica, iniciando a caça ao *Mercedes* desaparecido. O motivo do homicídio de Lanning permanecia envolto em mistério, o que significava que a viatura desaparecida continuava a ser a melhor pista. Poderia haver ADN ou impressões digitais no seu interior, e o sistema de navegação do carro poderia fornecer-lhes informações valiosas sobre por onde andara o assassino antes de a viatura ser largada.

Começando pelo local das obras, Joseph e a equipa analisaram toda a zona, identificando cada estrada, caminho e atalho; cada bosque, lago, pedreira ou aterro ilegal que pudesse constituir um local para despejo. Recorreram a todos os drones de que dispunham, meia dúzia de insetos que tudo viam a vaguear pelo céu, transmitindo as suas imagens até às consolas de comando. Todos os meios necessários seriam usados para descobrir o *Mercedes* desaparecido.

A busca fora longa e infrutífera, revelando carrinhos de compras e um punhado de bicicletas abandonadas. Era possível que o assassino ainda tivesse o veículo na sua posse, embora Joseph duvidasse, dada a eficácia do homicídio de Lanning. Finalmente, após três horas de buscas extenuantes, alcançaram algo. Numa zona de bosque cerrado a norte de Shedfield, Joseph distinguiu uma forma — uma forma grande e escura. Mantendo o drone a uma distância segura sobre as

árvores, fez *zoom in*, com o seu coração a bater mais depressa à medida que o contorno típico de um *Mercedes* três volumes preenchia o ecrã. A maioria dos carros abandonados eram *Fiestas* e *Corsas* roubados por pessoal que queria dar umas voltas, antes de os largarem no campo. O automóvel no seu ecrã não elevava a porta traseira, mas era potente, elegante e comprido. Além do mais, estava numa área de arvoredo a apenas oito quilómetros do local do crime.

O carro deles abrandou, detendo-se no troço nos limites do bosque. O inspetor Roberts ia a conduzir, enquanto Joseph alternava o olhar entre o ecrã e o bosque mais além. Logo acima das árvores, via o drone a dançar ao sabor do vento, atraindo-os para o cobiçado troféu.

— Tenta mantê-lo estável — disse Joseph, passando a consola a Roberts. — Eu ligo-te se precisar de orientação.

Roberts pegou na consola. Joseph não integrava a equipa tecnológica, e sentia-se grato por não estar nas suas competências ser ama de drones. Afastando-se do carro, abriu caminho por entre a erva alta, vasculhando em redor em busca de sinais — relva amassada, objetos descartados, pegadas —, mas nada viu de interesse. O terreno era enlameado e nauseante, mas ainda assim manteve um passo acelerado. Ao chegar aos limites do bosque, inspirou fundo.

A verdade é que não se tratava de uma investigação normal para ele. Tentara fingir que sim, mas estava a enganar-se a si mesmo. Já lá iam seis meses desde a conclusão do último grande caso deles, e desde então que andava a perder tempo, amaldiçoando o desfile entediante de casos de violência doméstica e facadas na rua que lhe aterravam na secretária. Apenas um idiota não conseguiria resolver esses casos; havia poucas hipóteses para um inspetor brilhar, para mostrar do que era feito.

Joseph já se embrenhara no bosque, com o olhar a dirigir-se para um lado e para o outro, à procura da forma escura. Ouvia o drone lá em cima, por isso deveria estar perto, mas onde estava? Avançou, passando por cima de troncos caídos e baixando-se sob arbustos. Por momentos, vieram-lhe à memória as suas aventuras com Helen na New Forest, quando perseguiam um terrível assassino e tudo lhe parecia possível. Desde então, houve bons pontos altos, como o seu

relacionamento cada vez mais sério com Helen, mas nada que o aliviasse da sensação de frustração e vergonha.

Aquela investigação fora para ele um desastre. É verdade que desempenhara o seu papel enquanto elemento da equipa na conclusão bem-sucedida, mas em público ficara mal. Não conseguira ajudar Helen naquele derradeiro e assustador confronto; muito pior: fora subjugado por um suspeito, e talvez tivesse morrido às suas mãos não fosse pela intervenção de Helen. Ela era sua superior, mais experiente a derrubar assassinos violentos, mas a vergonha dele continuava presente quando recordava como fora salvo por ela. Não tinha dúvidas de que os outros membros da equipa comentavam o assunto, pois todos pareciam empenhados em fingir que nada acontecera.

A nova investigação seria diferente. Assim que pôs os olhos no corpo brutalizado no local das obras, pressentiu que este caso seria uma oportunidade para mostrar do que era feito. Ou não? Observando o matagal em volta, contava ver o carro desaparecido, mas permanecia oculto. Onde raio estaria? O drone não podia estar enganado; teria de estar praticamente em cima dele.

Então, avistou-o, um leve cintilar de metal a meia distância. Esticando o pescoço por cima da folhagem densa, detetou o primeiro contorno do para-choques, e depois o próprio corpo do automóvel. Não se demorou mais, roçando na beira dos arbustos enquanto se apressava pelo arvoredado. Avançou com rapidez e discrição — não era impossível que o assassino ainda rondasse por ali —, retirando o bastão extensível do cinto, para se precaver contra eventuais surpresas.

Estava a uns dez metros dele, e a aproximar-se rapidamente. Não via sinais de movimento, mas manteve-se alerta. Cinco metros, agora três, até que finalmente irrompeu na pequena clareira. O *Mercedes*, que parecia ali ter chegado através de um caminho irregular na ponta mais afastada da floresta, era sem dúvida o carro que procuravam, com a matrícula danificada ainda parcialmente visível. Mas foi tudo o que Joseph conseguiu distinguir, pois a viatura encontrava-se completamente carbonizada. O chassis estava curvado e amolgado, as janelas estilhaçadas, até a mala se encontrava aberta, enegrecida e

carbonizada por dentro. Fora um trabalho metuculoso; o odor a petr6leo ainda era intenso no ar.

Joseph deixou-se abater, derrubado pelo que via diante de si. Sonhara com afirmação — redenção — por meio de dedicação e trabalho no caso, mas naquela clareira ardida tais esperanças viram-se reduzidas a cinzas.

Helen olhou para o ecrã, interiorizando os pormenores. Estava enfiada num cubículo em casa de Lanning, sentada mesmo ao lado de Adam Cannon, diante do tremeluzente monitor da videovigilância. Já se dedicavam àquilo há mais de uma hora e nada tinham visto de interesse, nenhuma presença indesejada dentro ou fora da casa, com a exceção da aparição fugaz de uma raposa.

A salinha estava fechada, com um ambiente desconfortável. Helen continuava a desconfiar bastante de Cannon, a única pessoa até ao momento que obteria vantagens com a morte de Lanning, e o seu anfitrião sabia-o. Ele não dizia nada, mantendo-se sentado muito quieto e rígido ao lado dela, enquanto Helen passava revista a horas consecutivas de gravações. Ocasionalmente, Cannon suspirava ou desviava o olhar, quando aparecia uma imagem do seu companheiro entretanto morto. A maioria das capturas de ecrã eram inocentes — Lanning a tomar o pequeno-almoço, a falar ao telefone, a trabalhar no seu estúdio —; outras eram mais intrigantes. Em várias ocasiões, as discussões entre Lanning e Cannon foram demoradas, até agressivas, com Lanning a agarrar Cannon pelos colarinhos, a dada altura, pondo-o à força na rua. Quando se desenrolou aquele drama doméstico, com imagens a preto-e-branco ritmadas, Cannon baixou a cabeça, fitando o chão. Helen não percebeu se o objetivo era disfarçar a perturbação ou esconder alguma coisa.

Ela seguiu em frente com as imagens, com o olhar a alternar entre um ecrã que mostrava as imagens do interior e outro que cobria o exterior da propriedade. Este último era potencialmente mais útil, se Cannon dizia a verdade sobre a propriedade já antes ter sido um alvo, mas revelava-se difícil focar o olhar, em especial à noite, quando

o jardim às escuras pouco oferecia que se pudesse ver.

— Olhe, não quero apressá-la, mas tenho de ir hoje falar com o advogado. Há muita coisa para tratar...

— Vou continuar mais um pouco — respondeu Helen, educadamente. — Se tiver de sair, esteja à vontade. Eu fecho a porta ao sair.

— Eu fico.

Helen retomou a visualização. As miudezas da existência deles continuaram a desenrolar-se — compras de mercearia a serem arrumadas, refeições partilhadas, até momentos dos dois homens em repouso, aconchegados enquanto viam televisão. Esticando o braço, Helen acelerou o fluxo de imagens. Começara de forma lenta, ansiosa por determinar o ritmo da vida quotidiana de Lanning, mas aquelas gravações remontavam a várias semanas — podia passar dias enfiada naquele quartinho minúsculo.

Os vultos despertaram para a vida, entrando e saindo das divisões de uma forma cómica, tratando dos seus assuntos em velocidade quádrupla. O contraste era estranho — o escuro sem vida no exterior e a energia louca patente nas câmaras do interior —, mas Helen detetou uma alteração na dinâmica. *Havia* movimento no exterior. Manobrando os comandos, fez recuar a gravação do exterior, antes de a pôr de novo em movimento, desta feita em tempo real.

Espreitou para a linha de informação na base, que indicava a data e a hora: 28 de setembro, mais de três semanas antes, 23 horas. Um vulto, escuro e indistinto, avançava com firmeza na direção da casa. Era alto e magro — Helen mediu a sua estatura comparando-a com a estátua de tamanho natural pela qual passou —, e parecia determinado.

Fazendo uma pausa na gravação, virou-se para Adam. Parecia pálido, até assustado.

— Onde estava na noite de 28 de setembro?

Cannon lançou uma espreitadela à barra de informações na base do ecrã e retirou o telemóvel do bolso, percorrendo ansiosamente a sua agenda.

— Estava em Londres com amigos, num restaurante em Covent

Garden.

— E o Justin?

— Ele... ele estava num concerto. No Joiners.

Helen voltou a carregar no *Play*. Era verdade que o vulto não se parecia com Lanning; era demasiado esguio para ser o executivo musculado. Aproximando-se mais, Helen observou o intruso com atenção. Vestia de preto e usava um gorro escuro. Parecia ser caucasiano, vendo-se ocasionalmente um vislumbre de pele na escuridão, mas era difícil apurar mais do que isso. O que se revelava evidente, contudo, era que pretendia ter acesso à propriedade. Foi até às traseiras da casa e agiu com grandes cautelas, abeirando-se sorrateiramente da janela para espreitar para o interior. Grato por dar com a propriedade vazia, começou a laborar na porta das traseiras, verificando a maçaneta, antes de retirar um pé de cabra do casaco.

Naquele ponto, foi exposto. Ao levantar o pé de cabra para forçar o batente da porta, acionou um dos sensores de segurança. De imediato, as luzes instaladas na parede acenderam-se, iluminando o intruso. Espantado, o vulto olhou para cima, paralisado por um minuto, enquanto fitava a câmara. Um momento de indecisão, e depois virou-se e fugiu, acabando por sumir na escuridão.

Helen voltou a recuar a gravação, com a figura a correr para trás no jardim, antes de parar de novo junto à porta das traseiras. Cuidadosamente, Helen fez avançar as imagens, pausando quando o intruso olhou para cima. Não era uma imagem perfeita — a equipa iria ter de a melhorar —, mas era a primeira prova sólida deles, uma imagem perturbadora de uma tentativa de invasão domiciliária. Seria aquele vulto magro o homem que procuravam? Naquela noite, teria visado deliberadamente a casa sabendo que o namorado de Lanning não estava? E, tendo fracassado o acesso ao lar de Lanning — para montar uma emboscada, matar? —, tê-lo-á visado no seu escritório?

Estaria Helen a olhar para o rosto de um assassino?

Ele estacou, mal conseguindo respirar. Foi como se o seu mundo de repente colapsasse, como se não conseguisse mais do que escutar as palavras que preenchiam a sua cozinha minúscula, palavras que o abalaram por completo.

— Naturalmente, assim que houver novidades, divulgaremos mais dados sobre esta história. Agora, está na hora de verificar como anda o trânsito...

Desligou o rádio, chocado com a súbita alteração de tom. Pouco antes, a apresentadora do noticiário mostrara-se sóbria e contida, mas, entretanto, parecia completamente arrebatada face à perspectiva do relatório do trânsito. Callum não suportou ouvir. Que direito tinha ela de se sentir tão feliz quando o mundo de repente se tornara tão sombrio? Quem queria saber do trânsito, depois de Justin ter morrido? Ou melhor, ele não morrerá simplesmente; ele fora assassinado.

Callum sentiu as pernas a ceder e estendeu os braços, agarrando a mesa da cozinha. Baixando-se, colapsou na cadeira, deixando escapar um soluço. Não sabia o que fazer — se chorar, se gritar, se se enroscar no chão. Justin, o seu amigo, a sua inspiração, que resolveu muito melhor a sua vida do que ele próprio alguma vez fizera, morrerá. Os pormenores eram escassos — fora encontrado um corpo num estaleiro de construção nos arredores de Southampton —, e Callum na verdade não prestara grande atenção, até o repórter ter confirmado a identidade da vítima.

Justin Lanning. As palavras percorreram-no como um choque elétrico. Falara com Justin nem duas semanas antes e parecera-lhe cheio de vida, como sempre. No entanto, isso fora-lhe furtado.

Parecia improvável, não, impossível, sendo tudo ainda mais estranho devido ao local onde fora deixado. Uma obra. Que diabo?! Callum sempre achou que Justin teria um ou outro desacato doméstico — nunca gostara nem confiara em Adam —, mas o que fazia o seu velho amigo num estaleiro de obras? Era perto de sua casa, ainda assim...

Aquilo de que Callum necessitava era de informações. Impelindo-se a levantar-se da cadeira, correu para a sala de estar. Pegando no telemóvel, procurou fontes de notícias locais, desejando que a estação de rádio se tivesse equivocado. Mas ali estava, preto no branco — o título a anunciar que o cadáver de Justin Lanning, homem de negócios local, fora descoberto naquela manhã e que a polícia abordava a sua morte como suspeita, código jornalístico para homicídio. Callum foi passando os escassos detalhes, antes de procurar outros sites locais e depois o das notícias da BBC. Mas nada mais ofereciam do que o nome da vítima e o local da descoberta do corpo.

O que se passava? O que é que acontecera? O desejo de conhecimento pulsou através de Callum; sabia que já não valia a pena trabalhar, não iria honrar os seus compromissos da tarde. Teria de parar, esperar que Hannah regressasse a casa, na esperança de receber alguma informação — fosse o que fosse — sobre a morte de Justin.

Deveria telefonar a Adam? Não, era cedo, e além disso como é que poderia perguntar o que ansiava por saber? Ligar naquele momento a Adam serviria apenas em parte para exprimir o seu profundo pesar. O que Callum desejava mesmo era tranquilizar-se — tranquilizar-se com a informação de que aquilo fora um assalto levado ao extremo ou um crime passional. Do que precisava era de factos, factos bons e sólidos provando que a morte inesperada de Justin não se encontrava de maneira nenhuma ligada à provação que tinham passado juntos, um cruel e irónico ato divino.

Callum sabia que ainda estava a processar o que acontecera na altura — o seu horror, a sua profunda convicção de que iria morrer —, e pensar nisso deixou-o a tremer. Lidara com a situação pior do que os outros, o que foi causa de vergonha e angústia, desânimo a

abater-se sobre ele com uma regularidade alarmante, estados de espírito que até a sua adorada Hannah teve dificuldade em alterar. Mas não foram os traumas do passado, nem sequer a depressão, que passaram a atormentá-lo.

 Não, o que o massacrava era o desconhecimento.

Conhecimento é poder. Eis a máxima que orientava Emilia. Se dispusesse dos factos antes de todos os outros, então deveria ser ela a lançar a história. Mas, hoje em dia, o conhecimento de nada valia se não se fosse rápido — o que contava era a velocidade com que se conseguia divulgar o furo. Essa era a essência do jornalismo moderno, em que o valor de cada repórter era medido pelos seus *tweets* e publicações. Já não se podia esperar pelo bloco noticioso das 10 horas ou pela próxima tiragem; a história que se desencantava tinha de ser lançada para o exterior, captando as atenções. Isso implicava processar informação e divulgá-la rapidamente, algo em que Emilia era perita. E necessitava desses seus talentos — o lançamento do livro de Maxine Pryce deveria ter início dali a pouco mais de uma hora, pelo que teria de escrever a sua história depressa, se queria chegar a tempo. Tendo em conta as revelações do dia, não podia perder o evento de maneira nenhuma.

Ainda assim, a pressa não era desculpa para uma má escrita, em especial sendo a história tão sumarenta. Assim, levou o seu tempo a rever o texto. De um modo geral, o tom da sua peça era respeitoso e sentido. Enaltecera a força e a coragem de Lanning na reconstrução da sua vida depois do que sofrera na adolescência, concentrando-se em tudo — o novo lar, casamento, talvez até filhos — o que ele ainda tinha para gozar. Mudou então o foco para Daniel King, recordando aos seus leitores a sua crueldade, a sua desumanidade e o persistente mistério do seu destino. Só depois disso apresentado é que prosseguiu, lançando a questão do motivo e da culpabilidade.

Teria de avaliar cuidadosamente aquela parte; não queria que o jornal fosse algum dia acusado de ser irresponsável ou

sensacionalista, mas não podia minimizar a importância da história, sobretudo depois de divulgar a notícia de que Lanning fora estrangulado. Era uma questão de namoriscar as possibilidades sem se comprometer com factos ou teorias a carecer de verificação. Felizmente, ao fim de muitos anos de jornalismo, Emilia era uma provocadora experiente.

Iria explorar as possíveis explicações para o assassinio de Lanning, questionando quem teria a ganhar, quem poderia ter assuntos por resolver com ele. Até então, não fora divulgada qualquer declaração da polícia sobre detenções, e, a ver pelo *feed* do seu *Twitter*, o namorado de Lanning permanecia em liberdade, sugerindo que Helen Grace e a sua equipa não tinham suspeitos óbvios. Servia na perfeição a Emilia. Iria pô-lo por escrito com mestria, mas deixaria os leitores a matutar. Tendo em conta o método do homicídio, tendo em conta que Lanning e os amigos haviam escapado às garras de King, tendo em conta que o antigo agressor deles permanecia em parte incerta, seria possível que a chave para resolver aquele crime pavoroso residisse no passado? Não iria dizê-lo de forma descarada, mas toda a gente perceberia onde queria chegar.

Seria possível que Daniel King tivesse regressado para concluir a sua obra?

20

Depois das trevas, era a altura de dar as boas-vindas à luz.

Esse era desde há alguns anos o lema de Maxine Pryce. E foi também a *tagline* que usou ao apresentar o seu segundo livro aos editores. *O Capítulo Seguinte* iria abordar a sua história depois dos horríveis acontecimentos de Manor Farm, proporcionando aos leitores um vislumbre do que lhe acontecera a si e aos outros depois da ousada fuga.

Era um livro sobre positividade. A sua obra anterior terminara com os traumatizados adolescentes a cambalear de volta para a civilização; a nova lidava com as ramificações emocionais e psicológicas das suas experiências, mas não de uma forma sombria e depressiva. Incidia nas possibilidades de sobrevivência, mesmo depois de se ser espancado, abusado e vilipendiado. Ou, como ela expusera no encontro que tinham tido, como era possível abraçar-se a vida mesmo depois de se ter passado por um susto de morte.

Era uma ideia inspiradora, e Maxine apreciara pôr aquilo por escrito, pelo menos até àquele momento. Houvera tanto interesse na senda do lançamento do primeiro livro que de início sentiu dificuldade em concentrar-se, distraída com e-mails, telefonemas e até jornalistas esperançosos a baterem-lhe à porta. Ávida por capitalizar o sucesso aparente do primeiro livro, queixou-se à sua agente, que de pronto arranjou uma solução. Uma amiga acabara de partir para Nova Iorque por um período de seis meses, deixando desocupado um discreto e bem equipado apartamento no centro da cidade.

Maxine já o usava há umas semanas, alcançando rapidamente um ritmo produtivo. Com o café pronto e o telemóvel desligado, sentava-

se logo de manhã e escrevia alguns milhares de palavras até ao almoço. Revia o que escrevera, apurando e editando a prosa até se dar por satisfeita. A seguir, rumava ao ginásio, jantava com amigos ou ia ao cinema. Era uma rotina que se tornara confortável, e, em momentos de repouso, pensava que até poderia vir a valer a pena arrendar o apartamento, tornando-o o seu escritório pelos seis meses seguintes.

Contudo, naquele momento as coisas não estavam a correr bem. Maxine sentia-se inquieta, incapaz de pensar com clareza. Tal devia-se em parte à morte de Justin, cujo sentido de oportunidade era no mínimo perturbador, mas também por causa da sua conversa com a polícia. A sargento-inspetora Brooks fora bastante educada, mas a conversa deixara Maxine a sentir-se vulnerável e exposta. A agente mostrara-se claramente interessada nas suas discussões com Justin, tentando encontrar talvez uma motivação financeira para o homicídio. Era absurdo — como se ela pudesse ser assim tão malévola, já para não dizer estúpida e inconsequente —, mas tal sugestão perturbara-a. Seria possível que se tratasse de uma linha de investigação genuína? Algo de que devesse defender-se? Se assim fosse, o sentido de oportunidade não poderia ter sido pior.

Levantou-se, atravessou a estreita cozinha e ligou a máquina de café. Apressara-se para o apartamento depois da conversa com Brooks, na esperança de que o ambiente calmo e os efeitos catárticos da escrita lhe restaurassem o equilíbrio. Mas não conseguira assentar, escrevendo apenas duas centenas de palavras, o que a deixou ainda mais irritada. Talvez devesse ir dar um passeio a pé. Mas valeria isso de alguma coisa? Provavelmente, iria apenas torturar-se mais. A verdade é que ultimamente a vida lhe corria bem, andava cheia de esperança e ambição para o futuro, mas os acontecimentos das últimas 24 horas haviam-na deixado profundamente abalada. Ao sentar-se para escrever a sua narrativa inspiradora, sentiu-se falsa, até equivocada, temendo que lá fora houvesse inimigos prontos a atacar, à espera para a derrubar. Era irracional, um exagero, sabia disso, mas tratava-se de uma sensação que não a abandonava.

— Vá lá, rapariga... — murmurou para si mesma, enquanto se instalava uma vez mais diante do portátil. — Mais quinhentas palavras; depois, podes ir...

Os dedos pairaram sobre as teclas, mas ela continuava a hesitar. Pensamentos relativos a Justin e à inspetora Brooks desabaram uns sobre os outros, escurecendo-lhe a mente. Era suposto sair em breve para o lançamento do seu livro — queria chegar lá a sentir-se em alta, capaz de falar com confiança sobre as suas futuras ambições —, mas, quanto mais tentava, mais abalada e perturbada se sentia. Se calhar, naquele momento mais valia esquecer o que se passara e concentrar-se na tarefa em mãos — vender *Uma Noite Sombria* a um público expectante.

Gravou o documento e fechou a tampa do portátil com força. Depois de se levantar, viu as horas — 18h59 — e pegou no casaco e na mala. No entanto, ao fazê-lo, espantou-se com um ruído forte atrás de si — um som estridente, a esmorecer, para de repente se calar. A seguir, voltou a subir, baixando e fluindo ritmadamente. Com o coração aos saltos, Maxine percebeu então do que se tratava — o toque de um telefone. Confusa, lançou uma espreitadela ao seu telemóvel. Estava desligado, como era hábito, pelo que presumivelmente deveria ser um telefone fixo. Mas quem é que ainda tinha um telefone fixo?

Vestindo o casaco, Maxine preparou-se para sair. Era uma caminhada curta até à Waterstones, e, se saísse sem demoras, chegaria a tempo. O telefone continuava a tocar, mas Maxine não quis saber; por certo que a dada altura iria ser ativado o atendimento automático. Os seus sapatos de salto alto, comprados para aquela noite, produziram um clique-claque satisfatório no sólido chão de madeira ao avançar para a porta, agarrando, grata, a maçaneta, de repente ávida por sair, por apanhar um pouco de ar puro antes dos deveres da noite. Mas, ao abrir a porta, deteve-se.

O telefone continuava a tocar, insistentemente, exigindo a sua atenção. Devia sair e não atender, pois dificilmente a chamada lhe seria dirigida. No entanto, quem ligava estava claramente ansioso por ser atendido, e a única pessoa que tinha aquele número era a sua

agente. Barbara sabia que Maxine tinha sempre o telemóvel desligado quando trabalhava, por isso seria ela a tentar contactá-la? Teria havido uma alteração de última hora na agenda da noite? Talvez tivesse novidades sobre um novo contrato? Talvez até alguma venda no estrangeiro?

Atravessando a sala, Maxine avistou o telefone instalado na parede e pegou no auscultador.

— Estou? — Deparou-se com silêncio. Irritada, voltou a tentar. — Estou?

— Olá, Maxine.

Era uma voz masculina. Contara com a sua agente, pelo que ficou surpreendida ao ouvir o sussurro suave e ceceado.

— Quem fala? — Ele não respondeu, mas ela ouvia-o a respirar. — Onde é que arranjou este número?

Seguiu-se mais uma longa pausa, e Maxine já ia a desligar quando, por fim, o homem voltou a falar, com as suas palavras contidas a deixá-la sem fôlego.

— Tens uma hora de vida.

21

— Estás a reconhecê-lo?

Helen inclinou-se mais para a frente, espreitando para o rosto fantasmagórico no ecrã. A pergunta de Charlie ficou a pairar no ar, mas Helen levou o seu tempo, examinando de perto as feições. Alice Wright, uma estrela da equipa tecnológica e perita em melhorias digitais, passara a última hora a manipular o contraste, a reduzir o brilho, a aumentar e a focar de novo a imagem, tendo daí resultado uma fotografia decente do invasor. Esguio e magro, com a barba por fazer, maçãs do rosto proeminentes e uma expressão abatida e perturbadora, ele olhou para Helen, apanhado de surpresa ao fitar a câmara.

— Não me parece que seja o King.

Virou-se para Charlie e Joseph, solicitando uma opinião. Alice baixou o olhar, desejando ser uma presença invisível entre os inspetores.

— A cara é demasiado magra — murmurou Charlie.

— Calculo que possa ter perdido peso. Já lá vai muito tempo...

— Ainda assim, a forma do rosto não parece a do King.

— E reparem nisto — interveio Joseph.

Tocou no ecrã, desta vez sem apontar para o rosto do homem, mas antes para a sua mão esquerda, visível na escuridão, caída de lado.

— Estou a contar cinco dedos. Veem cinco?

Helen voltou a observar com atenção. Sabia exatamente ao que se referia Joseph — uma das peculiaridades de King era o facto de ter apenas quatro dedos na mão esquerda, herança de um acidente na quinta durante a infância. Era difícil ver com precisão no monitor, já que os dedos se apresentavam unidos, mas o tamanho geral e a

forma da mão sugeriam que nada faltava, que havia de facto um pedaço de carne junto ao dedo anelar do homem. Helen sentiu um alívio imediato; nunca acreditara verdadeiramente que o agressor de Lanning fosse King, mas ainda assim soube-lhe bem descartá-lo logo na fase inicial. Recompondo-se, prosseguiu:

— Então, quem é?

O trio voltou a inclinar-se para a frente, procurando pistas nas feições do homem.

— Eu nunca me cruzei com ele — afirmou Joseph, baixinho, soando um pouco desalentado.

— Nem eu — disse Charlie.

— Dá para passá-lo pelo sistema? — perguntou Helen, virando-se para Alice.

— Não há pormenores suficientes para reconhecimento facial. Já tentei. E não vi ninguém recentemente que encaixe no perfil. Efetuei uma verificação para todos os condenados ou acusados neste tipo de ataques... estrangulamento com arame, garrote ou algo semelhante.

— E?

— Nada, lamento. Se procurarem facas, tacos de basebol, tijolos, é uma coisa diferente. Mas este é um *modus operandi* muito específico.

— E isso diz-nos o quê?

A pergunta de Helen não se dirigiu a ninguém em particular, mas Alice afastou-se de imediato. A sua função passava por prestar assistência na análise de provas, e não por apresentar teorias.

— Pode ser coincidência — referiu Joseph, mas até ele não soou muito convencido. — Ou pode ter sido deliberadamente encenado para disfarçar a identidade do verdadeiro assassino?

— Ou terá sido um homicídio inspirado noutra?

Foi dito com alguma hesitação, mas a sugestão de Charlie foi certa. Helen presumiu, tal como 99 por cento dos seus colegas, que King se suicidara depois da fuga dos adolescentes, incendiando a casa da família antes de se lançar de Buttler's Point. O facto de o corpo não ter aparecido nada indicava — muitos cadáveres não davam à costa, desaparecendo para sempre no canal —, e Helen sentia-se pouco inclinada a acreditar nos embustes e nas teorias da

conspiração. Contudo, perturbava-a o método usado na morte de Lanning. Desde o início que se interrogava se alguém poderia ter deliberadamente imitado, ou até recriado, os crimes de King, embora até então não tivesse dado voz à sua ideia. Charlie — tantas vezes a sua caixa de ressonância — fizera-o por ela.

— Com que objetivo?

— Notoriedade — respondeu simplesmente Charlie. — O King é famoso, um assassino fantasma. Talvez quem fez isto nos queira levar a pensar que ele regressou.

— Ou talvez queiram suplantá-lo?

A sugestão de Joseph não era reconfortante, mas também não poderia ser descartada. Numa era que se deleitava com o crime real, onde *podcasts* e documentários sobre assassinos e as suas vítimas eram comuns, a teoria de haver crimes perpetrados por imitadores não podia ser ignorada. Por certo que não seria irreal a possibilidade de alguém se ter tornado tão obcecado com King — com a ideia de King — que a fronteira entre fantasia e realidade se dissipasse.

— Podem consultar sites de fãs ou fóruns de crimes — sugeriu então Alice —, mas, para ser sincera, a maior parte do material assustador está na *dark web*, e isso levar-vos-ia imenso tempo a entrar.

— Temos mais alguma coisa? — questionou Helen, esforçando-se ao máximo por parecer animada.

— Nem por isso — respondeu Alice, desculpando-se com um encolher de ombros. — Esta é a imagem facial mais nítida que temos. A vossa melhor aposta será partilhá-la com a população, para ver se desperta a memória de alguém.

— E não há nada no resto das gravações?

— Nada que se destaque.

Alice voltou a teclar, e a imagem no seu *iMac* alterou-se, com o rosto do homem a desaparecer, substituído por uma imagem maior do intruso a forçar a entrada. Quando carregou no *Play*, o intruso retomou as suas atividades, antes de atrair a atenção das luzes de segurança.

— Tenta, falha e faz asneira — prosseguiu Alice. — Cerca de um minuto depois, parte nalguma espécie de viatura.

Nos limites do enquadramento, a ponta mais afastada do jardim de Lanning foi fugazmente iluminada por dois raios de luz idênticos, antes de se desviarem, mergulhando o relvado de novo na escuridão.

— O veículo foi apanhado por alguma das outras câmaras?

Alice abanou a cabeça, tirando-lhe as esperanças.

— O melhor que temos é isto.

Parou um ficheiro e abriu outro. Desta vez, viam-se gravações da câmara de segurança na frente da casa. De imediato, verificou-se que a lente da câmara apontava com firmeza para baixo — para os degraus da entrada, o carreiro, o lago no jardim da frente —, mais do que para a estrada.

— Veem-se os faróis quando o veículo passa e depois...

As luzes desapareceram de vista, uma impressão fugaz do intruso, e a seguir apenas escuridão, a calma imóvel de uma noite de outono numa aldeia adormecida.

— Volta a passar — pediu Helen.

Alice obedeceu. O quarteto observou a gravação, desejando poder esticar o pescoço para lá dos limites do ponto de vista da câmara para obter uma perspetiva da viatura a partir, mas de nada valeu.

— Outra vez — tornou a pedir. Helen reparou que Charlie lhe lançava um olhar que parecia questionar a sensatez de repetir visualizações, mas ignorou-a. E, desta vez, a sua persistência foi recompensada. — Ali. — Alice parou a gravação. — Um bocadinho para trás; agora devagar... — Alice fez o que lhe foi pedido, recuando a filmagem *frame a frame*. — Para. — Assim que o fez, os outros também o viram: algo pequeno e indistinto refletido no lago do jardim da entrada. — Podes aproximar mais?

Alice obedeceu, e o reflexo tornou-se maior, mais nítido. Era a traseira da carrinha, apanhada enquanto partia. Devido ao ângulo, não era uma imagem perfeita, mas o para-choques traseiro do veículo estava parcialmente visível, assim como as três últimas letras da matrícula — VZL.

— O que é isso? Uma *Ford*? — questionou Alice.

— Não — respondeu Joseph. — É uma *Vauxhall Vivaro*. Percebe-se pela forma como o para-choques é saliente.

— Então, temos de verificar todas as *Vivaros*, registadas

localmente, com essas letras na matrícula. — Todos se levantaram, com o entusiasmo e a esperança a pulsar dentro de si. — Então? Estão à espera de quê?

Joseph e Charlie saíram a correr. Helen deteve-se para agradecer a Alice, pedindo-lhe que imprimisse cópias da matrícula parcial, antes de regressar à sala de operações. Uma vez mais, Helen sentiu aquele formigueiro habitual, a sensação que acompanhava sempre a descoberta de uma nova pista. Não era muito, mas era alguma coisa.

Era uma pista que poderia levá-los diretamente ao assassino de Justin Lanning.

Emilia escolhera o seu ponto de observação com cuidado. Do seu lugar, perto da secção de autoajuda, tinha uma vista desimpedida para a entrada, mas, escudada pela volumosa estante, não era visível. Poderia manter-se ali sem que dessem por ela, escondida dos funcionários e, esperou ela, da própria Maxine.

Fãs, jornalistas e curiosos já deambulavam por ali há meia hora. Alguns paravam para conversar com a gerente ou observar os expositores, mas a maioria entrava na loja, na direção das cadeiras dispostas à espera da atração. Muitos chegaram cedo na esperança de arranjam espaço na fila da frente, ávidos por estarem à distância de um toque da mulher do momento; as filas ainda se enchiam com grupos entusiasmados de leitores. Mas Emilia optara por uma abordagem diferente, preferindo manter-se perto da entrada.

Depois de ter terminado o texto, correria para a Waterstones, com a intenção de avaliar o ambiente. Alguns escritores tinham assessores, agentes e editores em fila naqueles eventos, uma dedicada equipa de apoiantes que rapidamente se poderia tornar uma falange protetora, se alguém desagradável perturbasse o momento. Ela não se deslocara ali para comprar o livro — já o lera — nem para pedir um autógrafo a Pryce. Fora ali para a interrogar sobre a morte de Justin Lanning.

Já tentara falar telefonicamente com Pryce várias vezes, mas as chamadas haviam sido rejeitadas. Pryce estava a tornar-se cada vez mais famosa, atraindo as atenções dos jornais e outros meios de comunicação social nacionais, pouco tempo lhe restando para a imprensa local. Emilia teria então de ir atrás dela para obter informações, algo a que já recorrera muitas vezes no passado, embora por norma não numa livraria. No local encontrava-se a

agente de Pryce, mas mais ninguém a nível oficial, o que era bom, mas ainda assim teria de ser lesta. Assim que Pryce entrasse na área principal da livraria, seria carinhosamente abraçada por um evento concebido unicamente para a exibir a si e ao seu trabalho. Seria rodeada por funcionários da loja, fãs e admiradores, sendo que ninguém iria apreciar a intervenção de Emilia. Não, a chave passava por deitar a mão a Pryce assim que entrasse no edifício. Seria apanhada desprevenida, e Emilia provavelmente conseguiria fazer duas ou três perguntas antes que a agente dela interviesse. Algo de importante que Pryce dissesse seria de imediato publicado no *Twitter* de Emilia e a seguir reciclado para a edição do dia seguinte. Não havia nada como uma citação direta da própria fonte.

O público não parava de entrar — mães e filhas, grupos de jovens mulheres a conversar, um ou outro homem —, mas nem sinal de Pryce. Aquilo não era nada típico dela — Pryce era praticamente uma profissional na matéria —, mas Emilia calculou que toda a gente quisesse falar com ela, em especial depois dos acontecimentos perturbadores da manhã, pelo que iria dar-lhe um desconto.

Mantendo-se atenta à entrada da livraria, Emilia passou os olhos por alguns títulos de autoajuda — *Aprenda a Amar-se, Pensamentos FELIZES* —, antes de desviar o olhar, repugnada, espantada por alguém poder ser ludibriado por aqueles vendedores de banha da cobra. Em vez disso, preferiu deitar uma espreitadela à primeira página do *Evening News*, que ainda trazia debaixo do braço.

Ao fazê-lo, observando o rosto radiante e atraente de Lanning, um calafrio percorreu-lhe a coluna. Aquele indivíduo tinha tudo, tanto a viver pela frente, mas os seus dias haviam chegado ao fim, com a vida a ser-lhe furtada num estaleiro de obras isolado. Era uma forma horrível de se partir. Emilia não se poupou nos pormenores, e já estava a gerar efeito — o *feed* do seu *Twitter* fervilhava de comentários e interrogações. Como é que iriam reagir, pensou ela, ao testemunho direto de alguém que o conhecia intimamente, que escapara do inferno com ele, para então ver o seu amigo ser-lhe levado? Emilia já se sentia entusiasmada com o encontro iminente e esperançosa no que iria obter do mesmo — o que os seus leitores desejavam era emoção pura, dor pura.

O fluxo de fãs começava a diminuir, e Emilia espreitou para o relógio — 19h08. Maxine estava atrasada para o seu próprio lançamento. Emilia detetou um grupo de funcionários da loja a conversar com ansiedade, com expressões preocupadas. Teria acontecido alguma coisa? Seria possível que Maxine não aparecesse? Teria desistido? Isso parecia-lhe improvável no seu grande dia.

O pessoal começava a dispersar, regressando às suas posições junto às cadeiras. Emilia observou-os com atenção, tentando interpretar a sua linguagem corporal. Pareciam tensos, mas calmos. Significaria isso que teriam recebido notícias de que Maxine vinha a caminho? Ou disfarçavam apenas o incómodo?

De uma maneira ou de outra, não valia a pena abandonar o seu ponto de observação. Iria camuflar-se no cenário de fundo e seguir o seu plano... à espera do momento ideal para atacar.

23

— Isto tem que ver com o Justin?

Ele esforçou-se por manter uma voz firme, mas Charlie detetou a ansiedade latente sob a superfície.

— É isso mesmo. Estou a falar com as pessoas, com amigos e colegas, a tentar perceber melhor como era a vida dele.

Não era inteiramente verdade, mas pareceu deixar Callum Harvey mais descontraído. Parecera um coelho assustado ao abrir a porta, espreitando como se contasse com uma surpresa desagradável, mas a seguir pareceu descontraír um pouco.

— Então, mais vale entrar.

Daí a nada, estavam instalados na pequena sala de estar, com chávenas de chá nas mãos. A cada minuto que passava, a ansiedade de Callum parecia aligeirar, à medida que se ia abrindo aos poucos com Charlie. Na verdade, esta ficou com a impressão de que ele estava satisfeito com a companhia dela, que queria conversar com alguém.

— Éramos chegados — contava Callum, enquanto bebericava o chá. — Entrámos juntos para a escola no sétimo ano e ficámos logo amigos. Ele gostava de futebol, futebol americano, *Xbox*, tudo o que eu gostava. É claro que ele era adepto do Portsmouth, mas essa eu deixei passar... — Sorriu face à recordação, e Charlie surpreendeu-se com o efeito que teve. Callum era pálido e magro, sempre com uma expressão cerrada, como que a contar que o céu lhe caísse sobre a cabeça. Mas, quando sorriu, o seu rosto iluminou-se, revelando uma simpatia e um humor até então escondidos. — Éramos muito diferentes. O Justin era mais extrovertido, talvez mais confiante... mas éramos bons companheiros.

— *Eram?*

Callum ergueu o olhar, mas não pareceu irritado com a pergunta.

— O que aconteceu... com o King... mudou tudo. Depois disso, as nossas famílias tomaram conta de nós, encaminharam-nos para psicólogos, e... e deixámos de nos ver tantas vezes. Os pais do Justin decidiram retirá-lo da escola, enviando-o para uma escola pré-universitária em Dorset, onde atrairia menos atenções. Mas fomos mantendo contacto; o melhor que podíamos, pelo menos.

— Com que frequência falavam?

— Uma vez por mês... uma chamada ou uma mensagem...

— E como caracterizaria o vosso relacionamento?

Callum refletiu um pouco antes de responder:

— De apoio. O Justin estava a safar-se bem, dava para ver, por isso sempre que o via mencionado na imprensa local enviava-lhe uma mensagem. Quando construiu a casa nova, fui lá ver. Fiquei contente por andar feliz e queria que ele soubesse disso.

— E ele?

— Ele estava igual a si mesmo. Eu... eu nunca tive tanto de que me gabar como ele, para ser sincero. Mas, para mim, o importante sempre foi tentar manter-me equilibrado, no que toca... a não deixar que as nossas experiências passadas me definissem. — Foi dito com otimismo, determinação; nitidamente, era uma batalha árdua. — O Justin sempre me encorajou. Sempre disse que tínhamos uma escolha na vida: sermos felizes ou não sermos felizes. Que, em última análise, dependia de nós. Tinha razão, e sempre lhe fui grato por me ter obrigado a mudar a minha vida. Portanto, não nos víamos com regularidade, mas éramos chegados. — Charlie assentiu com a cabeça, tomando algumas notas. — Faz alguma ideia do que lhe aconteceu? — A agente ergueu os olhos, surpreendida com a pergunta. — O que eu quero dizer é se tem alguma ideia da razão por que foi assassinado ou quem...

— Ainda estamos a seguir várias linhas de investigação. — Callum semicerrou ligeiramente os olhos, como se desconfiasse que estava a ser despachado. — Mas há algo que gostaria de lhe mostrar. — Esta era a verdadeira razão da visita dela. Levando a mão à mala, Charlie

retirou de lá uma folha A4 impressa. — Não se importa de olhar para esta fotografia e dizer-me se reconhece esta pessoa.

Callum pegou na fotografia, observando a imagem granulada a preto-e-branco da casa de Lanning.

— É a casa do Justin... — disse Callum, parecendo chocado.

— Isso mesmo.

— E este tipo estava a tentar forçar a entrada?

— Não tenho autorização para revelar isso — respondeu Charlie, num tom apoloético —, mas posso dizer-lhe que temos todo o interesse em identificá-lo.

Uma afirmação que ficava aquém da realidade. Aquela figura sinistra era a melhor pista que tinham, e, tendo em conta que poderia haver um elemento de imitação naquele crime brutal, Helen manifestara todo o interesse em conversar com os antigos colegas de escola de Lanning, na eventualidade de eles terem alguma preocupação face à sua segurança ou de terem alguma informação pertinente a transmitir. O inspetor Osbourne fora falar com Fran Ward, enquanto a Charlie fora pedido que abordasse Harvey.

— Eu... eu não sei — disse Callum, de repente tenso. — A iluminação é muito má e há uma sombra a tapar-lhe parte da cara... — Charlie observou-o atentamente, intrigada com a sua reação. — Mas... posso tê-lo visto...

— Continue.

— Estava um tipo na estrada aí há cerca de uma semana. Não o reconheci e ele não parecia estar à espera de ninguém. Andava só por ali...

— Falou com ele?

— Não. Fui só comprar leite e, quando voltei a casa, já não o vi.

— E tem a certeza de que era este tipo?

— Não... — Callum ergueu os olhos da fotografia. — *Podia* ser ele. O rosto tem uma forma semelhante, assim como o físico, mas vi-o à luz do dia, e isto foi de noite cerrada... Desculpe, não dá para ter a certeza. — Devolveu-lhe a fotografia, mas pareceu relutante em largá-la, com Charlie a ter de puxar um pouco para lha tirar. — Há algum problema? — A voz dele tremia ligeiramente. — Corro

perigo?

Ficara mais pálido do que quando ela chegara — se é que isso era possível —, pelo que Charlie se sentiu na obrigação de o reconfortar.

— De maneira nenhuma. Tal como eu disse, andamos só a falar com as pessoas. O homem na fotografia pode ser relevante, ou não. Estamos a contactar os amigos do Justin, para ver se ele referiu alguma preocupação, alguma inquietação...

— Além das óbvias?

— Como assim?

— A Maxine.

O tom dele revelou-se estranhamente duro.

— Vocês não se dão bem?

— Bem, nós éramos amigos... havia um certo grau de amizade... mas recentemente...

— Por causa do livro dela?

Callum assentiu com a cabeça.

— Nenhum de nós o queria publicado.

— Porque também era a vossa história? — Mas ele já estava a abanar a cabeça. — Então, tinha que ver com o dinheiro? Com o facto de estar a lucrar com...

— Não, não era nada disso. Estou-me a lixar para o dinheiro. Eu... eu só queria que o que nos aconteceu ficasse no passado. Queria que permanecesse enterrado... — A voz dele tremeu quando o disse. Mesmo após passados tantos anos, o legado do trauma de Callum permanecia próximo da superfície. — O Justin... ele também tinha as suas reservas em relação ao livro, mas para mim... Nunca percebi porque é que temos de estar sempre a falar do assunto, porque é que a Maxine tinha de voltar ao assunto precisamente quando eu estava a voltar a erguer-me... — Lançou um breve olhar a uma fotografia emoldurada na cornija da lareira; uma bela fotografia de uma jovem sorridente. — Construí uma nova vida. Tenho uma namorada simpática, uma casa nova. Quando as pessoas olhavam para mim, conversavam comigo, viam isso... um tipo normal a levar a sua vida. Mas, depois de a Maxine dar todas aquelas entrevistas e a seguir escrever o livro, de repente as pessoas só viam o outro eu... aquela vítima toda suja e semidespida, o rapaz que molhou a cama todas as

noites ao longo de três anos, que não conseguia falar sem gaguejar... É o que as pessoas pensam ao olhar para mim. Pensam naquele rapazinho, na... naquele pobre rapazinho... — O seu tom de voz era zangado, mas destrozado, como se todo o seu progresso recente não passasse de uma máscara que ocultava o seu terrível drama. Talvez, no fundo, não passasse de um rapazinho. — Eu só queria esquecer isto, e pronto. Não é pedir muito, pois não?

O seu apelo foi direto, fervoroso. Charlie ficou compadecida. Era visível que ele tentara esforçar-se ao máximo por dar um novo rumo à sua vida, mas na realidade ainda era definido pelos acontecimentos que tinham ocorrido oito anos antes; ainda permanecia preso aos fantasmas do seu passado.

24

Ela apressou-se pela rua fora, lançando olhares acusadores aos rostos que passavam. O tipo de cabelo preto curto estava a olhar para ela? Porque é que o velhote de repente parou ao passar por ela? Estaria um daqueles estranhos a fitá-la, escolhendo o momento certo para atacar?

Durante uns momentos após o telefonema, Maxine permaneceu imóvel, incapaz de se mover, incapaz de processar o que acabara de lhe acontecer. Não lhe pareceu real... No entanto, quem lhe ligara parecera tão determinado, tão confiante de que levaria a cabo a sua ameaça, que ela não teve dúvidas de que cumpriria a promessa. Foi tomada pelo medo, com a mão a tremer de tal modo que acabou por largar o telefone quando sentiu as lágrimas a picarem-lhe os olhos. Por norma, não era uma pessoa medrosa, mas o que ele lhe dissera...

Lá acabou por se recompor. Ainda sentia o coração sobressaltado, mas a sua mente começara a clarear. Sabia que se aproximava a hora do lançamento e que provavelmente deveria cancelá-lo, mesmo que tão em cima da hora, mantendo-se trancada em segurança no apartamento. Mas pensar nisso deixou-a ainda mais aterrorizada. Ele sabia onde ela se refugiava, conhecia o apartamento, tinha o número de telefone. Parecia impossível, mas ele *sabia*. O que significava que ela corria perigo.

De repente, percebeu que teria de sair. Teria de se obrigar a pôr um pé à frente do outro e ir a algum lugar onde houvesse gente, luzes fortes, segurança. O seu refúgio parcamente iluminado e discreto pareceu-lhe então o pior lugar para se estar. Assim, abrindo a porta com cuidado, verificando duas, três vezes se o corredor se apresentava deserto, saiu a correr. Passou pelos elevadores e desceu

para a rua pelas escadas de emergência.

Anoitecia e havia imensa gente na rua apressando-se rumo a casa depois do trabalho, ou indo para a cidade para uma saída noturna. De início, Maxine sentiu-se reconfortada com a presença de tantas pessoas, mas, lentamente, foi tomada pelo medo. Quem lhe ligou... estaria escondido junto ao apartamento? Estaria a persegui-la naquele preciso momento? Virou-se repentinamente para trás, mas não lhe pareceu que houvesse um perigo imediato. Na realidade, o mundo parecia seguir o seu curso normal, profundamente alheado da aflição dela.

Estugando o passo, Maxine deitou uma olhadela ao relógio — 19h22. Haviam decorrido 22 minutos desde que recebera a chamada, mas até então permanecia em segurança, estava viva. Pareceu-lhe bem continuar em movimento — isso por certo faria dela um alvo mais difícil, não? — e deu por si a começar a correr. Não estava vestida para isso, com sapatos de salto alto e um vestido justo. A Waterstones ficava apenas a uns minutos, e o facto de estar atrasada para o lançamento até poderia ser positivo; com alguma sorte, encontraria uma grande multidão à sua espera, que a faria sentir-se segura.

Tal pensamento deu-lhe força, pelo que começou a caminhar mais depressa. Atravessando a rua, avistou a placa para Westquay Centre e seguiu nessa direção, afastando-se da rua principal. Aquele lado da rua era menos movimentado, mais isolado, mas não havia outra forma de chegar à livraria, pelo que Maxine seguiu em frente. Estava mais vulnerável a um ataque, mas o facto de ir praticamente a correr parecia que lhe dava uma oportunidade. Não cortou o ritmo, acelerando para o seu destino, para a sua segurança, esquadrinhando os rostos dos transeuntes, enquanto avançava pela rua tranquila.

Seguiram em silêncio no carro. Helen ia ao volante, abrindo caminho por entre o trânsito do anoitecer, enquanto Joseph seguia no lugar do passageiro, a olhar pela janela, perdido nos seus pensamentos. Quando ele desligava assim, Helen não fazia ideia para onde ele ia. Estaria a pensar nele mesmo? Nela? Na tarefa que tinham em mãos? Não lhe era possível ter a certeza, confortando-se por saber que, quando chegasse a altura de ele se envolver, quando ela necessitasse dele ao seu lado, ele diria «presente».

Passaram os dados parciais no sistema de busca de matrículas e, em segundos, obtiveram uma curta lista — três *Vauxhall Vivaro* cinzentas com registo local. O eficiente inspetor Bentham já localizara duas, tendo falado primeiro com os proprietários, antes de enviar agentes para verificar os movimentos recentes tanto do veículo como do condutor. Uma carrinha pertencia a um serviço de entregas e a outra a uma florista, e nenhuma delas levantou quaisquer suspeitas. Já a última carrinha revelou-se mais interessante.

A viatura estava registada em nome de um tal Simon Collins, cuja morada se localizava em Freemantle. O endereço era bem real, mas o próprio Collins parecia ser uma ficção. Não constava do registo eleitoral, e a carta de condução e o título de propriedade eram falsificações, apesar de convincentes. Nitidamente, alguém precisou de uma carrinha — com os impostos em dia e com documentação — que não desse nas vistas, servindo para ocultar a identidade da pessoa que a conduzia. Fora um longo dia, mas ainda assim Helen decidira sair para ir ela própria à morada, em vez de delegar a tarefa num dos seus inspetores. Joseph oferecera-se para a acompanhar.

— Sabes que não era preciso vires — referiu ela, sempre de olho na estrada. — Está a ficar tarde e o Reid teria todo o gosto em alinhar.

— Estou intrigado.

— Comigo?

— Com o dono da carrinha — respondeu Joseph, sorrindo face à provocação de Helen. — Não fazemos a mínima ideia de quem seja, de qual será a jogada dele e do quanto se poderá revelar perigoso.

— Provavelmente, nem vai lá estar — disse Helen.

— Ainda assim.

Chegaram a um cruzamento. Helen aguardou que um camião passasse vagarosamente e depois avançou, virando para a Paynes Road. Seguiam a grande velocidade, mas no anonimato. Não havia ameaça imediata à vida, pelo que dispensaram as luzes e as sirenes. Helen queria chegar sem se fazer anunciar.

— É evidente que gosto de ter a minha equipa de comando na linha da frente da investigação — prosseguiu Helen, ignorando a tentativa de Joseph de encerrar a conversa. — Mas temos um longo caminho pela frente...

— Eu agradeço.

— E, tal como já falámos, sei tomar conta de mim.

— Eu sei.

Foi dito de um modo simples, até carinhoso, como se ele estivesse absolutamente relaxado com toda a situação, mas a verdade é que insistira em acompanhá-la.

— E ninguém vai pagar horas extraordinárias...

Joseph riu com gosto e virou-se para o outro lado, espreitando o trânsito pela janela. Helen olhou de relance para ele, tentando adivinhar-lhe os pensamentos. Já há algum tempo que sentia uma tensão dentro dele, uma frustração escondida algures. Joseph parecia ansioso por estar no coração de tudo, a orientar a operação, nunca demasiado longe dela. De início, Helen achara que se deveria apenas ao facto de querer passar tempo com ela, mas dera por si a mudar de ideias. Havia nele uma certa inquietação, uma impaciência e até um indício de competição com Charlie, como se pretendesse equiparar-se a ela em importância, ou até suplantá-la. Acharia Joseph que ainda tinha de provar o seu valor? Haveria algo a incomodá-lo, algum

fantasma a necessitar de ser exorcizado? Ou existiria um problema entre os seus dois subalternos mais diretos?

Desde que Charlie anunciara a sua gravidez, começara aos poucos a deixar a atividade na linha da frente, em favor de tarefas menos perigosas. Era ainda essencial em todas as investigações, mas desempenhava um papel mais tático, reunindo informações, analisando teorias e ajudando Helen a dirigir as operações. As corridas, os saltos e os pontapés seriam deixados para outros. Sentir-se-ia Joseph desconfiado, até invejoso, da amizade entre as duas mulheres? Ou seria política de esquadra à moda antiga, um ambicioso sargento-inspetor a tentar obter vantagem face à ausência iminente de uma colega? Não seria o primeiro agente a aproveitar-se da licença de maternidade de alguém. Helen não o aprovava — e era certo que iria evitar que tal sucedesse —, mas, se fosse isso, pelo menos saberia com o que lidava. Porém, na verdade, não fazia ainda a mínima ideia do que se passava, do que o inquietava. Sentira-se muitas vezes tentada a perguntar diretamente a Joseph, mas retraíra-se sempre, por temer uma má interpretação da situação da parte dele. Queria ir ao fundo do desconforto de Joseph, para compreender a tensão latente dentro dele, mas qualquer exame mais profundo ao assunto iria ter de esperar.

Tinham chegado.

— Como é que queres fazer?

Joseph baixou o tom de voz, apesar de haver poucas hipóteses de alguém os ouvir. Helen espreitou pelo para-brisas para a casa em frente, cujas cortinas andrajosas se apresentavam bem fechadas, isolando o interior do mundo. Não havia sinais da carrinha na rua, mas lá dentro havia uma luz ténue, visível apenas através das cortinas do primeiro andar.

— Pensei em bater à porta para ver se aparece alguém.

Foi dito com um sorriso. Divertida, Helen não conseguiu evitar pensar que Joseph pudesse achar que ela iria içar-se por uma janela.

— Parece-me bem. É simples, eficaz... — reagiu ele, sorrindo.

— No entanto, se quiseses ir pelas traseiras, não diria que não. Nem precisas de ser subtil; posiciona-te junto à porta das traseiras e vê se sai alguém.

— Entendido, chefe.

Joseph já abrira a porta do carro e ia a caminho. Helen deu-lhe uns minutos e então avançou, saindo da viatura e atravessando a rua. Era uma via movimentada, um atalho local, mas curiosamente discreta, com as casas vitorianas a descascar, imunes até ao momento a um aburguesamento. A maioria fora dividida em T2; pareciam brinquedos pouco acarinhados e abandonados, com entulho espalhado pelos minúsculos jardins da frente.

Batendo com força à porta, Helen ficou atenta a uma eventual reação no interior. Aguardou dez segundos, e outros dez, mas não houve resposta evidente à sua presença.

— Polícia. Abra...

Voltou a bater, três, quatro vezes, para depois regressar ao seu

ponto de observação privilegiado. E daquela vez houve uma reação. Uma ligeira agitação nas cortinas no andar de cima, com uma sombra de um vulto por trás. Helen esforçou-se por distinguir o *voyeur*, mas a aparição afastou-se, desaparecendo de vista.

Passaram-se dez segundos, e depois outros dez. Não se ouviu barulho no interior, nada de tábuas a ranger, nada de escadas a gemer — nenhum sinal de que o ocupante estivesse disposto a deixá-la entrar. Helen avançou para voltar a bater à porta, mas desta vez reparou em algo. A porta da frente era velha e empanada, curvando em cima e em baixo, deixando um espaço em relação ao caixilho, o que indicava que apenas se aguentava no seu lugar graças à velha fechadura *Yale*. Helen ponderou voltar a bater, mas só teve de se encostar, aplicando uma pressão firme, mas intensa. A porta gemeu um pouco, um ligeiro chiar à medida que a madeira cedia e lascava, até a fechadura dar de si. A porta abriu-se então para trás, revelando um corredor às escuras. Pondo-se a postos, Helen inspirou fundo e entrou.

O soalho rangeu bem alto quando fechou a porta atrás de si. Helen deteve-se, pondo-se atentamente à escuta. *Isto é movimento lá em cima?* Lançou um olhar para a sala de estar do rés do chão, mas pouco havia ali, a não ser uns jornais espalhados e um televisor cuja ficha fora arrancada da tomada. A cozinha, que dava para o jardim das traseiras, também se encontrava mergulhada numa escuridão absoluta, pelo que Helen não perdeu tempo, subindo vagarosa e atentamente as escadas, sempre atenta ao patamar superior.

Já no topo, deu por si num espaço estreito. Logo em frente havia uma casa de banho sórdida, a cheirar a mofo, como se os ralos se tivessem cansado de trabalhar. Curiosamente, o fio para acender a lâmpada ainda se mexia, balançando suavemente para a frente e para trás, pondo Helen imediatamente de guarda. Teria alguém acabado de sair do quarto, ou seria apenas da brisa que saía pela aba de ventilação? Entrando, tentou abrir a janela, mas esta recusou-se a ceder, aparentemente colada pela tinta.

Recuando de novo para o patamar, observou em redor. Havia um pequeno quarto nas traseiras, enquanto um maior dava para a rua. Helen escolheu o primeiro, entrando com determinação na pequena

divisão. Tinha o corpo tenso, estava pronta para a eventualidade de alguém se lançar a ela... mas o quarto estava vazio. Continha um armário, uma cama de solteiro e pouco mais. Virando-se, apressou-se para o quarto principal.

A porta estava entreaberta, o que não lhe permitiu espreitar para o interior. Tal levou-a a hesitar; não havia outro lugar onde o suspeito pudesse estar escondido. Se Helen estivesse certa, a figura fantasmagórica apanhada na videovigilância de Lanning estaria a poucos passos de onde ela se encontrava. Recorrendo à biqueira da bota, abriu a porta. Esta cedeu, rodando com facilidade sobre a dobradiça antes de se deter. Inspirando, Helen entrou.

Avançou depressa, com o olhar a varrer a divisão. Contava com problemas, talvez até com um ataque pessoal, mas também aquela divisão se encontrava deserta. Avançando ainda mais, abriu as cortinas, achando que poderia haver alguém escondido atrás das mesmas, mas também nisso ficou desiludida.

Virando-se para trás, observou com atenção o quarto vazio. Era frio e despido, com um colchão manchado. O armário estava aberto e vazio, e havia pouco de interesse... a não ser uma série de pequenas caixas pousadas na cama sem uso.

Aproximando-se delas, Helen pegou numa. Observou o nome da marca — *Samsung* — e abriu rapidamente a caixa, para descobrir no seu interior um *Galaxy S10* novinho em folha. Pousando-a, investigou as outras, descobrindo que eram todas da mesma marca e modelo.

Pegou no rádio e premiu o botão de chamada.

— Aqui nada. Tens alguma coisa?

— Nada. Nenhum movimento — respondeu Joseph, com a sua voz com estalidos e entrecortada a preencher a divisão. — O que há aí dentro?

— Nada. A não ser uma série de *Samsungs* roubados. Todos novinhos em folha, mas em caixas ligeiramente amassadas por terem caído do camião...

Joseph riu-se e Helen prosseguiu com a sua investigação. Mas, nesse momento, ela ouviu algo — um ligeiro som rangente, como uma pequena porta a abrir — e de imediato se apercebeu do seu

erro. O armário no quarto das traseiras. Não verificara o armário.

Correu para a porta, ainda a tempo de ver de relance um vulto preto a desaparecer pelas escadas. Não hesitou, lançando-se pelo patamar e chegando ao cimo das escadas mesmo a tempo de ver a porta da frente a bater na parede. Helen correu pelas escadas, saltando três degraus de cada vez, até aterrar graciosamente no corredor. Então partiu atrás dele, atravessando a porta para a rua.

Ele vestia de preto da cabeça aos pés, mas ainda assim era visível sob a débil iluminação da rua. Tinha um certo avanço em relação a ela, mas de apenas uns 30 metros, pelo que Helen partiu na sua peugada. Sempre em forma, Helen levava o corpo até ao limite nos seus exercícios diários, e agora batia os pés com força sobre o cimento, impulsionada pelas pernas musculadas. A sua presa era veloz, só que ela era mais rápida, e o espaço entre ambos já diminuía. Restava saber se o alcançaria antes de chegarem à rua movimentada mais à frente. Ali, talvez ele pudesse saltar para um autocarro, entrar a correr numa loja ou despistá-la no meio da multidão. Era imperativo que o detivesse antes de ele lá chegar, pelo que Helen intensificou o seu esforço, ignorando o ardor nos pulmões.

A distância entre ambos era agora de 15 metros... 10. O fugitivo pressentiu o perigo e reagiu de pronto, acelerando ainda mais, mas Helen já contava com isso, e também estugou o passo. Quase dava para esticar o braço e agarrar-lhe a camisola preta de capuz, mas então ele surpreendeu-a, guinando de repente à esquerda por entre carros estacionados. Helen derrapou ao parar, mas nesse momento escutou um chiar de travões penetrante e depois um baque metálico surdo.

O suspeito avaliara mal a sua tentativa de fuga e naquele momento rebolava sobre o *capot* do carro. Aconteceu de repente, com o veículo a travar abruptamente, projetando o desafortunado fugitivo para o outro lado da rua. Helen paralisou por um momento, em choque, mas nem assim o fugitivo desistiu, esforçando-se por se levantar. Apercebendo-se do perigo, Helen precipitou-se para a frente, deslizando sobre o reluzente *capot*. O suspeito já se encontrava de pé,

mas era tarde. Helen aterrou no alcatrão mesmo ao lado dele, agarrando a parte da frente da sua camisola e prendendo-o contra um carro estacionado.

O condutor, preocupado, já estava a aparecer, enquanto Joseph chegava ao local, ofegante. Porém, Helen ignorou ambos, baixando o capuz do cativo, que se debatia. Sem fôlego, confusa, Helen olhou para o rosto espantado que a fitava.

A desilusão foi instantânea e esmagadora. Pois não se tratava do suspeito deles, o fantasma da casa de Lanning; na verdade, o fugitivo nem sequer era um homem. A pessoa diante dela era uma adolescente aterrorizada.

— Desculpem, desculpem, desculpem...

As palavras jorraram em torrente.

— Não há problema, não precisa de pedir desculpa. Estamos satisfeitos que aqui esteja.

A expressão da gerente da loja denotava alguma perplexidade — alívio pela chegada de Maxine, a par de uma preocupação evidente pelo seu estado mental. Maxine não podia propriamente culpá-la, pois não só chegara muito atrasada, como se apresentava suada, corada e despenteada. Tanto planeamento para aquela noite — comprara a roupa há mais de um mês — e tudo se desmoronava.

— Veio imensa gente — prosseguiu a gerente, num tom encorajador. — Vai ser uma bela noite. — Maxine assentiu, mas nada disse. — Quer um copo de água? Ou talvez algo mais forte?

— Não, eu estou bem, a sério. — Expirou longa e sonoramente, tentando libertar-se da tensão que sentia. — Eu... eu estava atrasada, por isso tive de vir a correr. Eu fico bem.

E talvez fosse mesmo assim. O espaço encontrava-se repleto de gente. Por certo, ali nada lhe poderia acontecer.

— Bem, assim que estiver pronta, podemos começar. Se tiver a certeza de que se sente bem...

Maxine deitou uma olhadela ao relógio — 19h32. Já decorrera mais de meia hora desde o telefonema.

— Sim, sinto-me bem. Vamos a isso.

A gerente abriu caminho pela loja em direção ao espaço destinado a eventos. Filas de cabeças rodaram para a saudar. Maxine sentiu-se de imediato intimidada — mas agradada — pelo número de pessoas presentes. Havia várias de pé, sem lugar disponível para se sentarem,

e a constatação de que enchera o espaço deu-lhe um impulso de felicidade, de otimismo. Ia correr tudo bem. Certamente o telefonema não passara de uma brincadeira de mau gosto. Uma partida horrível de um qualquer idiota invejoso desejoso de lhe estragar o dia.

Acompanhando a passada da gerente, contornou as cadeiras da frente e subiu para o palco baixo. Apercebeu-se com agrado de uma onda de excitação, de entusiasmo, ficando ainda mais animada. Infelizmente, foi de curta duração, com a gerente a dar início à sessão, agradecendo a presença da plateia e fazendo um curto resumo do trajeto de Maxine até àquele ponto, até àquela noite, até ao lançamento do seu tão aguardado livro. As pessoas aplaudiram e Maxine deu por si a avançar para as enfrentar.

— Obrigada, Samantha, e obrigada a todos pela vossa paciência. Nunca fui grande coisa a cumprir horários... — Um leve murmúrio de risos. O coração de Maxine ainda estava acelerado, mas sentiu-se um pouco mais controlada. — Daqui a nada, gostaria de vos falar do pano de fundo deste livro, sobre a minha vida nos últimos oito anos. — A voz dela estava algo rouca, pelo que pigarreou, desejando soar o mais calma e composta possível. — Sobre o que passei e o que ainda espero alcançar.

Uma idosa na fila da frente olhava fixamente para ela, parecendo enfeitiçada com cada palavra. E então Maxine apercebeu-se da quantidade de olhos colados em si. Fila após fila de pessoas de boca aberta, como se a conhecessem, como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo. Já estivera na televisão e na rádio, mas fora diferente. Ali, a plateia estava mais próxima, e era impossível escapar à sua atenção. Sabia que deveria estar a falar, a preparar a sua leitura, mas deu por si a passar os olhos pela multidão. A olhar para o jovem na segunda fila. Para o tipo de meia-idade cinco filas atrás, que parecia analisar um bloco de notas. Para o vulto magro e careca que a fitava sem piscar os olhos.

De repente, ficou sem saber o que dizer, ou o que fazer. Ficou presa à ideia de que quem lhe ligara se deslocara até ali, estaria naquele momento naquela sala.

— Maxine?

Samantha encontrava-se de novo ao seu lado, e Maxine percebeu que se distraíra com os seus pensamentos sombrios.

— Desculpem, deu-me uma branca. Devo estar nervosa — mentiu, conquistando um sorriso indulgente à idosa da primeira fila. — Tal como eu disse, daqui a pouco vou falar da minha jornada, mas gostaria de começar por ler um pequeno excerto do livro.

Pegando no livro, Maxine abriu na página marcada. Depois, inspirando fundo e tentando conter o seu medo crescente, começou a ler.

Excerto de Uma Noite Sombria, de Maxine Pryce

A verdade é que ficámos animados por entrar na casa. No exterior, o nevoeiro estava impenetrável, e o ambiente, muito desagradável, com a chuva fina a colar-se a nós, conseguindo de alguma maneira infiltrar-se nas nossas camadas de roupa impermeável. Estávamos gelados, molhados, frustrados e assustados. E por isso é que a casa, com as suas lanternas oscilantes e o seu acolhedor forno, nos pareceu um abrigo.

O nosso anfitrião era estranho — acho que todos sentimos isso —, mas recebeu-nos bem, dizendo-nos para pendurarmos as nossas coisas molhadas junto ao fogão e para nos sentarmos à mesa da cozinha. Recordo-me de que ele de início não olhou para nós — como se houvesse algo de intimidante ou contagioso no nosso grupo —, mas na altura achei que seria simplesmente tímido. Fez-nos algumas perguntas aleatórias, alimentando a conversa, mesmo quando nos trouxe algo para comer. Na verdade, eram umas poucas sobras: pão e manteiga, algumas maçãs e umas bolachas de água e sal rançosas, mas até nos soube bem. Estávamos cansados, esfomeados e a atingir o limite das nossas forças.

Toda a expedição se revelara um desastre. Iríamos provavelmente concluí-la, mas bem atrás dos outros. Devido à nossa incapacidade de agarrar um mapa, iríamos ser o motivo de chacota das outras escolas. Naquele momento, o Justin examinava o tornozelo inchado da Rachel, com esta a contorcer-se e a gemer enquanto ele palpava, uma imagem adequada, talvez, da nossa incapacidade e azar. Mesmo que o nevoeiro se dissipasse, será que conseguiríamos encontrar o caminho? Ou ter-nos-íamos desviado de tal maneira do carreiro que teríamos de desistir do objetivo?

— Então, onde é que estamos, exatamente?

A Fran, sempre educada, esforçava-se ao máximo por encetar conversa com o nosso anfitrião relutante.

— Manor Farm.

— Que fica onde?

— Perto de Chilgrove, se sabem onde é. — Nenhum de nós sabia, o que pareceu diverti-lo. — Mas de onde é que vocês são, afinal?

Era a vez dele de fazer perguntas.

— De Southampton, estamos a participar no Prémio Duque de Edimburgo. Bem, estávamos... — Foi o Callum a responder, ele que se sentia ainda mais irritado do que todos nós.

— E para onde iam?

— Provavelmente, para as Urgências mais próximas... — respondeu a Rachel, pesarosamente.

— Mas o nosso destino final supostamente deveria ser Midhurst.

O nosso anfitrião limitou-se a assentir, nada dizendo. Todos tínhamos esperança de que ele pudesse orientar-nos, mas parecia mais interessado em ver-nos comer. Quando também se sentou à mesa, pude olhar devidamente para ele. Era inegável, tratava-se de um tipo estranho. Pequeno, magro, com cabelo claro desgrenhado; poderia ser atraente, mas havia nele algo de estranho. As suas feições delicadas e femininas eram indecifráveis, e o lábio curvava-se de um dos lados, numa expressão que parecia irónica, cruel.

— Já agora, sou a Maxine — disse eu a determinada altura, ansiosa por pôr fim ao silêncio. — E estes são a Fran, o Callum, o Justin e a Rachel.

— Fui eu que dei cabo disto tudo — confirmou a Rachel, desalentada, pousando o pé com cuidado no chão. — Se ela contava que o humor negro o levasse a abrir-se mais, enganou-se. O nosso anfitrião permaneceu resolutamente em silêncio, mas, não sendo pessoa de se deixar vergar, a Rachel prosseguiu: — E você chama-se...?

— Daniel — lá cedeu ele. — Pelo menos, foi esse o nome que me deu a minha mãe. — Todos reparámos. Ele tinha a fala arrastada, apenas um pouco, mas sem dúvida que arrastada. Estaria embriagado? Se sim, até que ponto estaria afetado? Ao instalar-se desajeitadamente na sua cadeira, pareceu divertido, mas não percebi

se seria com os seus convidados ou com os respetivos apuros. — Então, e agora, o que vão fazer?

Era uma boa pergunta. Virei-me para o Justin, mas ele encolheu os ombros, voltando-se depois para a Rachel. Pouco podíamos fazer, além de esperar que o nevoeiro levantasse.

— Há alguém a quem seja suposto li... ligarem? — prosseguiu o nosso anfitrião, gaguejando. — Não tenho telefone fixo aqui e a rede é uma merda...

Retirei sub-repticiamente o telemóvel do bolso. Não era suposto usá-los, a não ser em caso de emergência extrema. Aquela situação poderia muito bem enquadrar-se no caso — afinal de contas, estávamos na casa de um estranho —, mas havia poucas hipóteses de o conseguirmos fazer. Nada de sinal de rede, nada de 3G, nada de nada.

— Nós estamos bem — reagi. — Ficamos aqui à espera de que as coisas melhorem e depois pomo-nos a caminho. Não queremos incomodar.

Eu estava a esforçar-me ao máximo por ser educada, confiante, assertiva, mas não consegui disfarçar por completo a tensão na minha voz. Por razões que eu não sabia explicar, não me sentia confortável. Talvez se devesse aos modos lânguidos do nosso anfitrião, ou à forma como olhava fixamente para nós. Não sabia ao certo, mas percebi que os outros também começavam a sentir o mesmo, em especial as raparigas.

— Não há pressa — replicou o Daniel. — Não há pressa nenhuma. — Levantou-se e avançou até à entrada, dobrando-se para fazer festas aos seus *Dobermanns*, que reagiram ao afago tocando-lhe com os seus focinhos húmidos. — A verdade é que o tempo, antes de melhorar, ainda vai piorar.

Foi a vez de a Rachel dirigir o olhar para mim, sendo patente na sua expressão o desconforto e a culpa.

— Assim sendo, convido-vos a p... p... passar a noite... Tenho muitos quartos.

Seguiu-se um breve mas revelador silêncio.

— Não queremos incomodar — reagiu a Rachel, tão descontraidamente quanto conseguiu.

— Sim, é melhor irmos andando — concordei. — Por isso, se não se importar, vou usar a sua casa de banho e a seguir não o incomodamos mais.

— Mas a vossa roupa não vai secar...

— Temos de ir andando — insisti.

— Bem... se acham melhor. A casa de banho é a segunda porta à esquerda.

Apressei-me rumo ao corredor, de repente grata por sair da sala, e da órbita dele. Havia portas de ambos os lados, mas o interior das divisões estava totalmente às escuras. Corri para a casa de banho. A divisão estava gelada, com o assento da sanita ainda mais frio; percebi que parecia não haver aquecimento central na casa, nem sequer eletricidade. A iluminação era providenciada por candeeiros de querosene e o fogão parecia ser a única fonte de calor. Que lugar era aquele? Porque é que era tão... rudimentar?

Depois de despachada, lavei apressadamente as mãos e saí da casa de banho. Regressando pelo corredor escuro, avancei até à cozinha... mas, entretanto, reparei em algo. A primeira porta à direita, que pouco antes se encontrava entreaberta, estava agora fechada. Eu demorara apenas um par de minutos... O que é que acontecera? Teria sido fechada pelo nosso anfitrião? E, se assim foi, porquê?

Detive-me na soleira da porta. Por momentos, pensei que ele pudesse estar lá dentro, só que, entretanto, ouvi a voz dele na cozinha. Não sei bem porque o fiz — talvez devido a uma incomodativa sensação de que se passava algo de errado —, mas rodei a maçaneta e abri a porta. O interior apresentava-se banhado pela escuridão, pelo que retirei o meu telemóvel do bolso e acendi a lanterna.

Não havia muito para ver, apenas um quarto de entulho cheio de bugigangas e pequenos modelos. Que raio de *geek* era aquele tipo? Mas, ao ver mais de perto, curiosa por saber que lembranças estimava aquele esquivo, reparei numa coisa. As pequenas estruturas brancas, que assumi serem modelos de madeira, eram na verdade... esqueletos. A medo, peguei no mais próximo — era o esqueleto de uma pequena ave, um pardal, talvez, ou uma carriça. Pousando-o de pronto, investiguei os restantes. Havia imensos de

outros pássaros, mas também esqueletos maiores. Não fazia a mínima ideia do que seriam — furões?, doninhas?, raposas? —, mas todo o conjunto, aliado aos inúmeros crânios de animais que preenchiam cada superfície, era arrepiante. Era um quarto mergulhado na morte.

Porque é que alguém havia de acumular tais coisas? Seriam restos de animais que ele encontrara na quinta? Animais que apanhara com armadilhas? Eu já estava com os nervos em franja, pronta a virar costas e fugir, temendo ser apanhada, quando o meu olhar incidiu em algo mais. Por entre os ossos, encontrava-se um pedaço de tecido. Consciente de que não deveria bisbilhotar — que na realidade não *queria* saber —, ainda assim não consegui evitar ver mais de perto. Era um pedaço de tecido rasgado, algodão branco, talvez de uma camisa, e, quando peguei nele, surpreendi-me ao sentir algo no interior. Ao abrir o tecido, dei com um medalhão. Passando os dedos pela bela peça em madrepérola, começaram a acumular-se questões na minha mente. Teria pertencido à mãe dele? A uma namorada? Se assim fosse, porque é que o guardava ali?

Rodando-o, reparei numas iniciais gravadas no metal — «LK».

Um eco de uma memória. Por algum motivo, as iniciais eram-me estranhamente familiares, embora a princípio não soubesse dizer porquê. LK, LK, porque é que aquelas letras me faziam lembrar alguma coisa? O que significavam?

E, então, cheguei lá. De repente, o meu sangue gelou.

Lembrei-me de ter lido sobre um medalhão num jornal local. Uma jovem estudante — Laura Kielty? Lorraine Kielty? — fora atacada numa estrada rural. Um tipo qualquer aparecera do nada, arrastara-a até aos arbustos e tentara estrangulá-la. Escapara, felizmente, mas a roupa rasgara-se no ataque e ela perdera o medalhão — um medalhão que a avó lhe dera no seu décimo sexto aniversário, com as suas iniciais inscritas.

«LK»

O meu coração batia a mil, a minha cabeça latejava, todo o meu corpo estava tomado pelo medo. Não sabia o que dizer ou o que fazer, mas uma coisa era certa.

Enquanto permanecêssemos naquela casa, todos corríamos um

grande perigo.

— Temos de arranjar a fotografia dele o mais depressa possível, para ver se conseguimos cativar o interesse da população.

— Isso não há de ser complicado — reagiu secamente Joseph. — O homicídio do Lanning tem mantido os abutres bastante ocupados.

— Então, vamos ver se conseguimos refrear-lhes o entusiasmo. Pouco mais temos.

Joseph Hudson não discordou do sumário pessimista de Helen face à situação. Tinham seguido para a casa de Freemantle cheios de otimismo, esperançosos numa descoberta que ajudasse ao caso, mas tudo o que tinham conseguido descobrir fora uma vigarista de baixo nível, uma miúda que fora expulsa de casa e que sobrevivia a vender *Samsungs* roubados. Ela jurara que a casa em questão se encontrava vazia há semanas — afirmação confirmada pelos vizinhos — e que só se instalara lá até arranjar um lugar melhor. Nem sequer era provável que fosse a condutora da carrinha desaparecida. Era demasiado jovem para ter carta de condução, e não teria sequer dinheiro para comprar uma carrinha.

O que significava que o esquivo Simon Collins permanecia fora da rede. As câmaras de trânsito não apanharam a carrinha, e a imagem fantasmagórica de videovigilância que tinham do suspeito não refrescara a memória de ninguém em nenhum dos outros departamentos da Esquadra Central de Southampton. Assim, estavam à nora, sem pistas quanto à identidade e localização do homem, com poucas opções que não fosse alargar as buscas. Tal implicaria demasiadas identificações erradas, embustes e pistas falsas, mas talvez viesse a ser útil, se ajudasse a identificar o homem.

Chegados à esquadra, Helen estacionou no único espaço

disponível. Era tarde, mas, a ver pelo ambiente, a equipa ainda trabalhava arduamente. Ela ficou agradada, mas sabia que estava na hora de os mandar para casa. O mais certo era ainda terem um longo caminho a percorrer naquela investigação. Saindo do carro, o par avançou velozmente pelo átrio do edifício de vidro e pedra; depressa chegaram a um elevador, rumando ao sétimo andar.

— Então? Encontramo-nos no parque das motos daqui a um quarto de hora?

Despertada dos seus pensamentos, Helen virou-se, surpreendida, para ele.

— Qual é a pressa?

— Já são quase 8 da noite — respondeu ele, cordialmente. — E já sabes o que se diz sobre o trabalho em excesso...

— Ainda assim, tenho de levar a captura de ecrã à assessoria de imprensa...

— O Osbourne pode tratar disso, ou o Bentham...

— Prefiro ser eu a tratar do assunto, para garantir que a mensagem que divulgamos é a correta.

— OK — respondeu Joseph, espreitando para o relógio. — Então, meia hora? Tenho coisas que posso ir tratando até lá.

— Não te quero deixar à espera, ainda posso demorar... — Joseph ainda sorria, mas parte da amabilidade da sua expressão sumira. — Há algum problema? — perguntou Helen, curiosa.

— Não, não... é que tinha planos para nós.

— A sério? — reagiu Helen, surpreendida.

— Planos para jantar, quero eu dizer. Reservei uma mesa num lugar que acho que vais gostar...

Estava a esforçar-se, a tentar envolvê-la. E ela, em parte, sentiu-se tentada, mas ainda assim... estavam a levar a cabo uma grande investigação. Um homem fora brutalmente assassinado, e não se encontravam mais perto de descobrir porquê nem por quem; não lhe parecia correto pôr as suas próprias necessidades à frente. Helen sabia que seria muito provavelmente um problema dela, e não dele. Sempre tivera dificuldade em desligar durante uma investigação; não conseguia descansar enquanto houvesse perguntas sem resposta.

Mesmo que fosse sair hoje, sabia que se sentiria tensa e distraída; uma fraca companhia para um homem que exigia toda a atenção.

— Podemos ir de moto; pomo-nos lá em meia hora. É um *pub* escondido no campo, sem bófia à vista...

O elevador abrandou quando chegaram ao sétimo andar. Helen sabia que chegara a hora de decidir, pelo que, pousando a mão no braço dele, disse:

— Adoraria, mas vai ter de ficar para outra altura.

Helen sorriu-lhe, mas ele não retribuiu. Ela olhou-o nos olhos, na esperança de ver aquela faísca familiar, talvez até alguma resignação bem-humorada, mas, ao invés, reparou num acesso de fúria, como se a educada escusa dela fosse uma rejeição vincada.

— Posso não voltar a convidar...

Notou-se uma certa dureza na voz dele, mas Helen ignorou.

— Vou arriscar — respondeu num tom calmo. — Vemo-nos amanhã de manhã.

Helen afastou-se na direção da sala de operações, com as portas do elevador a unirem-se atrás dela. Não fazia ideia do que sentia Joseph, se aquele pequeno desentendimento poderia originar mais tarde uma discussão, mas não ia permitir que preocupações externas lhe turvassem o julgamento ou a impedissem de fazer o que tinha de fazer.

Enquanto andasse um assassino à solta, ela não iria descansar.

Do ponto de observação elevado dele, ela parecia minúscula. Como uma ínfima formiguinha que podia apanhar e simplesmente esmagar.

A livraria estava a fechar, com os últimos clientes a serem encaminhados para o exterior da loja atrás de Maxine Pryce. A atração principal cumprira bruscamente o seu dever, mal se envolvendo no período de perguntas e respostas, e despachando os autógrafos sem conversas, antes de sair apressadamente porta fora com a sua agente. O pessoal da Waterstones ficou muito mal impressionado, mas Pryce não pareceu importar-se. Saíra do centro comercial e estava de momento no pátio mais abaixo, envolvida numa conversa com a sua agente.

Os clientes afastavam-se, pegando nos seus exemplares do novo livro e conversando de forma animada. Ele, contudo, deixou-se ficar, esperando até o último leitor desaparecer de vista, antes de atirar o seu exemplar para o lixo. Fora uma experiência tremendamente agradável — a escritora assediada a dedicar-lhe a ele um exemplar —, mas não precisava de ler o conteúdo. Sabia tudo sobre ela.

Ao fundo, via os funcionários da livraria a empilhar as cadeiras, um espetáculo mudo de eficácia silenciosa. Mas estava sozinho no centro comercial e lançava olhares nervosos em seu redor, procurando câmaras de videovigilância ou seguranças a fazer rondas. Mas escolhera bem o lugar — ali, havia poucas hipóteses de ser detetado. Ainda assim, não poderia demorar-se, e ficou contente por ver as mulheres a seguirem caminho juntas, apressando-se rumo à noite.

— Um, dois, três, quatro, cinco...

Contou baixinho para si mesmo, usufruindo da sensação dos segundos a passar. Era metódico, cuidadoso, mas também propenso a entusiasmar-se demasiado, a apressar-se. Era mais aconselhável levar o seu tempo, ser paciente, apreciar o momento. Por muito que ela se esforçasse, Pryce não podia escapar às suas atenções.

Olhando em volta para confirmar a inexistência de testemunhas óbvias, abandonou o seu ponto de observação atrás da coluna, avançando depressa para as escadas rolantes. Dali, era uma caminhada curta até às portas giratórias, e depois para o exterior, para o ar puro.

A noite estava fresca e límpida, com a corrente de ar frio a atingi-lo no fundo da garganta, apurando-lhe os sentidos e enchendo-o de energia. Observando a rua às escuras, avistou a pequena Pryce e a sua acompanhante. Em silêncio, caminhou atrás delas, intrigado com o próximo destino de Pryce. Iria para casa? Para um bar? Ou teria outro lugar em mente?

Os movimentos dele imitavam os da sua presa, o seu ritmo igualava o dela. Estavam unidos numa comunhão silenciosa, embora Pryce parecesse abençoadamente inconsciente disso, embrenhada numa conversa intensa com a sua agente. Ainda parecia aflita, até agitada, constantemente a espreitar para o telemóvel. O que procuraria? O que contaria encontrar? Divertiu-o assistir à inquietação dela, à sua desorientação.

Ele seguia alegremente atrás, perdido no momento, pelo que não estava a contar. Sem aviso, Pryce abrandou. O seu corpo pareceu ficar tenso, encolhido até, como se pressentisse perigo. E, então, parou, rodando para olhar para trás na direção dele. Se ele tivesse sido um segundo mais lento, se não tivesse os reflexos apurados, ela tê-lo-ia visto de imediato. Porém, ele vira o cabelo volumoso dela a agitar-se, vira a sua cabeça a começar a rodar, pelo que se encostara contra a parede, rezando para que as longas sombras o ocultassem.

Mal se atreveu a respirar. Pryce passou rapidamente os olhos pela rua, sondando um eventual perigo. Tê-lo-ia ouvido? Teria visto o seu reflexo na montra de uma loja? Ou estaria apenas a ser cautelosa? Ser apanhado naquele momento poderia arruinar tudo, todos os seus planos cuidadosamente traçados.

Não, ela estava a virar-se uma vez mais, grata por não ver ninguém. Afastava-se, abanando a cabeça face à sua própria estupidez, embora ele não tenha percebido se fora um gesto genuíno ou apenas para o mostrar à pessoa que a acompanhava. Ela percorria apressadamente a rua, aproximando-se da esquina. Sentiu-se tentado a dar-lhe um avanço, mas não podia arriscar-se a perdê-la. Iria ter de ser ousado para se manter em jogo.

Afastando-se da parede, ele estugou o passo, com os seus sapatos de sola de borracha a amortecerem o som dos passos. Pryce e a sua agente chegaram ao fundo da rua, desaparecendo para lá da esquina. Acelerando ainda mais, seguiu-as, abrandando apenas ao aproximar-se da curva, lançando olhares cautelosos em redor, antes de continuar a perseguição à sua presa.

Mais uma rua sossegada, como se todo aquele pequeno drama se tivesse desenrolado sem assistência. Mas, então, uma quarta figura emergiu da escuridão. Uma mulher jovem, de estatura pequena e com uma cicatriz visível numa das faces, que observara tudo a partir do seu esconderijo atrás de uns quantos caixotes do lixo. Reprendendo-se por usar sapatos de salto alto, apressou-se pela rua fora quase em bicos dos pés, estugando entretanto o passo, determinada a não perder de vista o vulto alto e curvado.

— Então, não fazemos ideia de quem ele seja?

Helen estava parada diante do quadro de homicídios na companhia da superintendente Grace Simmons. As duas encontravam-se sozinhas na sala de operações, observando as provas diante de si. O quadro de homicídios começava a ficar preenchido — imagens de Justin Lanning, de Adam Cannon e do suspeito deles, ladeadas por uma cronologia básica e várias linhas de investigação —, mas ainda havia demasiados espaços em branco para o gosto de Helen.

Ela abanou a cabeça, em resposta à questão de Simmons.

— E a tua ida a Freemantle, também não deu em nada? — perguntou a superintendente.

Helen voltou a abanar a cabeça.

— Tenho a impressão de que este tipo vive fora do radar. Não há ligações evidentes com o mundo real, e é óbvio que não se poupa a esforços para ocultar a sua identidade. Parece meio... invisível, sugerindo, talvez, que atue nas franjas da sociedade, economia paralela, *dark web*, seja lá qual for o negócio ou a intenção dele. — Simmons assentia com a cabeça, mas não pareceu animada com tais novidades. Na verdade, naquela noite a chefe de Helen parecia esgotada, derrubada. Helen queria imenso animá-la, dar-lhe algo, pelo que prosseguiu de imediato. — No entanto, é evidente que há de ser filho de alguém, companheiro de alguém, pelo que agora a nossa melhor aposta é o apelo à população. Ele é careca, o que estreita um pouco as hipóteses, além de que tem características únicas, por isso alguém há de reconhecê-lo. A questão é saber se vão querer dizer-nos. A morte do Lanning já gerou uma grande

cobertura mediática, por isso vamos ter exposição. Só nos resta esperar que alguém lá fora tenha consciência e esteja disposto a pegar no telefone.

— Não vai faltar gente disposta a fazê-lo — disse Simmons, com algum pesar.

— Entretanto, como é evidente, vamos continuar a procurar a carrinha. Não há motivos para pensar que se livrou dela, pelo que temos patrulhas a circular e estamos atentos às câmaras de trânsito.

Simmons continuou a olhar fixamente para o quadro de homicídios, aparentando um estado de espírito semelhante ao de Helen. A verdade era que, apesar de todos os esforços envidados, ainda havia um longo caminho a percorrer até descobrirem quem era a figura mistério.

— Bem, temos a conferência de imprensa agendada para amanhã de manhã — acabou por dizer Simmons. — Com alguma sorte, isso vai dar frutos. Entretanto, era melhor irmos todos descansar, até tu.

— Cinco minutos, e estou de partida.

— Folgo em saber. Sabes bem que isto é uma maratona, e não um *sprint*.

Com um sorriso ténue, Simmons voltou-se para se ir embora. Era tarde, e a melhor coisa que Helen poderia fazer era deixar partir a amiga, arrumar as suas coisas e também ela sair. Mas, ao invés, deu por si de novo a falar.

— Estás bem?

A pergunta apanhou Simmons de surpresa e deteve-lhe a marcha.

— Estou... Porquê?

A superintendente voltou-se para trás, a sua expressão um misto de curiosidade e espanto. Helen por norma não falava tão diretamente com a sua superior — e nunca na sala de operações —, mas estavam sozinhas, e, na realidade, sentia-se preocupada com a sua amiga e mentora.

— Porque me pareces muito pálida, só isso — reagiu Helen, num tom animado. — E também... talvez um pouco desalentada. Estava aqui a perguntar-me se haverá algo a incomodar-te; se não te sentes bem ou...

— Não, eu estou bem — respondeu Simmons, resolutamente. —

Sinto-me só muito cansada, nada mais. É a velhice, Helen, não recomendo.

— Não és velha.

— Ambas sabemos que isso não é verdade. Já me devia ter reformado há dois anos.

Tal ideia assustou Helen — Simmons era a única chefe que a defenderia —, mas era evidente que ela não poderia prosseguir às custas da sua própria saúde.

— Olha, se precisares de parar um pouco, tenho todo o gosto em ajudar, fazer o que puder...

— Nem quero ouvir falar disso — contrapôs, carinhosamente, Simmons. — Já tens a tua dose, e não posso fazer uma sabática quando tens isto em mãos. — Apontou para o quadro de homicídios, levando Helen uma vez mais a olhar para lá. — Eu fico bem, só preciso de uma boa noite de sono, mais nada. Não te preocupes comigo.

Afagando o braço de Helen, Simmons ofereceu-lhe um último e fugaz sorriso e saiu. Helen viu-a partir, sentindo-se estranhamente inquieta. Apreciava o apoio da amiga, mas sabia que não ia passar a noite sossegada. Havia muitas perguntas à espera de resposta na investigação, e também algumas preocupações face a Simmons. Ela disfarçou bem, mas Helen ficou convencida de que a sua chefe ultimamente andava a sofrer — ansiosa, perturbada —, o que a deixou preocupada. Grace Simmons sempre fora sincera com ela, mas Helen sentiu uma barreira a erguer-se entre elas. A amiga andava a mostrar-se evasiva, o que não era nada próprio dela. Por motivos que não soube explicar, Helen desconfiou que pela primeira vez, na longa amizade delas, não lhe estava a ser contada toda a história.

Ela bateu a porta com força, prendendo a corrente. Era frágil, pelo que baixou o trinco e curvou-se para fechar a tranca. Satisfeita, atravessou a sala de estar a correr na direção da janela — Barbara aguardava por um Uber à entrada e acenou-lhe —, antes de voltar a virar-se. Maxine ponderara convidá-la a entrar, mas sabia que só se sentiria satisfeita depois de verificar todos os cantos e recantos do seu apartamento. E como é que poderia ter explicado isso? Barbara já estava suficientemente desconfiada, pressentindo que Maxine mentira ao sugerir que o seu comportamento estranho daquela noite era apenas resultado do cansaço. Maxine sabia que tivera sorte em safar-se com tal desculpa, e não queria, de modo nenhum, espicaçar ainda mais as suas suspeitas. A última coisa de que necessitava era de perguntas incómodas.

Espreitou para o relógio — 20h38. Expirando vagarosamente, tentou acalmar-se, convencer-se de que estava efetivamente segura. Transpirava, depois de ter seguido para casa em passo acelerado, mas nem se deu ao trabalho de despir o casaco, correndo da sala de estar para o quarto das traseiras.

Entrando no pequeno espaço, ficou agradada por ver que não havia nada fora do lugar. Avançando até à janela, verificou o fecho e as trancas de segurança, e depois aplicou um puxão forte. Felizmente, não se moveu, pelo que seguiu em frente.

O seu quarto também se encontrava tal como o deixara, mas levou o seu tempo, verificando por baixo da cama e nos armários antes de confirmar que a janela estava bem trancada. O que contava encontrar, não sabia ao certo, mas só se daria por satisfeita depois de dar a volta a toda a casa. Seguiu caminho, passando pela casa de

banho e depois pela sala de estar. As janelas da sala não estavam nas melhores condições — porque é que não as substituíra já por outras mais modernas? —, mas pareceram-lhe suficientemente seguras. Iriam aguentar.

Regressando à porta da entrada, voltou a verificar o fecho e a tranca. Ainda estavam no seu devido lugar, tal como sabia que estariam. Aliviada, Maxine encostou-se à porta, fechando os olhos e expirando. Consequira.

Só então a batida do seu coração começou a estabilizar. Passara as duas últimas horas num estado quase constante de tensão, temendo o pior, mas finalmente podia relaxar. A noite fora pavorosa, horrível, projetando-a diretamente para um pesadelo que pensara ter deixado para trás, mas, entretanto, terminara, ultrapassara-o. Sobrevivera.

Parecia uma loucura, mas era verdade — quem lhe ligara cumprira a sua palavra, honrando o acordo estabelecido. Nem queria acreditar que fosse possível, temendo que ele estivesse a brincar com ela, prolongando-lhe a agonia, antes da sua morte brutal; contudo, ali estava ela, viva e de boa saúde. Na verdade, não hesitara no momento em que ele lhe fizera a oferta, aproveitando a oportunidade de salvar a pele. Noutras circunstâncias, ter-se-ia debatido com a sua consciência, talvez rejeitando até de pronto a vil sugestão, mas naquela noite mostrara-se disposta a pagar o preço.

Se alguém tivesse de morrer para ela permanecer viva, que assim fosse.

— Por favor, Callum, diz-me lá o que queres que faça. — Hannah olhava fixamente para ele. Estava a ser compreensiva, como sempre, mas não conseguiu disfarçar por completo a irritação que obviamente sentia. — Se quiseres que eu fique, eu fico. Sei que eras chegado ao Justin... Mas, se achas que ficas bem, então eu vou.

Ele sabia que devia reagir bem à ida dela, para provar que era suficientemente forte para passar a noite sozinho, mas ainda assim hesitou. A despedida de solteira de Stella andava a ser planeada há meses, e Hannah era uma das damas de honor — evidentemente, não ia faltar à festa. No entanto, Callum estava a sentir-se profundamente abalado, não só por causa do terrível homicídio de Justin, como também devido à subsequente visita da inspetora Brooks. Teria sido apenas imaginação dele ter reconhecido o suspeito que ela lhe mostrara? Ou ele estivera mesmo lá fora na rua, a menos de 50 metros da casa deles?

— Olha, tu nitidamente não estás bem — disse Hannah secamente, interrompendo-lhe a linha de pensamento. — Posso ligar à Stella e dizer-lhe que se calhar vou ter à discoteca mais tarde.

Ela atravessou a sala e começou a remexer na mala. Falara com determinação e sem vestígio de autocomiseração, mas a sua linguagem corporal denunciou que a sua falta de serenidade de espírito era falsa. Ela tinha os ombros curvados, o corpo flácido, como se, por fim, capitulasse após uma longa batalha. De repente, Callum sentiu uma vaga de amor, mas também uma profunda sensação de vergonha. Aquilo fora culpa dele. Aquela mulher paciente, adorável e animada estava sempre presente quando ele precisava. Independentemente do que tivesse para fazer, por muito

terrível que tivesse sido o seu turno no hospital South Hants, tinha sempre tempo para ele, para os seus problemas, garantindo-lhe sempre o conforto, o amor e a inspiração necessários. Ele sabia que lhe dava muitas preocupações, sabia que outras mulheres sem o mesmo valor já teriam ido embora; de repente, sentiu-se terrivelmente culpado pelo efeito entorpecedor que exercia na vida dela.

— Espera...

Ela deteve-se, erguendo o olhar. E, naquele momento, apesar da sua expressão neutra calculada, ele viu. Uma centelha de esperança no olhar dela — de que iria ser libertada, que poderia sair e embebedar-se com as amigas, dançar noite fora com as raparigas que conhecia desde os tempos da escola. Ele tinha o poder de lhe oferecer isso, um pequeno preço a pagar pelo seu amor, e de repente deu por si decidido a fazê-lo. Sim, Justin morreria, e era verdade que se sentia profundamente abalado, mas iria conseguir ultrapassar isso. Na verdade, que direito tinha de se sentir alarmado, assustado? Não, não iria ver demónios onde não existiam. Ia ser forte.

— Deves ir. É claro que deves — assegurou, soando bem mais confiante do que na realidade se sentia.

Pareceu bastar. Hannah atravessou a sala para o envolver com um dos seus típicos abraços.

— Obrigada, amor — sussurrou.

Percebeu que ela estava emocionada, que talvez tivesse lágrimas nos olhos, o que lhe assegurou que agira bem. Ela precisava claramente de uma pausa — em relação ao trabalho, à vida, a *ele* — e iria tê-la naquela noite.

— Pira-te e diverte-te. Não quero que percas os cocktails — disse ele, num tom jovial, enquanto ela o soltava do abraço.

— Amo-te — replicou, depositando-lhe um beijo rápido nos lábios.
— Ligo-te de manhã.

Pegando na mala, correu para a porta.

— Não faças nada que eu não faria — reagiu ele, descontraído.

Ela ergueu a mão num agradecimento fingido e segundos depois já tinha ido, com a porta da entrada a fechar-se com firmeza atrás de si. Avançando para a varanda, Callum abriu as cortinas, vendo-a a

descer a rua. Enquanto ela desaparecia lentamente de vista, rumando à praça de táxis, ele de repente sentiu um profundo vazio dentro de si. Era como se apenas conseguisse funcionar, ser animado e positivo estando na órbita dela. Toda a falsa leveza que exibira ao ditar que fosse à sua vida de repente evaporara-se; ficou a sentir-se sozinho, receoso e inquieto. O silêncio instalado na casa, incitador, ameaçador, cercou-o. Surgiram-lhe de repente na mente imagens daquela figura fantasmagórica e macilenta. Era capaz de imaginar o homem a trepar a cerca do jardim, a arrombar a porta das traseiras, a ir atrás dele...

Um estrondo no exterior fê-lo rodar... mas tratara-se apenas do vizinho a bater com a porta do carro. Sabia que o melhor seria dedicar-se a fazer algo — preparar o jantar, ver televisão, qualquer coisa —, mas de repente não se sentiu capaz de fazer o que quer que fosse. Por isso permaneceu onde estava, com as mãos firmadas na beira da janela, olhando desesperadamente lá para fora. Esforçara-se tanto por melhorar, por ser mais forte, mais resiliente, mas naquela noite voltou a sentir-se como aquele adolescente traumatizado.

Perdido, baralhado e assustado.

33

Correndo pela rua fora, Emilia olhou atentamente para a esquerda e para a direita. Mas a rua estava vazia, pelo que, acelerando, seguiu até ao cruzamento. Então, ao aproximar-se da movimentada intersecção, viu a sua salvação.

— Táxi.

O carro atravessou a via na direção dela. Mal parara antes de Emilia abrir a porta com força, saltando para o seu interior.

— Está a ver aquela carrinha ali? — O motorista pareceu perplexo, pelo que Emilia insistiu freneticamente. — Está a ver aquele furgão cinzento?

— Sim — respondeu o taxista, hesitante, olhando para a rua.

— Siga-o. Pago-lhe o dobro da tarifa se conseguir manter-se perto.

Acionando o taxímetro, o motorista obedeceu, partindo no encalço da carrinha. A transpirar, Emilia acomodou-se e pôs o cinto, sem nunca desviar os olhos da viatura. Seria desastroso perdê-la de vista.

— A senhora é detetive privada?

O taxista, que de início parecia preocupado, já se mostrava mais descontraído, até um pouco entusiasmado, pressentindo que poderia fazer parte de algum drama em desenvolvimento.

— Não — respondeu secamente Emilia.

— Então, é o marido que anda na brincadeira fora de casa?

— Limite-se a conduzir. Não lhe pago para conversar.

Com relutância, o motorista devolveu a atenção à estrada.

Emilia sentiu-se grata com a trégua; necessitava de um momento para recuperar o fôlego e ordenar as ideias. Fora um final de dia curioso. A prestação desenxabida na Waterstones fora estranha, mas ainda mais intrigante revelara-se o que se seguira. A maioria dos

presentes reunira-se em volta da estrela relutante depois da leitura, solicitando *selfies* e autógrafos. Mas um par de pessoas manteve-se afastado: Emilia e um homem pálido e careca, que entrara mais tarde, posicionando-se na retaguarda da multidão. Pareceu altamente interessado em Maxine, mas não tentou sequer falar com ela. Verdade fosse dita, não parecera minimamente interessado no livro dela ou no lançamento — tanto que até deitara fora o seu exemplar autografado.

Era possível, naturalmente, que houvesse uma explicação absolutamente inocente; não faltavam maluquinhos no mundo. Mas algo lhe disse que havia qualquer coisa de diferente naquele indivíduo. Por isso, deixou-se ficar para trás, mantendo-se de olho nele quando a livraria esvaziou, e acabou por ver a sua paciência recompensada.

O homem tinha efetivamente um interesse em Maxine, embora ela não soubesse dizer de que tipo. Ele esperou que Maxine saísse da livraria e depois começou a segui-la, mantendo-se obstinadamente na sombra.

Por seu lado, ele parecia desconhecer de todo que estava a ser seguido. O trio fizera um bom progresso, cobrindo os habituais dez minutos de caminhada até ao apartamento em menos tempo. Até que o homem parou, ficando a olhar enquanto as luzes no interior se iam acendendo. Não tomou qualquer iniciativa para se aproximar dela, para tocar à campainha, optando antes por permanecer junto à entrada, a olhar para a porta, para as casas em volta, embora Emilia não tivesse percebido qual seria o interesse dele nelas.

Ela observara o desenrolar daquele drama silencioso, pensando na melhor forma de agir. Apesar de ir contra todos os seus instintos, teria chamado a polícia se ele demonstrasse a mínima pretensão de entrar no apartamento de Pryce. Mas veio a revelar-se desnecessário, já que o homem a determinada altura afastou-se do local. Emilia retomou de imediato a perseguição, seguindo-o pelas sombras, até ele de repente virar para uma viela. Pouco depois, emergiu uma carrinha cinzenta, afastando-se pela rua escura.

Emilia perseguira-o, apostando naquele táxi, e por ter pensado e agido depressa a carrinha ainda seguia à vista. Deixaram então o

centro da cidade para mergulharem em Portswood. Tratava-se de uma zona frequentada por estudantes e casais jovens — divertida e animada, embora um pouco insegura nos seus limites. Emilia manteve o olhar preso na carrinha e ficou intrigada ao vê-la a abandonar a artéria principal, penetrando ainda mais nas áreas menos movimentadas das vizinhanças. Ali, havia inúmeras propriedades industriais, todas envoltas em silêncio àquela hora da noite.

— Quer continuar?

O motorista fitou-a pelo retrovisor. Estaria ela a começar a pensar naquilo em que se metera?

— Sim, tenho a certeza de que estarei bem segura, aqui consigo para me proteger.

Encolhendo os ombros, o taxista obedeceu, embora não parecesse nada satisfeito. Ignorando o seu desconforto, Emilia manteve-se de olhos postos na carrinha. Começava a abrandar, o que a deixou intrigada. Pouco depois, parou por completo, estacionando diante de um armazém deteriorado nos limites de uma propriedade industrial decrépita.

— Pode parar aqui.

O táxi encostou, com Emilia a observar atentamente enquanto o condutor descia da carrinha, apressando-se a entrar no armazém. A jornalista tomou nota da morada e da matrícula da carrinha, e depois pediu ao taxista que a levasse a casa. Para uma única noite, já bastava de trabalho de detetive. O próximo passo da sua investigação seria mais fácil de dar pela manhã, quando circulavam mais pessoas na rua.

Recostando-se no assento, Emilia permitiu-se um fugaz sorriso. Fora um final de dia enigmático. Estava certa de que testemunhara algo significativo, algo que poderia lançar uma luz sobre o brutal homicídio de Justin Lanning. Perguntas primordiais permaneciam sem resposta — O que se passava com Maxine? Quem era o seu perseguidor? E, mais importante ainda, o que pretendia ele dela? —, mas eram perguntas para o dia seguinte.

Naquela noite, bastar-lhe-ia refletir sobre um trabalho bem feito.

DIA TRÊS

34

Havia dias em que adorava o seu trabalho. Noutros, só lhe apetecia virar-lhe costas, fingindo que não tinha deveres nem responsabilidades. Naquele dia, sem dúvida que vigorava esta última hipótese.

As manhãs eram um período para múltiplas tarefas, e como sempre Charlie lidava com meia dúzia de coisas ao mesmo tempo. Já se vestira, o que era bom, mas não conseguira comer, provavelmente a razão para não se sentir muito bem. Jessica, entretanto, fazia várias exigências de última hora para a festa, o que recordou a Charlie que ainda tinha de marcar a hora para a entrega do bolo, enquanto Steve continuava a disparar perguntas.

— A que horas achas que voltas?

— Não sei dizer ao certo. Mas volto a tempo, está descansado.

— E tens a certeza em relação ao castelo insuflável?

— Sim... — respondeu Charlie, num tom algo vago. — Mas eu telefono-lhes para confirmar.

— E os saquinhos de doces para a festa? Já tratámos disso?

Charlie praguejou em silêncio. Comprara tudo o que era necessário, mas esquecera-se por completo dos saquinhos de lembranças. Verdade fosse dita, na noite anterior encontrava-se demasiado exausta para fazer o que fosse.

— Está tudo no nosso quarto, em cima do armário, mas é preciso ordenar e ensacar. Calculo que não tenhas tempo...

O olhar de Steve disse tudo, pelo que ela espreitou para o relógio, na esperança de que por milagre tivesse abrandado a sua marcha, de que pudesse restar ainda tempo para a tarefa. Mas, tal como calculara, já estava atrasada.

— Desculpa, amor, mas tenho mesmo de ir.

— Nem acredito que vais trabalhar no dia da festa da tua filha...

— Sabes bem com o que estamos a lidar — contrapôs Charlie, eufemisticamente, consciente de que Jessica a ouvia. — Mas, quanto mais depressa for, mais depressa volto.

— OK, então vai lá — retorquiu Steve, expirando com força, enquanto a encaminhava para a porta.

— Obrigada, amor — agradeceu ela, depositando-lhe um breve beijo na bochecha, antes de se virar para Jessica. — E também te amo a ti. Vê se te portas bem com o papá.

Curvando-se, beijou as faces da filha, enquanto lhe remexia no cabelo. A seguir, pegando na mala, apressou-se para o corredor, antes que fosse de novo emboscada. Ao sair, ouviu Steve a organizar o dia, enumerando a Jessica o que teriam de fazer na sua ausência. Estava certa de que não fizera de propósito para ela ouvir — Steve não era esse tipo de pessoa —, mas, mesmo que assim tivesse sido, teria feito ouvidos moucos. Por muito que ele se queixasse, Steve assumia sempre o fardo, apreciando passar tempo com a filha. Nunca alimentara ilusões em relação às exigências do trabalho de Charlie, e, desde que ela estivesse segura, ele sentia-se feliz. Significava um papel mais importante para ele — gerir a casa, tomar conta de Jessica —, um papel que abraçara com gosto. E, por muito que às vezes resmungasse, Charlie sabia instintivamente que ele ficava com a melhor parte, que de alguma maneira a fava lhe calhava sempre a ela.

Talvez se devesse a uma sensação geral de cansaço, talvez fosse o significado da última festa de Jessica antes de o bebé chegar, talvez fosse apenas o que vivera na véspera, mas Charlie sentiu-se relutante em regressar à investigação, com todas as trevas e perigos inerentes. Naquele momento, preferiria muito mais estar em casa, no seio da sua família, relaxada, feliz e segura. Mas isso não era possível, não lhe passava pela cabeça dececionar a equipa, pelo que reuniu as suas forças e fechou a porta, saindo para o frio.

35

Helen sentou-se sozinha à mesa da cozinha, envolvida pelo silêncio. Diante dela, tinha o seu portátil, mas, à exceção do respetivo zumbido entorpecedor, tudo se encontrava silencioso. Por norma, o apartamento era o seu refúgio, uma acolhedora pausa face aos seus problemas, mas naquele momento ostentava um ambiente pesado e sem vida, bem diferente da manhã do dia anterior, em que acordara enlaçada nos braços do seu companheiro.

Passara a noite sozinha. Tratara-se de uma escolha sua, mas equacionava agora se fora a adequada. Era frequente ansiar pelo isolamento, necessitando afastar-se do mundo, mas por vezes era-lhe nocivo, potenciando os seus medos e sublinhando a sua solidão. Não sabia ao certo o que Joseph significava para ela, e tinha a noção de que alinhava num jogo perigoso ao envolver-se com um elemento da sua equipa, mas sem dúvida que ele era uma distração saudável, afastando a atenção dela das suas próprias ansiedades. Na última noite, contudo, não lhe proporcionara tal alívio. Dúvidas em relação a ele — os seus atos, o seu caráter, a prudência da relação deles — continuaram a dar voltas na sua cabeça, mesmo quando questões mais prementes, relativas ao homicídio de Lanning, à investigação, competiam pela sua atenção.

A noite instalara-se lentamente. Hora a hora, minuto a minuto, as nuvens sombrias começaram a abater-se, conjurando demónios das sombras, afastando Helen da luz e da esperança. Em tempos idos, poderia ter recorrido a medidas extremas para afastar as trevas — buscando castigo nos clubes de S&M da cidade ou cortando-se com lâminas —, mas esforçava-se imenso por ultrapassar isso, pelo que ficou onde estava, dando voltas e mais voltas, enquanto, em

desespero, tentava adormecer.

Terá adormecido a dada altura? Sentiu-se desorientada e fraca, mas não percebeu se isso resultou de um sono interrompido ou da total ausência do mesmo. Acabou por desistir de dar luta, esperando que um duche a revigorasse. Ainda assim, meia hora mais tarde, de banho tomado, vestida, com uma chávena de café forte à sua frente, nem por isso se sentia muito melhor. Porque algumas questões permaneciam por resolver.

Era cedo, mas ainda dispunha de meia hora antes de ter de sair. Por norma, usaria esses minutos para se obrigar a comer algo, mas faltou-lhe o entusiasmo. Em vez disso, ligou o computador e, apesar dos seus receios e de a sua vizinha interior lhe dizer para parar, começou a procurar.

Começou pelo óbvio «Joseph Hudson», mas não descobriu nada que não soubesse já. Antes de o entrevistar, fizera uma busca exaustiva aos sucessos pessoais dele, e uma ou outra repreensão, e era tudo repetido online, em vários jornais locais. Não era isso que procurava. Queria alguma perspetiva sobre Joseph Hudson, o homem.

Percebeu então que pouco sabia em relação a ele. Tinha uma noção dos seus gostos, dos seus desejos, das suas paixões, mas o estranho confronto da noite anterior provou que pouco conhecia da personalidade dele. Parecia ser um homem decente, culto e empenhado, mas algo na sua expressão — uma fúria crua — assustara-a; como se lhe tivesse sido facultado um vislumbre do homem no seu interior, antes de uma vez mais o pano cair.

Mudando de tática, escreveu «Karen Hudson». Montes de nomes, montes de entusiastas do *Facebook*, surgiram de pronto no ecrã, e o seu instinto inicial foi o de fechar o portátil e desistir da busca. No entanto, sentiu-se espicaçada pela curiosidade — ouvira falar da ex-mulher de Joseph, mas nunca lhe vira a cara. Portanto, começou a percorrer os rostos no ecrã, numa mancha turva interminável. Fartando-se depressa, refinou a busca: «Karen Hudson, Birkenhead».

Sabia que fora a última colocação de Joseph, antes de fazer as malas e partir para sul. Surgiram menos entradas, e não demorou muito a encontrar a mulher em causa, com apenas uma das

mulheres no ecrã a identificar-se como sendo a ex-mulher de um inspetor da polícia de Merseyside. Ali estava ela — uma mulher bonita e pequena com cabelo curto. Não era nada parecida com Helen, nem na constituição nem no aspeto ou na atitude, mas não havia nada nela de que não se gostasse — à primeira vista, parecia ser agradável e afetuosa.

Uma vez mais, Helen sentiu-se tentada a pôr fim à pesquisa, mas o desejo de conhecer o lado da história de Karen, de corroborar o relato de Joseph sobre a separação, impeliu-a a prosseguir. Assim, foi passando várias publicações de *Facebook*, absorvendo as pequenas mudanças na vida daquela estranha. Karen parecia ser feliz e tinha um filho jovem que nitidamente adorava, o que animou Helen, sugerindo que a separação não fora desagradável. Mas, conforme foi avançando, algumas coisas tornaram-se cada vez mais evidentes. Primeiro, não havia um novo companheiro em cena. E, segundo, ela continuava profundamente perturbada com o comportamento do ex-marido.

Helen sentiu-se horrível, como se estivesse a espiar o sofrimento de alguém, mas já não havia como voltar atrás. Continuou a ler com uma perturbação crescente, percebendo rapidamente que o rapazinho em causa — Kieran — era filho de Joseph e que o seu atual namorado os abandonara a ambos.

A separação não fora minimamente amigável. Karen, frustrada, não se conteve no *Facebook*, contando a quem a quisesse ler que Joseph virara costas às suas responsabilidades e os cortara da sua vida, a ponto de nem sequer enviar um postal no aniversário do miúdo. Algumas das publicações dela sobre o assunto eram furiosas, outras perturbadas, mas todas relativas ao mesmo tema: uma mulher e uma criança adoráveis abandonadas pelo homem que dissera amá-las, que jurara proteger ambas.

A mão de Helen pairou sobre o cursor; desejava ler mais, mas sentia-se incapaz de o fazer. Foi como se tivesse levado um soco no estômago. Era possível, evidentemente, que nada daquilo fosse verdade, que Karen deliberadamente tivesse exagerado nas falhas dele, mas o facto de Joseph não lhe ter referido a existência do filho levou Helen a duvidar. Subitamente, sentiu-se à deriva, como se

tivesse perdido o controlo da situação, como se todas as certezas e esperanças a que se agarrara se revelassem uma ilusão. Quando se sentisse com coragem suficiente, quando a oportunidade surgisse, iria pô-lo à prova em relação àquilo, para ver se ele a enganara deliberadamente. Mas não era um confronto por que ansiasse.

A verdade é que Helen já não sabia em que pensar — se Joseph seria basicamente um homem decente ou um lobo em pele de cordeiro. Quanto mais não fosse, a desagradável pesquisa matinal recordou-a de algo de que nunca se devia esquecer.

Somos nós que escrevemos a nossa história, mas apenas contamos a nossa versão.

Empurrando as portas para passar, Joseph espreitou de esguelha para o gabinete de Helen. Não quis dar a entender que estava a olhar, mas precisava de saber se ela se encontrava lá.

Para seu alívio, o gabinete estava vazio. A porta estava entreaberta, mas não havia qualquer sinal da sua superior; na verdade, a sala de operações estava deserta naquela manhã, com a exceção da presença do sempre ansioso Osbourne e de um par de analistas de dados. De imediato, Joseph sentiu-se a relaxar, com a tensão que se acumulara ao longo de toda a manhã a dissipar-se.

Gostaria de ter chegado mais cedo, para provar o seu empenho e valor à equipa, mas sabia que mais valia deixar Helen em paz. Desde a incómoda conversa da noite anterior que andava a refletir sobre o que lhe dizer, o que o deixara inquieto. Sabia que estragara tudo, deixando-se levar pelo mau génio, numa altura em que precisava de ter a cabeça fria. Pensou se seria de ignorar o problema, mas depois percebeu que a única reação possível seria um claro pedido de desculpas. Não era algo que encaixasse bem na sua maneira de ser, mas talvez fosse um preço que merecesse a pena ser pago se queria que tudo entre eles voltasse a entrar nos eixos. No entanto, aparentemente nada disso seria necessário. Quando Helen chegasse, o dia de trabalho já estaria a seguir o seu rumo, com a sala repleta de colegas. Talvez o incómodo da noite passada pudesse ser varrido e esquecido.

Animado com tal ideia, Joseph seguiu na direção da sua secretária; porém, ouviu um telefone a tocar. Por norma, isso não o levaria a parar, mas o telefone tocou oito, nove, dez vezes sem ser atendido. A experiência ensinara-lhe que um telefone por atender numa sala de

operações geralmente era mau sinal, por isso tentou perceber a origem do som. Para sua surpresa, percebeu que vinha do gabinete de Helen. Hesitou então, nervoso face à perspectiva de cruzar a soleira da porta dela na sua ausência, mas o telefone continuava a tocar, estridente e insistente. Por isso, esquecendo as suas reservas, entrou em passos firmes no gabinete dela.

— Sala de operações.

Seguiu-se uma pausa, até que a voz do outro lado reagiu:

— Queria falar com a inspetora-chefe Grace. Pensei que esta fosse a sua linha direta...

— E estou a falar com quem?

Joseph abdicou das amabilidades, irritado com o tom de voz da pessoa que ligava.

— Emilia Garanita. Será que pode pedir-lhe que me ligue quando chegar?

— Se tem perguntas a fazer, deve dirigir-se à assessoria de imprensa. A inspetora-chefe Grace não tem tempo...

— Na verdade, eu estava a ligar com algumas informações sobre o caso Lanning.

— Que tipo de informações?

Seguiu-se outra pausa.

— Posso perguntar com quem estou a falar?

— Sargento-inspetor Joseph...

— Hudson, sim, bem me pareceu.

Mas nem por isso ela lhe deu mais luzes sobre o que a levava a ligar, o que o deixou ainda mais enfurecido.

— E então? — quis ele saber.

— Então, se puder dizer-lhe para me ligar...

— Teria todo o gosto, só que ela não está e eu sou o agente de mais alta patente ao serviço, por isso se tiver alguma informação relevante...

— A sargento-inspetora Brooks não está?

— Não, não está — ripostou ele, zangado.

— Estou a ver...

Joseph ficou com a impressão de que a ardilosa jornalista estava a gozar com ele. O seu instinto inicial foi mandá-la ir dar uma volta,

mas por uma vez prevaleceu o bom senso, pois uma nova janela abriu-se-lhe.

— Não tenho de lhe recordar que ocultar informação à polícia é crime...

— Não me venha com ameaças, Joseph. Já aqui ando há muito mais tempo do que você.

— Ainda assim, sou eu quem pode prendê-la por obstrução, portanto...

— Ah, homens! Porque é que são sempre tão obtusos?

— Porque é a única linguagem que algumas pessoas entendem. E, então, vou ter de a mandar buscar, ou vai dizer-me o que tem?

Seguiu-se um longo e sugestivo silêncio.

— Bem, calculo que poderia contar-lhe o que sei. Seria interessante conhecê-lo um pouco melhor.

— Isso significa o quê?

— Significa que podemos ser úteis um ao outro. Creio saber onde se encontra o homem que procuram. — Joseph não conseguiu argumentar, espantado com a bomba fortuita que lhe caíra nas mãos. Sabia que ela estava a usá-lo, mas não havia dúvidas de que lhe captara o interesse. Se ela sabia onde estava escondido o tal tipo, então ia um passo à frente deles. — E estou pronta a partilhar isso convosco, a ajudar a investigação, se me agradar o que acordarmos. Portanto, a questão é... — A jornalista fez uma pausa, deixando as palavras suspensas no ar. Joseph praticamente conseguia vê-la sorrir, enquanto ela concluía: — Está pronto para fazer um acordo?

Maxine olhou para a linha do horizonte, como se a visse pela primeira vez. O Sol ia subindo, banhando a cidade com uma luz brilhante, levando a que tudo parecesse cintilante e novo. Southampton não era Florença, nem Paris, mas naquela manhã parecia-lhe a mais bela cidade do mundo. Ao olhar para as telhas reluzentes, até sentiu os olhos a ficarem marejados. Há anos que Maxine não chorava, não o fazia desde que era adolescente, mas agora sentia as lágrimas a deslizarem-lhe pelas faces e recebeu-as com agrado pelo que representavam.

Havia imensas coisas que deveria estar a fazer, compromissos relacionados com o livro, mas deixou-se estar ali — imóvel junto à janela. Queria interiorizar aquele momento, registá-lo, para poder evocar a recordação quando surgissem as emoções mais sombrias. Passara a noite inquieta, atormentada por pesadelos, acordando pouco antes do amanhecer, transpirada e assustada. Despertara de forma abrupta, com a cabeça a latejar, a boca seca, consumida pelo medo. Arrastando-se para fora da cama, dera uma volta completa ao apartamento, verificando uma vez mais se permanecia sozinha, mas, à medida que o terror e a paranoia recuavam, outras perturbações ocupavam o seu lugar. Foi então assolada por visões reveladoras do que ainda estava para vir, do derrame de sangue e sofrimento de que era cúmplice. Sob a fria luz do dia, não havia como evitar as conseqüências dos seus atos, suscitando perguntas urgentes e inevitáveis. Iria conseguir encarar-se a si própria? E, mesmo que conseguisse, ser-lhe-ia isso permitido? Ou alguém descobriria o que fizera?

Enquanto era consumida pela ansiedade, Maxine esforçou-se ao

máximo por resistir, tentando com a sua força de vontade deter a dúvida e o despeito por si mesma. A decisão fora tomada, o molde fora forjado. Iria efetivamente torturar-se para o resto dos seus dias, quando o assunto não estava nas suas mãos? Talvez fosse assim que as coisas supostamente deveriam ser, talvez sempre tivesse sido assim. Talvez o seu destino fosse viver, prosperar, desenvolver-se?

Encorajada com tais pensamentos, Maxine travou os seus medos, posicionando-se junto à janela que ia do teto ao chão. E, deixando-se banhar pelo sol nascente, começou a ver apenas oportunidades e possibilidades, revigorada pela beleza intoxicante do mundo. Sabia que viriam aí dias sombrios, que haveria lugar a um acerto de contas. Mas isso fazia parte do futuro, pois naquele momento só pretendia saborear o júbilo, a crescente vaga de otimismo.

Aquele era o primeiro dia do resto da sua vida.

Ele praticamente não dormira. Apesar do cansaço crescente e dos whiskies duplos que deitara abaixo, nem assim Callum teve direito a uma trégua.

E, mesmo que tivesse conseguido dormir, teriam os seus pesadelos sido menos horríveis do que os pensamentos que tinha estando desperto? Esforçara-se imenso por afastar o seu medo, evocando todo o tipo de recordações felizes. A mãe a cantar-lhe em criança, jogos de *cricket* com o pai, a sua vitória na corrida de *karting* na festa do seu décimo segundo aniversário, o dia em que conhecera Hannah — um panorama de felicidade, mas o alívio revelou-se apenas temporário. Não demorou a ser capturado pela ansiedade, pela paranoia e, mais tarde, pelo pânico, que lhe envenenaram a mente e lhe sussurraram os perigos que estariam para vir.

Na calada da noite, tudo parecia extremamente surreal. Ansiou pela companhia de Hannah, pelo seu carinho reconfortante, mas ela tinha ido à festa. Para rir, beber e divertir-se com as amigas. Como é que alguém poderia divertir-se assim enquanto outra penava tanto? Sentira-se muitas vezes tentado a ligar-lhe para pedir que voltasse para casa, mas lá conseguira conter-se. Foi a única coisa positiva que saiu daquela noite infernal. Talvez fosse um pouco mais forte do que ele próprio acreditava.

O Sol já subira, via-o a espreitar por entre as ripas dos estores, e também ele deveria levantar-se. Olhando para o relógio, viu que já eram quase 10 horas... mas nem assim se moveu. Por razões que não sabia explicar, sentia-se mais seguro debaixo do edredão, como se o frágil algodão fosse um escudo impenetrável. Era ridículo, naturalmente, mas, na ausência de qualquer outro apoio, tratava-se

de uma muleta preciosa para evitar enlouquecer ou imaginar fantasmas. Sabia que tinha uma imaginação demasiado fértil — ao longo da sua vida isso revelara-se uma bênção e uma praga — e estava determinado a controlá-la. Se se deixasse tomar pelo medo, sabia que seria a sua perdição, anos de terapia desperdiçados num abrir e fechar de olhos.

Se pelo menos Hannah ali estivesse. A doce e linda Hannah. Tinham-se conhecido três anos antes numa festa que alguém dera para mostrar a sua nova casa, com a atração mútua a revelar-se evidente desde o início, e haviam-se tornado inseparáveis de imediato, apesar de todas as tentativas dele de a afastar. Ela era o seu pilar... Não, ela era a sua vida, a outra metade do seu coração, e ele nunca se sentia feliz quando se afastavam. Naquele momento, desejou não a ter deixado sair, tê-la convencido a ficar com ele. Porém, nesse preciso momento, algo espantoso aconteceu. O telefone começou a tocar.

Callum levantou-se de um pulo. Sem cautelas, sem reservas, afastou o edredão e correu para o toucador, onde o seu telemóvel vibrava. Ao olhar para o número no ecrã, o seu coração disparou — era mesmo ela. Estava a ligar-lhe para lhe pedir que a fosse buscar, ia regressar a casa.

— Olá, amor, como é que estás? — Tentou falar com calma, mas percebeu que as suas palavras soaram desesperadas e atrapalhadas. — Como é que correu a noite?

Do outro lado, apenas silêncio, pelo que de repente — e sentindo-se destroçado — se interrogou se ela teria ligado acidentalmente.

Uns segundos depois, porém, ouviu uma voz, grave e contida.

— Tens uma hora de vida.

De início, Callum nada disse, confuso e assustado. Do outro lado da chamada, a voz pertencia a um homem.

— Desculpe...? Quem fala?

Silêncio.

— Onde está a Hannah...? Porque é que tem o telefone dela?

— Callum, tens uma hora de vida.

A voz do outro lado soou tão conhecedora, tão íntima, que o deixou mudo. Callum sentiu-se angustiado, como se as palavras lhe

perfurassem a alma.

— A não ser — prosseguiu a voz masculina —, que queiras trocar a tua morte pela de alguém.

— O quê?! Que diabo quer dizer com isso?! — deixou escapar Callum, incrédulo.

— A Maxine e a F... Fran sempre foram... meninas *bonitas* — prosseguiu a voz, gaguejando um pouco. — Gostarias de fazer um acor...

O telemóvel apitou sonoramente com o fim da chamada. Callum surpreendeu-se ao dar com o polegar cravado na tecla vermelha. Não dera por si a fazê-lo, fora levado pelo instinto, de tão horrorizado que ficara com o medonho e vicioso telefonema. Deixando-se cair de novo na cama, largou o telefone, com uma série de perguntas terríveis a pulsar-lhe na mente. Porque é que aquele homem tinha o telefone de Hannah? Porque é que o ameaçava? Teria aquele telefonema algo que ver com o homicídio de Justin?

E, sendo esse o caso, significaria isso que Callum seria o seguinte?

— De onde veio isto?

Helen encontrava-se no seu gabinete, ladeada por Charlie e pelo inspetor Reid. Havia várias folhas espalhadas sobre a sua secretária, uma avalanche de «avistamentos» e «pistas» que tinham surgido desde a divulgação da imagem do suspeito, mas o trio só tinha olhos para o telemóvel que Helen agarrava.

— Uma vizinha do Callum Harvey, uma tal de Sra. Louise Marks...
— explicou Reid — viu alguém a comportar-se de forma estranha na rua, por isso decidiu filmá-lo.

— Ela trouxe o telemóvel? — reagiu Helen, surpreendida.

— É a responsável pela patrulha do bairro daquela zona, por isso resolveu informar-nos hoje logo pela manhã. Quando contei à inspetora Brooks o que descreveu, ela decidiu ligar à Sra. Marks, para podermos ver nós próprios as imagens.

— Está agora na sala de interrogatórios, se quiseres falar com ela
— acrescentou Charlie. — Parece-me estar a dizer a verdade.

Virando costas à amiga, Helen viu uma vez mais a gravação. O vídeo tinha cerca de 20 segundos de duração e parecia mostrar um homem magro e careca parado na rua, colado à cerca da frente da Sra. Marks. Ao quinto segundo do vídeo, ele começa a andar, atravessando a rua para o outro lado. À medida que a câmara do telemóvel se inclina para cima para acompanhar o avanço, surge à vista a casa de Callum Harvey. O homem passa em frente, aparentemente desinteressado, mas Helen reparou que ele nunca tirou os olhos da casa. A seguir, desaparece da imagem, mas reaparece uns momentos depois, voltando para trás na outra direção, com o olhar uma vez mais cravado na propriedade. A seguir,

entendeu que chegara a hora de partir, mas, antes de o fazer, espreitou para o outro lado da rua, na direção da casa de Marks, como que a verificar se não fora visto. Não restavam dúvidas: era a mesma figura sinistra que tentara aceder à propriedade de Justin Lanning — mesmo ao longe, naquele pequeno ecrã, a forma da cabeça, as feições angulosas, a estatura delgada, eram inconfundíveis.

— Quando é que isto foi gravado? — quis saber Helen.

— Há três dias — esclareceu Reid.

— E o próprio Harvey disse que achava ter visto este tipo a rondar?

— Sim — confirmou Charlie. — Mas isso terá sido três ou quatro dias antes disso.

Não era a resposta que Helen desejava. Parecia que aquele homem andava a rondar a propriedade, e as suas repetidas visitas sugeriam intenções graves, até mortíferas.

— OK, temos de voltar a falar com o Harvey o mais depressa possível — disse Helen, endireitando-se. — Vou já para lá. Entretanto, cruzem isto com outras pistas recebidas. — Apontou para a lista de nomes e números de telefone pousada na secretária. — Vejam se mais alguém na área ligou a relatar um avistamento que encaixe no perfil deste tipo. Onde é que ele foi a seguir? Estava a pé? Tinha a carrinha com ele? Verifiquem também a videovigilância das lojas; isso pode dar-nos uma ideia de para onde ele se dirigiu. As câmaras de trânsito mostraram alguma coisa?

— A carrinha foi de facto avistada fugazmente no centro da cidade na noite passada, na Oxford Street. — Helen ergueu os olhos, intrigada, mas Charlie foi lesta a cortar-lhe o entusiasmo. — Mas desapareceu do radar algures na área de Harefield. Enviei mais agentes para lá, mas até agora não deram com nada.

— Insistam. — Helen ia já a transpor a porta, mas deteve-se na soleira, acrescentando: — Temos de apanhar este tipo.

— Tem a certeza de que devíamos estar a fazer isto?

Joseph Hudson deixou pairar a pergunta por alguns momentos, contornando cuidadosamente a esquina para a Lodge Road, antes de responder:

— Há alguma coisa que esteja especificamente a incomodá-la, inspetora Malik?

Era habitual dirigir-se aos colegas pelo seu posto, mas por uma vez Joseph demorou-se no título da jovem, vincando o desagrado por ter sido posto em causa daquela forma.

— Bem, não era melhor falarmos com a inspetora-chefe Grace? Já deve ter chegado, por isso...

— Para quê?

Malik, uma jovem animada que chegara recentemente à equipa, deteve-se, nervosa com o tom tenso do seu superior.

— Para... lhe dizer que temos uma pista sobre o paradeiro do suspeito.

— E temos uma pista?

— Não é por isso que aqui estamos?

A questão foi proferida com intensidade, sugerindo que Malik não estava ali para ser pisada. Por muito que se sentisse irritado, Joseph ainda assim apreciou a reação dela. Catalogara-a como uma seguidora de regras, uma pessoa inibida. Afinal, se calhar, tinha alguma garra.

— Temos a *palavra* da Garanita de que sabe onde está o tipo. E sabe bem o que isso vale...

— Então, por que motivo é que aqui estamos, se acha que ela está a enganar-nos?

— Porque, desta vez, acho que pode estar a dizer a verdade. Mas gostaria de ter a certeza antes de incomodar a inspetora-chefe Grace com o assunto. Já tem muito com o que se preocupar.

Malik não contrapôs, mas era evidente que não se sentia satisfeita. Tamborilou insistentemente no braço do assento, marcando o ritmo da sua ansiedade.

— Não seria melhor, pelo menos, informar a equipa da nossa localização? Não vão ficar a pensar...?

Estaria ela com medo de se meter em apuros? Ou preocupada com a possibilidade de ser excluída de algo? Era difícil perceber.

— Disse ao inspetor Reid que íamos sair por uma hora para seguir uma pista. Isso basta à chefe.

Malik assentiu, parecendo satisfeita com a explicação, mas Joseph percebeu que ela se sentia desconfortável. A maioria dos agentes que se tinham juntado à Equipa de Incidentes Graves da Esquadra Central de Southampton fizeram-no com base na reputação de Helen, e naturalmente temiam desagradá-la. Joseph sabia que Malik poderia tornar-se um problema, e sentira-se tentado a encontrar-se a sós com Garanita, mas fora melhor assim, apesar da atitude de Malik e das suas perguntas insistentes. Não era sua intenção que surgisse qualquer sugestão de ter agido à revelia ou de estar a querer algum acordo especial com Garanita, algo que, bem sabia, o levaria a ser despedido. Não, mais valia ter uma parceira, alguém que pudesse confirmar que tudo fora feito às claras.

— Mas se quiser comunicar por rádio, informar a inspetora-chefe Grace que a desviei, esteja à vontade...

Já nos arredores de Portswood, Joseph quis pôr fim à conversa para se poder concentrar no modo como lidaria com Garanita. A oferta dele fora genuína, mas também tendenciosa, sugerindo que a inspetora Malik de alguma forma duvidava dele, mesmo sendo seu superior. Apesar do desconforto dela, não havia qualquer razão sólida que justificasse contrariar Joseph de maneira tão vincada, pelo que por ora teria de alinhar.

— Não é necessário. Sei que estou em boas mãos.

Foi dito com ânimo, mas faltou-lhe sinceridade, levando Joseph a interrogar-se qual seria exatamente a natureza do problema dela em

relação a ele. Não interessava, a discussão terminara, as reservas dela estavam agora silenciadas. E no momento certo, quando ainda se aproximavam de uma série de propriedades industriais ocultas nas ruas traseiras de Portswood, surgiu à vista Garanita, encostada ao seu *Corsa* vermelho, a olhar enfaticamente para o relógio.

O momento da verdade. Estaria a ardilosa jornalista simplesmente a aproveitar-se dele? Ou iria servir-lhe de bandeja o principal suspeito?

— O que é que ele disse, exatamente?

Helen acelerava ao longo da Avenue, rumando a norte pela via movimentada. Carros rugiam ao passar na faixa adjacente, e as obras laboravam a pleno gás ali perto, o que implicava que tinha de se esforçar para ouvir a resposta de Osbourne através do *bluetooth* do capacete.

— Ele disse que recebeu um telefonema ameaçador e que precisava de apoio urgente.

A resposta de Osbourne foi suficientemente nítida, apesar do ruído de fundo.

— E tens a certeza de que foi o Callum Harvey que ligou?

— Foi o nome dele que apareceu no telefone, e, além disso, a inspetora Brooks atendeu a chamada... Estava convencida de que era ele.

Helen praguejou por entre dentes. Ia a caminho para falar com Callum Harvey, mas de repente a sua missão a Lordswood tornara-se muito mais urgente. Justin Lanning fora assassinado no prazo de uma hora após ter recebido uma chamada idêntica.

— Envia já agentes para a casa.

— Já tratei disso.

— E diz-lhes que não saiam de junto dele até eu chegar.

Helen desligou e deu ainda mais ao acelerador. A moto trepidou e ganhou velocidade, devorando a estrada à sua frente. A Avenue, que ladeava terrenos públicos, era uma das principais vias para norte em Southampton, e tanto se apresentava completamente desimpedida como engarrafada, em função da altura do dia. Até ali, correrá bem, mas Helen avistou um problema: um sinal de trabalhos na via e,

mais adiante, uma longa fila a serpentear atrás dos semáforos provisórios.

— Merda...

Teria sido fácil rodar ao longo da fila de trânsito, mas o semáforo acabara de mudar para vermelho e Helen não estava com vontade de se envolver numa discussão com os operários para explicar a sua necessidade de passar. Assim, tomou uma decisão instintiva. Para chegar a Lordswood, teria de subir a Avenue e depois virar à esquerda para a Burgess Road. Havia, contudo, uma via mais rápida menos usada, e Helen apanhou-a. Guinou a moto para o passeio, que transpôs rapidamente, e desceu para a relva do outro lado. A grande extensão de terrenos públicos, o pulmão da cidade, abria-se diante dela. O que estava prestes a fazer era por certo ilegal e potencialmente perigoso, mas Helen não hesitou, dando gás e rugindo sobre a relva. Numa situação normal, não seria tão temerária, tão indiferente à segurança pública, mas aquele dia era uma exceção.

Era uma questão de vida ou de morte.

Pôs-se a andar de um lado para o outro, tentando desesperadamente controlar a respiração. Teve esperança de que, depois de ligar à polícia, pudesse acalmar um pouco, mas nem o seu espírito nem o seu corpo relaxaram. Callum encontrava-se em pleno ataque de pânico.

— Vá lá, aguenta-te...

Arquejou ao falar, débil e despedaçado. Na sequência da sua provação às mãos de Daniel King, fora açoitado por uma enormidade de horrores psicológicos — terrores noturnos, ataques de pânico, grandes períodos depressivos —, e a sua asma em nada ajudara; já sofria da mesma desde que dera os seus primeiros passos. Com o tempo, conseguira controlar essas horríveis aflições, mas não a sua asma, que ainda o afetava imenso.

Levou a bomba aos lábios e pressionou com força, inalando a medicação sofregamente. O golpe fresco proporcionou-lhe uma sensação de alívio temporária, com a recordação de antigas passas instintivamente a animá-lo, mas o alívio foi de curta duração. Por alguma razão, o salbutamol parecia não estar a surtir efeito. Sentiu o peito tenso, os pulmões agitados — o pânico estava definitivamente a tomar conta de si.

Sentou-se no sofá, apoiou a cabeça entre as pernas e inspirou vagarosamente, tentando normalizar a respiração. Ia ficar bem. A qualquer momento, a polícia chegaria e as coisas começariam a melhorar. Explicar-lhes-ia o que acontecera, iriam encontrar Hannah e trazê-la para casa, e depois investigariam a fundo aquela partida de mau gosto. Só podia ser isso — uma horrível e cruel partida...

Só que ainda não tinham chegado. Porque é que demoravam

tanto? Cada segundo parecia uma eternidade, incrementando a pressão, multiplicando o seu terror. Seria possível que os seus pulmões bloqueassem? Que sofresse um ataque cardíaco? Que perdesse a cabeça antes de chegarem? Tudo parecia possível, ou até provável, e de repente Callum sentiu-se tremendamente perdido. Porque é que não ouvia sirenes? Porque é que não estavam já à porta? Porque é que ninguém o salvava daquele sofrimento?

Então, ouviu algo. Levantando de repente a cabeça, pôs-se à escuta com atenção. Estaria a sua mente a pregar-lhe partidas? Não, estava mesmo a ouvir — passos a subir o carreiro. Passos calculados e confiantes. Sentiu um profundo alívio e riu sonoramente. Tinham chegado. Era a equipa de resgate.

Segundos depois, a campainha soou bem alto, demoradamente.

43

Os pneus da *Kawasaki* iam deixando a sua marca bem vincada no relvado. Estava a progredir bem, acelerando numa diagonal apertada no parque, na esperança de chegar a casa de Harvey em menos de cinco minutos. Ia atraindo imensos olhares de estranheza — sem dúvida que a Esquadra Central de Southampton estaria a receber inúmeras chamadas relativas a uma *motard* lunática à solta —, mas Helen não quis saber. Naquele momento, só lhe interessava chegar ao destino.

Avançava velozmente em direção ao lago ornamental, mas detetou um obstáculo — uma coluna bem visível de crianças de uma escola logo à frente, a dirigir-se para o parque infantil. Não poderia arriscar passar perto delas, já que a relva se apresentava demasiado macia e havia boas probabilidades de derrapar, por isso, mudando de direção, seguiu novamente para a faixa de alcatrão, que se dirigia diretamente para norte. Daí a nada passava a grande velocidade pelo poço artesiano e pela antiga pista de corridas de cavalos, antes de virar de novo para o terreno relvado, depois de ultrapassado o aglomerado de crianças. Cortou então à esquerda, ladeando o carreiro enquanto contornava um pequeno ribeiro, avançando depressa para a zona noroeste dos terrenos.

Ao chegar, diminuiu a velocidade, passando pelo estreito portão de entrada para regressar à estrada. Felizmente, estava desimpedida, e, após umas voltas rápidas, deu por si na Lordswood Road. Acelerando suavemente, curvou-se sobre a moto, para avançar velozmente.

Ainda não recebera qualquer atualização, o que a perturbava. Se haviam sido enviados agentes, porque é que ainda não fora posta a par de nada? Graças aos cortes orçamentais na polícia, as patrulhas

tinham passado a ter sob a sua responsabilidade áreas bem maiores, pelo que seria possível que levassem 15 minutos a lá chegar, mas ainda assim... O facto de nada lhe ter sido comunicado sugeria que ainda iam a caminho, ou que teriam chegado e estariam a lidar com um eventual incidente. Nenhuma das alternativas seria uma boa notícia.

Avançava depressa, abeirando-se do cruzamento com a Coxford Road. Uma vez mais, o trânsito intensificava-se, pelo que Helen subiu o passeio, atalhando caminho. De repente, surgiu à vista um carrinho de bebé e Helen teve de travar a fundo para o evitar, contornando o obstáculo e regressando à rua, antes de acelerar, com o impropério de surpresa da mãe a pairar no ar.

Estava quase lá. Cruzando a Coxford Road, seguiu para a Greywell Avenue e depois virou de novo à direita para a Wonston Road. A porta de Harvey era o n.º 52, e avançou até lá a grande velocidade, tragando os últimos metros, antes de se deter abruptamente, com uma derrapagem.

Saltando da moto, avistou-os — dois agentes fardados a bater à porta de Callum. Correndo pelo acesso, observou a modesta casa à procura de sinais de problemas, mas à primeira vista tudo lhe pareceu normal.

— O que é que se passa?

Os dois agentes viraram-se ao ouvir a sua voz.

— Nada, senhora inspetora. Acabámos de chegar, mas ainda não veio ninguém à porta.

Onde é que ele estava? Harvey dissera que ficaria quieto à espera deles. Então, o que é que se passava? Afastando-se do acesso, Helen espreitou pela janela da frente, em busca de sinais de vida. Assim que o fez, o seu sangue gelou.

— Afastem-se da porta.

Os agentes, espantados, hesitaram antes de recuar. Preparando-se, Helen recuou dois passos e avançou, batendo com a bota na porta. Esta abriu-se de pronto para trás, com o frágil trinco a ser projetado para a sala. Helen entrou a correr em casa na direção da figura debruçada meio escondida atrás do sofá.

Ajoelhando-se, virou o corpo, rezando para que não fosse demasiado tarde. Mas o que viu diante de si deitou logo por terra as suas esperanças. Callum Harvey jazia sem vida e pálido, com um círculo feio e lívido de uma contusão em redor do pescoço.

— Chamem reforços e uma ambulância — rugiu Helen, quando os horrorizados agentes se juntaram a ela. — E verifiquem as restantes divisões.

Helen já estava de pé, a correr para as traseiras da casa. O corpo de Callum ainda emanava calor, sugerindo que o ataque fora bem recente, mas a casa em si estava fria, e, ao chegar às traseiras, Helen percebeu porquê. A porta estava aberta.

Helen transpôs de pronto a soleira, correndo pela relva até ao portão, que também se encontrava escancarado. Do outro lado, havia uma pequena viela que dava acesso à estrada, mas que se apresentava deserta. O agressor de Harvey escapara.

Ofegante, Helen apoiou-se no poste da vedação, praguejando. Estivera perto, mas não o suficiente.

Ele olhou fixamente para ela, incrédulo.

— De maneira nenhuma! Isso nunca fez parte do acordo.

Mas a jornalista revelou-se resolutamente inabalável.

— Concordámos nos pontos principais, isto é apenas uma alínea.

— Eu disse que ajudava naquilo que me fosse possível — ripostou, furioso, Joseph. — Não disse que podia acompanhar os nossos avanços.

— Joseph, tenho montes de outras fontes que me dão pedacinhos de informações. Aquilo de que preciso é de alguém que me inclua na ação.

— Está louca?! Não posso tê-la a seguir-me ao capturar alguém. É perigoso para si, e iria comprometer as nossas investigações.

Ele falava bem alto e, ao erguer o olhar, viu a inspetora Malik a fitá-lo do carro. Contara que a conversa com Garanita fosse curta e tranquila, mas ainda assim achou melhor deixar a colega à parte. Deu-se por grato por o ter feito. Era evidente, contudo, que não estavam completamente fora do alcance do ouvido, pelo que puxou a jornalista para trás de um contentor de lixo municipal e continuou a defender a sua posição.

— E se lhe acontece alguma coisa? Seria eu o responsável!

— Eu sei tomar conta de mim.

— Tal como o fez com a Daisy Anderson?

Aquilo gerou uma reação imediata — Garanita não gostava de ser recordada do sofrimento que passara quando fora feita refém.

— Isso foi um erro, e não pretendo repeti-lo.

— Mesmo que assim seja, não posso tê-la ao meu lado. Causará muitos problemas, levantará muitas questões.

— Então, a conversa acaba aqui.

Emilia virou costas para partir, mas Joseph deteve-a, pousando a mão no seu braço para que parasse.

— Eu prendo-a por obstrução à justiça!

— E eu digo que foi um engano. Que percebi mal. E talvez assim tenha...

O tom dela era provocador. Joseph não tinha onde se apoiar, e sabia bem isso. Enfrentava a nada desejável opção de alinhar no jogo de Emilia ou perder a pista. Ser deixado em tal posição enfureceu-o, mas naquele caso estava de mãos atadas.

— Se fizermos isto, será à minha maneira — acabou ele por ceder.

— Você é que manda.

— Mantém-se bem atrás de mim. Pode tirar as suas fotografias quando tivermos alguém algemado, quando *eu* disser que é seguro.

— Parece-me justo.

— E este acordo funciona uma vez sem exceção.

— Veremos...

Ela voltou a sorrir, como se já conhecesse antecipadamente cada passo. Irritado, Joseph ia ripostar, mas um ruído forte deteve-o. Uma viatura acelerava rua fora, sem se importar com segurança ou barulho. Instintivamente, Joseph estendeu o braço, pondo Emilia mais atrás em segurança. Segundos depois, um furgão cinzento passou a grande velocidade. Foi fugaz, mas Joseph teve a certeza de ter lido corretamente a matrícula. Era a carrinha deles, aquela que procuravam.

Finalmente, o principal suspeito estava à vista.

Ela viu assim que entrou na sala.

Callum Harvey jazia onde o deixara, com um esgar de sofrimento, o corpo contorcido numa posição estranha, um braço encaixado por baixo dele, o outro esticado desamparadamente sobre a carpete. De início, Helen achou que pudesse ter tentado arrastar-se pela sala até um lugar seguro, mas depressa percebeu que ele agarrava um telemóvel num punho cerrado.

Os agentes fardados estavam a isolar o local, pelo que Helen, descalçando as botas e calçando luvas de látex, avançou com cuidado pela alcatifa macia na direção do cadáver. Com sorte, as fibras grossas e absorventes conteriam provas forenses úteis para Meredith, mas isso seria mais tarde; naquele momento, a única prioridade de Helen seria descobrir exatamente o que acontecera ali.

Ajoelhando-se junto a Harvey, passou os dedos entre os dele, para lhe abrir o punho. O telemóvel — um *Huawei* — tombou da sua mão estendida. Ainda estava ligado. Mais do que isso, ainda estava quente, com o ecrã coberto de dedadas. Seriam presumivelmente dele próprio, mas teria de ser confirmado; por isso, com cuidado para não as borratar, Helen abriu o menu principal. Seleccionando o histórico de chamadas, analisou os números. Reconheceu o mais recente — era a chamada que Harvey fizera para a Esquadra Central de Southampton às 10h05. Passando para trás, Helen não se surpreendeu ao dar com outra chamada pouco antes — esta recebida —, registada às 10h02.

No entanto, a identidade de quem o contactara deixou-a desconcertada. Aparentemente, quem lhe ligara fazia parte da sua lista de contactos — «Hannah». O nome despertou de imediato algo

em Helen — tinha a certeza de que ele era comprometido com uma mulher chamada Hannah Bradwell —, e, passando revista ao seu registo de chamadas e mensagens, avaliando os inúmeros telefonemas e as mensagens carinhosas, depressa se tornou claro que a chamada fora feita de facto pela sua noiva ausente.

Sem demora, Helen voltou a verificar o histórico de chamadas da manhã, mas não se enganara da primeira vez — Harvey não recebera mais telefonemas. Preocupada, procurou então na sala um telefone fixo, outro telemóvel — outros meios de contactar Harvey —, mas não deu com nada. Então ocorreu-lhe outra ideia. Devolvendo a atenção ao telemóvel de Harvey, procurou a duração da chamada. E estacou. A chamada de Hannah prolongara-se exatamente por 59 segundos — uma duração espantosamente semelhante à do telefonema que Justin Lanning recebera no dia em que fora assassinado.

As probabilidades de tal se tratar de uma coincidência eram diminutas, o que fez soar o alarme de Helen. Lanning fora contactado através de um telefone sem registo, com o assassino a ocultar deliberadamente a sua identidade, enquanto Harvey fora ameaçado através de uma chamada feita do telemóvel da namorada. Isso significava que ou ela era o assassino que procuravam — de repente imprudente e desejosa de se expor — ou algo lhe acontecera, e o assassino estava na posse do seu telemóvel. De uma maneira ou de outra, a prioridade de Helen era clara.

Tinha de encontrar Hannah Bradwell. E depressa.

46

— Até que ponto temos a certeza?

O tom de Simmons soou invulgarmente brusco, pelo que Charlie foi direto ao assunto.

— A Meredith Walker vai enviar fotografias assim que as receber... mas a descrição da inspetora-chefe foi bem clara. Tratou-se de estrangulamento com garrote.

Simmons não reagiu, olhando para um espaço logo acima do ombro de Charlie, quase como se não a tivesse ouvido, deixando a agente de patente inferior sem saber ao certo como agir. Helen, ofegante, ligara a contar a novidade, enquanto saía a correr do local do crime. Face a isso, o resto da equipa começara a tentar freneticamente encontrar a noiva desaparecida de Callum Harvey, e Charlie ficara incumbida de informar a superintendente. Por norma, Simmons era uma pessoa calma, decidida e serena, mas naquele momento parecia irritada.

— E a vítima... — prosseguiu Simmons. — Tinha alguma ligação profissional ao Justin Lanning?

— Não, é professor de Matemática.

— Ainda eram amigos? Viam-se muitas vezes?

— Ainda é cedo para dizer com certeza, mas não havia nada na agenda do Lanning ou no registo de chamadas que sugerisse que se contactavam com regularidade.

Charlie percebeu que não era a resposta que Simmons esperava.

— Então, estamos a dizer o quê? — prosseguiu a sua superior, visivelmente agitada. — Que alguém deliberadamente fez deste grupo de sobreviventes um alvo?

Parecia uma loucura — o pequeno grupo de adolescentes escapara

à morte certa, para, mais tarde, darem por si a ser perseguidos —, mas não havia como negar que, face ao que se passava, era a conclusão óbvia. As vidas de Justin Lanning e Callum Harvey haviam seguido caminhos vincadamente diferentes desde que deixaram a escola — em termos de riqueza material, sucesso profissional, vida pessoal, tudo. O único elemento que parecia ligá-los era o trauma passado e, agora, as suas mortes.

— Essa tem de ser a chave da linha de investigação — confirmou Charlie. — Mas mantemos a mente aberta.

— Não sei se a comunicação social será assim tão discreta — murmurou sombriamente Simmons. — Isto para eles é uma maldita de uma dádiva! E pode apostar o que quiser: não vão tardar a desenterrar velhas histórias, criando histeria...

— Que o façam. Já lidámos com pior.

Charlie disse-o com um tom sério, e a sua força serena pareceu encorajar Simmons.

— Tem razão, desculpe. É só... chocante. Acho que assumi... *esperei*... que a morte do Lanning pudesse estar ligada ao trabalho dele, um negócio que tivesse corrido mal ou...

— Todos pensávamos isso, mas...

— Têm de seguir as provas.

— Exatamente.

Simmons refletiu por uns momentos e depois reagiu:

— OK, muito bem, eu falo com a assessoria de imprensa para decidir a linha de abordagem. Entretanto, deixo-a ir trabalhar, mas gostaria de ser posta a par de tudo assim que houver dados. Daqui em diante, enfrentamos uma verdadeira tempestade.

Charlie agradeceu à sua superior e partiu, apressando-se na direção da sala de operações. Enquanto avançava em passada rápida sobre a alcatifa desbotada, esquivando-se a inspetores que seguiam na direção oposta, as palavras de Simmons não a abandonaram. Os *media* iriam sem dúvida focar-se na coincidência das mortes. E quem os poderia censurar? Individualmente, os homicídios eram brutais e chocantes, mas juntos formavam uma narrativa ainda mais arrepiante. Não valia a pena pôr a carroça à frente dos bois, mas Charlie intuía que estavam a ser empurrados para um vórtice

sombrio que prometia apenas mais derramamento de sangue.

Entrando de rompante na sala de operações, ficou agradada por ver que a equipa trabalhava arduamente no caso, martelando os telefones em busca da noiva desaparecida de Harvey. Encontrá-la poderia ajudar a deslindar muita coisa sobre o mistério, e Charlie não gostara nada de abandonar a coordenação da busca para atualizar Simmons. Mas tinha de ser feito, e por ela, pois Joseph Hudson primava pela ausência. Ele fora visto bem cedo naquela manhã, mas desaparecera por volta das 9 horas. Não deixava de ser uma altura curiosa e inexplicável para desaparecer, reduzindo a cadeia de comando até um ponto crítico numa investigação que avançava a grande velocidade. De início, Charlie irritara-se com a ausência dele, mas fora ficando cada vez mais zangada, pelo que voltou a tirar o telemóvel do bolso para tentar ligar-lhe.

— Daqui fala Joseph Hudson. Por favor, deixe mensa...

Charlie desligou, mas agora, a juntar à fúria, acrescia uma ponta de preocupação.

Onde raio é que ele se enfiara?

Ele avançou em silêncio sobre o piso imundo, rezando para não ser ouvido.

Assim que o furgão passara por eles, Joseph avançara, deixando Garanita para trás para se juntar à inspetora Malik. Juntos, partiram na pegada da carrinha, mas a perseguição fora curta, com o suspeito a estacionar junto a um armazém na ponta mais distante da propriedade industrial.

Mantendo-se a curta distância, os agentes vislumbraram um vulto a entrar velozmente no edifício às escuras, fechando bem a porta depois de entrar. O instinto natural de Malik voltou a despertar, sugerindo que chamassem reforços, mas Joseph não aprovou tal ideia. Não fariam nada até terem cem por cento de certeza de que se tratava mesmo do suspeito — a recordação do fracasso decepcionante da noite anterior ainda estava fresca. Para não se zangar consigo próprio — já para não referir a sua posição na equipa —, não era algo que desejasse repetir.

Depois de ordenar a Malik que desse a volta pelas traseiras para intercepar quaisquer rotas de fuga, Joseph avançou cautelosamente em direção à porta principal. Para seu alívio, estava fechada, mas não trancada, abrindo silenciosamente quando rodou a maçaneta. Fazendo-a mover apenas uma frincha, esgueirou-se para o interior, encostando a porta atrás de si.

A escuridão do interior contrastava intensamente com a luz do Sol no exterior, e por momentos Joseph teve de permanecer imóvel, a pestanejar, tentando penetrar na escuridão que o cercava. Contudo, lentamente, os seus olhos habituaram-se; uma pequena claraboia no alto proporcionou alguma iluminação, e começou a ter noção do que

o rodeava. Não havia sinais do suspeito, nem se ouvia qualquer som. Todo o lugar apresentava uma calma de morte, o que talvez não fosse estranho, dado que o armazém se encontrava repleto de caixas de cartão. Torres delas, empilhadas bem alto, criando corredores elevados que cortavam a luz e abafavam o som. O espaço cavernoso emanava uma aura intimidante de ausência de vida, com os corredores a parecerem crescer sobre ele, mas não era aquilo que ia fazer com que Joseph se acobardasse. Reunindo toda a sua coragem, seguiu em frente.

O piso de cimento era granuloso, mas sólido, com os sapatos de sola macia a não fazerem ruído enquanto percorria o corredor mal iluminado. Não fazia ideia de onde poderia encontrar-se o suspeito, mas o instinto levou-o até à parte de trás do edifício. Avançando rapidamente, mas em silêncio, observou atentamente tudo em seu redor, em busca de sinais de vida. Mas não parecia haver ali nada, com a exceção das caixas — todas elas com nomes inscritos. De início, os rótulos nada lhe indicaram, mas aos poucos tornaram-se mais familiares — sombras de investigações passadas a vaguearem-lhe pela mente —, até que, ao chegar às traseiras do armazém, se tornaram instantaneamente reconhecíveis. Rose West. Jeffrey Dahmer. Peter Sutcliffe. E, o mais surpreendente de todos, Charles Manson. Que raio de lugar era aquele?

De súbito, Joseph teve a sensação de ter tropeçado em algo sombrio, algo inesperado, algo sinistro. Pela primeira vez, questionou-se se Malik teria razão, se deveriam ter chamado reforços. Mas quando parou, equacionando a retirada, ouviu qualquer coisa. Um ruído vindo das traseiras do armazém.

Abrandando a progressão, avançou apenas mais um pouco, mantendo as costas para a parede de caixas de cartão enquanto deslizava na direção da ponta do corredor. Chegando a um cruzamento, espreitou em volta da parede alta, e de repente viu-o. Embora estivesse de costas, tratava-se sem dúvida do homem que procuravam — o vulto macilento e careca que tentara invadir a casa de Lanning. Estava curvado sobre uma mesa, a examinar algo, que Joseph não conseguia ver.

O que deveria fazer? O protocolo exigia que se retirasse, chamando

ajuda antes de avançar. Mas a entrada encontrava-se muito mais longe do que o suspeito. Seria ele capaz de recuar sem atrair a atenção do homem para a sua presença? Não, mais valia avançar. Capitalizar o elemento-surpresa e algemar o suspeito, antes que este percebesse o que lhe acontecera.

Cautelosamente, Joseph deu um passo em frente. E depois outro. O vulto permanecia atento ao que se encontrava sobre a mesa, alheado do perigo que corria. Joseph avançou mais um passo. E depois outro. Encontrava-se apenas a três metros do homem, que então começou a remexer numa caixa que estava debaixo da mesa, desatento e absorto. Retirando as algemas do cinto, Joseph deu mais um passo decisivo na direção do fugitivo.

E, naquele momento, o homem virou-se para o intruso. Joseph foi apanhado desprevenido; ficou atrapalhado com o movimento súbito e teve apenas um segundo para reagir quando o suspeito lhe apontou a mão. Por um instante horrível, Joseph pensou que o seu atacante pudesse ter uma faca, ou até uma arma de fogo, mas percebeu que ele segurava um *taser*, um nanossegundo antes de a sua bobina metálica disparar na direção dele. Se o atingisse, Joseph ficaria paralisado, completamente à mercê do seu atacante, mas, mergulhando para a direita, sentiu a carga a passar velozmente, não lhe acertando por uns milímetros. Joseph embateu com força no chão, sendo-lhe furtado o ar dos pulmões, mas conseguiu levantar-se de pronto, com as mãos a deslizar sobre o pó.

Não foi nada gracioso, nem leve, mas endireitou-se, virando-se para o suspeito, pronto para a luta. Porém, o ataque terminou antes sequer de começar, com o suspeito a fugir disparado pelo corredor, na direção da porta principal, como se a sua vida dependesse disso.

Sem hesitar, um furioso Joseph correu atrás dele, determinado a não o deixar escapar. Estava sujo, sem fôlego, e claramente em desvantagem, mas não seria derrotado.

A caçada estava em curso.

Ela correu sobre o chão polido, esquivando-se aos turistas que deambulavam por ali, antes de parar com uma derrapagem junto ao balcão da entrada. Sacando do cartão de identificação da polícia do seu casaco, confrontou a espantada rececionista.

— Hannah Bradwell. Em que quarto está? — A jovem pareceu estupefacta, incapaz de falar. — Sou da Polícia de Hampshire — prosseguiu Helen, falando de forma muito clara. — E preciso de encontrar a Hannah Bradwell. Em que quarto está?

A rececionista apercebeu-se da urgência da situação e teclou no seu computador. Helen ocupou-se a observar as imediações; a sua busca por Bradwell levava-a a um Travelodge junto a Westquay, onde decorrera a festa de despedida de solteira. Helen pusera-se lá em menos de 20 minutos, mas à primeira vista tudo parecia normal. O *lobby* encontrava-se cheio de gente feliz e relaxada a gozar o seu fim de semana, alheados do drama que se desenrolava sob os seus narizes.

— Quarto 612. É no sexto...

Mas Helen já ia a caminho, correndo pelo átrio até entrar no elevador, no preciso momento em que as portas se fecharam. Ignorando os olhares de espanto da turista americana no interior, carregou com força no botão para o sexto piso.

— Vamos, vamos...

Vagarosamente, o elevador iniciou a sua ascensão, antes de parar no quarto andar. As portas deslizaram para se abrir, com a companheira de viagem de Helen a olhá-la cautelosamente enquanto saía. Helen ficou a vê-la partir, mas, enquanto rezava para que as portas se fechassem, viu uma família numerosa a preparar-se para

entrar, por isso não hesitou, passando pela sua amiga americana para se dirigir às escadas.

Passando intempestivamente pela porta, Helen subiu os degraus três a três, aproximando-se rapidamente do seu destino. Irrrompendo no sexto andar, levou um momento a observar as suas imediações, e a seguir desatou a correr.

606, 607, 608...

Foi passando pelas portas a alta velocidade no corredor comprido a abafado.

609, 610, 611...

Helen estacou à porta do quarto 612. Batendo ruidosamente, chamou alto:

— Hannah?

Lá dentro, silêncio.

— Hannah. Está aí dentro?

Ainda nada.

— Está tudo bem?

A voz de Helen soou estrangulada e pouco natural, com as palavras a esmorecerem no corredor silencioso. Lamentou não lhe ter ocorrido trazer uma chave-mestra da receção, mas pôs de parte a ideia de lá voltar. Tempo era um luxo do qual não dispunha.

Portanto, pela segunda vez naquele dia, recuou uns passos para se preparar para arrombar a porta. Encetou uma contagem decrescente a começar em três e lançou-se para a frente, na direção da porta, que de repente se abriu. Helen deteve-se de pronto, ficando a milímetros de acertar na mulher completamente perplexa diante de si. Endireitando-se, vacilou ligeiramente para evitar contacto, no momento em que a irritada Hannah Bradwell avançou para ela, cingindo o roupão à sua volta, enquanto exigia saber:

— Mas que raio se passa aqui?!

49

— Mas que brincadeira é esta?!

Não atingiram Emilia Garanita por pouco, com a jornalista a conseguir saltar da frente quando eles passaram a grande velocidade.

— Se apanharmos o homem e pelo caminho despacharmos a Garanita, diria que é positivo...

Joseph lançou uma espreitadela ao retrovisor. Ainda conseguia ver a irritada jornalista a correr para o carro dela, mas o seu interesse por ela já esmorecera. O seu único foco agora era apanharem o homem deles.

— Mas entretanto não nos mate... — resmungou Malik, enquanto passava a luz azul pela janela para a fixar no tejadilho.

Joseph ignorou-a, mantendo os olhos colados na carrinha que acelerava à sua frente. A sirene deles já emitia o estridente som, mas até então de nada parecia ter servido. Afastava o trânsito, facultando-lhes um avanço rápido, mas não pareciam estar a ganhar terreno ao suspeito, que serpenteava com destreza por entre os carros, mudando constantemente de faixa. Tendo sido surpreendido por Joseph, fugira do armazém, saltando diretamente para o seu furgão e acelerando dali para fora. Joseph não seguia muito atrás, depois de Malik se ter juntado a ele em frente ao edifício, mas a viatura deles estava estacionada a uns 20 metros de distância, proporcionando um avanço significativo ao suspeito. Era evidente que ele pretendia aproveitá-lo bem.

— Agente em perseguição a suspeito, rumando a leste na Thornhill Park Road. O suspeito conduz uma *Vauxhall Vivaro* cinzenta, matrícula óscar, eco, um, cinco, vítor, zulu, lima...

Joseph reparou que Malik não o consultara antes de efetuar a

comunicação via rádio. Sentiu-se um pouco irado, embora soubesse que ela se limitava a seguir o protocolo. Ainda assim, houve algo no modo como o fez — uma dureza na voz, a maneira como lhe virou costas — que denunciou a irritação que sentia. Estaria a criar uma inimizade com a jovem inspetora?

Afastando tais pensamentos da mente, devolveu a atenção à carrinha cinzenta, que continuava a seguir a grande velocidade, mudando repentina e erraticamente de faixa. Ouviam-se buzinas, carros a travar; foi por pouco, em várias ocasiões, que não se deu um choque. Agarrando com força o volante, mantendo a aceleração estável, Joseph seguiu na pegada da carrinha, determinado a não deixar escapar o fugitivo. Mas não era tarefa fácil — a carrinha parecia aumentar a velocidade, sem se deixar abalar pelos obstáculos que lhe surgiam pela frente ou pelos agentes que a perseguiam.

Contudo, Joseph detetou então uma oportunidade. A Thornhill Park Road afluía na Bitterne Road East, para quem seguia para o centro. Havia sempre trânsito no ponto onde aquela artéria principal se unia uma vez mais à Maybray King Way, e isso mesmo estava a comprovar-se: surgiu à vista uma fila de carros a avançar em ritmo lento. Pressentindo a vitória, Joseph carregou um pouco mais no acelerador.

Só que o fugitivo intuiu o perigo. Sem aviso, guinou a carrinha para a direita, cortando pelo trânsito que vinha da frente, traçando uma curva apertada para uma estrada lateral. Travando a fundo, Joseph seguiu-o, por pouco não embatendo num autocarro em travagem. Malik lançou-lhe um olhar irado, agarrando-se ao suporte da mão.

— O suspeito dirige-se agora para nordeste na Somerset Avenue.

O operador respondeu, fornecendo dados de carros-patrolha que estavam a ser enviados para intercetarem o furgão. Joseph esperou que não demorassem muito. O suspeito em fuga era indiferente ao perigo, ia já a mais de 130 quilómetros por hora, apesar de circularem por uma área de grande intensidade residencial. Instintivamente, Joseph retesou os maxilares. Quanto mais depressa

terminasse a perseguição, melhor.

— O que é que vai fazer? — perguntou Malik. Joseph ignorou-a, empenhado em não se distrair. — Temos à frente a Faculdade Comunitária de Woodlands e do outro lado há um parque infantil...

Era típico de Malik soar como um mapa falante.

— Não há muito que possamos fazer — reagiu Joseph, com toda a calma que lhe foi possível. — Seguimos o protocolo e apanhamos o tipo.

— Mas, à velocidade a que ele vai, se bate em alguém...

— Então é melhor deixá-lo ir?

— Não, é claro que não. Mas, se abrandarmos um pouco, deixarmos que os outros carros o encurralem...

— Ainda faltam uns 800 metros, e, se o perdemos de vista, não sabemos quando o voltamos a encontrar. Se abandonar a carrinha, não temos como voltar a dar com ele. Não podemos perdê-lo de vista!

Joseph carregou no acelerador, encurtando a distância entre as viaturas. Era arriscado, mas não lhe ocorreu outra forma. Uma vez mais, o fugitivo reagiu, aumentando a sua velocidade. Joseph vislumbrou pelo canto do olho peões assustados, rodopiando no passeio para ver a perseguição desesperada, mas não tirou um segundo os olhos da estrada.

Teria Malik razão? Deveria abrandar? Não, eles não podiam deixar o suspeito fugir; tinham de o deter. Joseph carregou uma vez mais no acelerador e então, para sua surpresa, viu as luzes vermelhas dos travões do furgão a acenderem. Por momentos, Joseph achou que o fugitivo iria parar e abandonar a carrinha. Mas não — ele apenas abrandara para fazer uma curva, passando por cima da sarjeta e fugindo, enquanto acelerava pela Somerset Avenue até ao cruzamento seguinte.

O parque infantil ficava logo à frente. Representava obviamente uma inquietação, com pais e cuidadores a atravessarem regularmente a rua, mas Joseph ficou contente por ver que a sirene resultava. Mesmo àquela distância, via cabeças a rodarem, pais a recuarem face à estrada, enquanto os carros passavam a grande velocidade por eles.

Olhando em frente, Joseph reparou que a via se encontrava desimpedida. Faltavam ainda cerca de 60 metros até ao cruzamento com a West End Road. A partir de lá, a carrinha poderia virar à direita, na direção do campo de *cricket*, ou à esquerda, rumo a Bitterne. Parecendo pressentir tal oportunidade, o fugitivo voltou a acelerar. Seguiu para o cruzamento, com Joseph logo atrás dele, ainda sem dar sinais de desistir da luta.

— Mas onde raio estão eles?! — resmungou Joseph, furioso por ainda se manterem desacompanhados na perseguição.

Era suposto os carros-patrolha terem vindo em seu auxílio, cortando eventuais rotas de fuga. Mas onde raio é que andavam? Ia ter de apanhar aquele tipo sozinho?

O cruzamento surgiu bem à vista dele. Estavam a uns 40 metros, 30, 10. Acelerando novamente, a carrinha avançou para o cruzamento, para depois parar de repente, derrapando intensamente enquanto tentava evitar um camião articulado mesmo em frente. O fugitivo travou a fundo, mas já foi tarde, chocando na lateral da viatura em movimento, até se imobilizar.

De imediato, Joseph levantou o pé do acelerador, para carregar com força no pedal do travão, mas, ao mesmo tempo, o volume cinzento da carrinha pareceu preencher-lhe por completo o para-brisas. Estava iminente um terrível impacto, pelo que, agindo por instinto, Joseph guinou o volante com força para a esquerda. Foi projetado contra Malik, que, por sua vez, embateu violentamente na janela, enquanto o carro tombava de lado. Por momentos, Joseph pensou que teria resultado, que tinham evitado a colisão, mas então o carro foi violentamente sacudido ao baterem na lateral da carrinha, ressaltando com violência.

O tempo pareceu parar, com Joseph a ver horrorizado o carro a sair da estrada, recuando para a sua esquerda, antes de capotar. O sangue subiu-lhe à cabeça, com os ouvidos preenchidos pelo som de metal a raspar enquanto o tejadilho deslizava pelo solo. Depois, outro impacto forte, com o carro a parar com um abalo violento, vidro estilhaçado sendo projetado a toda a volta deles. A seguir, silêncio.

Joseph deixou-se ficar ali, chocado. Tinha a visão turva, não ouvia

bem, e não viu qualquer movimento da parte de Malik.

— Malik? — Nada. — Malik? Está bem?

Tentou virar-se para ela, mas descobriu que não conseguia mover-se. E começou a entrar em pânico. Será que ela iria ficar bem? Será que *ele* iria ficar bem? E o que acontecera ao suspeito?

Não havia como saber, pelo que permaneceu ali, impotente, suspenso no carro amolgado, tomado pelo medo. Iniciara o dia cheio de esperanças, determinado a fazer a diferença, a deter o suspeito, mas todas essas esperanças se haviam desintegrado com o passar das horas. De repente, o seu mundo estava de pernas para o ar.

Ela fitou-a, incrédula.

Hannah Bradwell, a curar uma ressaca e ainda algo grogue, não se contivera, insultando a estranha de fato de couro que lhe perturbara o sono, após uma saída noturna visivelmente bem divertida. Mas o cartão de identificação de Helen conseguira pô-la mais sóbria, tal como a notícia chocante que acabara de lhe transmitir.

Bradwell sentou-se na beira da cama, pestanejando regular e ritmadamente, enquanto tentava interiorizar a notícia. O seu noivo, o seu amor, morrera.

— O que... o que é que aconteceu?

Mal conseguiu pronunciar as palavras; parecia prestes a vomitar e tinha a cabeça nitidamente a latejar, fosse resultado do choque ou do descontrolo da noite. Pousando o balde do lixo estrategicamente diante dela, Helen sentou-se na cama.

— Ainda estamos a tentar perceber o que se passou — respondeu Helen, com gentileza. — O Callum ligou-nos pouco depois das 10 da manhã, preocupado com a segurança dele. Achamos que foi atacado algum tempo depois, antes de conseguirmos lá chegar...

Hannah abanou a cabeça, aparentemente espantada por tudo aquilo ter acontecido enquanto dormia naquele sossegado quarto de hotel.

— Porque é que ele estava preocupado? O que é que aconteceu? — perguntou, virando-se então para Helen.

— Tinha a esperança de que nos pudesse ajudar a esse respeito. Ele recebeu uma chamada imediatamente antes de nos ter ligado, de alguém que ameaçou matá-lo. Esse telefonema foi feito a partir do seu telemóvel, Hannah.

Mais um golpe devastador, que deixou Hannah arrasada.

— Não, não pode ser. Não é possível...

Pegou na sua mala e começou a remexer lá dentro. A cada segundo, a sua procura tornou-se mais insistente — maquiagem, joias, um romance que saltou enquanto procurava mais fundo.

— Não está aqui. O meu telemóvel desapareceu.

Pálida, mostrou a mala vazia para provar o que dizia. Helen pegou na mala, vasculhando o conteúdo que restara e as bolsas interiores. Mas não havia dúvidas de que dizia a verdade.

— Quando é que o utilizou pela última vez?

— Na discoteca. Vi se tinha mensagens ou chamadas enquanto lá estava.

— Onde fica essa discoteca?

— Era a Moon Lounge... na Dorchester Road. Tínhamos uma zona VIP. A minha mala estava no chão, com o telemóvel sem dúvida lá dentro. Lembro-me de o ter consultado por volta das 23 horas. Depois, bebemos mais uns copos e fomos dançar e... e penso que não olhei mais para ele...

Interrompeu-se, horrorizada com as implicações de se ter embriagado despreocupadamente. Parecia fechar-se em si mesma, subjugada pela dor e pelo choque, pelo que Helen depressa a despertou dessa eventual letargia.

— Quando é que falou pela última vez com o Callum?

— Ontem à noite, ao sair de casa.

— Como é que ele lhe pareceu ontem? Nos últimos dias?

— Por norma, andava bem... — respondeu lentamente, com uma névoa a abater-se sobre a sua expressão. — Dentro do que é habitual no Callum, mas bem. Até que ontem à noite...

— Sim?

— ... ele estava tenso, perturbado. Foi por causa do que aconteceu ao Justin...

Voltou a soçobrar, aparentemente começando a estabelecer ligações na sua mente.

— Acha que ele poderia saber que corria perigo? — aventou Helen.

— Não sei dizer, não me parece, mas estava nervoso por ter de

ficar sozinho.

Começara a falar devagar, perturbada por uma série de possibilidades dignas de um pesadelo.

— Ofereci-me para ficar com ele, mais de uma vez, mas ele insistiu para que eu saísse, disse que não queria que eu perdesse os cocktails...

A voz dela tremeu, e os seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Não deve culpar-se pelo sucedido, Hannah. Não poderia ter feito nada, e, se lá tivesse estado, também poderiam ter-lhe feito mal.

A jovem não conseguiu articular um som, olhando fixamente para o chão sem tentar conter as lágrimas que lhe escorriam pelas faces.

— Como... — conseguiu ela, por fim, dizer, soluçando. — Como é que ele morreu?

Necessitou de todas as suas forças para reunir aquelas últimas palavras. Helen não queria responder-lhe, mas não lhe restou alternativa.

— Foi estrangulado. Lamento imenso.

De início, Bradwell nem sequer reagiu, como se não tivesse interiorizado o que ouvira. Depois, pareceu desabar. Enterrando a cabeça nas mãos, com todo o seu corpo a tremer, começou a gemer — expressões de dor profundas, longas e agonizantes. Helen quis confortá-la, para tentar evitar que mergulhasse num vórtice de sofrimento, só que o seu telemóvel começou a tocar, alto e de forma insistente. Helen hesitou por uns momentos, para a seguir se erguer lentamente.

— Peço imensa desculpa, tenho mesmo de atender...

Bradwell não reagiu, mantendo o olhar fixo no chão. Sentindo-se culpada, Helen afastou-se apressadamente, entrando na casa de banho adjacente.

— Inspetora-chefe Grace...

— Daqui fala o inspetor Osbourne, senhora inspetora. — Helen partira do princípio de que seria alguém da sua equipa, e esperou que se tratasse de boas notícias. Mas o tom de voz de Osbourne depressa pôs cobro a tal desejo. — Lamento, mas houve um incidente... — fez uma pausa, alimentando ainda mais o receio de Helen — envolvendo a inspetora Malik e o sargento-inspetor

Hudson.

— Por amor de Deus, o que é que te passou pela cabeça?

Por norma, Helen ter-se-ia contido, dado que havia mais gente presente e Joseph estava nitidamente abalado, só que ela sentia o sangue a ferver. A imprudente perseguição encetada por Joseph pusera muitas vidas em risco; era um milagre ninguém ter morrido.

— Ele estava mesmo à nossa frente, e senti que não nos restava outra hipótese que não fosse detê-lo.

O suspeito estava sob custódia, o que era uma pequena bênção. Até poderia ter poupado Joseph a uma suspensão, mas a detenção do fugitivo acarretara um preço demasiado elevado. O suspeito provavelmente ficaria bem, embora estivesse presentemente a ser observado no Hospital South Hants, tal como a inspetora Malik, com uma contusão grave. Joseph parecia ter escapado praticamente incólume, mas o mesmo não se podia dizer do carro de serviço. Esse, tal como o furgão que perseguira, estavam profundamente danificados, bastante deformados. Tudo somado, havia sido sem dúvida uma má manhã de trabalho, tendo em conta os riscos corridos naquela zona altamente povoada.

— E achaste que podias tratar disso sozinho, não foi?

— É evidente que não — contrapôs Joseph. — Nós avisámos via rádio que estávamos em perseguição. Seguimos à risca todos os protocolos!

— A inspetora Malik vai confirmar isso mesmo, não é?

Joseph nada disse, depois de ter revelado a Helen tudo o que ela necessitava de saber. A inspetora Malik estava severamente abalada, mas ainda assim encontrou forças para vincar a sua irritação perante os colegas que acudiram ao local, assim que os bombeiros a

desencarceraram.

— Tu conheces as regras — prosseguiu Helen, puxando-o para longe dos olhares curiosos atrás da carcaça despedaçada do carro de serviço. — Se estás de olhos postos na presa, primeiro comunicas.

— Não tive tempo, Helen! — protestou Joseph. — O tipo tentou imobilizar-me com um *taser* e a seguir fugiu. Se não o tivéssemos perseguido, tê-lo-íamos perdido.

— Isso até pode ser verdade. Mas, antes de mais, como é que te puseste em tal posição? — Joseph hesitou. — A equipa não conseguiu contactar-te durante toda a manhã, apesar das várias tentativas. A cadeia de comando estava comprometida, ninguém fazia a mínima ideia de onde estavas, e de repente estás a perseguir o principal suspeito num parque infantil...

— Não foi nada disso...

— Então, como é que foi? Como é que conseguiste uma pista sobre o paradeiro deste tipo, quando o resto da equipa não conseguiu dar com ele?

Mais um momento de hesitação, antes de Joseph responder:

— Recebi uma dica.

— De quem?

— De uma fonte.

Helen olhou-o fixamente, indignada por ele equacionar mantê-la à margem.

— E essa fonte é...

— Um contacto, só isso.

— Quando é que recebeste essa dica?

— Hoje de manhã, bem cedo.

— E optaste por não a partilhar porque...?

— Queria confirmar se era mesmo o nosso homem.

— E depois disso feito, decidiste armar-te em herói, apesar da situação de grave perigo em que te puseste a ti e à tua colega, já para não referir os civis inocentes...

— Já te disse que não foi nada disso — contrapôs Joseph, subindo o tom de voz.

— Eu acho que foi exatamente isso. Tinhas o teu telemóvel contigo. O teu rádio! Que diabo! Até uma colega tinhas contigo, que

podia ter comunicado assim que o viste. Em vez disso, mantiveste-te deliberadamente à margem...

— Não, eu não...

— Isto enquanto o resto da equipa lidava com um segundo homicídio, do qual não fazias a mínima ideia, por andares a brincar ao Rapaz-Maravilha. Negas? — Joseph olhou-a atentamente, mas nada disse. — Assim sendo, vou voltar a perguntar, sargento-inspetor Hudson. Que raio estavas tu a fazer?! E nem penses em mentir-me...

— Estava a fazer o meu trabalho, *senhora inspetora*. — Não foi a hostilidade na expressão dele que chocou Helen. Foi a forma como pronunciou as duas últimas palavras, carregadas de veneno, azedume e um profundo sarcasmo. Como se ele gozasse do direito que ela granjeara de o criticar, como se ele troçasse *dela*. — Agora, se me dás licença, gostaria de ir ver como está a inspetora Malik.

Sem aguardar pela resposta, partiu em passos largos, dirigindo-se a um grupo de colegas preocupados. Helen permaneceu imóvel, com o choque a transformar-se em fúria. Sabia que Joseph Hudson era um diamante em bruto quando o aceitou, sabia que já tivera os seus problemas com a autoridade. Mas, mesmo assim, nunca contara com uma hostilidade tão declarada, com um tão evidente desprezo pela hierarquia e pelo posto, nem com um ataque tão pessoal. Teria problemas em ter um superior? Ou seria o facto de se tratar de uma superior do sexo feminino que o irritava?

Tendo em conta o comportamento dele e as surpreendentes descobertas dela naquela manhã, Helen de repente constatou que não conhecia minimamente aquele homem. Um homem de quem achou que gostava, por quem talvez estivesse a desenvolver sentimentos. De súbito, tudo lhe pareceu frágil, como se as fundações da equipa, do seu relacionamento com Joseph, tivessem sido profundamente abaladas. Será que, afinal, deveria ter dado ouvidos ao seu instinto? Àquela vozinha dentro dela que lhe dizia que tentar um relacionamento com Joseph era uma ideia imprudente e disparatada? Enquanto observava o seu agitado imediato a falar num tom alterado com os seus subalternos pedindo informações sobre a colega ferida, algo se tornou absoluta e

penosamente claro. Havia problemas à vista.

Ela foi passando as fotografias, formando-se um largo sorriso no seu rosto. Aquilo era melhor do que alguma vez poderia ter imaginado.

Tendo prometido a Hudson manter-se a uma distância segura, Emilia esperara cinco minutos antes de avançar para o remoto armazém. Contava arranjar um ponto de observação melhor, algures perto do edifício, onde pudesse obter uma fotografia decente do suspeito a sair de lá algemado, mas nem dez metros avançara antes de a carrinha cinzenta surgir a avançar na direção dela. Entendendo que a descrição era a parte mais valiosa da valentia, afastara-se, vislumbrando o vulto macilento ao volante enquanto passava disparado. Emergindo do seu esconderijo, captou umas boas fotografias da carrinha de partida, antes de escutar um ruído atrás de si. Voltando-se, viu a viatura descaraterizada de Hudson praticamente em cima dela, conseguindo afastar-se da frente à justa. O carro deve ter falhado por uns centímetros, algo que Emilia entendeu como tendo sido deliberado da parte de Hudson.

Jornalistas menos determinados teriam dado graças e ficado por ali, mas Emilia sabia que a sorte protegia os audazes, pelo que se juntara à perseguição. Desceu a Bitterne Road e subiu a Somerset Avenue, passando pela Faculdade de Woodlands, até alcançar a cereja no topo do bolo — o acidente espetacular na West End Road.

A violência dos dois impactos — primeiro, o furgão cinzento contra um camião que ia a passar; depois, o épico capotamento de Hudson — deixara-a sem fôlego. Por um segundo, hesitara em aproximar-se da carnificina, temendo o que poderia encontrar, mas o seu instinto levou a melhor. Pegando na sua *Nikon*, saiu do seu *Corsa* e correu para o local do acidente, enquanto chamava uma

ambulância. Independentemente do que Grace pudesse pensar, ela não era um monstro.

Quando lá chegou, automobilistas em choque ajudavam Joseph Hudson a sair do carro, enquanto o suspeito em fuga saía a cambalear da cabina do seu furgão. Ia tentar escapar, mas estava demasiado desorientado para ter sucesso, e momentos depois encontrava-se detido. Hudson, dividido entre ajudar a sua colega ferida e manter o suspeito debaixo de olho, parecera não reparar em Emilia. O que significou que ela pôde fotografar à vontade, captando pormenores do fugitivo algemado, dos destroços das viaturas, dos transeuntes chocados e do pisado e ensanguentado Joseph Hudson.

Acabou por aparecer a brigada de trânsito, que a obrigou a retirar-se. O que foi uma pena, dado que pouco depois irrompeu intempestivamente a inspetora-chefe Grace, como se pretendesse arrancar a cabeça a alguém. Como ela adoraria ser uma mosquinha para ter assistido enquanto Helen passava uma descompostura a Joseph Hudson, mas o par depressa desapareceu de vista, pelo que Emilia regressou ao carro para examinar o que captara.

— *A polícia informa que a West End Road pode permanecer cortada pelo resto do dia, enquanto decorre a investigação...*

A rádio local acompanhava em detalhe o acidente, dando um novo arranjo aos dados que haviam conseguido recolher, mas Emilia não estava interessada. Só tinham metade da história, não fazendo a mínima ideia da identidade de Hudson, nem de quem ele perseguia, pelo que se concentrou antes nas imagens que tinha à sua frente, imagens dos agentes ensanguentados, de carros destroçados, do detido atarantado — uma colagem agradável de uma operação policial que corra muito mal. Podia ter morrido alguém, ou podia ter havido mais feridos, e Emilia já tinha em mente uma dupla página, metade da qual incidiria no suspeito capturado, com a outra dedicada à imprudência e à incompetência da polícia. Os artigos pareciam escrever-se por si próprios, pelo que pousou de novo a máquina fotográfica no assento do passageiro e levou a mão à ignição, com a pretensão de se dirigir de imediato para a redação. Mas, no momento em que rodava a chave, deteve-se. Até aí alheara-se da emissão de rádio, embrenhada que estava na sua própria vida,

mas o tom do locutor alterara-se, soando repentinamente urgente e fervoroso. Estendendo a mão, Emilia aumentou o volume.

— *A polícia até agora recusou-se a identificar a vítima, mas fontes locais revelaram que se trata de Callum Harvey, de 25 anos.* — Emilia endireitou-se de repente no seu assento, chocada com a notícia. — *A par do executivo do ramo petrolífero Justin Lanning, Harvey era um dos cinco adolescentes raptados por Daniel King...*

Engatando de pronto a primeira, Emilia encetou uma brusca meia-volta, mal verificando o trânsito que se aproximava, acelerando estrada fora. Qualquer ideia de regressar à redação já caíra por terra. Graças à investigação que fizera a Maxine Pryce e aos amigos desta, sabia exatamente onde vivia Callum Harvey, e já se dirigia para lá, ansiosa por descobrir mais. A ser verdade — se Harvey fora de facto assassinado apenas um dia depois de Justin Lanning —, então uma grande história estava prestes a rebentar.

E Emilia estava determinada a chegar ao fundo da questão.

— *Uma casa na Wonston Road foi isolada pela polícia e ficámos a saber que há peritos forenses no local. A polícia até agora não emitiu qualquer declaração oficial relativa ao incidente nem divulgou a identidade da alegada vítima, mas a propriedade pertence a Callum Harvey...*

Fran Ward desligou o rádio, incapaz de ouvir mais uma palavra que fosse. Estivera a preparar-se para sair para o ginásio, ouvindo descontraidamente rádio enquanto juntava o equipamento. Era suposto dar uma aula às 14 horas, mas tudo isso estava já esquecido. Teria de ligar a avisar que estava doente, mentindo para se libertar do seu compromisso. Precisava de ficar sozinha durante algum tempo, precisava de tempo para pensar.

Sentiu-se tentada a voltar a ligar o rádio, para confirmar se tudo não passara de um sonho, mas nem sequer conseguia pensar em ouvir o entusiasmo macabro do jornalista, pelo que optou antes por ver as notícias locais na televisão. Para seu desânimo, relatavam a mesma história, até tinham uma fotografia da casa, contornada por fita da polícia e por agentes fardados. Era sem dúvida o n.º 52 da Wonston Road, uma casa que ela visitara em diversas ocasiões.

Nos primeiros tempos, sentia-se apavorada com as visitas que lá fazia, mas ainda assim aguentou-as. Callum, de início, não tinha nada que ver com o adolescente alegre e atrevido que sempre fora; tornara-se recatado, temeroso, amargo. Mas, com o tempo, graças à ajuda paciente de Hannah e dos seus companheiros sobreviventes, começou a dar a volta à situação, recuperando algum do seu antigo ânimo. Com o passar do tempo, as visitas dela à casa de Callum foram-se tornando divertidas, tendo até Fran levado lá a sua ex, quando as coisas estavam bem entre elas e parecia que poderia haver

mais intensidade na relação. Laura já há muito que fazia parte do passado — eram completamente incompatíveis —, mas a amizade dela com Callum perdurara. Até àquele momento.

O que é que acontecera? Fran ficara devastada com o homicídio de Justin. Não era assim tão próxima dele, mas sentira-se grata por a vida lhe ter corrido bem. Morrer daquela maneira, sozinho e aterrorizado numa obra isolada, era algo demasiado horrível para se imaginar, mas, ao processar o sucedido, dissecando as notícias e os artigos locais, começou a convencer-se de que talvez algo na vida pessoal dele tivesse corrido mal, que talvez a sua morte não estivesse ligada à experiência passada deles. Mas, entretanto, Callum morrera, e todas as certezas se haviam esfumado.

Teria Callum sido um alvo também? Talvez se tivesse suicidado... Seria sequer possível que ele de alguma maneira estivesse envolvido na morte de Justin e tivesse posto um fim a tudo, ao ser apanhado pela polícia? Não parecia minimamente possível; Callum não faria mal a uma mosca. Nem parecia ser pessoa de deitar a toalha ao chão, estando noivo, com planos para casar. Amava Hannah... — não!, era obcecado por ela — e ansiava pelo grande dia. Sugeriria então isso que ele fora morto? Que ambos os homens tinham sido assassinados nas últimas 48 horas?

Sentiu-se percorrida por uma vaga de medo. Fran por norma não era temerosa — o seu pai sempre dissera que ela era rija —, mas sentiu o coração a bater com força. Passara os últimos anos a viver sozinha, e estava habituada a isso, mas naquele momento fazia-lhe falta a presença de alguém. Alguém com quem conversar, para a abraçar, para a proteger. Já antes passara por situações de perigo e sobrevivera, mas aquilo era diferente. Uma sensação de pavor começou a devorá-la de forma lenta e sinistra. Olhando para baixo, reparou que as suas mãos tremiam, o seu corpo reagindo às chocantes notícias.

— Vá lá, Fran...

Tinha de recuperar o controlo, dominar o medo que a tolhia. Mais do que isso, precisava de lucidez, de informações sólidas sobre o que acontecera — a confirmação de que Callum efetivamente morrera.

Iria contactar a polícia, exigir informações. Se não as prestassem, contactaria jornalistas locais; estavam sempre interessados em falar com ela e, por norma, gostavam de trocar informações. Mas, primeiro, havia outra pessoa que tinha de contactar.

Pegando no seu telemóvel, marcou o número e aguardou. Praticamente ao fim de um segundo, atenderam, sendo saudada por uma voz feminina cautelosa.

— Maxine... — disse Fran, mantendo a voz tão firme quanto possível. — Acho que precisamos de nos encontrar.

Excerto de Uma Noite Sombria, de Maxine Pryce

Eu tinha um sorriso estampado no rosto, mas por dentro estava a tremer. Regressara ao meu lugar na cozinha, tentando mostrar-me o mais discreta e reservada possível, fingindo que nada acontecera. Mas o meu mundo acabara de sair do seu eixo.

Corríamos perigo. Enquanto seguia lentamente pelo corredor até à cozinha, dei voltas à cabeça em busca de pormenores do ataque a Lorraine Kielty — sim, era esse o seu nome —, mas não conseguia recordar-me de nada sobre o alegado atacante, além de que era jovem. Ainda assim, ao voltar a entrar na divisão, quando o meu olhar incidiu no nosso anfitrião, tive a certeza de que era ele. Era o psicopata violento que tentara estrangular a miúda indefesa.

Sentando-me, obriguei-me a exhibir uma expressão animada, enquanto o meu olhar procurava por Justin. Nunca fora declarado abertamente, mas eu e ele éramos os líderes do nosso grupo, e achei que nos cabia a nós remediar aquela situação desesperante. Porém, ele ainda estava a tratar da Rachel, que por uma vez na vida se mostrava contida, parecendo bastante desalentada. Ansiei por que o Justin erguesse o olhar, para que reparasse em mim, mas a sua atenção incidia com firmeza no elemento ferido, pelo que me virei antes para a Fran.

Ela estava sentada à mesa diante de mim, aconchegando nas mãos uma chávena de chá. Ao lado dela, o Callum ia conversando com o nosso anfitrião, mas de uma forma irregular e oscilante, não suficientemente alto para eu me poder dirigir diretamente à Fran. Por isso, tentei tocar-lhe na perna com o pé, dando-lhe um pontapé incisivo. A Fran deu um salto, surpreendida, para depois recuperar e olhar para mim. Parecia bastante descontraída e alegre, mas, assim que me viu, a sua expressão toldou-se. Contou-me mais tarde que eu

estava com uma palidez mórbida, como se tivesse visto um fantasma, o que retratava bastante bem como eu me sentia. Lançou-me um olhar inquiridor, pelo que instintivamente olhei para o Daniel King. Ele parecia distraído, a mexer nas unhas, enquanto conversava com o Callum, pelo que aproveitei a oportunidade para articular em silêncio: «Temos de ir embora.» Tive receio de que a Fran não me percebesse, mas ela compreendeu de imediato, franzindo a testa. Só que não se mexeu, não reagiu sequer, pelo que prossegui com um bem claro «já».

A Fran fez um ligeiro aceno de cabeça, como que a reconhecer a urgência. Por dentro, senti-me a relaxar, grata por ter uma aliada. Expirando lentamente, regresssei à conversa geral, dando com o nosso anfitrião a olhar diretamente para mim. Ter-me-ia visto a falar com a Fran? Teria percebido a nossa conversa silenciosa? Senti de novo o coração a bater-me na boca, mas o Daniel parecia descontraído, até divertido. Desviou o olhar quando a Fran se levantou.

— Importa-se que use a casa de banho? — perguntou ela, animada.

— Claro, fica ao fundo...

— Eu mostro-lhe.

Não foi planeado, mas dei por mim de pé empenhada em aproveitar a oportunidade. O nosso anfitrião encolheu os ombros e deixou-nos ir, com a Fran a seguir-me para fora da cozinha, rumo ao corredor às escuras.

— Mas o que é que se passa?

O sussurro irado da Fran preencheu o espaço às escuras. Agarrava-me o braço, com um aperto forte.

— Temos de nos ir embora. Temos de pegar nas nossas coisas e afastarmo-nos o mais possível daqui.

— Mas e o nevoeiro?

— Que se foda o nevoeiro! Estamos mais seguros lá fora do que aqui.

O meu objetivo não era assustá-la, mas não era o momento para delicadezas. Rapidamente, expliquei-lhe o que descobrira, o que me levava a pensar que o nosso anfitrião era potencialmente perigoso. A Fran, a adorável e angélica Fran, perdeu a cor. Parecia estupefacta.

Não, parecia *aterrorizada*. Percebi que em parte desejava que eu estivesse a inventar tudo, mas ela sabia que eu não era dada a acessos de fantasia. Além do mais, quando lhe disse para espreitar para o quarto, ela recusou, pressentindo as trevas que se ocultavam por trás daquela porta. O meu testemunho bastou-lhe; também ela já estava convencida de que precisávamos de sair dali.

— Como é que queres fazer?

Uma vez mais, parecia esperar liderança da minha parte. Porque é que tinha de ser sempre eu?

— Pegamos nas nossas coisas e vamos. Dizemos que queremos tentar concluir a jornada, deixar a nossa escola orgulhosa. Qualquer coisa... não interessa. Só precisamos de sair daqui!

— E se ele nos tenta impedir?

— O que é que ele pode fazer? Somos cinco contra um. Simplesmente, pomo-nos a andar, da forma que pudermos.

A Fran assentiu com a cabeça, mas parecia tolhida pelo medo. Agarrando-a pelo braço, puxei-a pelo corredor. Não valia a pena esticar mais a corda; quanto mais demorássemos, mais provável era que nos faltasse a coragem. As tábuas do soalho sob os nossos pés rangeram ruidosamente, exacerbando o silêncio que provinha da cozinha. *Que raio de sorte a nossa*, pensei para comigo. Esperei que a conversa ainda decorresse, facultando-nos uma distração de uns segundos, antes de anunciarmos a nossa partida.

Voltando a entrar na cozinha, o ambiente atingiu-me em cheio — sombrio, silencioso, abatido. Todas as conversas tinham cessado, e o nosso anfitrião já não se encontrava à mesa, mas sim posicionado junto à porta. Confusa, mas determinada a não me deixar perturbar, peguei no meu anoraque e anunciei:

— Vamos lá, pessoal, temos de ir andando.

Ergueram os olhos, mas nem tentaram mover-se. E foi então que vi — terror, não, *desespero*, no olhar deles. Então, o Daniel King virou-se, apontando-me diretamente uma caçadeira.

— Não vais a lado nenhum, minha cabra.

Helen fez deslizar sobre a mesa um exemplar de *Uma Noite Sombria*. Encontrava-se dentro de um saco de provas, mas bem visível — já bastante manuseado, com a capa rasgada e imensos *post-its* a marcarem páginas.

— Onde é que arranjou isto?

A figura macilenta levantou a cabeça e olhou brevemente para Helen, antes de baixar os olhos para o livro. Estava pousado sobre a mesa de fórmica que pairava sobre a cama de hospital onde ele jazia. O suspeito, por sorte, conseguira escapar sem ferimentos graves — com a exceção de uma contusão no pescoço —, mas, dado que o pessoal médico pretendia monitorizar o seu estado, Helen optara por não o transferir para a Esquadra Central de Southampton, levando antes a cabo o interrogatório numa sala privada do hospital. Seria, por assim dizer, uma arena mais simpática, menos ameaçadora, mas o suspeito tinha a noção da gravidade da situação — afinal, estavam dois agentes armados à porta, e Helen estava sentada diante dele, concentrada e determinada.

— Trata-se de uma cópia para revisão de *Uma Noite Sombria*, impressa há mais de dois meses, antes de ficar disponível ao público em geral — disse Helen. — Assim sendo, como é que a sua está tão manuseada? Calculo que não trabalhe no setor editorial...

Não era nada provável. O homem, além de ter um aspeto doentio, tinha a barba por fazer e estava coberto de tatuagens, exibindo uma comprida e visível cicatriz no peito. Ninguém gostaria de se cruzar com ele numa viela às escuras, e, mesmo ali, no ambiente iluminado e confortável do hospital, parecia ameaçador e hostil. Até então, resistira a todas as tentativas para que se abrisse; nesse momento

começou a abanar a cabeça, sorrindo de forma agreste, como se tudo aquilo fosse uma imensa perda de tempo.

— Parece muito interessado na história da Maxine — prosseguiu Helen. — Na verdade, parece interessado em todos os que foram capturados pelo Daniel King. — O sorriso sarcástico do suspeito afrouxou ligeiramente, enquanto Helen fazia deslizar uma fotografia sobre a mesa na direção dele. — Esta é uma imagem de videovigilância de um homem a tentar invadir a casa do Justin Lanning há três semanas. Reconhece a cara dele? — O homem observava a sua semelhança, mas não moveu um músculo, determinado a não revelar minimamente o que lhe ia na alma. — E que tal isto? — continuou Helen, fazendo deslizar outra imagem na direção dele. — Trata-se de uma imagem gerada por computador com base numa testemunha, uma vizinha do Callum Harvey. Ela fez um depoimento, a confirmar que um homem que coincide com esta descrição foi visto a rondar a casa do Harvey há uma semana. Isto não lhe desperta nada? — O homem não reagiu, olhando inexpressivamente para a imagem. Ainda assim, deu para perceber que se retraiu um pouco, retesando o corpo devido à tensão. — Ora bem, eu gostava de atribuir um nome a este rosto, a si, mas acho que isso vai ser um bocadinho complicado... — Helen mostrou o seu último adereço: um saco de provas contendo nada mais, nada menos do que seis cartas de condução. — Isto foi recuperado da sua carteira aquando da detenção. A questão é que não sei se se chama... Mark Samuels... ou Peter Frith... ou Steven Abram... — Foi passando uma a uma. — ... Ou Simon Collins. E, tendo em conta as nossas conversas preliminares, é evidente que não está com vontade de me elucidar, por isso, vamos antes concentrar-nos na natureza do seu interesse pelo caso Daniel King.

Helen deixou as palavras a pairar no ar, mas nem assim o seu adversário reagiu. Ela já vira aquilo antes — suspeitos que se fecham em copas, na esperança de que, mantendo a cabeça baixa, nada dizendo, todos os seus problemas desapareçam por milagre. Mas isso não poderia acontecer, não quando havia dois cadáveres na morgue.

— Este livro está cheio de anotações — declarou Helen —, com

todos os tipos de detalhes destacados: as alcunhas que os miúdos tinham uns para os outros, o que vestiam aquando do rapto, como sobreviveram nas Downs, o que contaram à polícia, o que fazem atualmente... Quer que prossiga?

— Se quiser.

A resposta soou carregada de sarcasmo, mas fraca.

— Porque o livro é apenas a ponta do icebergue, não é? Os meus colegas estão neste momento a passar revista à sua caverna de Aladino... — Dessa vez, sem dúvida que ele se encolheu, como se a ideia de haver agentes a vasculhar o seu covil lhe fosse fisicamente dolorosa. — E já encontraram algumas coisas bastantes curiosas: uma pasta da escola que pertenceu ao Callum Harvey, uma agenda que em tempos foi da Rachel Wood, uma coleira de cão onde está escrito Daniel King, até um tijolo que alegadamente veio da quinta destruída...

— E então? Sou colecionador — retorquiu num tom seco, denotando a fúria que sentia face à intrusão dela.

— Isso, eu percebo. Embora não entenda bem porque é que alguém havia de querer guardar lençóis que pertenceram à Rose West, ou os sarrabiscos do Charles Manson. Qual é o seu interesse em particular nesses assassinos? — O suspeito conteve-se, como se não soubesse ao certo o que haveria de responder. — Pergunto porque estou genuinamente interessada — prosseguiu Helen. — Não há um único assassino moderno digno de registo que lhe tenha escapado. Tem tudo deles: a sua obra, a roupa interior, as coleções de pornografia. Você é uma espécie de enciclopédia humana do homicídio. Porquê?

Mais uns momentos de hesitação. A pergunta dela não era uma acusação direta, o que pareceu tentá-lo a responder.

— Porque eles não são como as pessoas comuns.

— Nisso, não vou contrariá-lo.

— Agem sem limites.

— Sem consciência — corrigiu-o Helen.

— Sem *limites*. Fazem o que a maioria das pessoas não consentiria. E fazem-no sem medo.

— E admira-os por isso?

— Intrigam-me.

— E as vítimas deles? Parece muito interessado nelas, a ver pela sua coleção. Um dos meus agentes disse-me que tem um caracol do cabelo da Alice R...

— Foram tocadas por algo — interrompeu ele. — Algo maior do que elas próprias. Algo que as *transformou*.

— Permanentemente, em alguns casos — venceu Helen, não conseguindo disfarçar a sua repulsa.

— De uma forma ou de outra, as experiências transformaram-nas. Mais tarde fazem parte de uma história diferente, da história de outra pessoa. Têm um legado.

— E isso excita-o? Esse cruzamento entre assassino e vítima?

— Sou um colecionador, nada mais do que isso.

— Não me venha com conversas! — O homem ergueu, por fim, os olhos, espicaçado pela agressividade na voz de Helen. — Tenho a certeza de que gostava que acreditássemos que passou os seus dias enfiado no seu pequeno refúgio, a apreciar a sua desagradável coleção de *souvenirs*. — Viu-se raiva na expressão dele. Obviamente não gostava de ser associado ao ridículo. — Mas tem andado bastante ativo, não tem? A sua carrinha foi avistada junto à casa do Justin Lanning na noite em que tentou invadir...

— Tretas...

— E não tenho dúvidas de que, com tempo, vamos conseguir situá-lo junto ao edifício onde ficava o escritório dele, no dia em que foi raptado e assassinado. — Mais um abanar de cabeça furioso. — E também foi visto junto à propriedade do Callum Harvey, três dias antes de ele ser morto. E, como se isso não bastasse — Helen fez uma pausa para criar efeito, apreciando o evidente desconforto do suspeito —, temos agora o testemunho do pessoal da Waterstones a dizer que esteve num evento ontem à noite com a presença da Maxine Pryce; que andou por lá a vaguear já depois de os outros clientes terem saído. Ela era a seguinte da sua lista.

— Vá-se lixar!

— Está a negar que a perseguia?

— Sim.

— Que pretendia fazer-lhe mal?

— Isto é uma conversa de loucos. Nunca fiz mal a ninguém.

— Então porque é que anda com um *taser*?

— Para me defender.

Já não havia volta a dar.

— O Justin Lanning foi imobilizado com um *taser*, antes de ser estrangulado. E aposto que o Callum Harvey também.

— Preciso dele para proteção — ripostou de pronto o suspeito.

— Proteção face a quem? — Um longo silêncio, e, então, uma vez mais, o suspeito quebrou o contacto visual, incapaz, ou sem vontade, de responder. — Sabe, para um homem inocente, parece ter muita coisa contra si. Um interesse obsessivo em assassinos. Provas claras do seu desejo de penetrar nas vidas das antigas vítimas do King. Posse de um *taser*. E, acima de tudo, a sua resistência à detenção, agredindo um agente da polícia e conduzindo como um louco na tentativa de escapar. — O homem manteve o silêncio, lançando-lhe um olhar furioso. — Portanto, compreendo porque é que gostaria que eu acreditasse que não passa de um humilde colecionador, um estudante dos mais sombrios impulsos humanos, mas não engulo essa. Acho que é obcecado por homicídios. Pela ideia de matar. Em particular, obcecado pelo Daniel King... — Ele olhava diretamente para ela, mas não tentou negar a força das acusações de Helen. — Porque é que ele o cativa tanto?

Não houve resposta.

— Segundo os relatórios dos meus agentes — prosseguiu Helen —, o seu armazém está cheio de artigos abomináveis. Um «quem é quem» dos depravados e dos loucos, mas a sua coleção de peças do King suplanta todas as outras. Porquê? — O suspeito olhou para as suas mãos, que, percebeu Helen, estavam a tremer. — Tem os esboços que ele fez da mãe, os relatórios da escola, até roupa que lhe pertenceu. Tem inúmeros pertences das vítimas dele, já para não referir uma fotografia oficial da escola dos jovens que ele raptou, com as cabeças contornadas a tinta preta. Porquê? O que tanto admira nele? — O suspeito continuou a recusar-se a olhá-la nos olhos. — Excita-o, o que ele fez àqueles miúdos? Aprecia a ideia de trazer de novo à vida? Ou de *terminar* o que ele iniciou?

— É doentia...

— Desde o início, questionei-me se isto seria um crime inspirado noutra, alguém a ressuscitar o fantasma do Daniel King em prol dos seus objetivos retorcidos. Agora, tenho mesmo a certeza. Por isso, conte-me... — Helen fitou o suspeito com um olhar cortante. — O que é que o levou a cruzar a linha? Quando é que finalmente deixou de sonhar com matar... e partiu para a ação?

— Este é o homem em que estamos interessados.

Charlie entregou a fotografia da ficha criminal ao gerente. Fora captada no hospital e contava com boa iluminação e uma focagem nítida. Era infinitamente superior à imagem retirada da gravação de videovigilância de que dispunham anteriormente, e Charlie nutria grandes esperanças de que o proprietário da Moon Lounge, ou um dos seus funcionários, reconhecesse aquela figura misteriosa.

— Quando é que diz que ele esteve aqui? — ripostou Chris Bridges, com o seu cerrado sotaque de Portsmouth a fazer-se notar.

— Por volta das 22, 22h30 de ontem.

Hannah Bradwell estava convicta de que tinha consigo o telemóvel quando entrou na discoteca. Lembrava-se de ter consultado as horas antes de ir dançar, deixando a sua mala descuidadamente sem vigilância. Se estava a dizer a verdade, então alguém lhe roubara o telefone naquela discoteca na noite passada. Se conseguissem obter uma identificação positiva do ladrão, então obteriam uma ligação evidente ao assassino.

— Não posso dizer que o reconheça, mas estive fora a maior parte da noite. É melhor falarem com a pessoa que estava na entrada, a Lisa. Vou chamá-la...

Devolvendo a fotografia, afastou-se na direção de uma mulher elegante com um exuberante cabelo frisado, ocupada a repreender o pessoal da limpeza. Charlie aproveitou a oportunidade para olhar em volta. À luz do dia, as discotecas pareciam sempre desprovidas de alma — os banquinhos de couro estavam gastos, as marcas na pista de dança demasiado ostensivas, e, sem as nuvens de perfume para disfarçar a verdade, era impossível não reparar no fedor a álcool

rançoso. À noite, era um lugar muito diferente. Tratava-se de uma discoteca enorme, altamente popular, tanto entre locais como entre forasteiros, atraindo sempre grandes multidões ao fim de semana. Alguém utilizara aquele escudo humano para passar despercebido na discoteca e levar o telemóvel de Bradwell. Mas com que fim? Bradwell prometera ligar a Callum Harvey pela manhã, pelo que este estaria a contar com um telefonema. Significaria isso que o assassino de Harvey sabia disso? Teria calculado que o solitário Harvey poderia não atender se fosse outra pessoa a ligar? Até que ponto iria o conhecimento que ele tinha das vidas deles?

A responsável pela receção aproximava-se, pelo que Charlie teve de se obrigar a regressar ao presente.

— Lisa McGee, em que posso ser-lhe útil?

Falou educadamente, mas desprovida de simpatia. Charlie desconfiou que a rude subgerente já teria tido os seus problemas com a polícia — aquelas casas eram uma meca para traficantes de droga — e não apreciava a intrusão.

— Acreditamos que este homem esteve ontem à noite aqui na discoteca.

— Deixe-me ver.

Pegou na fotografia e observou-a com atenção, mas nada disse.

— Têm câmaras de videovigilância? — Um breve acenar. Charlie não teve dificuldade em perceber porquê, mas não insistiu. — Será que os seguranças o viram? O pessoal da bilheteira?

— Podemos perguntar-lhes, sem dúvida, mas é difícil que um tipo magro e careca se faça notar. O espaço está cheio de homens como ele ao fim de semana, um trabalhador que toma umas cervejas, anda a rondar as raparigas...

— E o pessoal dos bares? Ou os funcionários que andam a servir? Achamos que este homem terá andado a rondar um grupo de mulheres na zona VIP.

O olhar da responsável pela receção incidia numa pequena zona isolada por cordas no canto mais afastado da sala. Uma vez mais, à luz do dia, não tinha grande aspeto. Qualquer *glamour* que ostentasse na noite anterior já há muito que sumira.

— Bem, podemos perguntar; pode ser que tenha sorte. Mas,

sinceramente, este lugar ontem à noite estava à pinha, e, com as luzes a piscar e a grande massa de gente, é difícil ver alguém com nitidez, a não ser que nos abordem especificamente. O meu pessoal anda sempre de um lado para o outro; sinceramente, estou a precisar de mais gente... E, se o seu homem queria manter a discricção, só posso dizer que tinha tudo a seu favor.

Pareceu estranhamente animada com tal ideia, como se fosse positivo alguém escapar ao braço da lei. Charlie sentiu-se profundamente tentada a repreendê-la pela sua atitude, mas sabia que não iria a lado nenhum sem a cooperação de McGee, pelo que decidiu conter-se.

— Quando é que o seu pessoal regressa? Aqueles que trabalharam ontem à noite? — prosseguiu, educadamente.

— Temos um sistema rotativo, pelo que uns estarão cá logo à noite, enquanto outros regressam amanhã.

— Então, gostaria de ter uns agentes presentes, até conseguirmos falar com todos. — A responsável ficou chocada. — Não se preocupe, não têm de vir fardados. Se preferir, podem vir à paisana, mas é de extrema importância que falemos com toda a gente que esteve cá ontem a trabalhar.

McGee pareceu preferir que os agentes fossem para qualquer lugar que não ali, mas o pedido de Charlie revelou-se suficientemente vigoroso — já para não referir a ameaça tácita de haver agentes fardados a circundar pela discoteca — para optar por não levantar ondas.

— Faça o que tiver de fazer — acabou por dizer, sem a mínima graciosidade. — Mas, sinceramente... tendo em conta o estado deste lugar, e com a quantidade de gente que tivemos na noite passada... Bem... será como procurar uma agulha num palheiro.

Dito aquilo, afastou-se.

Sentiu-se claustrofóbico, como se as paredes se fechassem sobre si. Mais do que tudo, queria escapar àquele lugar... mas, de momento, tal não era possível.

A «discussão» de Joseph com Helen acabara mal. Em parte, fora culpa dele — ainda estava abalado devido ao acidente e não gostara de ser repreendido diante dos outros agentes. Não fora nada profissional da parte dela... Ainda assim, ele não deveria ter-lhe virado costas daquela maneira. Fez com que parecesse insubordinado, estouvado até, e sabia que iria pagar por isso. Na verdade, já começara a pagar. Não só era o alvo do gozo e dos mexericos dos colegas por toda a esquadra, como também fora destacado para aquela tarefa de treta, um trabalho que nem seria sequer digno de um inspetor, tendo Helen decidido interrogar sozinha o suspeito.

Deixou-lhe o sangue a ferver. Fora *ele* a receber a dica de Garanita, *ele* a escapar por uma unha negra a ser atingido por um *taser*, *ele* a pôr o pescoço no cepo na perseguição ao suspeito pelas ruas de Southampton. E recebia aquela recompensa? Registrar os *souvenirs* do suspeito — aquela extraordinária coleção de recordações macabras — e supervisionar a respetiva transferência para a Esquadra Central de Southampton.

Pretendera visitar Malik, para saber como ela estava e tentar acalmar o ambiente entre ambos. Mas também isso lhe fora negado, bloqueado por Helen como mais uma forma de castigo. Ela insistira em ter todas as provas catalogadas e analisadas o mais depressa possível, um pedido perfeitamente razoável tendo em conta a importância da investigação, mas não era algo que exigisse a

presença de um agente de patente superior. Nada disso; a sua presença ali era a forma de ela passar uma mensagem, uma mensagem muito pública.

Como é que as coisas descambaram tão depressa? Uns dias antes estava deitado na cama dela, satisfeito por a sua carreira e a relação deles seguirem no rumo certo. Sabia que ainda tinha de provar o seu valor, a ela e à equipa, mas Helen nunca teria permitido que se aproximasse tanto se achasse que ele era uma farsa. Não, obviamente, avaliara-o, vira nele potencial, de mais de uma maneira. Agora... agora estava aprisionado naquele isolamento opressivo e sinistro.

Só então Joseph percebeu que um dos outros agentes — um polícia ainda mais inexperiente do que Malik — olhava fixamente para ele. Despertando do seu devaneio, retomou o seu trabalho; não valia a pena chamar ainda mais as atenções sobre si pondo-se a olhar para o vazio como um idiota. Tinha uma tarefa a cumprir e, quanto mais depressa a finalizasse, mais depressa escaparia àquele lugar sombrio.

Não era tarefa que lhe desse qualquer gozo. O bom material — o extenso lote de recordações ligadas diretamente a King e aos seus antigos cativos — já fora registado, ensacado e despachado para a esquadra. Pouco ou nada havia em termos de artigos pessoais, nada que pudesse ajudá-los a identificar o macabro suspeito, pelo que aquilo que restava era uma coleção valiosa de miséria e sofrimento. Aparelhos ortodônticos usados por Alan Carter, um assassino degenerado que costumava morder as suas vítimas enquanto as matava; o canivete utilizado para esfaquear Charles Bronson num ataque na prisão de Strangeways; uma carta assinada por Ted Kaczynski, o famoso Unabomber; não parecia haver aberração abominável que não interessasse ao suspeito. Com isso Joseph lidava bem — cada louco com a sua mania; eram os artigos roubados às vítimas que verdadeiramente o enojavam. Lembranças, *souvenirs*, até símbolos de amor de inocentes que tinham sido brutalizados, abusados e assassinados. A descoberta de um urso de peluche de uma criança que ela alegadamente acarinhava quando a mãe a matou deixou-o fisicamente indisposto. Que tipo de aberração retira

prazer da posse daquilo?

Como teria adorado estar numa sala de interrogatórios com ele, cara a cara, separados por uma mesa. Sabia por experiência própria que os criminosos temiam e respeitavam os bófiás que os prendiam, e teria tirado proveito disso, aplicando apenas a quantidade certa de pressão para convencer o suspeito obstinado a cooperar. No mínimo, disporia de uma possibilidade de lhe dizer o que pensava dele, algo que lhe daria uma enorme satisfação.

No entanto, tal oportunidade fora-lhe negada. Helen optara por tratar disso sozinha, deixando-o a desempenhar o papel de um mero homem de mudanças. Não fora para isso que treinara, não fora para isso que *nascera*, mas de maneira nenhuma abandonaria o seu posto, não depois da catástrofe daquela manhã. Não, só lhe restava empenhar-se e fazer o seu trabalho, esperando fervorosamente que a sua estadia no purgatório fosse de curta duração.

— Não fiz nada de errado.

O suspeito continuava a alegar a sua inocência. Mas, instintivamente, Helen sentiu que a sua determinação esmorecia; já parecia cansado e menos lesto a contradizê-la. A questão consistia em saber se obteria uma confissão da parte dele antes de o pessoal médico intervir. Naquele preciso momento, Helen vislumbrou os médicos à porta, discutindo ardentemente se — ou quando — deveriam entrar.

— Isso é o que insiste em dizer, só que há um problema. Não acredito que isto seja obra do Daniel King. Ele não passa de um fantasma. Mas poderia haver outra pessoa a dar seguimento ao trabalho dele. Que grande história... Que grande feito seria para si...

— O King não era nada de especial.

— Estou perfeitamente ciente disso — contrapôs Helen —, mas não sei se você está. Tem uma grande coleção de artigos pessoais dele, já para não referir os inúmeros livros sobre ele.

— Interesse-me por muitos assassinos.

— Mas este tipo era cá da zona, as pessoas que raptou ainda vivem em Southampton, pelo que se calhar seria fácil, até tentador... Não faço ideia de quem você seja, mas o sotaque diz-me que é destas bandas. Por isso, ser-lhe-ia muito fácil localizar as antigas vítimas dele e atacá-las nas suas casas, no trabalho...

— Não.

— E, depois disso feito, poderia simplesmente desaparecer. Não fazemos ideia de quem você seja, onde vive, qual é a sua história. Talvez se tenha especializado em violência, rapto, homicídio. Não sei dizer ao certo, pois vive completamente à margem, na sombra. É

invisível. Um fantasma capaz de se imiscuir na vida das pessoas e desaparecer; um espectro capaz de atacar à vontade, levando o mundo a pensar que o seu herói, o Daniel King, regressou dos mortos...

— Não, não, não...

— Então, onde é que estava na quinta-feira à noite? Entre as 18 e as 19 horas?

Seguiram-se uns segundos de hesitação, com a expressão do suspeito a alterar-se.

— Estava no armazém.

— Alguém pode confirmar isso?

— Não, estava sozinho.

— E esta manhã? Entre as 10 e as 11?

Uma breve pausa; depois, respondeu:

— Eu... eu estava com alguém.

— Estava com o Callum Harvey.

— Nem pensar!

— Esforce-se, pelo menos, por soar mais convincente. Onde estava? — Fez-se um longo e intenso silêncio. O suspeito continuou a olhar fixamente para os lençóis, enquanto remexia nas unhas. — OK, então não tem qualquer álibi para ambos os homicídios — prosseguiu rudemente Helen. — O que não me surpreende, tendo em conta que andou a perseguir os dois sem tréguas, planeando exatamente *quando* e *como* apanhá-los.

— Nunca fiz mal a ninguém.

— Tentou atingir um polícia com um *taser*.

— Eu não sabia quem era o gajo; e apareceu sorrateiramente!

— Antes de mais, para que é que quer um *taser*?

— Para proteção.

— Proteção de quem? — O suspeito, que erguera fugazmente o olhar para enfrentar Helen, baixou-o uma vez mais. — Olhe, é ilegal ter um *taser*. Posso acusá-lo de posse de arma de fogo, já para não referir resistência à detenção e agressão a um agente da polícia. Só isso chega e sobra para o manter sob custódia enquanto passamos a pente fino a sua vida, os seus bens, os seus movimentos, unindo as peças para saber exatamente *como* é que obteve acesso ao Lanning e

ao Harvey, o que é que usou para os matar...

— Não fui eu.

— Não para de dizer isso, mas na ausência de qualquer prova em contrário...

— Não fui eu!

— Olhe para mim... — O suspeito não mostrou o mais leve sinal de o querer fazer. — Olhe para mim! — Helen gritou, assustando o suspeito e levando o pessoal do outro lado da porta a reagir. Apesar da sua evidente hostilidade, o suspeito ergueu lentamente os olhos, cruzando-os relutantemente com os de Helen. — Estou a investigar um duplo homicídio. A sentença para duplo homicídio é prisão perpétua, sem possibilidade de liberdade condicional. Fim do jogo. — O olhar dele não vacilou, mas agora Helen detetou medo. — Ora bem, é evidente que nutre uma obsessão pouco saudável pelo King e as suas vítimas, foi visto a tentar entrar na propriedade deste último, possui o tipo de arma usada para os dominar, tem a força física necessária para os estrangular... Está a ver o rumo que isto está a tomar, certo? — Sem dúvida que sim. — Preciso de concluir esta investigação. Trata-se de um caso de alto perfil, e é o único homem que encaixa... — Helen fez uma pequena pausa, antes de prosseguir: — Por isso, a não ser que me possa dar alguma coisa, o que quer que seja que prove a sua inocência em relação a estes crimes, não me resta outra opção que não seja acusá-lo de...

— Estive com outro colecionador.

As palavras saíram murmuradas, quase inaudíveis.

— Desculpe?

— Hoje de manhã. Estive com outro colecionador.

— Onde?

— Numa propriedade industrial, na Duke Street.

— Com quem?

— Não posso dizer, não é assim que se fazem as coisas.

— Por amor de...

— E não vai encontrar lá câmaras de videovigilância, nem nos arredores. Mas levei a carrinha. Pode verificar nas câmaras de trânsito. Fui pelo centro. — A equipa já estava atarefada a procurar os movimentos através do programa de reconhecimento automático

de matrículas. Se ele lhe estivesse a mentir, Helen saberia em breve.
— E a morada para onde eu ia estava no sistema de navegação.

— Qual era a natureza do «encontro»? — inquiriu Helen, não conseguindo disfarçar o seu ceticismo.

— Havia um tipo interessado em alguns dos meus *souvenirs* do King, e fui mostrar-lhe uma amostra do meu *merchandise*.

— Do *merchandise*?

— Ultimamente, houve uma grande subida de preços, dado o interesse dos *media* pelo caso.

— Foi vender-lhe partes da sua coleção?

— É o que eu faço. Há um grande mercado para isso... material que pertenceu a assassinos conhecidos, ou às suas vítimas. Há muitos interessados, e pagam bom dinheiro...

— É disso que vive?

— Claro.

— E se virmos o seu computador, as suas mensagens, vamos dar com provas disso?

— É claro que não. Está tudo na *dark web*. Esta gente não quer dar nas vistas, nem eu. É tudo feito à margem, com pessoas que podem ser ou não quem dizem ser. Desde que paguem, por mim tudo bem. Encontro-me com elas em unidades industriais, parques de estacionamento, onde for. Mas levo sempre um *taser*...

— Porquê tanto secretismo se não tem nada a esconder?

O suspeito hesitou, com o cérebro a carburar, antes de prosseguir:

— Olhe, a maior parte deste material é difícil de arranjar. A polícia leva as provas todas, ou a família do assassino assegura que os bens pessoais são destruídos, trancados. Mas há sempre maneiras, com alguma imaginação...

— Quer dizer que os rouba.

— Quero dizer que se aproveitam as oportunidades quando aparecem. No caso do Daniel King, o local foi isolado, mas era demasiado perigoso para a equipa forense avançar, por isso arrisquei e peguei no que pude...

— Por poder tirar lucro daí?

— O King vende bem porque nunca foi encontrado, por o caso ser bastante conhecido, porque as pessoas se lembram das imagens

daqueles miúdos nas Downs... — Nesse aspeto, Helen não teve como contradizê-lo. — É... é por isso que eu estava interessado no Lanning, no Harvey, na Pryce. Têm coisas de valor...

— Que queria para si?

Ele fez mais uma pausa, sabendo que o que estava a admitir iria levá-lo à prisão.

— Sim.

— Foi por isso que na noite passada seguiu a Maxine Pryce?

— Ela tem um colar... uma peça em forma de coração que usava quando foi encontrada nas Downs. Ainda a usa e... e, bem, sei que poderia ganhar dinheiro com aquilo. Houve uma pessoa que me contactou diretamente a pedir-me para o arranjar, mas ela não tem estado em casa, tem trabalhado noutra sítio. Eu precisava de saber onde, por isso é que a segui. — A repugnância de Helen pelas suas atividades parasitas ficou bem patente na expressão dela. O suspeito prosseguiu: — Portanto, pense o que quiser de mim. Chame-me ladrão, traficante, traste, o que quiser. Mas não sou um assassino. O meu interesse por estas pessoas não é pessoal, nem sequer me aborreço a fazê-lo. — Fixou o olhar no dela. — É só negócio.

Estavam cercadas por imensa gente, mas ainda assim Fran sentiu-se exposta, lançando olhares nervosos em volta enquanto falava. Escolhera aquele Caffè Nero por estar sempre cheio, mas já se arrependera da escolha. Todos os rostos de passagem lhe pareciam suspeitos, como se soubessem algo, como se pudessem ser perigosos.

— Viste-o recentemente? Ao Callum, quero eu dizer...

Maxine abanou a cabeça. Fran reparou que a sua antiga colega de escola parecia mais magra, até mais velha, desde a última vez em que se tinham encontrado.

— Já não o via há uns meses. E tu?

— Há umas semanas. Ele estava bem, sentia-se feliz, por amor de Deus.

— Ouvi dizer que casou — reagiu Maxine, soturna. — E fiquei contente por ele. Depois de tudo aquilo por que passou, merecia um pouco de felicidade...

As palavras dela pareceram pairar no ar, ocas e sem valor.

— Credo, que confusão de merda! — A voz de Fran vacilou, assolada pelo medo e pela inquietação. Maxine esticou o braço e pegou-lhe na mão, para a encaixar na sua, mas não sentiu qualquer conforto; tinha os nervos em franja. — Primeiro, o Justin; agora, o Callum...

— Há de haver uma explicação para isto; *tem* de haver — insistiu Maxine. — Alguém que eles irritaram, alguém que antago...

— Maxine, eles foram estrangulados. — Fran falara demasiado alto, e os restantes clientes do café olharam para elas. — Não foram atropelados — prosseguiu ela de pronto, baixando o tom de voz. —

Não caíram pelas escadas, foram *estrangulados*.

— Olha, eu sei que é assustador — prosseguiu Maxine, agarrando ainda com mais força a mão de Fran. — Mas, seja lá o que for, não é *isso*. A polícia disse-o quando falei com eles. — Fran ergueu o olhar, surpreendida por a polícia já a ter contactado, mas Maxine prosseguiu: — E tenho a certeza de que hão de apanhar o marado do responsável por isto. Até lá, só temos de nos manter vigilantes. Tenho a certeza de que não corremos perigo imediato.

— Mas porque é que isto está a acontecer? — insistiu Fran. — O que é que eles fizeram?

— Não faço ideia, mas a polícia há de descobrir. Têm um suspeito, alguém que foi visto a tentar invadir a casa do Justin. Alguém há de saber quem ele é; vão identificá-lo, e depois tudo...

— Então, o Justin já tinha sido perseguido?! Antes de ser morto, quero eu dizer?

— Parece que sim, mas não conheço todos os pormenores...

— Achas então que ele sabia que corria perigo?

Fran sentiu o medo uma vez mais a intensificar-se.

— É possível, mas, se assim era, não mo disse — respondeu cautelosamente Maxine. — Falámos na semana passada e ele estava tenso, mas não por causa disso...

— E o Callum? A polícia disse alguma coisa em relação a ele?

— Não falámos do Callum. Mas, se o tipo andava atrás do Justin, então é possível que andasse a fazer o mesmo ao Callum. Talvez o Callum tivesse reparado em qualquer coisa, ou se calhar não. Seja como for, a polícia vai falar com a Hannah, vai descobrir o que se passa e vai lidar com isso.

— E tu?

— Eu?

— Reparaste em algo suspeito?

Maxine pareceu surpreendida com a pergunta, até desconcertada.

— Era suposto ter reparado?

— Não, é claro que não — disse de pronto Fran. — É só que toda a gente te conhece... por causa do livro, das coisas nos *media*... Reparaste em alguma coisa?

Fran teve noção de que soou ansiosa, desesperada. Mas tinha de

saber.

— Não, nada. — Fran sentiu o nó no estômago a relaxar um pouco. — Um ou outro comentário no *Twitter*, no *Facebook* — prosseguiu Maxine, conseguindo mostrar um sorriso pesaroso. — Mas são apenas os *trolls* do costume, nada de sinistro.

— Tens a certeza?

— Absoluta. Por isso, tenta não ficar nervosa. Não corro perigo, nem tu. O que aconteceu ao Justin, ao Callum é... para lá de horrível. Mas não tem nada que ver connosco. Por isso, fica triste se quiseres, chora lá para aí, Deus sabe que tens esse direito. Mas tenta não te preocupar. O Daniel King está no seu devido lugar, no passado... — Apertou-lhe uma vez mais a mão. — E é onde vai ficar.

Ela disporia apenas de uma oportunidade. Hudson encontrava-se finalmente sozinho, e, se era para ela avançar, teria de ser de imediato.

Emilia posicionara-se na entrada das traseiras da Esquadra Central de Southampton. Abrigada de olhares indiscretos, aquela entrada recatada fora utilizada inúmeras vezes para fazer entrar discretamente suspeitos, ou para saírem polícias. Emilia pusera-se ali muitas vezes à espera, sacando um ou outro comentário *off the record* ou uma fotografia incriminatória, e algo lhe disse que Hudson iria recorrer àquela entrada. Na realidade, ele não poderia ir a lado nenhum, dada a quantidade de caixas que lhe continuavam a levar do armazém. Pareciam estar a soterrá-lo — uma figura solitária entre as caixas cor de laranja — com ele parado no pátio.

Os portões tinham acabado de reabrir, com um carro-patrolha a esgueirar-se para o exterior, facultando a Emilia uma vista desimpedida para o inspetor. Não duvidava que ele teria alguns subalternos a ajudá-lo, mas naquele momento não se encontravam ali, pelo que, quando as portas começaram a fechar-se, Emilia passou a correr entre as mesmas, apressando-se na direção dele.

— Não pode estar aqui! — Joseph não falou, rugiu, parecendo ainda mais irritado do que habitualmente.

Emilia reparou nos arranhões na cara, na sombra de uma contusão em redor dos olhos; estava visivelmente maltratado no seguimento do seu recente acidente. Tanto melhor para ela.

— Não vou ficar. Só preciso de um minutinho do seu tempo.

— Já dissemos tudo o que tínhamos a dizer um ao outro. Conseguiu a sua história, conseguiu as suas fotografias. Publique-as

e desapareça da minha vida!

Ele despejou as palavras — sendo palpável a sua frustração —, mas não conseguiu olhar para Emilia, o que a deixou satisfeita. Apesar da bravata dele, pareceu-lhe mais envergonhado do que zangado. E quem o poderia censurar? A fuga catastrófica daquela manhã poderia ter custado vidas, poderia ter-lhe custado a carreira.

— E vou publicar, mas primeiro preciso da sua ajuda. Não sei bem como enquadrar a história...

Hudson lançou-lhe um olhar sombrio; nitidamente, não estava a apreciar o tom provocador dela, nem a sensação de que algo mais estava para vir. Espreitou para as portas traseiras da esquadra, como se temesse ser descoberto.

— Sabe, é que tenho tanto material — prosseguiu de pronto Emilia — que não sei bem o que usar ou deixar de fora. Obviamente, tenho os pormenores básicos, a narrativa da perseguição e algumas fotografias *grandiosas*, mas, por exemplo, devo incluir o nome do desafortunado agente envolvido? Imagens dele? — Hudson fulminou-a com o olhar. — Se calhar, devia. Afinal de contas, seria bom jornalismo de serviço público. Alertar a população para a presença de um agente imprudente ao serviço nas forças locais...

— Não abuse.

Ele estava nitidamente tenso, e Emilia sentiu um arrepio de medo. Teria coragem para a atacar ali mesmo? Agarrá-la-ia pelo pescoço? Depois do que se passara de manhã, tudo parecia possível.

— Sim, devia fazer isso — prosseguiu ela. — Seria o mais sensato. Mas também se pode ir por outro lado. — Hudson não disse uma palavra, mas não tentou detê-la, nem interrompê-la. Estaria ele a tentar ganhar tempo, para descobrir como lidar com a situação? Ou estava a acumular antes de explodir? — Posso manter de fora o nome do principal agente envolvido. Poupá-lo a uma vergonha pública que, na verdade, serviria apenas para exercer ainda mais pressão sobre o mesmo em termos profissionais... Sim, agora que penso nisso, posso apresentar a história sob uma perspetiva mais... positiva. Infelizmente, não será possível escapar à carnificina e ao risco para a segurança pública, mas posso dar ênfase ao facto de o suspeito ter sido detido, de haver progressos, e por aí fora. E o

mundo não precisa de saber quem liderou a operação, quem foi o responsável por todo o desastre... — Hudson ia a reagir, com a face enrubescida devido à irritação, mas Emilia interrompeu-o. — Para que nada fique por dizer, devo referir que tenho fotografias suas tiradas momentos depois do acidente. Com um ar meio atormentado e confuso, receio... — Estava a exagerar, mas Hudson não tinha como saber isso. — Ora bem, teria todo o gosto em incluir isso no artigo, daria um colorido especial à peça, mas também podia perdê-las... Joseph, cabe-lhe a si dizer que passo hei de dar.

— Como assim?

— Quero com isto dizer que, se me mantiver sempre a par dos desenvolvimentos da investigação, posso esquecer o incidente desta manhã e ajudá-lo a poupar a sua carreira. Se recusar este pedido bastante razoável, então abre a época de caça.

Hudson manteve o olhar fixo nela, com uma expressão cada vez mais sombria. Emilia não desviou o olhar, recusando-se a acobardar-se. Era ela quem detinha o poder, e não ele.

— Preciso de tempo para pensar.

Estava a tentar permanecer calmo, mas não conseguiu disfarçar a raiva.

— Não demore muito. O meu prazo termina daqui a três horas. — Ela virou-se, atirando-lhe ainda umas quantas palavras por cima do ombro. — Tem o meu número, Joseph. Não se acanhe.

Afastou-se, carregando no botão de abertura das pesadas portas e observando-as a abrirem. Virando-se para trás, reparou que Joseph ainda olhava para ela. Parecia determinado a não revelar o que sentia, a não lhe dar a mínima pista do que poderia vir a fazer, mas Emilia não estava preocupada.

Ele iria odiar-se por isso. Ele iria *odiá-la* por isso. Mas, em última instância, Joseph Hudson iria ter de alinhar.

60

Um silêncio pesado apoderou-se da divisão, sugando a energia e derrubando a esperança.

— Até que ponto estás certa disso?

Ainda que Charlie tivesse tentado injetar alguma ligeireza na pergunta, soou forçada.

— Estou praticamente certa — respondeu Helen, mal erguendo os olhos do terminal de computador diante dela. — O suspeito foi muito solícito em relação à atividade dele na *dark web*, e confirma-se. — Apontou para o ecrã. — Ele tem, efetivamente, correspondência ativa com compradores de *souvenirs* macabros, e acho que estava a dizer a verdade quando contou que vivia disso... Há diversas transações bastante substanciais em *bitcoins*. Só Deus sabe o que levará alguém a pagar por este tipo de material, mas há quem o faça...

— E isto aplica-se especificamente ao Justin Lanning e ao Callum Harvey?

Helen assentiu com a cabeça.

— Ele tinha uma grande coleção de peças. Desde fotografias deles tal como são agora, captadas à porta dos seus locais de trabalho, passando por exemplares autografados do manuscrito de revisão da Pryce, que sem dúvida roubou na gráfica, até artigos de topo, como bens pessoais da altura em que foram raptados. Havia alguém interessado em comprar o colar da Pryce... Ofereceram-lhe dez mil libras, mas ele planeava leiloá-lo assim que lhe deitasse a mão.

— E com certeza alega que foi isso que o levou a tentar invadir a casa do Lanning, e a rondar a casa do Harvey?

— Exatamente. A maioria do material acumulado foi retirado sem

a autorização dos donos. Diz que foi por isso que continuou a fugir quando percebeu que era a polícia a persegui-lo.

— Roubo, recetação, arrombamento e entrada... Vai enfrentar uma boa pena.

— O que porá um fim ao que se estava a revelar uma carreira bastante lucrativa.

— E o álibi dele? Ou melhor, álibis...

— É verdade que não tem nada de concreto para a noite do homicídio do Lanning, mas a correspondência *offline* sugere que tinha uma reunião marcada para esta manhã com um colecionador. O Osbourne verificou... O reconhecimento de matrículas coloca-o numa unidade industrial na Barnfield Road à hora da morte do Callum Harvey. Calculo que a equipa não tenha tido sorte na Moon Lounge?

— Para já, não — respondeu cautelosamente Charlie. — Mas ainda não falámos com todos. Falámos com mais ou menos metade do pessoal que anda a servir, além dos seguranças, claro... Ninguém se recorda de ter visto alguém que correspondesse especificamente à descrição dele.

— E a Wonston Road? Algum dos vizinhos viu alguém suspeito esta manhã junto à casa do Harvey?

— Nada de nada, lamento. Ainda estamos a ir porta a porta, mas até agora as únicas pessoas avistadas no exterior da casa foram os agentes que acorreram ao local depois da chamada.

— E a casa em si? Algum sinal de como o atacante do Harvey conseguiu entrar?

Charlie desejava desesperadamente comunicar algo positivo, mas os primeiros achados de Meredith não tinham dado em nada.

— A porta da frente estava fechada, mas não trancada. Não há vestígios de entrada forçada em nenhum ponto, embora a porta das traseiras se encontrasse aberta quando chegaste.

— Então, ou o assassino entrou sorrateiramente, talvez a porta das traseiras estivesse aberta... ou o Harvey abriu-lhe a porta.

— Possivelmente, embora eu não esteja a ver o Harvey a deixar o nosso atual suspeito entrar em casa. O Harvey reconheceu-o quando falámos antes, e obviamente estaria atento. Seguiu-se um breve

silêncio, que Charlie estava ansiosa por quebrar. — Os peritos forenses não podem ajudar-nos? A pegada que trouxemos do local do crime do Lanning...?

— Não coincide. Aquela pegada era um 42, e este tipo calça pelo menos o 44.

— Então, deduzimos mal? — Era uma pergunta que Charlie não pretendia fazer, mas não teve escolha, tendo em conta as provas diante delas. — O suspeito parece encaixar em algumas situações — prosseguiu ela —, mas, a não ser que o consigamos situar no local ou descartar as suas motivações financeiras...

— Nada que presentemente nos seja possível — atalhou Helen.

— ... então, temos de reconhecer que estamos longe de conseguir elaborar acusações. — Ambas sabiam isso; porém, ajudou dizê-lo em voz alta. — A posse de um *taser* é interessante — sugeriu resolutamente Charlie. — Mas são de fácil acesso se se souber onde procurar, e tenho a certeza de que muita gente a trabalhar no mercado negro anda com eles. A não ser que descubramos mais, a não ser que o consigamos ligar em definitivo aos dois locais de crime, vamos ter de repensar tudo. Vai permanecer pelo menos mais 24 horas internado sob vigilância no hospital, o que nos dá um tempinho para agir, mas não apostaria a minha casa que até lá consigamos formalizar uma acusação.

Helen não teve como discordar. Não o desejava — ninguém o desejava —, depois dos dramáticos acontecimentos da manhã, mas a verdade é que parecia mesmo que tinham seguido pelo caminho errado. Apesar de todo o empenho e esforço conjunto, retornavam à estaca zero.

— Queres que reúna a equipa, para revermos o que temos?

Helen já abanava a cabeça.

— Tenho de ir daqui a nada à morgue, e, além disso, quero que primeiro concluam o porta a porta e os interrogatórios às testemunhas. Não vale a pena deixar as coisas a meio, estando tanto em jogo.

— Queres que vá eu à morgue? Ou preferes que fique aqui a dar apoio ao inspetor Hudson?

- Nem uma coisa nem outra; tens é de ir para casa.
- Não me importo de ficar.
- Charlie, não podes faltar à festa de aniversário da tua própria filha. Só lamento não poder ir também... Queria tanto!
- Não me parece correto, com tanta coisa a acontecer...
- É correto, sim, por isso vai. Falamos mais tarde, se for necessário.

Charlie cedeu, agradecendo a Helen enquanto reunia os seus pertences rapidamente. Helen viu-a a partir, com a imagem de Jessica a divertir-se a elevar-lhe fugazmente o ânimo. A sua presença na vida da afilhada era cada vez mais intermitente, e adorava poder ir à festa. Mas, infelizmente, como era frequente, tinha deveres mais urgentes. Antes de sair para ir ter com Jim Grieves, queria contactar pessoalmente Maxine Pryce e Fran Ward. Sem as assustar, pretendia assegurar que estavam a tomar as devidas precauções. Não tinha provas de haver uma ameaça real ao bem-estar de ambas, mas não valia a pena correr riscos. Enquanto um ardiloso assassino em série continuasse a percorrer a cidade, seria melhor para elas manterem-se vigilantes.

Ela fechou a porta ao entrar, fazendo correr o trinco e deslizando a corrente. Virando-se, pôs-se à escuta, esforçando-se por ouvir quaisquer sinais de movimento: o soalho a ranger, uma porta a abrir-se. Mas não ouviu nada. Estava sozinha.

Pousando a mala, Maxine avançou depressa pelo apartamento, correndo até ambos os quartos, a seguir até à casa de banho, antes de se apressar através da cozinha até à sala de estar. Grata por se encontrar sozinha, atirou as chaves para cima da mesa e deixou-se afundar no sofá.

Nunca aquele velho sofá parecera tão confortável, tão macio, como então. Estava gasto, precisava de um novo, mas naquele momento adorou o modo como a envolveu, enroscando-a num abraço protetor. Como poderia ela ter alguém que a envolvesse nos braços? Como poderia alguém desempenhar tal papel? Como é que ela poderia sequer confiar?

Não, era um fardo que teria de suportar sozinha. Enfrentara o perigo, fizera uma escolha, portanto, teria de viver com as consequências. No momento, parecera-lhe simples. Era só responder sim ou não. Alinhar ou morrer. E sentira-se envergonhada por admitir que achara a escolha fácil. Mais tarde, dissera a si mesma que era simplesmente natural. Ela era uma *sobrevivente*, alguém que sempre se saíria bem, independentemente dos obstáculos que lhe surgissem pelo caminho. Só que não era assim tão simples, pois não?

O seu coração batia intensamente, a cabeça latejava. O que desejava mesmo era emborcar dois comprimidos de *Nurofen* com uma vodka tónica, mas não se sentia com forças sequer para se

levantar, pelo que enterrou o rosto nas mãos, na esperança de que o toque fresco das mesmas pudesse proporcionar-lhe algum alívio. No entanto, não lhe saíam da cabeça os mesmos pensamentos, a mesma dor turva da culpa a pulsar dentro de si.

As ações têm consequências. Sempre o soubera, mas nunca tão intensamente como naquele momento. Esperara que se revelasse uma ameaça vã, que a ideia de substituir a sua própria morte pela de outra pessoa não passasse de uma fantasia louca sem fundamento, mas percebeu que não. A voz soara tão segura, tão confiante, como se fosse um jogo que seria jogado ao ritmo dele, segundo as regras dele. Ainda assim, a notícia de que Callum fora brutalmente assassinado quase a destroçara. Acordara de manhã a transbordar de alegria, animada, despreocupada, até otimista, comovida por ter enganado a morte. Como tal esperança lhe parecia oca e instável... Graças a ela, Callum fora assassinado. O seu velho amigo, o seu companheiro de sofrimento, fora apanhado e estrangulado.

Era inacreditável, mas um facto. Maxine mantivera-se escondida no seu apartamento, a rezar para que tudo desaparecesse, para que despertasse daquele horrível pesadelo, mas o pior estava para vir. Fran telefonara-lhe, pedindo para se encontrarem, recusando um não como resposta. Maxine não quisera alinhar — céus, como ela quisera não ir! —, mas não tivera opção. Passaram mais de uma hora juntas, e durante esse período tivera de mentir repetidas vezes. Sobre o seu choque face ao sofrimento de Callum, sobre quão trágico e injusto era, sobre como tudo lhe parecia irreal. Pior ainda, tivera de olhar Fran nos olhos e dizer-lhe que não sabia nada sobre o assunto, que não havia nada a temer. Teria tramado Fran por lhe dizer tais palavras? Não suportava pensar no assunto; todavia, nada mais lhe assomava à mente. Que tipo de pessoa era ela?

Um zumbido assustou-a. Pensou que se tratasse do intercomunicador — despertando o medo dentro dela —, mas depois percebeu que era apenas o telemóvel a vibrar sobre a mesa de vidro. Pegando com cuidado no aparelho, sentiu-se aliviada ao constatar que se tratava de um número conhecido — o número principal da Esquadra Central de Southampton. Talvez fosse a inspetora Brooks a fazer um acompanhamento? Ou a superior —

como é que ela se chamava? Grace? Fosse uma ou outra, não iria atender, de maneira nenhuma. Não no estado em que se encontrava.

A decisão fora tomada, o acordo fora fechado. Já não valia a pena confessar, entregando-se depois do dano infligido. Naquela noite, não falaria com ninguém, não se encontraria com ninguém, não confiando em si para se aguentar, para se ver livre das trevas que a envolviam. Não, naquela noite permaneceria onde se encontrava. A salvo. Segura. E a transbordar de culpa.

Encontravam-se alinhados diante dela — agitados, entusiasmados, expectantes. Apesar de todo o esforço da assessora de imprensa por manter a ordem, a conferência já descambara para o caos, com perguntas a serem disparadas a Simmons de todos os ângulos. Não teria como se escurar.

— Conseguem identificar o suspeito?

— Vai ser formalizada alguma acusação?

— Reabriram o caso de Daniel King?

Era difícil escolher qual devia escusar primeiro. Por norma, havia um ritmo previsível naquele tipo de eventos, uma etiqueta que permitia a um jornalista lançar a sua pergunta antes de se passar ao seguinte, mas não naquele dia. Em vez disso, falavam uns por cima dos outros, exigindo ser ouvidos.

— O suspeito saiu ferido do acidente?

— Os agentes envolvidos foram castigados?

— O suspeito confessou?

Simmons sempre se oferecera para lidar com a comunicação social, permitindo a Helen concentrar-se na investigação, mas pela primeira vez arrependeu-se. Não que quisesse lançar Helen às feras — não se importava de dar o corpo às balas pela equipa —, só que a conferência saíra dos eixos. A horda de jornalistas parecia ávida de sangue, e Simmons não tinha nada que a ajudasse a defender-se. Helen acabara de a informar de que o principal suspeito fora despromovido a «pessoa de interesse».

Erguendo a mão, Simmons apelou à calma.

— Atenção, compreendo que todos tenham perguntas, mas só posso responder a uma de cada vez. Há evidentemente uma

preocupação legítima por parte da população em relação a este caso, por isso deixem-me garantir-vos que estamos a trabalhar 24 sobre 24 horas para concluir a nossa investigação. Temos efetivamente um suspeito sob custódia, que nos está a ajudar no nosso inquérito, e, quando se revelar apropriado, eu...

— Pode dar-nos um nome?

Simmons virou-se para a pessoa que a interrompeu, mas já sabia de quem se tratava. Emilia Garanita, a líder do bando e a principal desordeira naqueles momentos.

— Para já, não. A investigação está em curso...

— Sabem sequer como é que ele se chama?

Notou-se no tom de Emilia que havia ali algum conhecimento de causa, um júbilo malévolos, o que apanhou Simmons de surpresa.

— Não estou a ver qual é a relev...

— Ouvei dizer que o indivíduo não confessou os homicídios, que não admitiu qualquer envolvimento nestes crimes, e que, além disso, vocês não fazem a mínima ideia de quem ele seja.

— Isso é pura especulação...

— Então, quem é ele?

Simmons hesitou um segundo a mais, incentivando os outros a saltarem para a carruagem.

— Que progressos alcançaram até agora no caso?

— Morreram duas pessoas. O que vai dizer às respetivas famílias?

— É motivo para a população ficar assustada?

A conferência estava num crescendo de agitação, mas uma vez mais a voz de Garanita soou mais alto.

— A população foi posta em risco devido ao fraco trabalho da polícia hoje?

— De maneira nenhuma — contrapôs de imediato Simmons.

— Uma perseguição a alta velocidade numa zona residencial? Para capturar um homem que não conseguem identificar, que pode não ter relevância para a presente investigação?

Simmons olhou fixamente para Garanita, a ferver de raiva. A jornalista petulante parecia muito segura de si, muito bem informada.

— A Equipa de Incidentes Graves é altamente qualificada, uma unidade experiente que executa os seus deveres com as suas melhores capacidades...

— Podiam ter matado alguém. Calculo que tenha estado no local... Viu o caos?

Talvez devesse ter estado, talvez tivesse sido uma boa opção do ponto de vista das relações públicas, mas, com tudo o mais em curso, Simmons entendeu que tal não era prioritário.

— Estou a par do que aconteceu.

— Mas não viu com os seus próprios olhos?

A agitação era cada vez mais audível na sala, com o grupo de jornalistas a aproveitar este deslize.

— Ainda não. Vou para lá muito em breve, e naturalmente o IPCC² vai...

— Eu estive lá, e deixe-me que lhe diga que foi assustador. Um choque enorme numa estrada movimentada; jovens mães e crianças por ali...

— Soube que ninguém se magoou.

— Isso foi mais uma questão de sorte do que cautela.

— Emilia — contrapôs Simmons, esforçando-se ao máximo por manter a calma —, quer efetivamente fazer alguma pergunta ou pretende apenas julgar a...

— Tenho uma pergunta e é simples. Quem é que manda aqui? A inspetora-chefe Grace? A senhora? Porque, visto de fora, a Equipa de Incidentes Graves parece descontrolada. Atrapalhada, desesperada, imprudente. A inspetora-chefe está ao leme, e tem de questionar a competência dela, mas em última instância a responsabilidade é sua. Assim sendo, pode afirmar-nos categoricamente que controla a situação? E, não sendo esse o caso, o que pretende fazer em relação a isso?

— Posso garantir-lhe que tenho tudo absolutamente controlado.

Mas já foi tarde demais. O dique abriu-se, com perguntas, insultos e acusações a jorrarem de todos os cantos da sala. Simmons ansiou por ripostar, por os encostar às cordas, em especial Garanita, mas não tinha armas para poder reagir. Havia morrido duas pessoas, e até então não tinham qualquer pista de um assassino que parecia

entrar e sair impunemente da vida das pessoas como um fantasma. Irritada e desorientada, Simmons tinha de se manter na defensiva; naquele momento nada mais podia fazer que não fosse aguentar nas cordas enquanto era sovada.

² IPCC é a sigla de Independent Police Complaints Commission, ou seja, a Comissão Independente de Queixas da Polícia. [N. T.]

A tensão estava ao rubro, o entusiasmo a um nível extremo, enquanto o embrulho mudava rapidamente de mãos. O castelo insuflável fora esvaziado, o lanche de aniversário consumido, e Jessica e os seus convidados formavam um círculo muito bem traçado, passando o pacote volumoso enquanto soava bem alto uma canção de *Frozen II*.

Steve era o responsável pela música, parando-a a intervalos regulares para assegurar que toda a gente tinha a sua vez, intervindo quando necessário para evitar que alguma criança participasse por duas vezes. Jessica e os seus amigos da escola estavam completamente embrenhados, rasgando o papel com um entusiasmo frenético, mergulhando para desenterrar os *Haribos* escondidos sob cada camada. Era uma visão comovente — a concentração total, o entusiasmo nervoso —, e Charlie esforçou-se ao máximo por se envolver. Mas na realidade a sua mente naquela noite estava noutra lugar.

O embrulho deu voltas e voltas, com Charlie a bater palmas e a aplaudir mecanicamente à medida que cada prémio era revelado. Por norma, ter-se-ia deleitado só de ver Jessica a divertir-se com os amigos, a desfrutar do festejo anual. Coube a Steve o trabalho mais duro, organizando o entretenimento, indo buscar a comida, mas foi Charlie quem acrescentou os toques pessoais — decorando a casa, enchendo os saquinhos da festa, fazendo embrulhos lindos —, e adorou a alegria contagiante de Jessica face à festa, apesar de tudo ter passado num abrir e fechar de olhos. Não havia dúvidas quanto à satisfação dela — tudo decorrera sem problemas, Jessie sentia-se feliz —, mas a mente de Charlie vagueava constantemente.

Fisicamente, estava ali, a distribuir chávenas de chá e a conversar com os outros pais, mas a sua cabeça ainda permanecia na sala de operações.

Apesar de ter protestado com Helen, nunca poderia ter perdido a diversão — teria sido esmagada por uma culpa parental —, e a caminho de casa tentara deixar-se levar pelo ambiente festivo, para afastar os pensamentos sombrios. Mas sentiu dificuldade em libertar-se da ansiedade e em ignorar as questões persistentes e incomodativas. Mesmo então, ao servir mais uns biscoitos de chocolate numa travessa, não paravam de lhe surgir na mente imagens inquietantes — a forte contusão em volta do pescoço de Justin Lanning, a obra desolada e abandonada, Callum Harvey jazendo sem vida no chão da sala de estar. Charlie não era muito boa a separar a vida pessoal da profissional, com cada uma a infiltrar-se inevitavelmente na outra, mas após uma leve descompressão, por norma, ficava bem. No entanto, naquela noite, mesmo com Jessica a guinchar de prazer, mesmo com o futuro irmão dela a pontapear-lhe na barriga ao ritmo da música, a sua mente teimava em regressar ao dia complicado que tinha experienciado.

O suspeito parecia empenhado em manter o anonimato, determinado a frustrá-los. De início, Charlie encarara isso como uma prova da sua culpa, uma tentativa desesperada de entravar a investigação. Mas depois pareceu-lhe menos sinistro — a esperança vã de um homem que queria regressar ao mundo obscuro e anónimo da *dark web* assim que fosse provada a sua inocência. Tal seria improvável — até podia escapar a uma acusação grave, mas sem dúvida que seria condenado por roubo, arrombamento e invasão, e ainda mais —, e a dada altura ele iria ter de revelar a sua identidade, quanto mais não fosse para viabilizar mais tarde a sua libertação. Talvez estivesse a resistir por uma questão de orgulho, ou talvez por hábito, tão acostumado estava a levar uma vida anónima, fora do circuito. Mas, mesmo que acabassem por estabelecer a sua verdadeira identidade, teria isso algum interesse, não havendo ainda provas concretas que o ligassem aos locais do crime, aos corpos brutalizados de Justin Lanning e Callum Harvey?

Já antes tinham sofrido reveses, naturalmente, nas suas

investigações. Caminhos errados, pistas falsas, casos de identidades erradas, mas por norma parecia haver outras vias óbvias a explorar, pistas importantes que ainda tinham de ser acompanhadas. Todavia, não era o que se passava no novo caso. Ao contrário das crianças sentadas diante de si, perfeitamente conscientes do que deviam fazer, com o embrulho a rodar constantemente no pequeno círculo, como o ponteiro dos segundos num relógio, Charlie, Helen e os restantes membros da equipa não tinham uma ideia clara de como proceder. Seria possível que tudo o que haviam feito até ao momento de nada tivesse servido? Havia chegado a um enorme beco sem saída que proporcionava ao verdadeiro assassino tempo e espaço para arquitetar o passo seguinte? Sim, parecia impossível, mas que outra conclusão se poderia tirar ao fim de um dia tão desanimador?

O jogo chegou ao fim. Mia, a melhor amiga de Jessie, gritava de prazer, retirando um saco de moedas de ouro de chocolate do centro do embrulho, mas para Charlie e para o resto da equipa não houve tal triunfo.

O prémio deles parecia estar ainda bem longe.

64

Ela olhou para baixo para o cadáver, tomada por uma familiar sensação de repulsa. O corpo de Callum Harvey jazia na mesa de autópsias que meras 24 horas antes fora ocupada por Justin Lanning. E, apesar da diferença física entre ambos — Callum era pequeno e algo forte, enquanto o seu colega de escola era musculado e atlético —, as semelhanças eram chocantes. A expressão sem vida e horrorizada, os olhos raiados de sangue, a contusão intensa e a linha fina e seca de sangue em redor de todo o pescoço.

— Estarei errada se disser que estamos a olhar para o mesmo tipo de ferimentos?

As palavras dela ficaram a pairar, enquanto Grieves saía de detrás de um dos compartimentos refrigerados.

— Não... São idênticos — confirmou ele. — Duas perfurações, a marca de um *taser* no lado esquerdo do pescoço... — Helen debruçou-se para a frente, procurando as minúsculas marcas de perfuração. — E depois estrangulamento com garrote, levando a asfixia e morte. O arame utilizado tinha largura e espessura idênticas. Recebi os resultados das amostras do Lanning... É de aço galvanizado, que é a componente base...

— Do arame usado nas quintas — interrompeu Helen, concluindo a frase. Seguiu-se um breve silêncio, e depois Helen apontou para uma contusão escura e roxa no lado direito da cara. — O que é que se passou aqui? A cara do Lanning não tinha nada.

— Sim, há aí uma diferença — disse Grieves, já mais animado. — O que lhe pode dar algo para trabalhar.

Helen não teve como evitar sentir uma ponta de esperança.

— Calculo que o *taser* cumpriu a sua missão, mas talvez não tão

bem como com o Lanning.

— Então, ele foi espancado na cara para ser dominado?

— Não será bem isso. A contusão é muito invulgar e distinta.

Helen percebeu então que Grives tinha razão — a contusão não era uniforme e revelava uma espécie de padrão.

— Eu diria que a vossa vítima estava no chão, mas ainda a mexer-se, ou a tentar mexer-se.

— Então isto... é a marca de um sapato ou de uma bota? A pressionar a cara dele como forma de o conter?

— O mais provável é que se trate de uma bota — revelou Grieves, anuindo com a cabeça. — Uma bota da tropa ou de caminhada, algo com formas de borracha duras entalhadas na sola, que pudesse deixar a sua marca na pele da vítima.

— OK, isso representa potencialmente uma ligação ao local do crime do Lanning, isto se a bota for do mesmo tamanho e tiver o mesmo padrão de sola, mas ainda assim deve haver milhares desses tipos de botas em circulação, centenas de milhares...

— Não são as botas em si que têm interesse, mas sim o que estava nelas.

— Como assim?

— Foram encontrados vestígios de um pó fino na bochecha da vítima. Pequenas quantidades, mas em dois lugares distintos. Assumindo que não havia nada semelhante na casa, nada que tivesse sido derrubado durante o ataque...

— Que eu tenha visto, não.

— Então, acho que é muito provável que o pó estivesse na sola da bota antes do ataque e que se tivesse soltado quando o assassino pisou a vítima.

Tratava-se do princípio de Locard, a ideia de que o assassino levava sempre algo — algum vestígio — dele próprio para o local do crime.

— Alguma ideia do que seja?

— Ainda não. Retirei amostras para testar, mas diria que é alguma espécie de mineral. É um pó branco pesado, sem odor, mas relativamente espesso em termos de consistência.

A mente de Helen regressou de imediato ao homicídio de Lanning e ao pó espesso que cobria o local das obras. Seria possível que o

assassino tivesse usado as mesmas botas em ambos os locais, deixando um vestígio do primeiro no segundo?

— Quanto tempo?

Ela não teve de dizer mais, dado que Grieves estava bem ciente da urgência da situação.

— A Meredith deve ter algo para si até ao meio-dia de amanhã.

— Perfeito. — Virou-se para partir, mas deteve-se. — Muito obrigada, Jim.

O médico-legista resmoneou uma resposta e retomou o trabalho. Nunca fora de grandes despedidas, pelo que Helen não se demorou, dirigindo-se a passos largos para a saída. Fora um dia complicado, pleno de revelações estranhas e surpresas desagradáveis, mas talvez afinal ainda houvesse razões para terem esperanças. Talvez aquele resíduo estivesse ligado ao local das obras, ou talvez não... De uma forma ou de outra, se fora de facto deixado no local do crime por quem atacara Harvey, então talvez os levasse até ele. Era um tiro no escuro, Helen bem o sabia, mas tratava-se de algo com que podiam trabalhar, algo a que se agarrarem num caso que até ali os deixara às aranhas.

Fora mais um excelente dia de trabalho. Emilia não era conhecida pela sua modéstia, mas naquele dia achava que a sua satisfação consigo própria era perfeitamente justificada. Ela arrasara.

A conferência de imprensa descontrolara-se por completo, pelo menos no que respeitava a Simmons. Quando assumira o cargo, a nova chefe da esquadra revelara abertura em relação a Emilia, tentando puxá-la para o seu lado. E, de início, a jornalista até simpatizara com ela, achando-a direta e franca. Mas, ultimamente, andava menos visível, e o seu comportamento na conferência de imprensa fora absolutamente desajustado, faltando-lhe coerência e, pior ainda, autoridade.

Ela deixara-se levar em absoluto por Emilia, com a sua tentativa insegura de responder às acusações a alimentar na perfeição a narrativa da incompetência da polícia. Foi a cereja no topo do bolo, a seguir à desastrosa perseguição matinal a alta velocidade e à penosa ausência de progressos na investigação Lanning/Harvey, e Emilia não se conteve ao escrever o seu artigo, dirigindo acusações de incompetência e imprudência à equipa da Esquadra Central de Southampton. As fotografias dela do local do acidente apimentaram ainda mais tais acusações, e, por uma vez, o seu editor até foi na onda, alinhavando um editorial interessantemente malicioso intitulado «Keystone Cops»³.

Na verdade, dificilmente poderia ter corrido melhor, mas essa nem sequer era a melhor parte. Ela conquistara mais do que uma manchete de primeira página e uma boa dose de colunas para ocupar. Graças à precipitação de Hudson e ao seu pobre carácter, Emilia conseguira uma oportunidade de ouro: a hipótese de voltar a

acompanhar o caso por dentro, e agarrou-a com ambas as mãos.

Tal como previra, Hudson ligara-lhe duas horas após a sua visita-surpresa à Esquadra Central de Southampton. Ele revoltou-se o melhor que pôde, tentando traçar limites, mas tudo não passou de semântica. Concordara em ajudá-la se fosse simpática com ele, se o poupasse à vergonha pública e profissional.

Por ora, ela estava disposta a fazê-lo. Ainda tinha as fotografias dele, claro, mas, mais do que isso, gravara a conversa de ambos, durante a qual ele admitira disponibilidade para lhe passar informações privilegiadas relacionadas com a investigação em curso. Numa tentativa de evitar incriminar-se a si próprio enviando uma mensagem ou um e-mail, avançara diretamente para a armadilha que ela montara. Ele queria que tudo voltasse à normalidade, para apagar os erros daquele dia, para ser o agente que fora antes, mas a verdade é que apenas alcançara o oposto.

Daí em diante, não passaria de uma marioneta nas mãos dela.

³ Alusão a uma série de comédia do cinema mudo criada em Inglaterra, em 1912, protagonizada por polícias trapalhões. A expressão «Keystone Cops» desde então serve para designar a polícia quando realiza um trabalho menos bom. [N. T.]

Ela olhou fixamente por cima dos telhados, observando o Sol a deslizar lentamente para lá do horizonte. Acabada de sair do duche e envolvida numa toalha grossa, a silhueta de Helen, com um cigarro nos lábios, contrastava com o caixilho da janela. Muitos elementos da sua equipa tinham trocado o tabaco pelos cigarros eletrónicos, mas, apesar de compreender a opção, Helen não se sentia preparada para abdicar do prazer sujo que lhe era proporcionado pelo tabaco. Naquele preciso momento, ao receber o familiar golpe de nicotina, começou a sentir o corpo a relaxar.

Dantes, quando mergulhada a fundo num caso perturbador, recorrera a encontros fortuitos, a todos os tipos de empreendimentos imprudentes, de modo a lidar com a ansiedade que a assolava. Apesar de ainda sentir o apelo da excitação ilícita, de ainda poder ser seduzida pela dor agradável, evitara percorrer ultimamente tais caminhos, com as recordações de Jake e outros ainda bem frescas na sua mente. A velocidade ocupara então o lugar da dor, com Helen a ir buscar emoção ao desgaste que o seu corpo sofria quando montava a sua *Kawasaki*.

Noutras circunstâncias teria saído de imediato para a estrada, em busca de adrenalina, em busca de libertação. No entanto, naquela noite, a nicotina e um escaldante banho quente teriam de bastar. Estava acostumada a andar sozinha de moto — assim o fizera na maior parte da sua vida —, mas recentemente habituara-se a passear de moto com companhia, a ter alguém a rodar ao seu lado. Andar agora de moto, uma figura solitária naquelas estradas conhecidas, teria apenas exacerbado o problema, acrescentando inquietação pessoal, a dor da solidão e da disfunção, às suas atribulações

profissionais.

A manhã daquele dia já parecia ter decorrido há uma eternidade. Mal tivera tempo para equacionar o lugar de Joseph na sua vida e avaliar as descobertas que fizera no *Facebook*. Ainda assim, mesmo com as questões e dúvidas sobre o caso Lanning a ocuparem-lhe a mente, Joseph conseguia forçar a entrada. Começara o dia a surpreender-se com as omissões dele — as mentiras — em relação à sua vida pessoal. A descoberta de que ele tinha um filho projetara uma sombra na relação, já para não falar da honestidade dele. Os incidentes ocorridos mais tarde levaram-na a questionar a capacidade de avaliação dele, tal como o que sentia por ela, nomeadamente em termos de respeito. O perigo na expressão dele fora real, assim como a maldade, quando ela o questionara após o acidente. Mas, apesar de isso poder ser desculpado devido ao choque e à perturbação, nem por isso ela deixara de ficar preocupada.

Enquanto estava no duche, tentou afastar tais preocupações. Sentia-se demasiado agitada para conseguir lidar com elas hoje; tinha de desligar. Contudo, de alguma maneira continuavam a infiltrar-se. Ele tinha um filho? Ou estaria a «ex» a mentir, tentando macular o caráter dele, ou até sacar-lhe dinheiro? Sem dúvida que se haviam passado coisas estranhas, mas ainda assim o tom das publicações dela era de tristeza, mais do que de amargura. O que deixara Helen perturbada.

Abandonando o seu ponto de observação à janela, regressou à cozinha. O portátil permanecia onde o deixara. Abriu-o e foi uma vez mais confrontada com o rosto de Karen Hudson, e, junto dela, o do sorridente Kieran. Deveria ser uma visão enternecedora, mas na verdade deixou Helen maldisposta. O seu primeiro instinto foi fechar a tampa e afastar-se, mas sabia que tal seria um erro. De uma maneira ou de outra, teria de apurar a verdade. Pela sua sanidade, já para não falar da carreira, tinha de fazer a chamada.

Apenas cinco minutos depois, já dispunha do que precisava. Karen Hudson, com residência em Birkenhead, era uma cabeleireira que fazia serviços ao domicílio, e não foi complicado arranjar os dados dela. Pegando no telefone, Helen hesitou, consciente de que o que fazia era intrusivo, até provocador, mas depois marcou o número. Foi

estabelecida a ligação; pareceu tocar por uma eternidade, até uma voz alegre atender.

— Fala a Karen? — quis saber Helen.

— A própria. Em que posso ajudá-la?

Karen estava a usar a sua voz profissional, claramente habituada a fazer negócio por telefone, o que tornou o que se seguia ainda mais embaraçoso.

— Desculpe incomodá-la tão tarde. Estou a ligar de Southampton.

Notou-se uma pequena, mas distinta, inspiração de ar do outro lado da chamada.

— Tem que ver com o Joseph?

Helen intuiu desconfiança, mas também uma certa preocupação na voz de Karen.

— Sim, mas não tem nada com que se preocupar, não aconteceu nada. Sou colega dele...

— Percebo...

Helen hesitou um pouco, e depois apressou-se a prosseguir:

— Bem, para ser sincera, sou um pouco mais do que isso... — Não houve reação. Helen de repente sentiu-se inexplicavelmente tensa, e partiu do princípio de que Karen sentia o mesmo. — E gostava de saber se lhe podia fazer umas perguntas.

— Que perguntas?

Mostrou-se seca, mas cautelosa. Como se pudesse tratar-se de uma armadilha.

— Olhe, só de perguntar já me sinto envergonhada. Sei que passou por muito e que provavelmente não quer falar do assunto. Eu só estou a tentar perceber... que tipo de homem é ele.

Mais outra pausa.

— Que tipo de homem é que pensa que ele é?

— Dado a segredos.

A resposta escapou-se-lhe antes de ter sequer tempo para pensar.

— É uma forma de o caracterizar — reagiu Karen. — Egoísta, cruel, perverso poderiam ser outras.

Helen aguentou com o soco no queixo, e depois prosseguiu:

— Posso perguntar-lhe quando foi a última vez que o viu?

— Há 18 meses.

— E o mesmo se aplica ao Kieran?

— Claro. Esse homem não faz parte das nossas vidas.

Sem dúvida que havia ali raiva, mas também uma boa dose de tristeza. Helen suspeitou que Karen tentara, sem sucesso, envolver Joseph na vida familiar.

— Lamento sabê-lo, Karen. A sério. Posso... posso perguntar o que levou ao fim da vossa relação?

— Foi por causa do rapaz, obviamente. — Disse-o como se devesse ser evidente, mas Helen ficou momentaneamente confusa. — Não me interprete mal — prosseguiu Karen. — O Kieran é filho dele, OK? Não foi esse o problema.

— Desculpe, não sei se...

— Olhe, não sei quem você é nem até que ponto está envolvida nisto — atalhou Karen. — Mas entenda uma coisa... O Joseph é a estrela do seu próprio filme, e todos os outros... bem, não passam de atores secundários.

— Certo... — murmurou Helen, não gostando do que ouvia.

— Eu e o Joseph... estávamos mais ou menos quando éramos só os dois, mas assim que apareceu o Kieran... — hesitou. Helen nada disse; já tinha uma ligeira impressão de onde aquilo iria parar. Ouviam-se ruídos de fundo, um rapazito a gritar e a rir, pelo que Karen prosseguiu a um ritmo mais apressado. — Acontece a muitos casais. A chegada de uma criança afeta as coisas, afeta a relação. O Kieran era um bebé doente, que necessitava da minha atenção dia e noite. O Joseph disse que não tinha problemas com isso, que compreendia e me apoiava, mas nunca o fez.

— Ele... sentia ciúmes de si e do Kieran?

— Ciúmes, raiva, frustração. Provavelmente, será culpa minha.

— Tenho a certeza de que isso não é verdade.

— Quando nos juntámos, eu dediquei-me por inteiro ao Joe, fiz com que ele se sentisse o centro do nosso universo, mas, assim que surgiu o Kieran, eu já não podia fazê-lo. A minha lealdade teria de se dirigir acima de tudo ao meu filho.

— Claro.

— E foi esse o problema. De início, o Joseph irritou-se; depois afastou-se. Começou a trabalhar mais, a chegar tarde. Até que um dia... nem sequer veio para casa.

— Percebo...

— Só vim a saber por uma amiga, uma colega dele, que se tinha candidatado a uma vaga em Southampton. Nunca me contactou. Na verdade, depois disso só «soube» dele através de advogados.

— Ele dá-lhe algum tipo de apoio? — perguntou Helen, chocada.

— Oh, paga aquilo a que é obrigado. Ele não é estúpido. Mas paga-o para não ter de lidar connosco, e não por opção.

Uma vez mais, Helen ficou sem palavras. Tal insensibilidade era difícil de digerir. Parecia-lhe impossível que Joseph pudesse ser tão empedernido, e, no entanto, havia elementos do que Karen dizia que soavam genuínos: o desejo de dominar, a frustração de ser afastado, de não estar no comando.

— Olhe, é melhor eu desligar — concluiu Karen, despertando Helen. — Preferia que não me voltasse a contactar.

— Claro, peço desculpa por a ter incomodado. E se a perturbei...

— Não se preocupe comigo, nós ficamos bem. Trate é de si. Faça o que for preciso, mas tenha consciência de que o Joe só está interessado numa pessoa, e em mais ninguém: nele próprio.

E, dito aquilo, desligou.

As pessoas estavam a falar, mas ela não estava a ouvir. Era um painel qualquer na BBC2, onde aspirantes a celebridades e comediantes tentavam entreter-se uns aos outros. Fran achou que poderia distraí-la, que poderia ajudá-la a descontraír um pouco, mas era como se a vida real — a vida normal de trabalho, comer, ir às compras, ver televisão — decorresse à distância, como se ela tivesse sido afastada.

A seguir à sua conversa com Maxine, Fran equacionara regressar a casa, mas então decidira por impulso ir para o trabalho. Mas, enquanto se dirigia para lá, a inspetora-chefe Grace ligara-lhe, pondo-a a par da situação e incitando-a a tomar precauções. O conselho era sensato e sábio — evitar áreas isoladas, ter companhia, passar as noites com amigos ou família —, e deveria ter servido para a reconfortar. Mas, na verdade, surtira o efeito contrário, e pouco depois Fran começara a sentir-se nervosa, convencida de que um tipo de barba no autocarro estava a olhar para ela, o que a levava a sair a meio do caminho, chamando um Uber para a levar a casa dos pais, em Shirley. Como seria previsível, a sua mãe ficara com a pulga atrás da orelha — perguntando se ela estava com problemas amorosos, ou se fora despedida, como se Fran de alguma forma estivesse pré-programada para estragar tudo —, mas Fran conseguira manter as suspeitas dela ao largo. Depois, a mãe perguntara-lhe por Justin e Callum, querendo saber se Fran soubera de algo, se as mortes deles estavam de alguma forma ligadas, mas ela pusera fim à conversa, alegando desconhecimento. Era verdade, mas isso não acalmara por completo a mãe, que sempre gostara dos rapazes e estava visivelmente perturbada, mas pelo menos serviu para mudar de assunto. Uma refeição caseira reconfortante de esparguete à

bolonhesa conseguira acalmar Fran — os três copos de Chianti também tinham contribuído —, e sentou-se então a ver televisão já um pouco mais animada.

No entanto, a ansiedade começava uma vez mais a tomar conta dela. Saiu da conversa com Maxine a sentir-se preocupada e receosa. Maxine esforçara-se por animá-la, dando o seu melhor para ser calorosa, companheira e calma, mas, por razões que escapavam a Fran, tal não funcionara. Não conseguiu libertar-se de uma suspeita incómoda de que Maxine não lhe estava a contar tudo, que lhe escondia alguma coisa. Nada daquilo fazia sentido — evidentemente, Maxine nunca faria mal a Justin ou a Callum —, mas a sensação teimava em persistir.

Enquanto assim fosse, iria manter-se atenta. Talvez tivesse de inventar um problema para justificar não estar no seu apartamento, alegar doença ou — no pior dos cenários — confessar à mãe os seus verdadeiros medos. Não queria ter de chegar a esse ponto — a mãe iria ficar desnorteada se achasse que havia a mínima possibilidade de perigo —, mas poderia não ter alternativa, caso pretendesse permanecer em casa da sua família. Não seria pacífico, mas de repente a ideia de ficar ali até o perigo passar, até o assassino de Justin e Callum ser identificado e capturado, pareceu-lhe irresistível.

Era a casa para onde regressara depois de ter escapado ao inferno. Os quatro haviam percorrido atabalhoadamente as Downs, sempre a perderem-se e a redescobrirem o caminho por entre o denso nevoeiro. Mal descansaram, sempre a contar que King pudesse aparecer a qualquer momento, perseguindo-os com os seus cães malvados, mas estavam tão desorientados que só ao fim de várias horas é que depararam com uma estrada rural remota, e com um camião, para o qual acenaram. Dali, foram transportados para uma estação de serviço, e em seguida para uma esquadra da polícia, e só muito mais tarde — após um período nas Urgências e um demorado interrogatório na polícia — é que regressara à confortável casa geminada em Shirley que sempre fora o seu lar. Até então, a casa deixava-a um pouco envergonhada — era pequena e acanhada, quando comparada com as de Justin ou Maxine —, mas naquele dia chorara ao cruzar a soleira. Apesar das alterações ao longo dos anos

— novos sofás, nova decoração —, ainda era o seu porto de abrigo. Ainda era o seu lar.

Animada com tal pensamento, Fran pegou no comando para ligar a *Netflix*. Talvez encontrasse algum filme piroso dos anos 2000, algo reconfortante e familiar que a ajudasse a descomprimir. Mas, assim que iniciou a pesquisa, o telemóvel dela começou a zumbir.

Fran lançou-lhe um olhar irado. Já falara com Helen Grace, concordara em conversar com um dos agentes dela sobre medidas de segurança. Nem lhe passava pela cabeça falar com jornalistas, apesar de vários já lhe terem deixado mensagens no voicemail. Não, só pretendia desligar-se de tudo e mergulhar na nostalgia.

Felizmente, o telefone deixou de tocar. Fran prosseguiu a busca — *O Repórter: A Lenda de Ron Burgundy, Juno, ETs in da Bairro* —, mas o telemóvel começou de novo a vibrar. Praguejando, Fran pegou no aparelho, virando-o para ver quem lhe ligava. Número desconhecido. Ela hesitou, sem saber o que fazer. O telemóvel deixou de dar sinal, mas logo de seguida retomou o toque. Irritada, atendeu de pronto.

— Sim? — Do outro lado, silêncio. Ouvia alguém a respirar, mas em silêncio. — Quem é, raios?! — exigiu ela saber.

E então quem ligou decidiu falar, com as suas palavras suaves e sibilantes a lançarem o medo por todas as células do seu corpo.

— Olá, Fran, que bom ouvir de novo a tua voz...

DIA QUATRO

Não lhe cabia a ela falar. Estava ali para escutar.

O chefe da polícia Alan Peters chamara Grace Simmons ao seu gabinete para uma reunião bastante matinal. Ela depressa perdera a esperança de que se tratasse de uma ligeira troca de palavras, destinada a apoiá-la depois da complicada conferência de imprensa da véspera. Peters estava visivelmente incomodado com a cobertura negativa da comunicação social e mostrou-se determinado a vincar o seu desagrado.

— Vou perguntar outra vez. A inspetora-chefe tem mão na equipa?

— Sim, senhor. Acredito...

— É que tudo indica o contrário. É uma boa agente, que já fez umas detenções excepcionais, mas não há desculpa para o que aconteceu ontem. E se algum peão fosse atingido durante a perseguição? Ou até morto?

— As ações do inspetor Hudson foram lamentáveis, admito, mas tínhamos um suspeito em vista...

— Que, afinal, é inocente em relação aos crimes que presentemente investigamos. Portanto, dado que perseguiram o homem errado, de forma imprudente e estouvada, pondo em perigo a população, tenho de insistir na pergunta.

Simmons percebeu que o próprio Peters estaria a ser pressionado, tendo recebido uma chamada madrugadora do Comissário de Polícia e Crime, daí o violento ataque verbal. Peters era avesso a tudo o que ameaçasse a sua reputação, e, tendo isso em conta, ela percebia o motivo da preocupação. Mas tinha de proteger Helen de um homem que sempre alimentara dúvidas em relação a ela.

— Foi uma má decisão, chefe. E farei questão de recordar à

inspetora Grace as suas responsabilidades. Vou também perguntar-lhe diretamente se há problemas no seio da equipa, em termos de pessoal ou de comunicação, que possam ter levado à violação do protocolo. — Ainda nem tinha terminado de falar e já sabia de antemão que nunca faria tal coisa. Helen não precisava de ser recordada das suas responsabilidades, e Simmons suspeitava fortemente que a culpa jazia no inspetor Hudson. — Mas compreenda, por favor, que se trata de uma investigação que se desenvolve a grande velocidade, e ontem saiu-nos um pouco do controlo. Mas não tenha qualquer dúvida de que a equipa está bem oleada e que trabalhamos dia e noite para concluir este caso de forma rápida e satisfatória.

Aquilo pareceu acalmar um pouco Peters; ele gostava de investigações rápidas e limpas. Mas, para desânimo de Simmons, ele ainda não terminara.

— E a superintendente?

— Eu, chefe?

— Ontem não vi propriamente a sua melhor performance diante da imprensa.

— Compreendo. Mas o interrogatório foi extremamente hostil.

— É uma agente experiente; está treinada para lidar com situações como aque...

— Foi uma emboscada.

— Ainda assim, passou a imagem de que estava na defensiva, perturbada e, sinceramente, adoentada. — Seria aquela a verdadeira razão para a ter chamado? — E não me parece melhor agora. Passa-se alguma coisa?

Tinha ali a sua oportunidade de abrir o jogo. Mas iria aproveitá-la?

Já decorrera uma semana desde que lhe haviam confirmado no hospital que padecia de problemas cardíacos. Não se tratava de um problema menor, daqueles que se resolvem com dieta e exercício, mas sim de uma situação «mude drasticamente de vida ou mais vale tratar de saldar as suas contas». O diagnóstico deixara-a devastada, de tal maneira que ainda não contara aos seus filhos, amigos ou colegas. Mas ali estava uma oportunidade de se redimir, de pedir ajuda.

— Não, está tudo ótimo. Talvez um pouco cansada, tendo em conta

a natureza da investigação, mas de resto em boa forma. — Ele fitava-a astutamente. Teria engolido aquela história? Ou estaria a olhar para uma mulher de 62 anos sabendo que o tempo dela terminara? — Agora, se me dá licença, gostava de marcar presença na sala de operações, reunir a equipa.

Peters deixou-a ir, mas ela sentiu os olhos dele a segui-la enquanto abandonava apressadamente o gabinete. Não estava convencida de que tivesse acreditado nela, o que a deixou incomodada. Não por ela, mas por Helen. Numa fração de segundo, Simmons decidira manter o seu segredo só para si. Provavelmente, a atitude correta teria sido partilhar o seu fardo — com Helen, com Peters —, mas pareceu-lhe errado gerar ainda mais stress e preocupação à sua velha amiga numa altura tão complicada. Em vez disso, mentira, determinada a proteger Helen do seu tenso superior. Aquilo de que a equipa precisava era de apoio e encorajamento incansáveis. Quaisquer questões face à liderança de Helen seriam um grande tiro no pé, e poderiam fazer descarrilar toda a investigação. Não, cabia-lhe rechaçar quaisquer criticismos, aguentar firme, independentemente do que isso lhe poderia custar a nível pessoal.

Sempre protegera Helen, a sua melhor agente e uma amiga chegada. Mas por quanto mais tempo poderia continuar a fazê-lo?

A pressão aumentava de todos os lados.

A uma noite mal dormida seguira-se uma manhã inquietante. Joseph quase caíra da moto a caminho do trabalho, quando uma carrinha de entregas se atravessou intempestivamente à frente dele enquanto ele acelerava pela Exeter Street. Provavelmente, teria sido em parte culpa sua — sentia-se alheado e estourado —, mas nem por isso deixara de insultar o condutor. A libertação da tensão acumulada por momentos soubera-lhe bem, mas ainda estava perturbado e abalado quando chegou à Esquadra Central de Southampton.

A atitude do agente de serviço à receção não melhorou em nada o seu estado de espírito.

— Bom dia, inspetor Hudson. Que belo dia para...

Umas quantas palavras simples, que provavelmente iriam ser repetidas diversas vezes ao longo do dia. Contudo, a forma como foram proferidas enervou-o. Havia uma jovialidade excessiva na saudação que era obviamente desadequada tendo em conta os problemas de Joseph. E teria sido imaginação sua ou o agente articulara o seu título de modo arrastado? Por respeito? Não, tendo em conta o deleite no tom que usara. Seria para deixar implícito que um inspetor não deveria ter agido de forma tão estouvada na véspera? Ou até que ele já nem deveria ser inspetor por muito mais tempo?

À medida que se encaminhava para a sala de operações no sétimo andar, Joseph tentara afastar tais pensamentos da mente. Durante a longa noite de insónias, acabara por traçar um plano. Era bastante simples, mas a única forma de avançar. Faria o que lhe fora pedido, de forma diligente e sem reclamar, continuando a passar revista às

provas recuperadas no armazém do misterioso suspeito. Seria obediente e respeitoso, mantendo a cabeça baixa e comportando-se de forma altamente profissional, na esperança de voltar a cair nas boas graças de Helen, recuperando alguma da sua credibilidade junto dos colegas e evitando alimentar mais os mexericos no seio da Equipa de Incidentes Graves. E, apesar do desânimo ao ver as pilhas de provas amontoadas sobre a sua secretária, ainda assim lançou-se a elas com entusiasmo, parando apenas para preparar uma chávena de café forte.

Inicialmente, o plano pareceu resultar, com a litania de provas a conseguir abstraí-lo dos seus infortúnios. O suspeito — ainda sob custódia, mas por quanto tempo? — autodenominara-se um colecionador, mas estaria por certo a ser modesto. Era obsessivo, acumulador, com o seu lote de relíquias macabras a conter dezenas de milhares de peças. A maioria seria irrelevante — artigos pessoais que haviam pertencido a Ted Bundy e a Jeffrey Dahmer não tinham importância para a presente série de crimes —, mas teriam de os passar a pente fino para verificar se haveria algo escondido que pudesse ajudar à investigação. No entanto, alguns artigos eram visivelmente relevantes: três caixas de «*souvenirs*» cuidadosamente ensacados de Daniel King encontravam-se sobre a secretária de Joseph.

Já tinham sido etiquetados e registados. Recaiu em Joseph a tarefa de determinar se deveriam merecer a atenção da equipa. Talvez fosse uma medida desesperada, talvez todo aquele trabalho se revelasse inútil, mas não podia esquivar-se a fazê-lo. Progrediu rapidamente, aprovando e descartando inúmeros artigos — notícias de jornais da época; uma fotocópia de um depoimento de Fran Ward ao agente responsável pelo caso, o inspetor-chefe Bob Stevenson; uma fotografia da escola com os cinco estudantes; até o tijolo que o suspeito alegara ter retirado da quinta destruída.

Muitos dos artigos encontravam-se em bom estado; outros nem tanto. Tornava-se evidente para Joseph que o suspeito levava o seu tempo a revirar os destroços incendiados — desenterrando a coleira de um dos cães carbonizados —, assim como todos os caixotes de entulho deixados na quinta. Era espantoso o trabalho a que se dera

para encontrar recordações pessoais daquele indivíduo retorcido, e, apesar de algumas serem intrigantes — uma prescrição para um medicamento utilizado no tratamento da esclerose lateral amiotrófica e um número local sarrabiscado num pedaço de papel qualquer —, era incerto se conteriam informações relevantes para a equipa. Joseph avaliava tudo o melhor que podia, optando por excesso de zelo com receio de falhar algo importante, sempre sem deixar de pensar se a sua tarefa teria alguma utilidade.

Sabia que tinha de ser executada, que as provas tinham de ser meticulosamente processadas, e estava determinado a ser visto a fazê-lo, em especial pela superintendente Simmons, que aparecera na sala de operações para apurar os progressos alcançados. Aparentemente, o comboio já estava em marcha, com o foco a desviar-se do suspeito para desconhecidos. Na altura em que Helen o destacara para aquele serviço, parecera-lhe um castigo — um penoso beco sem saída que o afastaria do centro da investigação —, e a cada minuto decorrido mais convencido ficava de que era mesmo esse o caso.

Sempre que estava em curso uma grande investigação, a quantidade de elementos aumentava, o que significava que Joseph tinha uma grande plateia para o seu trabalho enfadonho. Ainda era cedo, mas a sala já se enchia, e Joseph não conseguiu deixar de reparar nos olhares furtivos, nas conversas sussurradas, nos risos contidos.

Esforçara-se ao máximo por ser popular no seio da equipa, o que, na verdade, se revelara um trabalho árduo desde o início. Ocupar o lugar de um agente morto era sempre complicado, e talvez tivesse exagerado, tentando provar o seu valor, para conquistar o respeito dos seus colegas. Para tal, sacrificara uma popularidade fácil, algo que depois lhe parecera um erro — havia poucos que lhe eram verdadeiramente leais, que não o tinham julgado severamente quando se viu sob pressão. O facto de a inspetora Malik ser uma agente simpática e popular também não ajudara. Ela recebera alta do hospital e regressara ao trabalho, sem dúvida espalhando veneno em relação ao comportamento dele.

Tentou convencer-se a controlar-se, a manter-se calmo e

concentrado, mas não havia como ignorar o ambiente que reinava na sala. Era o agente mais graduado entre os presentes, mas sentiu-se como o mais inexperiente dos inspetores, o alvo das piadas e do ridículo de todos. Numa ou noutra ocasião, até apanhou colegas a olhar para ele, apreciando o seu infortúnio. Que direito tinham de ficar de boca aberta a olhar para ele? De cochichar sobre ele? Tinham eles feito algum dia algo que se destacasse?

Prendera diversos homicidas, desfizera gangues de traficantes de drogas, salvara crianças inocentes de uma vida de escravatura e humilhação. Isso enquanto eles se haviam limitado a andar debaixo das saias de Helen Grace, em busca de algum resquício de glória que pudessem amealhar. A censura da parte deles era injustificada e imerecida, o que o deixou furioso.

A cada segundo, o seu sentimento de injustiça era mais forte, cimentando o seu antagonismo face aos colegas, e bem dentro dele também ardia uma raiva crescente. A grande questão era saber se conseguiria contê-la.

Helen acelerou estrada fora, serpenteando com destreza por entre as filas de trânsito. O centro da cidade apresentava-se mais movimentado do que o habitual, com o trânsito de fim de semana a entupir as principais artérias, mas não podia atrasar-se, pelo que manteve a velocidade estável enquanto rumava à Briton Street.

Ia a atravessar o parque de estacionamento da cave do seu prédio, com a pretensão de se dirigir para o laboratório forense em Woolston, quando recebeu a chamada. Contara que fosse Charlie, ou Simmons a pedir uma atualização de informações, mas tratava-se da telefonista da esquadra a pedir-lhe que se dirigisse o mais depressa possível para a Moon Lounge. Não lhe revelara pormenores, realçando apenas que a equipa para lá destacada necessitava de discutir com ela um desenvolvimento importante.

Helen era uma agente experiente, fazia parte da Divisão de Investigação Criminal há quase 20 anos, mas nem por isso deixava de sentir um choque de adrenalina quando surgia a hipótese de uma pista. Não fazia ideia do que os agentes fardados teriam descoberto — imagens de videovigilância de uma propriedade vizinha?; um testemunho de um elemento do pessoal? —, mas era inegável que teria de ser algo importante. Um agente de baixa patente não iria mandar chamar um agente de investigação de patente alta a não ser que tivesse algo para dizer.

Reduzindo brevemente a velocidade, Helen virou para a Orchard Lane. Vendo a estrada desimpedida diante de si, acelerou, afastando-se a grande velocidade do congestionamento. Cinco minutos depois, estacionava na Briton Street, parando a moto com elegância à porta da popular discoteca. À luz do sol matinal, tinha um ar algo

abandonado, sem a normal fila de clientes e a sua habitual reduzida indumentária. A agente Polly Walker aguardava por ela, aproximando-se rapidamente da sua chefe.

— Bom dia, inspetora — disse ela, retirando o boné e passando a mão pelo cabelo. — Desculpe incomodá-la a um domingo de manhã.

— Não se preocupe. O que tem para mim?

A agente fez uma breve pausa, antes de responder:

— Acho que é melhor que veja por si.

Dito aquilo, afastou-se, apontando para a porta aberta da discoteca. Helen não hesitou, retirando o capacete e avançando para a escuridão.

— Conte à inspetora exatamente o que me contou.

Já no interior da discoteca, a agente Polly Walker encontrava-se ao lado da jovem, visivelmente nervosa, e Helen estava sentada mesmo diante dela. Embora não circulassem muitas pessoas pelo espaço, Helen viu o gerente, Chris Bridges, a pairar por ali. Fez por o ignorar, concentrando-se antes na testemunha que tinha à sua frente.

— Não sei... — murmurou a mulher, lançando um olhar fugaz ao gerente.

— Está tudo bem, Tatiana, não está em apuros — assegurou-lhe Helen. — Não é em si que estamos interessados. — A mulher pareceu ligeiramente mais confortável, mas ainda assim hesitou. — Se ainda não tem os seus documentos, ou se está cá de forma ilegal, podemos olhar para o lado, desde que tenha algo importante para nos contar.

A mulher olhou para a agente Walker, que assentiu de modo encorajador. Inspirando fundo, a jovem albanesa começou a falar.

— Eu estava a trabalhar na sexta-feira à noite. Muito ocupada, muita gente...

— O que é que faz aqui na discoteca?

— Limpezas de dia. À noite, recolho copos, limpo mesas.

— E era isso que fazia na sexta-feira à noite?

Ela assentiu.

— Eles têm um grupo a tratar disso, mas a área de intervenção da Tatiana é a zona VIP — acrescentou Walker.

Helen percebeu então a razão da sua ida ali.

— Continue — encorajou-a.

— Recolho copos toda a noite. Muitas raparigas, muitas bebidas...

— Certo.

— Pouco antes da meia-noite, vi uma coisa estranha. Homem sozinho. A zona VIP estava vazia, raparigas a dançar, mas ele estava lá. Penso que talvez com um amigo, mas parecia estranho...

— Estranho, como?

— Nervoso? É como dizem? Ele olhava muito à volta... como se tivesse medo de que as pessoas o vissem. Mas eu vi-o...

— O que fazia ele?

— Olhava para as malas.

— As malas das mulheres? — inquiriu Helen. Tatiana assentiu com a cabeça. — E depois?

— Depois, ele viu-me.

Ao recordar-se, Helen conseguiu ver os pelos a eriçarem-se-lhe.

— E o que se passou a seguir?

— Ele foi rápido. Pegou num copo vazio da mesa, veio ter comigo e deu-mo... E depois foi...

— É uma grande ajuda — disse Helen, tentando refrear o entusiasmo. — E consegue descrever esse homem?

— Sim, ele era magro, alto, cabelo claro até às bochechas.

Helen digeriu aquilo, intrigada.

— Cor dos olhos? — A funcionária abanou a cabeça. — Como eram as feições dele? Nariz largo, nariz fino, queixo afilado, queixo quadrado?

— Fino, como mulher.

Helen assentiu, tentando ignorar a tensão crescente dentro dela.

— Mais alguma coisa?

Reparou, então, na hesitação da mulher. Subitamente, percebeu que também ela estava rígida com a tensão.

— Uma coisa — lá prosseguiu ela. — Vi quando ele me deu copo.

— Sim?

A jovem ergueu o olhar, com os olhos assustados a prenderem-se nos de Helen quando acrescentou:

— Ele... ele tem só quatro dedos na mão.

— É possível?!

Grace Simmons estava a controlar-se para dominar o choque.

— Há uma hora, teria dito que não, sem dúvida que não — respondeu Helen, ela própria ainda a tentar interiorizar o alcance da revelação da manhã. — Eu achava que o Daniel King era coisa do passado, que teria dado à costa numa praia remota algures, ou que estaria no fundo do canal.

— Mas...?

— Mas agora temos de levar isto em conta. A descrição da testemunha foi precisa... altura, cor do cabelo, constituição e, obviamente, a sua conhecida deficiência.

— Ela é credível?

— Depende do ponto de vista.

— Como assim?

— Bem, nitidamente está cá ilegal. Veio para visitar amigos em Bournemouth com um visto para férias e desapareceu mal chegou. Tem estado em Southampton há uns seis meses, a trabalhar sem documentação na Moon Lounge. Portanto, caso isto chegue a tribunal, não é a testemunha ideal; por outro lado, não sei ao certo se terá alguma razão para mentir. O que tem a ganhar? — Fazia sentido. A última coisa que os proprietários da Moon Lounge desejariam seria um escrutínio policial contínuo. — Ao cooperar, põe o seu trabalho em risco, e nitidamente estava a fazê-lo com relutância. Tem pavor da polícia.

— Alguém a poderá ter levado a fazer isto?

— Não podemos descartar essa hipótese. Mas quem? E porquê? — Simmons olhou fixamente para ela, nitidamente à espera de algo,

fosse o que fosse, que servisse para eliminar o testemunho de Tatiana. Helen teria adorado poder fazer-lhe a vontade, mas, face ao que sabiam, não havia nada de suspeito no testemunho. — Além do mais — prosseguiu Helen —, estou convencida de que ela estava longe de perceber o alcance do que viu. Na altura dos crimes do King, ela era uma miúda na Albânia; não tinha como saber quem ele é, nem seria capaz de o descrever com precisão...

— A não ser que o tivesse mesmo visto.

Simmons concluiu a frase por ela. As duas mulheres entreolharam-se demoradamente, digerindo o significado de tudo aquilo.

— Obviamente, vamos verificar isto noutros estabelecimentos locais, imagens de videovigilância, etc., para perceber se alguém o viu. Já fizemos isso uma vez em busca do nosso anterior suspeito, mas vamos repetir. E também vamos analisar o histórico de avistamentos do King.

— Histórico de avistamentos? — inquiriu Simmons.

— O King foi «avistado» em diversas alturas ao longo destes últimos anos, mas em nenhuma ocasião isso foi verificado, e as pistas muitas vezes foram anónimas. Pessoal a fazer-nos perder tempo, brincalhões...

— Quando foi o último avistamento?

Helen fez uma ligeira pausa, antes de responder:

— Há quatro semanas. Mais uma pista anónima. Vou pedir ao inspetor Osbourne para verificar; ver se há um número de quem ligou ou, melhor ainda, uma gravação da chamada...

— E isso foi em Southampton...

— Sim. Tendo isto em conta, e o facto de a pegada da bota recolhida na obra combinar com o tamanho do King, temos de considerar a possibilidade de ele estar vivo e ativo.

Embora fosse difícil de acreditar, Simmons parecia ainda mais pálida do que na véspera, despojada da habitual energia e otimismo. Uma vez mais, Helen sentiu-se tentada a perguntar-lhe se se sentia bem, mas Simmons não lhe deu tempo.

— Então, qual vai ser o teu primeiro passo? Calculo que queiras manter isto em segredo...

— Por agora. Obviamente, a equipa vai seguir todas as pistas sobre o King, passadas e presentes, mas, antes de mais, quero a Fran Ward e a Maxine Pryce num lugar seguro.

— Achas que correm perigo?

— Tenho de partir do princípio de que sim. Talvez o King esteja vivo, talvez seja um imitador. De uma maneira ou de outra, é possível que toda a publicidade em volta do livro da Pryce e as inúmeras aparições dela nos *media* tenham incentivado os ataques ao Lanning e ao Harvey. Se assim foi, então elas correm perigo. — Não era um pensamento animador para Simmons, que ainda assim assentiu com a cabeça, tentando mostrar-se encorajadora. — Queremos, sem dúvida, justiça para o Justin e o Callum, descobrir o responsável pela morte deles — prosseguiu Helen, num tom solene —, e a equipa não vai parar enquanto isso não for alcançado. No entanto, tendo em conta que ainda anda um assassino a monte, que temos agora um avistamento concreto de um suspeito, a minha prioridade tem de ser direcionada aos vivos.

73

— Mostre-me algum documento de identificação. Não faço nada enquanto não se identificar.

Fran tentava manter uma voz firme, mas soou tremida e perturbada.

— OK, vou passá-lo.

A ranhura do correio abriu-se, e Fran, desconfiada, afastou-se para o lado. A seguir, avistou um cartão estreito que a pessoa empurrava do outro lado. Teria dado uma cena cómica — o cartão a deslizar enquanto Fran se encolhia no corredor —, não fosse tão aterradora. Tinha os nervos em franja depois de uma noite mal dormida, e o som da campainha assustou-a de morte. A sua mãe levantara-se para atender e tivera de ser arrastada dali enquanto a pessoa batia sonoramente à porta. Fran teria naturalmente de dar uma explicação à mãe... mas isso podia esperar. Naquele momento, a sua única preocupação era a identidade de quem batia à porta.

Pegou no cartão de identificação — um rosto redondo e bonito junto a um nome, Sargento-Inspetora Charlotte Brooks, Polícia de Hampshire. Reunindo toda a sua coragem, Fran deu um passo em frente e espreitou pelo óculo. O mesmo rosto olhava para ela, e, convencida de que a mulher se encontrava sozinha, Fran retirou a corrente do trinco e abriu a porta.

Dois minutos mais tarde, estavam ambas instaladas na sala de estar. A mãe de Fran foi dispensada da conversa, mas a filha tinha a certeza de que estaria ali perto à escuta. Um ou outro rangido do soalho deixou isso bem claro.

— Que tipo de alojamento?

— Bem, parece mais dramático do que é — respondeu Brooks, num tom calmo. — No entanto, trata-se essencialmente de uma casa segura. Uma propriedade nossa que podemos policiar com eficácia, fornecendo-lhe proteção 24 horas por dia. Fran fitou-a inexpressivamente. Como é que a sua vida chegara àquele ponto? — Não será por muito tempo — prosseguiu Brooks, falando como se se tratasse de algo banal. — É só até esta situação ser esclarecida.

— Esta *situação*?! Refere-se ao homicídio dos meus amigos. — Fran não conseguiu disfarçar o seu desdém; como é que aquela mulher ousava sugerir que as mortes de Justin e Callum eram apenas mais um caso. — Eram pessoas reais, de carne e osso. Pessoas que já tinham sofrido anos de tormento... depressão, ansiedade...

— Eu sei disso, Fran, e acredite que lamento muito por eles, pelas famílias e também por si. Deve ser terrível perder duas pessoas de quem se era próximo. — A sua sinceridade era evidente, abrandando um pouco Fran. Mas nem por isso deixara de sentir a fúria e as suas emoções em ebulição. — E vamos levar o responsável perante a justiça, seja ele quem for, mas até lá temos de assegurar que é mantida em segurança. Sei que vai originar uma grande reviravolta na sua vida; vai ter impacto no seu trabalho, na sua família...

— Tudo bem, eu alinho.

Brooks calou-se, surpreendida com a rapidez da resposta.

— Pode conversar com os seus pais, se quiser. Eu posso esperar aqui, enquanto...

— O que é que hei de dizer-lhes? Se corro perigo, tenho de ir.

Brooks nada disse, fitando-a com estranheza. Fran percebeu de imediato que pisara o risco, que a inspetora achara suspeito, mas a verdade é que, tendo-lhe sido oferecido refúgio, queria aproveitar. Para se afastar da família, para pôr as ideias em ordem, para tentar obter algum sentido daquela louca sequência de eventos.

— Bem, se tem a certeza... — Ambas se levantaram, mas, quando Fran começou a avançar para a porta, Brooks disse-lhe: — Fran... — Esta virou-se, para dar com a inspetora a mirá-la com curiosidade. — Aconteceu alguma coisa?

— Como assim?

— Bem, por norma as pessoas precisam de algum tempo para processar algo deste calibre.

— Mas isto não é uma situação normal, certo?

— É claro que não, mas a verdade é que parece muito nervosa, como se algo a tivesse perturbado. — Fran não disse nada. — Quer dizer, é bom ter cautelas quando se abre a porta, mas mostrou-se muito renitente em abrir, como se tivesse medo de algo, de alguém...

— Dois dos meus amigos mais chegados acabaram de ser assassinados. Como é que a inspetora reagiria?

Brooks pareceu aceitar a explicação, mas não se mostrou muito convencida.

— Tem a certeza de que não aconteceu nada?

Era a oportunidade dela. A sua oportunidade de chamar mais alguém para aquele terrível pesadelo. Mas sabia que não o faria, e não se surpreendeu quando deu por si a responder:

— Não, nada de nada.

— De maneira nenhuma. — O inspetor Bentham ficou espantado, como se não conseguisse acreditar no que ouvia. Mas Maxine não media as palavras. — Não posso largar tudo de um momento para o outro para me esconder num fim de mundo nos subúrbios.

— Não é tão mau como possa pensar, e, sinceramente, vai ser por um curto período.

— O sentido de oportunidade não podia ser pior. Tenho várias marcações com os meios de comunicação social, já para não falar de uma agenda de escrita ocupada.

— Vai poder levar o computador consigo — insistiu Bentham —, embora, na nossa opinião, seja melhor manter-se longe da Internet. Quanto a aparições públicas, acho que será melhor adiá-las, por agora, para podermos assegurar a sua segurança.

— Então, já têm um suspeito? Alguém que procuram?

Bentham permaneceu calado, oferecendo a sua melhor tentativa de um sorriso.

— De momento, estamos a seguir várias linhas de investigação. Obviamente, iremos informá-la assim que houver algo significativo a reportar.

O inspetor estava a mentir — Maxine estava segura disso. Justin fora assassinado dois dias antes; Callum há apenas 24 horas. E, como se isso não bastasse, logo pela manhã tornara-se imperativo levá-la para uma casa de proteção.

— Então, não têm ninguém em particular?

— Não, ainda não. — A resposta foi demasiado rápida para o gosto de Maxine. — De qualquer maneira, posso informá-la quanto a eventuais procedimentos, regras de contacto...

— Eu fico aqui. — Uma vez mais, ela deixou-o sem palavras. — Não me incomoda ter proteção policial, se achar mesmo necessário, mas não quero sair do meu apartamento. Este é o meu lar!

— Bem, essa é obviamente uma opção que podemos explorar. Mas, tendo em conta tudo o que se passa, acho mesmo que...

— Já disse que não, não me obrigue a repetir-me.

Bentham finalmente cedeu, mas de má vontade.

— OK, se acha melhor assim. Podemos pôr agentes na frente e nas traseiras da casa, 24 horas por dia, enquanto aqui está, e um destacamento à parte quando necessitar de sair. Mas devo reiterar que deve reduzir ao mínimo as aparições públicas. E, quando sair, haverá protocolos estritos que terão de ser seguidos à risca...

Continuou a falar, mas Maxine já desligara, com as palavras a entrarem por um ouvido e a saírem pelo outro. Não parecia real, não parecia *possível*. Passara por uma terrível provação em adolescente, mas sobrevivera; entretanto crescera e era mais forte e resiliente do que alguma vez poderia ter imaginado. Mas, naquele momento, o edifício cuidadosamente erguido de Maxine 2.º começava a ruir.

Tentara convencer-se de que os horríveis acontecimentos do passado haviam acontecido por um motivo. Tomara conta da narrativa do seu passado e moldara-a de modo a obter um final positivo. Maxine era muitas coisas para muita gente, mas acima de tudo era uma sobrevivente. Alguém capaz de usar as suas experiências e força para inspirar terceiros. Tinha um papel, tinha um futuro, mas nesse momento estava sentada a falar com um polícia novato sobre a necessidade de se esconder de um perigo sinistro e assustador. Não era assim que era suposto a história desenvolver-se, não fora assim que a planeara, e, ao olhar para a expressão ansiosa de Bentham, percebeu que, afinal, a sua história não teria um final feliz. A sombra da morte abatia-se uma vez mais sobre ela.

A questão era saber o que ia fazer em relação a isso. Ia ficar? Ou fugir?

O olhar dele incidiu nela, de forma intensa e cruel. Helen interiorizou o rosto de King — os olhos caídos, a boca retorcida, a expressão fria e ausente — e a seguir voltou-se para a equipa.

— Daniel James King. Esta é a única imagem oficial dele de que dispomos, uma fotografia da ficha criminal tirada após a sua detenção por desordem em 2008. Foi tirada há mais de dez anos, mas é o melhor que temos. A Tatiana Lucaj está presentemente a trabalhar com a nossa equipa para compor uma imagem eletrónica do rosto dele, mas, entretanto, é com isto que temos de trabalhar.

Alguns dos elementos da equipa avançaram um pouco, ávidos por fixar as feições do fugitivo. Tinham-se reunido na sala de reuniões — Charlie, Joseph, Osbourne, todos marcaram presença, com a exceção do inspetor Bentham, que ainda se encontrava ausente, a lidar com Maxine Pryce.

— Tenho a certeza de que todos conhecem o caso — prosseguiu Helen —, mas vamos lá refrescar a memória. Ele era o único filho de Julia King, com pai desconhecido. Viviam numa quinta isolada nas South Downs, junto a Chilgrove. Não era um negócio particularmente rentável... A Julia tinha uma personalidade errática e problemas de bebida, características que terá passado ao filho. O Daniel King raramente ia à escola, preferindo passar o tempo a andar de moto-quatro e a disparar com as suas caçadeiras na quinta. Eram frequentes as discussões entre ambos, e por vezes ela expulsava-o de casa. Quando isso acontecia, ou quando ele tinha dinheiro no bolso, rumava a Southampton, frequentando os *pubs* da zona de Northam. Não é a vossa zona habitual de diversão, mas lá é possível comprar sidra forte por uns meros trocos, já para não referir todo o tipo de

drogas. Foi durante uma dessas visitas ocasionais que tomámos consciência de quem ele era. Foi advertido algumas vezes por andar embriagado e também foi detido por desordem. Ora bem, o telefone utilizado para contactar o Justin Lanning despertou para a vida pela primeira vez na zona de Northam. Apanhou rede pouco antes de voltar a sumir, usado apenas uma vez mais tarde quando foi feita a chamada ameaçadora. É tudo o que temos de momento, mas é evidente que Northam se torna uma área prioritária para a investigação. Pedi ao inspetor Reid para elaborar uma lista das atuais discotecas e *pubs*, para se procurar sobreposições com os antigos locais frequentados pelo King. Também devemos procurar quaisquer parceiros que se conheçam dele nessa área.

Vários elementos da equipa assentiram vigorosamente. Toda a gente pareceu envolvida, enérgica, todos exceto Joseph Hudson, que se deixou ficar na parte de trás do grupo, parecendo estranhamente alheado. Ignorando o seu próprio desconforto, Helen prosseguiu:

— Caso alguém precise de ser recordado, o King era... é um indivíduo perigoso, e deve ser abordado com bastante cautela. O registo dele deixa claro que, antes de raptar os miúdos de St Mary, tentou matar duas vezes, tendo por alvo Lorraine Kielty e Amanda Barnes, em estradas remotas. Ambas as raparigas sofreram ferimentos ligeiros; o King bateu-lhes antes de tentar estrangulá-las, mas elas conseguiram dar luta e fugir. O King nunca foi identificado, dado que os ataques ocorreram a uma certa distância da quinta da família, deixando-o livre para raptar e matar. — Um dos elementos mais recentes da equipa tremeu um pouco, bem ciente do que ali vinha. — Depois de raptar os cinco miúdos, manteve-os em cativeiro na cave. De início, mostraram-se submissos, obedientes, e o King não se conteve. Terá retirado grande prazer em torturar os jovens, espancando-os com correntes de bicicleta e chaves de rodas, e ameaçando estrangulá-los com um pedaço de arame de vedações. — Até Charlie pareceu empalidecer, dado que nem os agentes experientes eram imunes ao terror que King era capaz de gerar. — Os miúdos suportaram isto uma noite inteira, mas depois surgiu uma oportunidade de fuga e eles aproveitaram. O King deu pelo seu erro e perseguiu-os pelas Downs. A Rachel Wood estava com menos

mobilidade do que os outros e caiu nas garras dele, pelo que ele a arrastou até casa e a assassinou. Consciente de que os miúdos em fuga iriam alertar a polícia, deixou para trás os cães, o lar, tudo... incendiando a casa da quinta e fugindo para a costa de Chichester, onde se terá suicidado. Aparentemente. — Um pesado silêncio abateu-se sobre a sala. Helen sabia que pergunta estavam em pulgas para fazer, pelo que lhes acabou com o sofrimento. — Obviamente, temos agora de pôr em causa a conclusão desta narrativa e perguntar-nos se o King ainda estará vivo; se poderá ser o responsável pelos homicídios do Justin Lanning e do Callum Harvey. Em que ponto estamos face ao recente avistamento dele?

— A chamada foi feita para a central principal a partir de um telefone público de um café junto à urbanização Aldbury, em Duckworth. Foi uma mulher a ligar, mas recusou-se a dar o nome. Enviei lá um agente para averiguar. Sei que a Tally Greene vive na urbanização... Tem diversas advertências por burlas, alertas de bomba falsos e por aí fora, por isso temos mesmo de falar com ela.

— E quanto ao telefonema em si?

— Não temos muitos detalhes; apenas sabemos que quem ligou terá visto o King a entrar numa propriedade em Portswood.

— Onde?

— Não indicou o nome da rua, e, sinceramente, a mulher que ligou foi muito vaga. A operadora acha que se deve tudo à publicidade em volta do livro da Pryce, assumindo que as pessoas começariam a ver a cara do King por toda a cidade.

— E outros avistamentos, recuando mais no tempo?

— Ainda estamos a analisar — respondeu de pronto a inspetora Malik.

— O mais depressa possível, por favor. — Desviando o olhar de Malik, Helen voltou a dirigir-se ao grupo. — Todos vocês têm pastas completas nas vossas secretárias. Analisem-nas o mais depressa possível, mas com atenção. Se algo vos chamar a atenção, falem imediatamente comigo ou com o inspetor Hudson. Inspetora Brooks, gostava que contactasses o inspetor-chefe Bob Stevenson, o agente de mais alta patente da primeira investigação. Acho que ainda mora por cá. Se há alguém capaz de nos dar uma perspetiva do que

vai na mente do King, é ele.

— É para já.

— Inspetor Reid — prosseguiu Helen. — Quero que imprimas um mapa da zona de Northam, destacando as torres de transmissão que captaram o telefone do assassino. Quero o alcance preciso de cada torre, além da enumeração de edifícios devolutos, albergues, pensões, prédios ocupados ilegalmente, qualquer local onde o King possa estar agora, além de uma listagem completa de todos os antros de bebida da zona.

— Vou tratar disso imediatamente — assegurou ele, erguendo-se.

— Assim que tivermos isso, vamos até lá. Se for preciso, leva agentes fardados. Quero uma presença ativa, para ver se desencantamos alguma testemunha, avistamentos... Cancelem quaisquer planos sociais que tenham, avisem a família de que vão trabalhar até tarde. Agora, temos uma pista, um suspeito principal, por isso é ele que deve ocupar todos os nossos pensamentos e forças. Vamos para a rua tentar apanhar o tipo — Helen olhou para cada um dos elementos da sua equipa —, e pôr um fim a isto.

Ela estava no exterior, ao frio, a enfrentar corajosamente o vento agreste que varria a zona de fumadores, quando o seu telemóvel deu sinal. Inalando determinadamente o cigarro, Emilia retirou o aparelho do bolso com a mão livre, curiosa por saber quem lhe enviava uma mensagem num sábado de manhã. Não era de um número conhecido, mas percebeu de quem se tratava, dando os parabéns em silêncio a Hudson por ter arranjado um novo cartão SIM. Mais valia prevenir do que remediar, dada a capacidade de Grace para desenterrar toupeiras.

A mensagem era curta, mas tremendamente agradável.

«Equipa procura ativamente Daniel King, seguindo um possível avistamento.»

Emilia riu em voz alta, despertando a curiosidade de dois jornalistas desportivos parados ali perto, tomando a sua dose de cafeína. Virando-lhes costas, leu novamente a mensagem, voltando a rir de felicidade e incredulidade. Sempre achara possível que King pudesse ter sobrevivido, assumindo que se escapulira para algum país distante para passar despercebido, até achar que seria seguro voltar a atacar. Porém, nunca nos seus sonhos mais loucos imaginara que ele pudesse regressar à costa sul, ao local dos seus crimes.

Chegara a pensar nessa possibilidade, como é evidente — estava subentendido em todos os artigos que escrevera sobre ele —, mas nunca o dissera em voz alta, temendo ser ridicularizada. Mas aquela novidade alterava tudo. Já nada a poderia deter.

Emilia arrepiou-se, não de frio, mas de entusiasmo. Era uma história para lá de sumarenta — um fugitivo famoso de regresso ao local do crime para se vingar daqueles que lhe haviam escapado. Era

assustador, horrível e maravilhoso, e ela agradeceu a Deus por mais uma vez ir na frente da jogada, noticiando em primeira mão aquele desenvolvimento espantoso antes de os outros grupos de comunicação social da nação conseguirem deitar-lhe a mão. Era como se todos os seus Natais tivessem chegado de uma só vez, oferecendo-lhe a história que poderia definir a sua carreira.

Ela sentiu como se tivesse acordado com uma marca negra. Aonde quer que fosse, parecia inspirar desconfiança, até medo.

A conversa de Charlie com Fran Ward fora complicada e mal-humorada, e com o inspetor-chefe Bob Stevenson também parecia seguir o mesmo rumo. O corpulento reformado não gostara de ter tido de ir à porta, irritado com uma visita inesperada, e nem quando percebeu de quem se tratava se revelara mais acolhedor. Parecia ter adivinhado o motivo da visita e não se mostrava disposto a cooperar; ainda assim, aparentemente o poder de persuasão de Charlie acabara por prevalecer, pois encontrava-se sentada à mesa da cozinha no confortável *bungalow* dele em Fordham.

Entre eles encontrava-se uma caixa de cartão, com pastas de casos, jornais antigos e até um exemplar deteriorado dos cartazes que em tempos haviam coberto Southampton e a costa sul, apelando a informações relativas ao paradeiro do fugitivo Daniel King. A caixa, e a maioria dos artigos no seu interior, encontrava-se revestida por uma camada de pó, sugerindo que já há algum tempo que ninguém lhe tocava. Longe da vista, mais depressa caíam no esquecimento, pensara Charlie para consigo.

— Pode ver à vontade. Pode haver coisas que não estão nos arquivos oficiais, mas não sei em que poderão ajudá-la. Todas as pistas, grandes ou pequenas, foram minuciosamente investigadas.

— Não duvido.

Não se tratava de pura lisonja. Bob Stevenson fora um agente da polícia respeitado no seio das forças de segurança de Hampshire. Saíra com a pensão completa, várias condecorações e de cabeça bem erguida, mas ainda assim Charlie percebeu pela expressão corporal

dele, pelo modo como se remexia constantemente no sofá, que o caso King ainda o incomodava. Persistindo ainda a possibilidade de King os ter enganado e escapado à justiça, Stevenson nunca teria a sensação plena de ter feito o seu trabalho. Era o ponto de interrogação numa carreira, de resto, exemplar.

— Só queremos passar tudo em revista mais uma vez — prosseguiu Charlie. — À luz de novos dados.

De início, Stevenson mostrara-se desdenhoso, não querendo acomodar a ideia de que King havia regressado a Southampton. Mas agora parecia menos certo, até um pouco perturbado.

— Até que ponto a testemunha é fiável? — perguntou ele.

— Ainda estamos a investigar isso, mas não há motivo evidente para duvidar dela.

Stevenson assentiu com a cabeça, mas não parecia nada feliz.

— E a descrição foi precisa?

— Bastante. — Mais um leve e relutante assentir de cabeça. — Por isso mesmo, seria bastante útil se nos pudesse falar um pouco mais do King. Ninguém passou tanto tempo a analisá-lo como o senhor...

Stevenson fitou-a, parecendo de repente cansado.

— acredite ou não, nos últimos anos não pensei muito nisso. Sei que toda a gente na esquadra acha que fiquei obcecado com ele, mas, na realidade, consegui afastá-lo da mente. Eu e a Erica temos aqui uma boa vida; não preciso de lidar com gente como o King. Até voltar a ouvir falar nisso, praticamente nunca pensei no assunto. — Apontou para um embrulho pousado na mesa da cozinha. Ao pegar nele, Charlie percebeu que se tratava de um envelope acolchoado, sobre o qual se encontrava pousado um exemplar do novo livro de Maxine Pryce. — Ela telefonou-me quando estava a escrevê-lo. Atendi, por cortesia pelo que ela passou, mas disse-lhe que não iria contribuir. Não vale a pena remexer no passado...

A não ser que se ganhe dinheiro com isso, pensou Charlie.

— Eu sou mencionado no livro, obviamente — disse Stevenson, esticando-se para pegar no pesado volume —, e acho que a dada altura hei de folheá-lo, mas não para já.

Disse-o de forma descontraída, rodando o livro na mesa para que não ficasse voltado para ele, mas Charlie percebeu que aquilo o

perturbava. Seria apenas um desejo — compreensível — de não regressar àquele lugar sombrio? Ou recearia o criticismo, preocupado por Maxine lhe cobrar o facto de não ter conseguido levar o criminoso à justiça?

— Tenho a certeza de que se trata de um retrato justo do que foi uma investigação meticulosa e eficaz.

— Ainda bem que pensa assim; nem toda a gente foi tão caridosa.

Charlie tinha a noção de que houvera algum criticismo por parte da imprensa local, mas, na verdade, tais críticas haviam sido escassas e espaçadas.

— Absolutamente — disse ela, de forma resoluta. — Sei que dissecou a vida dele, espreitou para debaixo de todas as pedras, e é por isso que qualquer perspectiva que me possa facultar...

Stevenson remexeu-se na sua cadeira, parecendo muito mais confortável ao perceber que ela não se deslocara ali para o acusar.

— Bem, já sabe o essencial. O que talvez não tenha vindo nos relatórios oficiais era o facto de o King ser tão... estranho. Não teve uma vida fácil: sem pai, uma mãe que não dizia não a uma bebida... Mas, enquanto a mãe dele foi viva, ele foi-se mantendo na linha. Fazia as coisas habituais, bebida, drogas, um ou outro roubo, mas ela lá o controlava. Exercia algum tipo de poder sobre ele, acho.

— O que é que lhe aconteceu?

— Ela sofria de esclerose lateral amiotrófica, doença do neurónio motor, e isso acabou por matá-la. Ela estava em declínio, cada vez menos capaz fisicamente, dependendo cada vez mais do Daniel, até que acabou por morrer. De repente, um rapaz de 18 anos deu por si sozinho no mundo, dono da sua grande quinta decadente. Pouco depois, tudo começou a correr muito mal. Fosse da dor, ou da súbita responsabilidade, ou simplesmente por se deixar levar pelos seus vícios, não se sabe, mas entrou num rápido declínio. Tornou-se cada vez mais dependente da bebida, tal como das drogas, e havia provas de que andava a descarregar grandes quantidades de pornografia ilegal, filmes *snuff*⁴ e coisas do género. Não muito depois de ter atacado a Lorraine Kielty, apesar de na altura não sabermos que tinha sido ele.

— E não havia ninguém na vida dele? Ninguém que o orientasse ou controlasse?

Stevenson abanou a cabeça.

— Como é evidente, os serviços sociais tentaram envolver-se, mas ele nunca os recebeu bem, nunca se quis implicar. Eles... — Stevenson calou-se por uns momentos, fazendo um esgar. — Eles conseguiram convencê-lo a ir umas vezes a um pedopsiquiatra. Esqueci-me do nome do homem, mas lembro-me do que me contou. Nunca cheguei a ver o ficheiro, não me pareceu de grande interesse depois de o King se matar, mas nunca me saiu da cabeça. — Calou-se, parecendo genuinamente perturbado com a recordação. — Ele disse ao psiquiatra que um dia andava a passear pela quinta e encontrou um pássaro ferido. Um pardal bebé que tinha caído do ninho e se ferira. Apanhou-o do chão e fez-lhe festas, divertindo-se com a forma como o seu biquinho abria e fechava à procura de comida. E depois esmagou-o. Cerrou o punho e pôs fim à vida do pobrezinho. — Charlie não teve como não reagir, mas Stevenson, perdido nos seus pensamentos, nem reparou. — O psiquiatra disse que ele nem embelezou a história como sendo uma morte piedosa, pois ficou verdadeiramente *excitado* com o que fizera... Apreciara o poder exercido sobre a ave. — Charlie digeriu a informação, surpreendida por ter ficado tão perturbada com aquela imagem de crueldade gratuita. — É esse o tipo de homem com que está a lidar. Alguém sem respeito por uma vida e com um... um fascínio perverso pela morte. — Ao dizer aquilo, empurrou o livro na direção de Charlie. Terá decidido, entretanto, que não o leria? Que a conversa o convencera a não o fazer? — Por isso, se ele está de volta, se está mesmo vivo, é bom que o encontrem depressa. Porque vai matar sem problemas de consciência. E vai gostar.

Charlie sentiu um arrepio interior, tal a gravidade e determinação patentes na voz dele. E nesse instante o seu olhar incidiu na capa do livro, de onde King a fitava, divertido, arrogante e cruel.

⁴ Os filmes *snuff* incluem gravações de violações e homicídios genuínos. [N. T.]

Excerto de Uma Noite Sombria, de Maxine Pryce

Este é um capítulo que eu gostaria de não ter de escrever. Lidar com as indignidades e a dor que todos sofremos às mãos do Daniel King nada de bom nos traz. As recordações são bem vívidas, tal como as sensações de terror e desamparo que inspiram, mas a verdade é que tais feridas fazem parte de nós, parte da nossa jornada, e não podem ser evitadas. Se queremos saber efetivamente quem somos, quem era o Daniel King, então temos de contar toda a história.

De início, achámos que ele só nos queria manter presos. Sob a ameaça da arma, encaminhou-nos para a cave, enquanto os cães, excitados, ladravam e saltavam à nossa volta. Assim que lá chegámos, obrigou-nos a amarrarmo-nos uns aos outros, tratando ele próprio do último de nós, deixando-nos aos cinco atados a duas colunas de aço no meio da divisão. A seguir, inesperadamente, foi-se embora.

Impôs-se um silêncio profundo e depois deu-se uma explosão de conversa confusa, mas os mais sábios «concluíram» que se tratava de uma questão de resgate. Alguns dos nossos pais eram bastante abastados — era evidente que aquele tipo nos ia trocar por dinheiro, para de seguida desaparecer. Tal pensamento não animou ninguém — os pais da Rachel e do Callum não tinham dinheiro —, mas serviu para deixar os restantes a sentirem-se melhor. Estávamos convictos de que a nossa provação terminaria em breve — os nossos pais não hesitariam em pagar.

Estávamos enganados. Na altura, não fazíamos ideia de quão iludidos nos encontrávamos, mas depressa descobrimos. Passava pouco da meia-noite quando o King regressou à cave, dessa vez sozinho e completamente pedrado. Começou a insultar-nos, com uma fala muito arrastada, ameaçando-nos com tortura, violação e

muito mais. As suas ameaças rapidamente se concretizaram pois de súbito desatou a espancar-nos.

À luz do candeeiro a querosene, vimos que o chão se encontrava coberto de ferramentas velhas, peças de máquinas e quadros de bicicleta enferrujados. O King agarrou numa corrente de bicicleta e, rodando-a sobre a cabeça, vergastou com força o pescoço da Rachel. Eu estava ao lado dela e senti o impacto do metal na carne. A Rachel gemeu, com o ar a ser-lhe furtado dos pulmões. Seguiu-se mais um par de golpes. Ela gemia de forma incoerente, talvez suplicando por piedade, mas de nada valeu. O King sentia-se eufórico, e nada o deteria.

Não sei ao certo quanto tempo durou aquela sessão de violência. O King circundou-nos, escolhendo aleatoriamente as vítimas, fustigando rostos, pescoços, peitos, braços. A dada altura, a Fran perdeu os sentidos, com a cabeça a bater na coluna de aço. A Rachel ficou sem uns dentes, mas nada pareceu satisfazer o desejo do King por dor. A nossa dor. Parecia que toda a sua vida se encaminhara para aquele momento, e, lá chegado, estava determinado a aproveitar ao máximo.

O meu espancamento foi constante, mas talvez mais ligeiro do que o dos outros. Eu estava no fim da fila, e o King a dado momento começou a sentir-se cansado. Sentia-me dorida, ensanguentada e pisada, mas, ao espreitar para o nosso agressor, esperei que já tivéssemos passado o pior. Tentei conversar com ele, implorando pelas nossas vidas, pela nossa liberdade.

— Não precisa de fazer isto. Se nos deixar ir, juramos que não contamos a ninguém...

— Vocês não vão a lado nenhum!

— Os meus pais têm dinheiro, muito dinheiro. Se nos libertar, pode ter o que quiser.

A corrente acertou-me em cheio no pescoço. Apanhada de surpresa, o meu corpo reagiu com um abanão. Ceguei de dor momentaneamente, sem saber onde me encontrava nem o que se passava. Porém, depois, apercebi-me de uma sombra e vi o rosto transpirado do King a encostar-se ao meu.

— Ainda não percebeste, pois não? — disse, num tom ríspido, com

pingos de saliva a caírem sobre mim. — Nunca... nunca hás de sair daqui!

Riu-se, enquanto se endireitava e atirava a corrente da bicicleta para o lado, antes de avançar rapidamente para uma mesa instável, onde começou a remexer em busca de algo mais. Estiquei o pescoço para ver os outros, desesperada por algo, algum indício de rebeldia, mas a Rachel parecia zozza e a Fran soluçava. Não conseguia ver a cara do Callum, e o Justin estava de costas para mim, pelo que dei com o meu olhar a incidir de novo no King, que avançava em passos firmes na minha direção, trazendo nas mãos arame de vedação.

— Por favor, não me faça mal, por favor, não...

— Oh, eu não te vou *magoar*, querida — troçou o King, rindo e desenrolando o cabo. — Vou *matar-te*. Vocês vão morrer *todos* esta noite.

A Fran começou a soluçar ainda mais e eu prossegui com as súplicas, mas sem qualquer efeito. O King agiu com rapidez, dando um passo em frente e envolvendo o meu pescoço com o arame. Tentei libertar-me das minhas amarras, resisti com todas as minhas forças, mas não consegui detê-lo, enquanto ele puxava o arame com força. Fui tomada pelo pavor — estava imobilizada, sem conseguir respirar. Percebi então, pelo menos foi o que achei na altura, que chegara o fim. Que iria morrer ali, naquela cave imunda, com aquele sádico horrível em cima de mim.

— Por isso, é melhor saldares as tuas contas com Deus, minha querida, porque... — Ele deleitava-se com o meu terror. Se fechar os olhos, ainda o consigo ver debruçado sobre mim, tão perto que os nossos narizes quase se tocam, sussurrando aquelas palavras horríveis ainda com poder para me gelar a alma. — ... a minha cara há de ser a última coisa que vês.

Encontravam-se muito perto um do outro, com o rosto de Joseph a poucos centímetros do seu alvo. A figura esquelética e por barbear não passava de um traste, um verdadeiro traficante de baixo nível. Joseph já se cruzara muitas vezes com aquele tipo de gente e, por norma, mantinha um distanciamento saudável face àquelas assombrações, com olhares vidrados, marcas de agulhas e tatuagens vistosas. Mas naquele dia era diferente. Havia um assassino para apanhar.

— Eu fiz uma pergunta.

— Já lhe dei a minha resposta. Não falo com...

Joseph deu um passo em frente, com a sua bota a aterrar «acidentalmente» no pé do homem. Manteve-a ali, mesmo com a sua vítima a debater-se para escapar.

— Eu ouvi, mas não gostei da resposta. Por isso, vou voltar a perguntar. Viste este homem?

Segurou a fotografia da ficha criminal de Daniel King, enfiando-a à frente dos olhos do homem. Ainda era cedo, e o *Dagger and Serpent* — um bar nojento de viela que se disfarçava de espaço *death metal*, mas que, na realidade, era um paraíso para traficantes — encontrava-se vazio, com a exceção de Joseph e do pobre empregado do bar. Não eram encorajadas visitas da polícia, e o guardião do bar até então recusara-se a cooperar, mas Joseph não estava com disposição para negas.

— Não, não vi — respondeu o homem, sem sequer se dignar a olhar para a fotografia.

— Olha para a fotografia! — exigiu Joseph, pondo-a diante da linha de visão do homem.

— Ouça lá, ó bófia, é surdo ou quê?

Sem aviso, a mão de Joseph voou até ao entrepernas do homem. Agarrando a vítima pelos testículos, Joseph apertou com força. O homem urrou de dor, mas Joseph ignorou-o, sobrepondo-se aos gritos.

— Ouve lá, meu. Se queres sair daqui inteiro, então é bom que olhes para a fotografia e respondas às minhas perguntas, sem hesitar e educadamente.

O homem contorceu-se para se libertar do aperto de Joseph, mas isso só lhe intensificou a dor.

— Merda! Largue-me...

— Olha para a fotografia. — Começavam a formar-se lágrimas nos olhos do homem, já nitidamente em agonia, mas ainda assim ele focou o olhar na fotografia de Daniel King. — Vê com atenção! — Aflito, o barman obedeceu, observando as feições de King. — Ele há uns anos vinha aqui imensas vezes; era onde gostava de parar. Por isso, diz-me, ele esteve cá?

O homem ponderou e respondeu:

— Não, não o vi.

— Puxa pela memória — recomendou Joseph, num tom monótono, apertando-o com mais força.

— Juro que não o vi — guinchou o homem. — A sério.

— E tens estado sempre por aqui?

— Sempre. Não há mais ninguém sem ser eu.

O homem já chorava, vergado pela dor. Sem aviso, Joseph largou-o e ele tombou no chão.

— Bem, se ele aparecer, liga-me — prosseguiu Joseph, descontraidamente, atirando o seu cartão ao homem de gatas. — Se não me avisares, eu vou descobrir.

Virou-se e apressou-se a sair. Havia ainda muitos antros nas vizinhanças a verificar, e não podia demorar-se. Não podia negar que apreciara aquele encontro, mas na verdade não dera quaisquer frutos, e havia muito trabalho a fazer. A revelação de que King ainda se encontrava vivo reavivara a investigação... tal como a ele. Até então, andara sempre a correr atrás do prejuízo — tanto a nível pessoal, como profissional —, mas, se descobrisse uma pista que

levasse à detenção de King, ainda tudo poderia ser esquecido.

79

Helen olhou fixamente para Meredith, sentindo a adrenalina a percorrer-lhe o corpo.

— Tem a certeza?

Meredith conteve um sorriso, divertida com a pergunta de Helen, mas sem vontade de se opor à colega.

— Cem por cento. É, indiscutivelmente, pó de sílica.

— Então, se arranjarmos uma amostra da poeira do local das obras para comparar...

— Poupo-lhe já o incómodo. O fato do Justin Lanning estava coberto disto, por isso tirámos uma amostra e comparámos... É a mesma substância. Isso não significa que não possa ter vindo de outro lado, claro, porque em todos os edifícios em construção há pó de sílica, mas seria uma grande coincidência.

Helen refletiu naquilo, cada vez mais entusiasmada.

— Então, o nosso assassino mata o Lanning na obra. Dois dias mais tarde, mata o Harvey e, no processo, pisa-lhe a cara. Talvez tenha tentado limpar as botas entre os ataques, ou talvez não, mas acaba por deixar vestígios de pó de sílica no rosto do Harvey...

— Diria que é uma conclusão lógica. E a boa notícia é que, apesar de a poeira de sílica ser inodora aos humanos, na realidade detém um odor muito forte, que um cão farejador facilmente detetaria. Se fosse a si, ligava à Unidade Canina.

Era precisamente o que Helen pretendia fazer.

Pela primeira vez em muito tempo, sorriu. Meredith dera-lhe diversas pistas vitais ao longo dos anos, e aquela poderia ser mais uma. Num caso que, até ao momento, estranhamente se mostrara desprovido de provas concretas, por fim dispunha de algo com que

podiam trabalhar. Agradecendo à sua velha amiga, Helen saiu a correr da Unidade Forense, retirando o telemóvel do bolso. Estando, por fim, na posse de uma boa pista, não havia um segundo a perder. Estava na hora de ela — de a equipa — começar a reagir.

— Larguem o que estão a fazer e ouçam! — Muitas cabeças rodaram na direção de Charlie, parada à porta do gabinete de Helen. A sala de operações estava numa azáfama, com inúmeros inspetores a seguirem pistas, mas de repente todos se calaram. — Acabei de falar com a chefe e vamos para a rua. — Já havia colegas a levantarem-se, pegando em casacos e malas, espicaçados pelo tom urgente da voz de Charlie. — Temos um vestígio forense que é necessário seguir. Vamos ter com as equipas caninas na Hutchinson Street. Dividimo-nos em equipas e seguimos cães individuais numa rota predefinida. A inspetora-chefe Grace quer que seja coberta toda a zona de Northam.

— E a casa do Harvey?

— E o local das obras?

— A seu tempo, vamos procurar lá, para ver se traçamos os movimentos do nosso assassino após os ataques. A residência do Harvey é mais prometedora, isto se o nosso criminoso não tiver abandonado o local de carro, mas por agora vamos concentrar-nos em Northam. É uma zona relativamente isolada, e os registos de mapeamento do telemóvel sugerem que o nosso assassino tem andado por lá nos últimos três dias.

Um murmúrio de antecipação percorreu a equipa. Depois de tanto esforço conjunto para encontrarem uma prova palpável do assassino, de repente ele parecia mais próximo.

— Se ele ainda andar por aí, se os cães lhe detetarem o cheiro, então talvez nos levem diretamente até ele.

Rostos entusiasmados sorriram para Charlie, animados face a tal perspetiva.

— Então, estão à espera de quê? Toca a andar!

Todos ao mesmo tempo, os membros da equipa dirigiram-se para a saída. Charlie ficou a vê-los sair, encorajada pelo otimismo, energia e determinação nos seus rostos. Também sentiu tudo isso, e, apesar de a ideia de enfrentar aquele fantasma a deixar desconfortável, não podia negar o seu entusiasmo face à perspectiva de o deter.

Se os cães cumprissem a sua missão, se os deuses estivessem do lado deles, em breve estariam frente a frente com um assassino.

A porta abriu de rompante e ele saltou para fora, aterrando com elegância. O *Labrador*, de um preto-azeviche, puxou a trela, desesperado por avançar, com o seu treinador a esforçar-se imenso para o conter.

— Ora, ora... E quem é este? — perguntou Helen, aproximando-se rapidamente.

— Chama-se *Wilbur*. É bom, mas jovem e entusiasta...

— Também nós já passámos por isso.

— Vou ter de acreditar em si — reagiu o sargento-inspetor Francis, ofegando. — Ora bem, o que é que tem para mim?

— Poeira de sílica — respondeu Helen, entregando o saco de plástico transparente ao colega. — Não parece muito, mas...

Francis examinou a fina camada de pó no saco, para a seguir se curvar e o abrir para o cão a seu cargo. *Wilbur* não hesitou, enfiando o focinho na abertura.

— Quantos cães temos?

— No total, são seis — respondeu de pronto Francis. — *Wilbur*, *Jonty*, *Alice*, *Rose*, *Max* e *Oliver*. Todos treinados por mim.

— E acha que podem ajudar? Os vestígios de que estamos a falar provavelmente serão diminutos...

— Não se preocupe, inspetora. O olfato de um cão é mil vezes mais apurado do que o nosso. Se o vosso homem deixou um rasto, a nossa equipa há de encontrá-lo.

Wilbur puxava pela trela, pelo que Francis devolveu o saco a Helen.

— Vamos lá, rapaz.

O animal não precisou que lhe dissessem duas vezes, colando o focinho ao piso da estrada, em busca do odor. O seu progresso era

lento e sinuoso; zigzagueava de um lado para o outro, sob a orientação atenta do treinador. Helen observou o desempenho, entusiasmada, mas estranhamente tensa. Iriam encontrar alguma coisa? Ou iria aquilo redundar em mais uma caça aos gambozinos?

Avançaram, desviando-se para o cruzamento ao cimo da rua. Helen sabia que teria de ser paciente, que aquelas coisas levavam o seu tempo, mas ainda assim ansiava por que o cão entrasse em ação, prendendo-se a um odor genuíno. Até então, os progressos naquele caso estavam a revelar-se tremendamente limitados — aquela revelação forense era a única pista concreta que tinham conseguido desenterrar, e Helen ansiava por tirar proveito da mesma. Sabia, contudo, que o rasto seria débil, as quantidades de poeira provenientes das botas do suspeito reduzidíssimas — e isso se ele tivesse sequer percorrido a pé aquelas ruas, em vez de seguir a bordo de alguma viatura para um buraco ou esconderijo remoto.

Ele passara por Northam — era essa a magra esperança a que Helen se agarrara. Foram traçadas seis rotas, abarcando as maiores vias e ruas secundárias, seis rotas a serem passadas a pente fino por *Wilbur* e os seus companheiros de canil. Helen não duvidou que fossem capazes de encontrar um rasto, caso este existisse, mas havia um milhão de maneiras de este ser turvado por lixo, carros, pegadas e pela passagem do próprio tempo. Assim sendo, só lhes restava aguardar e manter a esperança.

Tinham chegado ao final da Graham Street — mais uma secção do percurso deles concluída —, pelo que viraram para a York Road. Era uma via secundária, que dava para a Millbank Street, a última grande artéria daquela parte da cidade. Lá chegados, concluiriam a maior parte da sua rota, restando explorar apenas umas vielas de passagem. A cada minuto que passava, o nó no estômago de Helen cingia-se ainda mais. O que faria ela se aquilo não desse em nada? Como é que manteria a equipa empenhada e otimista, com tão poucas outras pistas para seguir?

Entretanto, um som levou-a a erguer o olhar. *Wilbur* ladrava, circulando em volta de um ponto no passeio. Helen apressou-se na sua direção, enquanto Francis se virava para ela.

— Sem dúvida que detetou algo...

O cão puxava a trela, ávido por continuar. Helen observou a rua — era uma viela, mal iluminada e vulgar, repleta de carros e carrinhas estacionados. Talvez o suspeito tivesse parado ali a sua viatura, onde *Wilbur* farejava. Ela assentiu com a cabeça, indicando com um gesto a Francis que prosseguisse.

— Vamos...

Wilbur desatou a correr pela rua, com Helen no seu encalce. Percorreram rapidamente a distância, rumando em passada lesta até ao cruzamento seguinte. Mas, precisamente quando se aproximavam do fim da rua, *Wilbur* parou, começando mais uma vez aos círculos. Por um momento assustador, pareceu-lhe que o cão perdera o rasto, mas depois este lançou-se rapidamente para a esquerda, desaparecendo por uma rua lateral. Helen seguiu-o, observando Francis com atenção em busca de sinais de frustração ou desilusão, mas o treinador parecia tão concentrado e enérgico como o cão a seu cargo. Seguiram caminho, galgando metros naquela rua escura e entulhada de lixo até chegarem a um beco sem saída, que dava para um amplo pátio. Portões acorrentados haviam guardado em tempos a entrada daquele invulgar oásis de espaço, mas isso era coisa do passado. Agora, encontravam-se abertos, e *Wilbur* passou por eles em corrida, dando uma volta completa ao pátio, antes de estacar, sentando-se uma vez mais e dando dois latidos suaves.

— Por agora, é até onde podemos ir — disse Francis, baixando o tom de voz. — Podíamos inspecionar os prédios, mas só com a ajuda do resto dos cães, além de uma presença policial adequada.

— Tudo bem, daqui em diante tomamos conta disto.

Enquanto Francis se curvava para dar uma recompensa ao cão, Helen observou o local. O pátio, atravancado de caixas de cartão empapadas e embalagens apodrecidas, era a entrada principal e o parque de estacionamento de uma unidade industrial em ruínas. Havia alguns edifícios espalhados — unidades grandes de dois pisos e armazéns. A unidade industrial em tempos fora um núcleo ativo; no entanto, não passava agora de um local envelhecido e esquecido, com edifícios abandonados, portas acorrentadas e janelas enegrecidas e estilhaçadas. Interiorizando o que via, a inspetora arrepiou-se — seria o lugar perfeito para um fantasma se esconder

—, hesitando em aproximar-se dos edifícios vizinhos. Mas não tinha com que se preocupar; Helen não enfrentaria sozinha aquele fantasma.

Chegara a hora de convocar a cavalaria.

Vieram de todas as zonas da cidade, enchendo o pequeno pátio e as ruas adjacentes com carros-patrolha e viaturas descaraterizadas. Agentes fardados, inspetores à civil e até uma série de elementos da brigada de trânsito local, todos rumaram à área, convocados por Helen.

Um dos cães seguira um odor até àquela unidade industrial abandonada, pelo que fora dado início a uma busca meticulosa. Podiam ter perdido o elemento-surpresa, mas a rapidez de resposta foi tal que Joseph Hudson se sentiu seguro de que alguém escondido ali dentro não teria disposto de tempo para fugir. As possibilidades de o eventual fugitivo escapar eram poucas, tendo em conta o dispositivo policial presente, mas não podiam correr quaisquer riscos.

— Espalhem-se, 20 metros de distância, mas sem nunca perderem de vista o parceiro do lado — rugiu ele à fileira de agentes que o flanqueavam. — Fazemos isto de forma sistemática e fazemo-lo *juntos*.

Joseph estava por perto aquando da chamada. Respeitando as instruções de Helen, correrá para a Northam Road, que, na verdade, formava a fronteira traseira da Unidade Industrial Gerrards. Nunca fora um local utilizado por viaturas — a entrada estreita era usada como atalho por funcionários e peões —, mas serviria como discreta rota de fuga. Assumindo a liderança, Joseph enviou agentes por lá, antes de os organizar numa ampla linha defensiva, espalhada diante do primeiro edifício à vista.

Era uma construção decrépita, com uma placa em péssimo estado na parede a anunciar que em tempos fora uma casa de pneus — um

testemunho da indústria e do seu objetivo no passado. O edifício parecia ter interesse apenas para miúdos entediados, a julgar pelas janelas estilhaçadas e pelos *graffiti* que cobriam todos os tijolos à vista. Pontas de cigarros e latas de sidra descartadas completavam o cenário; Joseph teve gozo em esmagar uma com o pé.

Chegaram então às portas do edifício. Talvez em tempos tivessem estado acorrentadas, tal como nos outros edifícios à vista, mas já não havia sinais de restrições à entrada, com o cadeado arrancado da porta. Testando a maçaneta, Joseph percebeu que abria com facilidade. Detendo-se na soleira, virou-se e viu um bando de agentes ansiosos à espera para o seguir. Chegara o momento. Uma oportunidade para deter o principal suspeito. De fazer um pouco de história. Uma oportunidade para Joseph se redimir.

Inspirando fundo, empurrou a porta e entrou.

A primeira coisa que a atingiu em cheio foi o cheiro. Bolorento, húmido, rançoso, o doce aroma da putrefação.

Helen não tinha dúvida de que aquele era o cheiro da morte — e, mesmo na escuridão, o seu olhar incidiu no culpado, uma massa pegajosa de penas que em tempos fora um pombo. Apesar de se encontrar há muito morto, parecia mover-se, com as formigas rastejantes a criarem a ilusão, à medida que Helen o contornava, de que os despojos do animal de repente ganharam vida, passando por ela a grande velocidade. Helen estacou, confusa, para ver uma ratazana gorda a sumir por detrás de uma caixa.

Transpondo o cadáver, Helen observou o interior do edifício. Parecia ser uma espécie de unidade de armazenamento, com caixas espalmadas, sacos com bolas de esferovite, até uma lista de artigos caída no chão. Provavelmente, nunca fora o mais encantador dos locais de trabalho, mas naquele momento parecia verdadeiramente soturno, com as janelas cheias de sujidade e o chão coberto de água escorregadia e imunda, graças aos inúmeros buracos no telhado. Vendo cuidadosamente onde pisava, Helen avançou, em busca de sinais de que o edifício tivesse sido recentemente ocupado — embalagens de comida, garrafas de água, sacos-cama, mas não deparou com sinais de vida. Contornando o lixo por que ia passando, Helen seguiu em frente, ladeada por três agentes. O criminoso que procuravam era violento e tresloucado; Helen nunca o iria enfrentar sozinha, por muito bom que fosse até então o seu registo de sobrevivência.

Chegaram então à parede do fundo, onde umas escadas davam acesso ao andar superior. Helen subiu-as rapidamente, com os

outros agentes a seguirem-na em fila. Ao chegar ao topo, Helen tentou espreitar pela pequena janela de vidro para o espaço do outro lado, mas fora estilhaçada, distorcendo a vista. Incapaz de ver o que tinham pela frente, Helen retirou o bastão extensível do cinto e esticou-o a todo o seu comprimento. A seguir, indicando com a cabeça que a seguissem, transpôs a porta.

Surgiu de imediato uma reação, com um par de pombos sobressaltados a esvoaçarem. Helen assustou-se momentaneamente, mas, ao acompanhar o voo tresloucado dos mesmos pela divisão, ambos colidindo com o teto e com as paredes devido ao pânico, viu que se encontravam sozinhos. Não havia mais vida do que no piso inferior — não passava de um lugar vazio e abandonado à sua sorte.

Frustrada, percorreu em passadas largas a superfície escorregadia de cimento, pontapeando uma caixa de cartão para a afastar do caminho. Percorreu a distância em dez segundos, dirigindo-se a uma porta que dava para uma espécie de saída de emergência. Ao chegar lá, experimentou a maçaneta. Revelou-se firme e inamovível, tomada pela ferrugem, pelo que Helen encostou o ombro, e a porta cedeu. Uma golfada de ar frio atingiu-a, e Helen aproveitou-a, avançando para a passagem metálica.

Diante dos seus olhos surgiu toda a amplitude das instalações industriais. Ali parada, a uns seis metros acima do solo, conseguia ver sete, oito, nove edifícios diferentes. Encontravam-se todos em distintas fases de decrepitude, mas o local em si apresentava-se invulgarmente movimentado, com dezenas de agentes a espalharem-se em leque para explorar recantos esquecidos. Porque é que um espaço tão grande fora abandonado? Era praticamente um crime, numa altura em que empresas e instituições de caridade imploravam por um espaço, quando havia gente a dormir na rua. Por certo poderia ser dado uso a um lugar enorme como aquele...

Virando costas ao limite do varandim, Helen ia dirigir-se aos companheiros quando de súbito o seu rádio estrepitou.

— Sargento-inspetor Hudson para inspetora-chefe Grace. Escuto.

— Daqui fala a Grace. Escuto — respondeu ela. — O que é que tens? Escuto.

— Fumo — respondeu ele, ofegante. — Fumo proveniente de uma

antiga impressora nas traseiras do local. Escuto. — Helen rodopiou, lançando o olhar nessa direção. — Tenho a certeza de que não estava assim quando chegámos. Alguém ateou um fogo.

Surgiu-lhe na mente uma série de possibilidades — o suspeito estaria ali?; a destruir provas?; a destruir-se a si mesmo? —, mas Helen não parou para as equacionar. Ao detetar a minúscula pluma de fumo a escapar de um edifício a uns 200 metros, deslizou pela escada de emergência e correu até lá.

84

Não havia tempo para subtilezas, tudo se tornara uma questão de velocidade. Desviando-se de um par de pequenos barracões, Helen correu na direção da entrada principal do edifício, chegando lá no preciso momento em que Joseph e a sua equipa de agentes surgiu à vista. Os polícias fardados já tinham começado a dispersar para cercar o edifício, mas o interesse de Helen incidia unicamente na porta que tinha à sua frente — trancada, aparentemente determinada a não ser transposta. Praguejando por entre dentes, Helen recuou um passo, e depois aplicou um forte pontapé. A sua bota com biqueira de aço desfez a fechadura e a porta escancarou-se, no momento em que Joseph Hudson apareceu junto dela. Fazendo-lhe sinal para que a seguisse, avançou.

O interior era escuro, mas estava em melhor estado do que os outros espaços em que tinham entrado. Atrás do balcão, havia uma série de fotocopiadoras e *scanners* espalhados, mas era evidente que o fumo não emanava daquele piso, pelo que, transpondo o balcão, Helen correu para as escadas, com Joseph mesmo atrás. Ao chegarem ao fundo da escadaria, subiram-na em corrida. Helen ia em esforço máximo, determinada a apanhar o suspeito, determinada a chegar no momento certo.

Irrompendo pela porta para o segundo piso, observou atentamente a divisão — continha unidades maiores, impressoras que deveriam ter um valor considerável, e que facilmente serviriam de esconderijo a um suspeito em fuga, mas não foi isso que lhe chamou a atenção. O que lhe prendeu a atenção foi um barril de petróleo na ponta mais afastada da sala, a lançar um fumo espesso para o ar.

Indiferente à sua própria segurança, Helen correu, galgando os

metros até ao barril. Contava que King se lançasse a ela a qualquer momento, mas atravessou a divisão incólume. Agarrando a borda, sacudiu freneticamente a mão, tentando dispersar o fumo. Era difícil perceber com exatidão qual seria o conteúdo do barril, com o fumo e o forte odor a um fluido inflamável a picarem-lhe os olhos, mas via algum tipo de tecido a arder, assim como jornais e o que parecia ser uma espécie de mapa.

— Apaga isso!

Joseph estava ao lado dela e obedeceu de pronto, deitando o barril de lado para que o conteúdo em chamas derramasse para o solo. Reagiu de imediato à súbita erupção de oxigénio, ardendo ainda mais, mas Joseph já estava a tratar do assunto, usando o seu casaco para espalhar os restos e abafar o fogo. Helen não lhe prestou atenção, virando-se para observar o resto da divisão. Outros agentes acabavam de chegar ao segundo piso, dispersando-se para espreitar atrás das impressoras e dos armários que por ali havia, mas Helen mal reparou neles, pois estava atenta à saída de emergência, cuja porta abria e fechava ao sabor da brisa. Se o fugitivo acabara de escapar do local, teria sido por aquele caminho.

Helen chegou lá em segundos; tinha de optar entre descer para o pátio e subir ao telhado. O pátio não parecia ser uma rota de fuga viável, visto que já se encontrava repleto de agentes fardados, pelo que optou antes por correr para cima, martelando os degraus de metal. Sentia os pulmões a arder, as pernas a cederem de cansaço, mas ignorou os protestos do corpo, trepando ainda mais, antes de agarrar o corrimão e se içar para o telhado.

Tratava-se de um telhado plano aparentemente em boas condições, com a exceção de um ou outro buraco por onde se elevavam as espirais de fumo. Todavia, Helen avançou com cuidado na direção de uma subestação de tamanho considerável que constituía o único tipo de abrigo. Caso o suspeito se tivesse escondido ali fora, aquele era o único local viável. Helen chegou lá depressa, circundando-o com toda a cautela, antes de agarrar a maçaneta. Inspirando fundo, ergueu o bastão extensível e abriu a porta, pronta a atacar.

Não havia ninguém lá dentro, apenas um emaranhado de instalações elétricas antigas. Praguejando, virou-se para trás,

correndo para a beira do telhado. Cravando o pé na saliência, olhou para o pátio, mas lá em baixo só viu os rostos expectantes dos agentes. Voltando costas, correu para o outro lado, onde se deparou apenas com a sua equipa num círculo defensivo em redor do edifício. Helen nem queria acreditar. Segundo Joseph, o fogo fora ateadado depois da chegada deles, e ela estava inclinada a acreditar nele, dado que parte do conteúdo ainda não fora destruído. No entanto, apesar de todo o esforço para o apanhar, o suspeito escapara mais uma vez.

Parada na beira, fitando os agentes, que mais pareciam formigas, Helen sentiu uma profunda desilusão. A revelação de Meredith levava-os até ali, ao que Helen assumira ser o centro de operações de King. Tinham dispostos de algumas vantagens: a surpresa, a superioridade numérica e uma grande determinação em deitar a mão ao principal suspeito. Ainda assim, ficaram de mãos a abanar.

Uma vez mais, o assassino fantasma esfumara-se.

— Alguém viu alguma coisa? — A voz de Simmons denotava incredulidade.

— Infelizmente, não — respondeu Helen. — Tínhamos 40 agentes no local, falámos com todos.

— Então, o que é que aconteceu?

— Acho que o surpreendemos e ele fugiu. Presumivelmente, conheceria bem o local, pelo menos melhor do que nós.

— Mas como é que ele o fez? Como raio é que escapou?

— Há múltiplas formas de sair daquele local, para quem o conhece bem. Tínhamos as entradas da frente e das traseiras cobertas, mas havia inúmeros buracos na vedação. Estamos a ir casa a casa nas ruas circundantes. As pessoas podem ter reparado em fumo, ou ter visto alguém a escapular-se através da vedação... — Soou como uma esperança desesperada, e provavelmente sê-lo-ia.

— E tens a certeza de que era o nosso homem? Não um traficante de droga qualquer ou um ocupa?

— Nós acreditamos que era ele. Trata-se de um sítio perfeito para alguém se esconder, além de que o conteúdo dos barris sugere que podem ter sido para ele uma espécie de centro nevrálgico.

— Como assim?

— Havia imensos detritos, restos de pacotes de sumos, embalagens de comida, sinais de que vivia ali alguém há uns tempos. Não eram de grande interesse por si mesmos, mas o inspetor Hudson recolheu alguns artigos ainda mais intrigantes.

— Conta.

— Encontrámos um mapa de Southampton. Não um guia de ruas, mas um daqueles tipo carta militar. Grande parte estava queimada,

claro, mas o inspetor Hudson conseguiu resgatar um fragmento, no qual se distingue nitidamente um círculo à volta de uma morada em Lordswood... a casa do Callum Harvey.

— OK...

— Também temos o que sobrou de uma chave eletrónica de um *Mercedes*. Está muito derretida, mas ainda dá para ver o símbolo, por isso pode ter pertencido...

— Ao carro em que o Lanning foi raptado — atalhou Simmons. — Dá para trabalhar algum desses artigos em termos forenses? Existirá algo que possa confirmar que o King tem lá estado?

— Vamos tentar. Estão muito queimados, mas se há alguém capaz de descobrir seja o que for é a Meredith.

— E era tudo o que havia no barril?

— Encontrámos também uns pedaços de jornais locais. Quem quer que tenha vivido ali queria manter-se a par das notícias, o que sugere que talvez não se tratasse de um sem-abrigo ou de um drogado.

Simmons assentiu com firmeza, tentando mostrar um ar motivado, mas a simples menção à comunicação social deixou-a ainda mais desanimada.

— Já sabes que a Emilia Garanita divulgou a notícia de que o King é o nosso principal suspeito. Tens alguma ideia de onde foi sacar a informação?

— Ainda não. Mas não desisto enquanto não souber. Não acredito que alguém da equipa pudesse ser tão irresponsável, mas não posso pôr de parte por completo essa possibilidade.

— E como é que queres fazer? Com os *media*, quero eu dizer.

Helen ponderou por uns momentos, até que respondeu:

— Penso que esta não vai dar para esconder. Já está no site do *Evening New's*; amanhã já estará nos jornais nacionais...

— Queres que confirmemos que andamos atrás do King?

Após uma breve hesitação, Helen assentiu.

— Ele é claramente organizado, determinado e especialista em evitar ser detetado. Até agora, não tivemos um único avistamento confirmado. Não sei como é que a Emilia deitou a mão a esta informação, mas talvez esta fuga nos possa ajudar. O nosso melhor

recurso são os olhos e os ouvidos da população.

— Apesar de todos os falsos avistamentos?

— Vamos ter de viver com isso. Acho que devemos abrir o jogo, lançar um apelo e ver o que daí resulta.

— As pessoas vão ficar assustadas...

— Tenho consciência disso, mas não nos resta alternativa. O King é um tipo altamente perigoso e motivado, capaz de matar sem problemas de consciência. Não temos motivos para pensar que vai atacar a população em geral, mas as pessoas têm de estar atentas.

Simmons aceitou a sugestão, encorajada pelo empenho e determinação da inspetora.

— Vou já tratar disso — confirmou Simmons, com entusiasmo, pegando no telefone.

Agradecendo-lhe, Helen saiu, percorrendo de novo em passadas firmes o corredor do sétimo piso até à sala de operações. Como sempre, saiu da reunião motivada, mas, na realidade, a não ser que tivessem a sorte de alguém o ver ou de surgir mais uma revelação forense, não estariam mais próximos de apanhar Daniel King. Seguiram-lhe os movimentos, descobriram o seu refúgio, até apanharam de surpresa o impiedoso assassino, mas ainda assim ele conseguira ludibriá-los. Ou seja, andava lá fora, à solta e sem rédea.

E pronto a voltar a atacar.

Não restavam dúvidas. Ela tinha de fugir.

De início, Maxine seguira as instruções à risca, dando ouvidos ao que Bentham sugeria, fornecendo-lhe a sua agenda e, regra geral, comportando-se como alguém disposto a não chamar a atenção até o perigo passar. Mas, assim que se escapou aos olhares intrometidos, recatada em segurança no seu quarto, entrou em ação, ignorando a proibição de aceder à Internet, para devorar os *feeds* de notícias locais.

Desejou imediatamente não o ter feito. O segredo que Bentham tanto desejara manter resguardado dela já se escapara — Daniel King estava de volta a Southampton. Embora tentada a não acreditar — afinal, Emilia Garanita era uma reconhecida coscuvilheira —, a Polícia de Hampshire confirmara a informação através da sua conta de *Twitter* e agendara uma conferência de imprensa para mais tarde, nesse mesmo dia.

Furiosa, o primeiro instinto de Maxine foi irromper porta fora do seu quarto para confrontar Bentham. Como é que era suposto informar-se adequadamente para tomar opções relacionadas com a sua segurança — a sua *vida* — se as pessoas lhe escondiam coisas? Desconfiara — ou melhor, temera — que King pudesse estar envolvido, tendo em conta a natureza provocadora do telefonema dele, e a forma horrível como Callum e Justin haviam sido mortos, mas agarrara-se à ideia de que poderia tratar-se de um louco qualquer, um imitador, desesperado pelos seus 15 minutos de fama. No entanto, pareciam restar poucas dúvidas. Daniel King regressara à cidade, determinado a reclamar a posse dos miúdos da escola que lhe tinham escapado tantos anos antes.

O mais óbvio a fazer era não fazer nada. Manter-se recatada e esperar que King cometesse um erro. Mas seria isso suficiente para a manter segura? Ele já matara duas pessoas e escapara incólume. Já teria a polícia uma ideia das intenções dele? Alguma percepção de onde se encontraria ou do que andaria a planejar? Ou seguiria ele um passo à frente, naquele preciso momento, a arquitetar o ataque seguinte?

Era impossível saber enquanto se recusassem a confirmar que ele era um suspeito, e isso enervou-a. A polícia não fizera o seu trabalho no passado — tinham sido os próprios miúdos a engendrar a sua fuga da quinta — e havia poucas perspectivas de que o viesse a fazer. Era uma força policial diferente, evidentemente, e sem dúvida que Helen Grace tinha fama de apanhar assassinos violentos, mas de qualquer forma... Callum chamara a polícia e onde é que isso o levava? Não, não ia manter-se ali de maneira nenhuma — num apartamento cuja existência King possivelmente já conhecia. Seria um alvo fácil, enquanto King esperava pacientemente por um lapso na segurança, altura em que poderia aproveitar a oportunidade para um reencontro fatal...

Chegara a hora de partir. Já enfiara algumas peças de roupa num saco de viagem, reunira todo o dinheiro possível e guardara as chaves do carro no bolso. O seu querido *Volkswagen Golf* estava estacionado muito perto das traseiras da casa, num parque privativo. Se lá chegasse sem ser detetada, conseguiria fugir. Dissera a Bentham que pretendia ficar na cidade para honrar os seus compromissos, mas ninguém a ia prender em Southampton. Não, ia meter-se no carro e seguir estrada fora até chegar em segurança a Heathrow. Pelo caminho, faria uns telefonemas — poderia visitar os pais na Florida, ou até Vanessa, a sua antiga amiga da universidade, em Melbourne. Não interessava, desde que fosse bem longe de Southampton. Bem longe de Daniel King.

Animada, Maxine fechou o saco de viagem. Soube-lhe bem agir em vez de ficar parada à espera, enlouquecendo aos poucos. Mais valia aguardar que escurecesse, e que os guardas mudassem de turno. Saberia identificar o momento certo, e teria de o aproveitar.

A sua vida dependia disso.

— Vai ficar?

Pareceu uma pergunta estranha. A razão por que uma mulher cuja vida corria grave perigo desejava a proteção de uma agente tremendamente grávida ultrapassava Charlie, mas, apesar da sua reserva inicial, Fran afeiçãoara-se a ela, encontrando conforto nos seus modos gentis e atenciosos.

— Bem, se quiser, posso ficar um pouco, enquanto se instala — respondeu Charlie, com cautela. — Mas eu não trabalho na Proteção Especial, pelo que o seu agente destacado será o inspetor Grainger, tal como já conversámos.

Fran anuiu alheadamente, parecendo pouco interessada na resposta, depois de perceber que Charlie não ia ficar a tomar conta dela. Apesar da sua vontade em aceitar a Proteção Especial, Fran parecera inquieta e pouco satisfeita com o processo; primeiro insistindo que deveriam dizer-lhe para onde seguiam, depois descontente com a casa — ora era demasiado deprimente, ou demasiado abafada, ou demasiado exposta. Na realidade, não era nenhuma das coisas; não passava de uma casa suburbana, não fosse pelas portas reforçadas e pelos agentes fardados no corredor e na cozinha, mas Charlie nada dissera, aceitando de boa vontade a inquietação e a insatisfação de Fran. Aquele lugar, por muito vulgar que pudesse ser, era o sítio mais seguro onde Fran poderia estar no momento. A seu tempo, ela iria perceber isso mesmo, mas Charlie compreendia por que motivo a mulher estava nos seus limites, e não se importou de alinhar, fazendo o que pudesse para a descontrair.

— Posso enviar alguém, se precisar de alguma coisa. Revistas, livros, *snacks* ou doces... — Fran abanou a cabeça, descartando a

oferta. — Aqui não há Internet — prosseguiu Charlie —, mas há uma televisão e um leitor de DVD lá em baixo, com uma seleção decente de filmes. — Mais um abanar de cabeça breve e perplexo, como se a ideia de se entreter lhe parecesse ridícula. — Olhe, Fran, sei que é complicado estar afastada da sua família, e que provavelmente se sente muito desorientada e assustada, mas o melhor que pode fazer é alinhar. Tente encontrar uma forma de descontrair, de se distrair. Assim, o tempo há de passar mais depressa, o que significa que mais depressa volta para casa.

— Não sou eu que tenho de fazer coisas, são vocês — ripostou Fran, com a voz a tremer um pouco.

— E estamos a fazer, não duvide. Estamos a aplicar imensos recursos e temos os melhores profissionais a trabalhar nisto. A nossa prioridade agora é deter o assassino, e vamos fazê-lo, mas, entretanto, temos de a manter em segurança, confortável e o mais feliz possível. Se precisar de alguma coisa, algo em que possa trabalhar enquanto aqui está...

— Isso vai ser complicado, a não ser que possa dar as minhas aulas de ginástica na sala de estar.

— Pois... é complicado — disse Charlie, sorrindo. — Embora conheça alguém prestes a ser mãe a quem não fizesse mal um pouco de exercício...

Fran sorriu brevemente, aligeirando um pouco a tensão.

— Está com ótimo aspeto — afirmou.

— Pareço o boneco da Michelin — contrariou-a Charlie. — Além de ter os pés inchados e estrias.

— Bem, talvez quando tudo isto acabar — disse Fran, algo hesitante —, possa vir ao ginásio, para se pôr em forma.

— Eu gostaria — retorquiu Charlie, com sinceridade. — Mas devo desde já avisá-la de que não será fácil. Tenho dois velhos e bons amigos, o bolo e o chocolate, que não me largam...

Fran assentiu com a cabeça, mas o seu alívio foi temporário, como se a ideia de um futuro despreocupado servisse apenas para lhe recordar o complexo presente.

— Então, vão apanhá-lo? — perguntou, com uma voz de repente discreta e frágil.

— Sim, vamos. E depois a Fran e a Maxine vão poder prosseguir com as vossas vidas.

— Ela também está num destes lugares?

Charlie hesitou, antes de responder:

— Sim, está.

— Houve... houve alguma tentativa de a matar? Ela esteve em perigo?

— Não, pelo menos que nós saibamos. A Proteção Especial não passa de uma medida preventiva para ambas, até resolvermos o caso.

— Se lhe acontecesse alguma coisa... diziam-me?

Era uma pergunta estranha, mas Charlie compreendia a preocupação. Deviam reter alguma informação perante as pessoas que tinham a cargo, e percebeu que Fran se apercebera disso.

— Sim, dizíamos. É justo que saibam com o que lidamos, mas, por favor, tente não se preocupar. — Fran virou-lhe costas, encaminhando-se para a janela de vidro fosco. — A Maxine está em boas mãos, protegida de dia e de noite. Nada de mal lhe vai acontecer, por isso descanse a cabeça. Não precisa de se perturbar ou assustar...

— Oh, eu não me sinto assustada, pelo menos pela Maxine...

— Porquê?

— Já a conheceu? Ela... ela parece que tem uma armadura... Não sei se alguém conseguiria matá-la, por muito que se esforçasse.

Foi dito com humor, mas com um toque amargo que surpreendeu Charlie. Contara que Fran manifestasse preocupação pela velha amiga, mas soou mais a *desdém*.

— Por muito que assim possa ser, vão tomar conta dela, tal como de si.

— Parece-me bem, mas não deixa de ser um desperdício de tempo e dinheiro. Não acontecem coisas más a pessoas como a Maxine. Nunca. Os azares parecem fazer ricochete nessas pessoas, como se, de alguma forma, estivessem destinadas ao sucesso, ao dinheiro, à felicidade, ao estatuto, enquanto nós, os restantes, temos de andar sempre por aí a esgaravatar.

— Mas e se lhe tivesse acontecido alguma coisa? Digamos, se tivesse sido ela o alvo, em vez do Justin ou do Callum...

Charlie ficou genuinamente curiosa, surpreendida com a dureza que se apoderou da expressão de Fran.

— Então, talvez eu começasse a acreditar na existência de Deus. — Foi dito sem rodeios, mas Fran apercebeu-se da reação de Charlie. — Oh, eu sei que ela parece perfeita... É forte, resolvida, uma companheira e uma inspiração... mas deixe-me que lhe diga que, na verdade, não é nada disso, nem por sombras. E, se algo lhe acontecer, então que seja. — Fran fez uma pausa, antes de concluir: — Aquela cabra merece tudo o que lhe puder acontecer.

— Olá, daqui fala a Maxine. Por favor, deixe mensagem.

Emilia carregou no botão vermelho, dando a chamada por terminada. Era a sua terceira tentativa — fracassada — para chegar à fala com Maxine Pryce. A sobrevivente profissional, que ultimamente se revelara tão chegada aos *media*, de repente tornara-se muito reservada.

Espreitando pelo para-brisas, Emilia esticou o pescoço para ver o apartamento dela, com a sua porta igual a tantas outras e as janelas discretamente foscas. Não era a primeira visita de Emilia — ultimamente, todos os caminhos pareciam ir dar a casa de Pryce —, só que havia uma diferença. Via-se um agente de uniforme posicionado junto à porta da entrada, e Emilia não duvidou que também estivesse outro nas traseiras. Estranhamente, também avistara fortuitamente o inspetor Bentham, às voltas no interior, alimentando a convicção de que Maxine se encontrava lá.

Bocejando, Emilia espreitou para o relógio. Estava habituada a vigilâncias, sabia que eram demoradas, mas nem por isso deixava de se sentir impaciente por resultados. A reação à notícia da presença de King em Southampton fora agitada — um misto de espanto, pânico e entusiasmo —, e dezenas de pessoas já tinham contactado o jornal com «informações». As pistas iriam revelar-se sem fundamento, mas não era isso que importava, mas sim a escala e o fervor da reação. Pouco poderia ultrapassar a mais recente manchete a anunciar o regresso de King, a não ser a detenção do próprio, ou uma entrevista com um dos seus aterrorizados alvos.

Fran Ward era uma possibilidade, mas Emilia não tinha qualquer dúvida de que o verdadeiro troféu era Maxine. Era ela a famosa — o

rosto da tragédia e aquela que mais fizera por divulgar as experiências deles. Teria, inadvertidamente, desencadeado o processo, incitando King a regressar a Southampton? Era uma questão intrigante que Emilia estava ansiosa por colocar à autora. Maxine era uma pessoa muito segura de si mesma, quase arrogante, mas como se sentiria agora? Arrependida? Triste? Receosa?

Pegando no telemóvel, tentou apanhar de nova a escritora, mas uma vez mais foi parar ao voicemail. Não interessava; Emilia poderia esperar. Certamente, tê-la-iam advertido para se manter discreta, e pelo menos de início seguiria o conselho. Mas que probabilidade haveria de ela se manter por muito tempo dentro de portas? Emilia conhecia Maxine — era teimosa, petulante, desesperada por reconhecimento e sucesso. As vendas do livro dela estavam em alta, segundo o *feed* do *Twitter* da editora, o que não era de admirar, tendo em conta as notícias dos últimos dias. Maxine era a mulher do momento, aquilo era tudo o que ela sempre sonhara. Mesmo tendo em conta a alegada ameaça à sua segurança, seria concebível que desperdiçasse a oportunidade para acolher a fama? Há dois anos que volta e meia aparecia nos *media*, desde a sua primeira hesitante regurgitação do seu trauma de adolescente na BBC South. Seria possível que agora se esquivasse às luzes da ribalta?

Não, não iria desperdiçar tal oportunidade. Não podia. Independentemente do que a polícia lhe tivesse dito, Maxine iria aparecer quando achasse oportuno.

E, quando o fizesse, Emilia estaria à sua espera.

Abriu a janela, deixando entrar o ar frio da noite. Detendo-se, Maxine pôs-se à escuta, esforçando-se por perceber se o seu movimento fora detetado, mas tudo parecia calmo. Reunindo coragem, espreitou para a rua. Tal como esperara, o jardim das traseiras estava temporariamente sem guarda. Ouvira a chegada do colega que vinha render o turno, e ficou grata pelo suave ritmo de conversa proveniente da cozinha enquanto os agentes trocavam informações na passagem de testemunho.

Maxine aplicou mais força, com a janela a deslizar até se abrir por completo. Foi um abençoado alívio — levava imenso tempo a retirar os fechos e, no final, tivera de recorrer a uma lima das unhas para os desaparafusar — e ela estava determinada a aproveitar o seu sucesso. Ainda assim, teve o cuidado de sondar bem o exterior. Não havia saída de emergência, nem cano de escoamento, nenhum meio fácil para descer. Teria de saltar.

Não era propriamente uma tragédia; estava à altura de apenas um andar e havia um canteiro de flores enorme para o qual podia apontar. Mas o que aconteceria se corresse mal? Se torcesse ou partisse um tornozelo? O que aconteceria se a sua fuga fosse detetada? Como é que ela se explicaria? Na verdade, Maxine já debatera tais questões e chegara à conclusão de que a recompensa valia o risco. Assim, assegurando-se de que tinha o saco de viagem bem preso às costas, deslizou para a beira, assentou o pé nos tijolos e saltou.

Sentiu a corrente de ar ao cair, com o chão a ir ao encontro dela. Aterrou pesadamente, sendo-lhe furtado o ar dos pulmões no momento em que os seus pés se afundaram na terra macia.

Recompondo-se, e respirando sofregamente, olhou em volta. Não se ouvia nada, nem havia sinais de movimento por perto, pelo que se ergueu e correu pelo carreiro do jardim. O alto portão das traseiras estava trancado em cima e em baixo, mas não tinha cadeado, pelo que, depois de fazer deslizar os ferrolhos, Maxine escapuliu-se pela abertura, fechando-o de novo ao sair.

Para lá do portão, havia uma viela estreita, que se estendia pelas traseiras de todas as casas. Era suposto ser um caminho de acesso, mas estava cheio de caixas de cartão, detritos de jardins e carrinhos de bebé descartados. Era escuro e isolado, e Maxine arrepiou-se ao espreitar para a sua extensão. As nuvens deslizavam velozmente diante da Lua, projetando sombras estranhas no solo, tornando a viela ainda mais ameaçadora.

Maxine olhou fixamente para a escuridão, tentando penetrá-la com o olhar, e a seguir para o apartamento. Alguém ali posicionado teria uma vista soberba sobre a propriedade; seria um excelente lugar para permanecer à espera. Uma vez mais, olhou à sua volta. Estaria ali alguém? Ou seria a sua mente a pregar-lhe partidas? De uma maneira ou de outra, não valia a pena demorar-se, pelo que, subindo a gola do casaco, partiu apressadamente para a noite. Para seu grande alívio, não havia movimento, não ouviu qualquer som atrás de si, e, nem um minuto depois, já se encontrava livre.

Seguiu em passos largos pela rua às escuras. O parque de estacionamento era logo ao dobrar da esquina; chegaria lá em menos de um minuto. Fora uma extravagância pagar por um lugar privativo para o seu carro, mas algo que fez questão de suportar, tendo em conta a forma descuidada como os camiões e as carrinhas circulavam na sua rua. Naquele momento, era-lhe reconfortante saber que o seu imaculado *Golf* estaria exatamente onde o deixara, à sua espera para uma fuga.

Dobrando a esquina, o seu olhar incidiu no carro. Cintilante, prateado, novo. Sentiu o coração a bater mais depressa — o *Volkswagen* parecia prometer segurança, libertação, até felicidade — e correu na sua direção, pisando a gravilha grossa. Retirando o comando do bolso, destrancou o carro, dirigiu-se à mala para atirar para lá o saco de viagem e fechou a porta com força, com o som a

ecoar pelo parque deserto enquanto ela circundava o carro até à porta do condutor. Quando ia a abrir a porta, estacou.

— Que merda é esta?!

Não dava para acreditar. Pestanejou duas vezes, como se precisasse de focar a visão. Mas não restavam dúvidas. O pneu dianteiro estava furado. Como é que podia ser? Utilizara o carro dois dias antes e não dera por nenhum problema.

Um pensamento começou a apoderar-se de Maxine enquanto se baixava para examinar o pneu. Rezava para estar equivocada, para estar a ser paranoica, mas os seus dedos traçaram um golpe comprido e escuro na borracha. Não fora um acidente; alguém golpeará deliberadamente o pneu.

Com o coração acelerado, ergueu-se, com uma centena de pensamentos a redemoinhar-lhe na mente. Foi quando ouviu um ruído. Passos na gravilha atrás dela.

Maxine paralisou, tomada pelo medo. E, entretanto, teve consciência de algo mais — o som de alguém a respirar. Soava como se estivesse mesmo atrás de si, como se estivesse quase em cima dela, mas ela insistiu em não olhar, com a sua mente às voltas em busca de respostas. Como deveria agir? Como é que poderia salvar-se?

Mas, antes de conseguir responder a tais perguntas, ouviu-se uma voz.

Uma voz saída do pior dos seus pesadelos.

— Olá, Maxine.

Ela estacou na soleira, com o corpo rígido devido à tensão.

Encontrava-se alguém dentro do seu apartamento. Era inegável, conseguia ouvir movimento no interior — passos? —, e notava-se uma luz débil, que escapava pela ranhura sob a porta da cozinha. Por momentos, Helen hesitou, reticente em entrar na sua própria casa. Deveria pedir apoio? Ou enfrentaria ela própria o intruso? Optou pela última hipótese — a chegada de reforços dificilmente seria discreta a ponto de não alertar o intruso para a presença deles, gerando talvez problemas ainda mais graves —, pelo que, retirando suavemente o bastão extensível do cinto, entrou, fechando silenciosamente a porta atrás de si.

Espreitando para a sala de estar, percorreu o corredor em passos leves, até à cozinha. Sem dúvida que estava mesmo lá alguém, mas quem quer que fosse parara de se movimentar. Teria dado pela sua presença? Estaria à sua espera? Helen assombrou-se por a vida, tão depressa e surpreendentemente, poder sofrer uma reviravolta. Estava ansiosa por regressar a casa e descontraír, tomar um duche, tentar processar os acontecimentos complicados do dia, e de repente dava por si a percorrer sorratamente o corredor do seu próprio apartamento, preparando-se para se defender.

Detendo-se à porta, pôs-se atentamente à escuta. Não estava errada — encontrava-se de facto alguém lá dentro, e parecia estar a remexer-lhe nas gavetas. Não tinha muita coisa de valor, mas não ia permitir que alguém lhe vasculhasse os seus pertences. Assim, agarrando a porta com força, abriu-a de repente e entrou.

Joseph Hudson rodopiou, mal conseguindo manter os talheres nas mãos. Rindo-se, pousou uma mão sobre o coração acelerado,

erguendo a outra, numa rendição fingida.

— Eu sei, eu sei, peço desculpa pela invasão, mas quis preparar-te uma surpresa. — Apontou para a mesa posta com esmero, sobre a qual repousava uma taça fumegante de linguíni. — Queria pedir-te desculpa.

Não havia alternativa. Teria de telefonar a pedir desculpa. Charlie sabia que deveria estar em casa — para ser sincera, já lá deveria ter chegado há mais de uma hora —, mas por ora não podia sair. Telefonaria a Steve, tentaria apaziguá-lo, ganhando para si mais algum tempo. Os técnicos de dados esforçavam-se ao máximo, e Charlie mantinha-se determinada a permanecer na sala de operações até encontrarem o que ela procurava, ou se esgotarem todas as vias possíveis.

Regressara à Esquadra Central de Southampton há mais de duas horas, mas não lhe saía da cabeça a conversa com Fran Ward. Esta recusara-se a explicar melhor o que sentia por Maxine, parecendo arrependida das palavras duras que utilizara. Charlie intuiu que tal não se devera a ter-se sentido mal por ter falado depreciativamente da sua colega de escola, mas antes ao facto de Fran ter ficado irritada por ter permitido a outra pessoa vislumbrar para lá do véu, entrever o que verdadeiramente sentia. Foi só um vislumbre — um breve e surpreendente momento de honestidade —, mas causara grande impacto em Charlie, que ficou certa de que tal deslize poderia ser importante na compreensão daquele estranho caso.

Logo desde o início, desde o momento em que os pobres estudantes se tinham visto em segurança, a narrativa prevalecente fora a da solidariedade, de um grupo unido de amigos que se haviam mantido juntos nos bons e nos maus momentos. Foi uma ideia repetida amiúde na comunicação social, e mais recentemente pela própria Maxine. Charlie focara-se definitivamente na ênfase que ela dera no seu livro à *unidade* do grupo, justificando a sobrevivência com o apoio e afeto mútuos.

Porém, acontecimentos posteriores revelaram que isso se tratava de ficção, pelo menos em parte. Não restavam dúvidas de que haviam conseguido suportar juntos o sofrimento comum, avançando a custo por entre o nevoeiro até um lugar seguro. Isso deveria ter formado laços duradouros, mas a verdade é que desde essa época terrível o grupo só se reunia esporadicamente. Além do mais, tornaram-se evidentes tensões genuínas — Maxine desavinda com Justin por causa de dinheiro, e Fran a demonstrar um verdadeiro desdém pela narradora do trauma partilhado. Seria tudo uma questão de dinheiro? Estaria relacionado com o extravasamento de Maxine sobre o sofrimento passado? Ou haveria algo mais?

Charlie estava ansiosa por saber, por desenterrar a raiz daquela aparente divisão. Mas Fran fechara-se em copas e Maxine dificilmente iria acrescentar algo mais — já lhes dera a sua versão dos acontecimentos, em grande pormenor, no seu livro. Charlie já o lera por alto e sabia que Pryce tinha uma versão oficial sobre o assunto, que valorizava a unidade e a resiliência, o afeto e os laços de lealdade. Parecia cair bem junto do público pagante, por isso que hipóteses haveria de Maxine contradizer a sua própria narrativa?

Não, se Charlie queria mais, sabia que teria de encontrar outras formas de lançar luz sobre a natureza da amizade deles, o que na era moderna implicava redes sociais. As vítimas de Daniel King eram filhas da era digital, felizes por registarem todos os pormenores das suas vidas no *Facebook*, *Instagram* e outras redes, vivendo as suas amizades tanto online como pessoalmente. Tanto as pequenas mudanças da sua existência como os grandes dramas seriam aí encontrados, pelo que Charlie incumbiu os técnicos de dados de passarem revista às vidas digitais dos estudantes.

As primeiras investigações pouco revelaram; o grupo parecia ser um estranhamente agradável bando de adolescentes. Havia uma publicação desagradável de Maxine, sugerindo que Fran poderia ser um diminutivo de Frank, uma alfinetada não muito subtil ao físico masculino da sua colega de escola. Mas não houve desenvolvimentos nem pareceu suficientemente intenso ou venenoso para estragar uma amizade. Face a isso, parecia ser pouco para sugerir uma rutura no grupo.

Enquanto os minutos passavam, Charlie andava de um lado para o outro, lançando ocasionalmente um olhar aos técnicos, para noutros momentos espreitar para o relógio. Como sempre, sentia-se dividida, ansiosa por voltar para casa, para junto de Steve e Jessie, mas determinada também a não deixar nada por fazer. Sentia-se segura de que lhes estava a escapar algo óbvio, algo que ajudaria a impulsionar a investigação, só que, até ver, pouco tinham encontrado de relevante. Deveria procurar noutro lugar? Talvez recuar até às famílias das vítimas, escavar ainda mais fundo nos seus passados? Não parecia muito apropriado, com as famílias de Callum Harvey e Justin Lanning abaladas, perdidas na dor, mas talvez valesse a pena, se surgisse algo de concreto... Todavia, Charlie arrepiou-se só de equacionar isso. Detestava intrometer-se no sofrimento das pessoas.

— Se calhar, é melhor ver isto... — Despertando dos seus pensamentos, Charlie apressou-se na direção da secretária da técnica. — Estive aqui a ver as publicações da Pryce no *Facebook*. Em geral, tudo muito doce e leve. Se bem que um pouco autocentrado...

— Mas... — replicou Charlie, impaciente.

— Mas há cerca de um ano ela apagou uma série de publicações.

— Uma limpeza digital...

— Exatamente. Eram publicações antigas, sobretudo de quando ainda andava na escola.

— Alguma das publicações apagadas foi criada antes de o King os ter raptado?

— Sim, a maioria.

— E? — reagiu Charlie, já bastante intrigada.

— E não são nada agradáveis. Ela diz mal de várias pessoas, uns quantos miúdos que não conheço, mas também da Fran Ward. A amizade delas era de altos e baixos. Mas o seu principal alvo era a Rachel Wood. Não gostava mesmo dela...

Carregando numa ligação, a técnica abriu uma publicação, datada de 16 de março de 2012. Não tinha texto, mas a imagem dizia tudo — o rosto de Rachel fora grosseiramente alterado no *Photoshop* de modo a criar uma imagem pornográfica. Era desagradável, vingativo e ligeiramente ridículo, com a cara intensamente maquilhada, mas

bastante inocente, da rapariga completamente desenquadrada do corpo contorcido e cirurgicamente desenvolvido que a completava. No entanto, por muito amador e pouco convincente que fosse, o seu objetivo era claro: Maxine quisera humilhar e envergonhar a colega.

— Há mais umas quantas do género, mas esta é a mais significativa, ou pelo menos aquela que atraiu mais atenções.

Charlie olhou para o número de «gostos» e partilhas que a publicação alcançara, furiosa com a insensibilidade crua do ataque.

— OK, distribua cópias disto e de tudo o mais que encontrar. Quero toda a equipa a par disto.

Assentindo, a técnica retomou o seu trabalho, enquanto Charlie regressava à sua secretária, em passo acelerado. Não era uma prova, mas era uma pista, atribuindo uma característica de mentira à ideia ficcional de unidade que Maxine Pryce e os amigos haviam criado. Charlie agira por instinto, na esperança de que aquela espécie de pesca por arrastão desse frutos, e tal revelara-se acertado. Quaisquer que fossem os mitos que Fran e os outros gostavam de alimentar, e por muito que Maxine quisesse dar um ar positivo às coisas, Charlie estava agora convicta de que nunca fora contada toda a história.

— Como é que entraste?

Joseph encolheu os ombros, esboçando um sorriso ao responder:

— Aprendi uns truques ao longo da vida.

— Pensar como um ladrão para apanhar um ladrão?

— Algo do género. Devias tratar daquela fechadura; é ridícula...

Ele ergueu mais uma garfada de linguíni do prato. A comida estava deliciosa, mas Helen pouco comera, ainda perturbada com o facto de o ter encontrado no seu apartamento.

— Tens sorte por ninguém ter chamado a polícia.

— Oh, eu não entrei às escondidas. Disse olá à tua vizinha quando estava a trazer as compras. Jane, certo?

— Joan.

— Foi muito simpática, já me tinha visto por cá. Acho que começo a fazer parte da mobília.

Foi dito com ligeireza — atrevimento, talvez —, mas soou forçado. Joseph esforçava-se ao máximo por gerar um ambiente agradável e descontraído entre eles, mas, na verdade, havia tanto por dizer, tanto a fervilhar sob a superfície, que Helen sentia muita dificuldade em descontrair.

— Vou ter de ter uma conversinha com ela em relação a isso. Confia demasiado nas pessoas.

Joseph pareceu encarar aquilo com boa-disposição, sorrindo ao retomar o assalto à massa.

— A Meredith já disse alguma coisa? — perguntou ele, com a boca cheia.

— Ainda não. Ela e a equipa estão no local. Não há nada óbvio no edifício principal, mas talvez tenhamos sorte noutra sítio.

— E o pessoal fardado?

— Ainda andam no porta a porta, mas há poucas propriedades residenciais. A maioria são unidades industriais, e há pouca afluência.

— Há de aparecer alguma coisa.

— Espero que sim. Porque neste momento parece que andamos às aranhas. Algo que a Emilia Garanita fez questão de realçar.

— Papel para embrulhar peixe — reagiu Joseph, com desdém.

— Papel para embrulhar peixe que vai ser lido pelo comissário da polícia, pelos políticos locais e por um monte de gente que nos pode complicar a vida, se não formos vistos a fazer o nosso trabalho. Não ajuda nada que a Garanita tenha obviamente alguém da esquadra na mão e aceda a informações sensíveis que está disposta a usar, apesar do perigo que pode lançar sobre a Maxine Pryce ou a Fran Ward. — Joseph terminou de comer e pousou o garfo, não articulando um som. Porém, Helen reparou que ele não olhou para ela, com a sua atitude conciliatória sorridente e confiante a falhar por momentos. — Não é a primeira vez que se intromete nas nossas investigações, mas ultimamente andávamos a conseguir mantê-la ao largo.

— Há de estender-se ao comprido não tarda nada; é o que acontece sempre a essa gente.

— Mas é estranho — insistiu Helen. — Porquê agora? Como é que de repente conseguiu saber quem são os nossos suspeitos, o que planeamos? Se descobre onde estão a Maxine e a Fran, não me admiro nada que tente ir a casa delas; quem sabe se não tenta até entrar!

— Ela não faria isso.

— Faria, pois. Aquela mulher é capaz de tudo. — Joseph assentiu com a cabeça, reconhecendo que podia ser verdade e bebericando um pouco de cerveja. Mas havia algo no olhar dele (preocupação?, tensão?) que intrigou Helen. — Não estiveste em contacto com ela nestes últimos tempos, pois não?

— É claro que não. Não sou assim tão estúpido.

— Não tiveste nenhum contacto com ela?

— Não sou assim tão imaturo, Helen. Dá-me algum crédito. — A linguagem corporal dele era defensiva; o seu tom, ligeiramente

tenso. Helen estava convencida de que ele estava a mentir, embora não percebesse porquê. Certamente, não seria estúpido a ponto de ir para a cama com Emilia... O que teria ele a ganhar? Não, seria uma loucura, ridículo. — Sentes-te bem? — perguntou Joseph, interrompendo-lhe os pensamentos. — Não comeste muito.

— Está tudo bem. Tenho é muita coisa em que pensar.

— Se não gostaste da massa, tenho sobremesa — disse ele, reavivando o ânimo ao levantar-se da mesa.

— Na verdade, importas-te se não comermos? Não estou com grande apetite.

Joseph deteve-se, fitando-a com atenção. Apesar de todo o seu esforço para que tudo voltasse ao normal, o ambiente de repente arrefeceu.

— Helen, estou aqui a dar o meu melhor... — disse ele, expirando pesadamente. — Sei que lixei tudo, que me comportei como um idiota, mas estou a tentar corrigir a asneira.

— Eu sei.

— Fazemos uma boa equipa, encaixamos bem, por isso diz-me o que tenho de fazer para que tudo volte a encarrilar. Se queres que peça desculpa, tenho todo o gosto...

— Não tem que ver com isso.

— Então, tem que ver com o quê?

Helen olhou para ele. Ia querer mesmo mexer naquilo? E logo hoje? Contudo, que escolha tinha ela?

— Tem... tem que ver com confiança.

— Eu compreendo. Ir sozinho atrás do suspeito... Concordo que foi descontrolado, já o assumi...

— Não me refiro ao trabalho, embora, sim, tenha sido irresponsável e perigoso.

Joseph fitava-a, magoado, mas também curioso.

— O que é que se passa, Helen? — perguntou, com a voz tensa. — O que fiz para te levar a desconfiar assim de mim?

As palavras ficaram a pairar no ar, exigindo uma resposta.

— Não é nada comigo, reconheço — disse Helen, num tom de voz baixo. — Mas... mas disseste-me que não tinhas filhos.

— E não... — A mentira sucumbiu-lhe nos lábios, com Helen a

fitá-lo nos olhos.

— Tens um rapaz. O Kieran. — Joseph não tentou negar, mantendo o olhar fixo no dela. — Perguntei-te se tinhas filhos e respondeste categoricamente que não.

— Eu sei e peço desculpa... mas pareceu-me algo demasiado relevante para abordar tão cedo...

— Ele é teu filho, Joseph. — Ele continuou a fitá-la nos olhos, recusando-se a desviar o olhar. — Um rapaz que devia fazer parte da tua vida. A quem viraste costas.

— Mas com quem é que andaste a falar? O que é que tu sabes sobre o meu filho?

Helen hesitou. A raiva de Joseph era evidente, mas não valia a pena esquivar-se.

— Olha, não o devia ter feito, mas telefonei à Karen.

— Desculpa?!

— Eu sei que não o devia ter feito, mas precisava de saber o que se passava.

— Não vais querer acreditar em nada que ela tenha para dizer...

— Porque não?

— Por ser uma mulher zangada e amargurada.

— E porque é que é assim? Por algo que ela fez? Ou por algo que tu fizeste?

O olhar de Joseph estava encolerizado.

— Vocês as duas acham que percebem tudo, não é? Aposto que passaram um rico tempo...

— Não foi nada disso, Joseph...

— ... a coscuvilhar sobre mim, a dizer mal de mim...

— Não, de maneira nenhuma...

— ... a alimentar as mentiras dela, a deitar achas para a fogueira.

— Eu quis saber a verdade.

— E ela disse-te a verdade, não foi? — ripostou, com desprezo.

— Não sei. Disse? Abandonaste-os? Viraste costas ao teu próprio filho? — A pergunta atingiu-o em cheio, com Joseph a permanecer em silêncio face à gravidade da acusação. — Um sim ou um não, Joseph. Não preciso de mais nada.

Porém, em vez de responder, Joseph avançou um passo na direção

dela. Helen levantou-se de imediato, pronta para reagir. De repente, não soube o que ele poderia fazer, do que seria capaz.

— Não tens o direito — rosnou ele. — Não tens o direito.

O seu rosto era um esgar de fúria. Helen pensou que ele iria explodir, atirar-se a ela, tal a lividez da sua expressão. Mas não — virou-lhe costas, saindo em passos pesados da cozinha, sem proferir uma palavra.

Segundos depois, a porta da entrada bateu com estrondo, a estocada final perfeita para mais um dia horrível.

DIA CINCO

— Não é bem-vinda aqui, por isso ponha-se a andar!

O inspetor Dan Meadows por norma não era tão rude, mas esgotara a sua paciência. Já tentara três vezes que a jornalista se fosse embora, mas ela não saía do degrau da entrada.

— Olhe, ambos sabemos que ela está aqui. Assim sendo, podemos ir direito ao assunto? — contrapôs Garanita. — Deixe-me falar com ela, só cinco minutos, e depois vou à minha vida. Só quero um comentário.

— Está louca? — ripostou Meadows, tentando desesperadamente manter um tom de voz baixo. — Ela não quer falar com ninguém, muito menos com jornalistas...

— Dito assim, até parece que seria um crime — ripostou Garanita, num tom jocoso. — Olhe, amigo, se quiser, eu posso ficar aqui o dia todo. Ela vai ter de...

— Posso prendê-la por obstrução à polícia no exercício dos seus deveres.

A jornalista limitou-se a rir.

— Se eu recebesse uma libra de cada vez que um de vocês me ameaça com isso... E continuo aqui.

Abriu os braços num gesto triunfal. Preocupado, o inspetor espreitou para a rua. Era de manhã cedo e as pessoas começavam a sair para a pacata rua suburbana, apressando-se a ir para o trabalho, empurrando as crianças para fora de casa. A última coisa de que necessitava era de uma discussão com a impertinente da jornalista.

— Lamento, mas a resposta é não.

Garanita ia a ripostar, mas Meadows não lhe deu a oportunidade, fechando-lhe a porta na cara. De pronto, ela recomeçou a bater à

porta.

— Céus...

Lançou um olhar ao colega, ao fundo do corredor, que encolheu os ombros, impotente. Pouco poderiam fazer, estavam encurralados, mas não poderiam permanecer ali, não com Garanita a chamar publicamente a atenção para o paradeiro de Pryce. Qual era a ideia dela? Estaria disposta a arriscar a segurança de terceiros em prol das suas ambições profissionais?

Abatido, o inspetor Meadows subiu as escadas até ao primeiro andar. Era bem possível que Pryce tivesse ouvido a altercação e soubesse o que se passava, mas, se não fosse esse o caso, teria de a pôr a par. Não era tarefa que lhe agradasse, mas, reunindo coragem, bateu à porta.

— Menina Pryce? É o inspetor Meadows... — Não obteve resposta. Era cedo; não era impossível que ainda estivesse a dormir, pelo que voltou a bater. — Menina Pryce? Posso dar-lhe uma palavrinha? Surgiu uma situação...

Embora ele não tivesse dúvidas de que ela o conseguiria ouvir, continuava a receber apenas silêncio em resposta. No mínimo, sentir-se-ia curiosa em relação ao que ele lhe queria dizer; assim sendo, por que razão não atendia? Voltou a bater, cada vez mais ansioso.

— Está tudo bem? Preciso mesmo de falar consigo... — Nada. Ele tentou a maçaneta, já a contar que a porta estivesse trancada, mas abriu facilmente. — Vou entrar, menina Pryce...

Com cautela, entrou no quarto. Temia dar com ela semidespida, irritá-la, mas, para sua surpresa, o quarto apresentava-se vazio. Não havia sinais de Pryce.

Pior: a cama ainda estava feita.

Charlie não pregara olho. Pensamentos, ansiedades e medos redemoinharam no seu cérebro, enquanto o bebê esperneava e se contorcia. Ter uma nova vida dentro de si era uma experiência única e maravilhosa, mas às vezes parecia que estava sob um ataque constante, com o bebê a dar luta a cada passo. Era um pouco o que se passava naquela manhã, com Charlie a ter de ir bem fundo procurar energia para conseguir pôr um pé à frente do outro.

Levantara-se cedo e já ingerira duas chávenas de chá forte, até por fim se sentir revigorada. Pedira a Osbourne para contactar amigos e, quando apropriado, familiares, para tentar encontrar os mais ínfimos dados sobre Fran, Maxine e a harmonia do grupo como um todo. Ela iria retornar ao início, para descobrir mais sobre a dinâmica entre os colegas de escola, no seguimento da respetiva descoberta das publicações vingativas de Pryce.

Ligou a Helen para a pôr a par dos seus planos e a seguir encolheu o seu corpo desajeitado para entrar no seu *Renault*, atravessando a cidade até Fordham. Depois de estacionar, concluiu o curto trajeto a pé e deu por si à porta da escola secundária de St Mary.

Os alunos iam passando, contornando-a enquanto se apressavam a transpor os portões da escola. Charlie tivera uma juventude feliz e sempre se sentira animada ao ver o movimento de uma escola — tanta energia, tanto ruído, tantas possibilidades. No seu tempo, havia imenso para fazer, mas nada que se assemelhasse à atual miríade de clubes e cursos à disposição dos miúdos — aprenderem sozinhos a fazer filmes de animação, a tornarem-se DJ, a gravarem e distribuírem a sua própria música. Em parte, Charlie desejou poder regressar no tempo, voltar à adolescência, mas não era ingénua.

Sabia que, para muitos, a escola não era propriamente um piquenique — pressão acadêmica, *bullying*, drogas e até violência de gangues atravessavam-se no caminho dos estudantes. Já para não referir os problemas de amizade — lealdades minadas, perda de estatuto, exclusão —, que eram padrão. Todos os estudantes tinham os seus problemas, todas as escolas tinham os seus segredos, daí a presença de Charlie ali. Se de facto existira um problema grave entre Fran, Maxine e os restantes, alguém naquela escola deveria estar a par. Retirando o seu crachá de identificação da mala, Charlie dirigiu-se à secretaria, avançando bamboleante o mais depressa que o seu bebé lhe permitia.

Foi a primeira a chegar, e era assim que gostava que fosse. Após uma noite agitada, Helen rumara cedo para a esquadra, ávida por pôr o dia em marcha. Pelo caminho, recebera uma chamada de Charlie. Apesar do seu audível cansaço, a sua velha amiga ia a caminho da escola de St Mary para aprofundar umas questões, empenhada em não deixar uma pedra por revolver. Helen sabia que deveria fazer o mesmo.

Trancando-se no seu gabinete, espalhou à sua frente as pastas de arquivo do caso. Dali, tinha uma boa perspetiva do quadro de homicídios, com os rostos sorridentes de Justin Lanning e Callum Harvey virados de modo desconcertante para ela, para que pudesse cruzar dados entre os dois. Contou que, ao analisar ao pormenor os detalhes, sozinha e sem quem a incomodasse, pudesse desenterrar alguma pista, uma ligação importante, que até então lhes tivesse escapado.

Certos factos importantes não estavam em causa. Tinham sido cometidos dois homicídios, levados a cabo de uma forma que gerara pavor no coração das vítimas. Mesmo antes de a testemunha da Moon Lounge o ter identificado, Daniel King já era um suspeito óbvio: porque adorava aterrorizar as vítimas, porque as duas vítimas se encontravam ligadas unicamente por meio dele, porque o *modus operandi* dos ataques — estrangulamento com garrote — fora igual ao do passado. O facto de o assassino andar a assombrar Northam era outra pista importante. Tratava-se de um lugar bem conhecido de King, onde se sentiria confortável a esconder-se. De forma clara, as provas disponíveis apontavam para King, mas havia questões por responder, lacunas a preencher.

O motivo era a chave. Não restavam dúvidas de que King teria fantasiado em voltar a ter à sua mercê aqueles estudantes, mas corria um grande risco ao regressar para terminar o trabalho, quando toda a gente o dava por morto. E porquê atacar agora? Porquê esperar mais de oito anos para fazer deles um alvo? Sim, Maxine Pryce voltara a dar notoriedade ao caso, provocando-o, mas isso só tornaria a tarefa de King mais complicada, tendo em conta as atenções de que seriam alvo os seus companheiros de infortúnio.

Mais premente era o modo de ataque. Lanning fora ludibriado, com o assassino a fazer-se passar por seu motorista. Mas e quanto a Callum Harvey? Ele ligara para a Esquadra Central de Southampton, convencido de que a sua vida corria perigo. Prometera trancar todas as portas, esperar pacientemente pela chegada de Helen, mas nem assim evitara um triste destino — isso, apesar de aparentemente não ter havido uma entrada forçada ou sequer uma luta. Se King fora de facto o seu assassino, como conseguira entrar? Seria possível que já estivesse na casa quando Harvey fez o telefonema?

Era uma ideia intrigante — King à espera para emboscar Harvey, mas, sendo esse o caso, porque é que este não dera luta para tentar proteger-se? Teria simplesmente sido surpreendido pelo atacante? Ou seria possível que Harvey conhecesse o agressor e confiasse nele, tendo aberto a porta de livre vontade? Estariam Maxine e Fran de alguma forma envolvidas?

Pareceu-lhe improvável, mas a verdade é que a precisão e o cuidado com que os homicídios haviam sido executados sugeriam que o autor tinha algo a esconder, ou, pelo menos, algo a perder. Nesse aspeto, os homicídios não tinham o selo de King, que era por natureza impulsivo e impetuoso, se bem que ninguém soubesse o que fora feito dele nos últimos anos. Seria possível que se tivesse tornado mais sofisticado, que tivesse apurado a sua «arte»?

Ávida por mergulhar mais fundo na sua psicologia, Helen abriu a pasta de King, folheando a sua lista de acusações, notas tomadas pelos serviços sociais da época, até recortes do jornal local relativos ao funeral da mãe dele, mas havia pouco que não conhecesse já. Por isso, resolveu dedicar-se antes a descobertas mais recentes sobre King. Também nessa matéria havia poucas provas, mas tinham o

material recuperado do armazém, os artigos que Joseph Hudson recolhera e compilara. Havia muitas curiosidades — um tijolo trazido dos destroços da quinta incendiada, uma coleira de cão que o colecionador da *dark web* alegara pertencer a um dos *Dobermann* de King, tendo ambos perecido no incêndio —, mas pouco que servisse de prova. Passando os olhos pelo inventário, Helen notou que Joseph assinalara uns quantos artigos e observou-os com mais atenção.

O primeiro era um número de telefone de Southampton, sarrabiscado num papel com a mão pouco firme de King. Sem hesitar, Helen ligou para lá, mas, sem surpresa, percebeu que o número já não estava atribuído — Joseph, apesar de todas as suas falhas, teria verificado isso. Teriam de escavar mais fundo, ver se a British Telecom tinha um historial de chamadas, um nome que pudessem seguir, caso a ligação fosse importante. Poderia o número pertencer a um amigo de King? Um confidente? Um cúmplice?

Pondo o pedaço de papel de lado, Helen investigou outro artigo. Era uma receita, pelos vistos nunca aviada, para um medicamento chamado *Riluzol*. Helen não o conhecia, pelo que examinou o resto da folha. Estava manchada e rasgada, pois havia sido retirada do lixo da quinta, mas ainda assim Helen conseguiu perceber alguns pormenores, nomeadamente o nome do médico de clínica geral e o nome do paciente. Daniel King.

Helen deteve-se. Sabia que a mãe de King sofria de esclerose lateral amiotrófica e partira do princípio de que aquela receita se destinava a ela. Mas, ao olhar para a data de emissão — umas semanas *depois* da morte dela — e para o nome do paciente, tornou-se evidente que se destinava ao filho. Era interessante, pois em tudo o que lera sobre King nunca encontrara qualquer referência à doença.

Intrigada, Helen ligou o computador para procurar informações sobre *Riluzol*. Sentia-se entusiasmada, a absorver a informação do seu ecrã, completamente alheada dos elementos da sua equipa que iam entrando no escritório. Na verdade, estava tão imersa no que lia que se assustou com o zumbido do telefone, pousado na secretária junto dela. Com um olho no ecrã, pegou nele.

— Inspetora-chefe Grace.

— Daqui fala o inspetor Reid, minha senhora. Lamento incomodá-la, mas surgiu um problema. — Ele captou-lhe de imediato toda a atenção, tal o alarme na sua voz. — A Maxine Pryce desapareceu.

— Maxine? — O grito dela ecoou pelo parque de estacionamento, esmorecendo lentamente por entre o silêncio. — Maxine? — bradou, desta feita mais alto, mas uma vez mais o chamamento de Emilia ficou sem resposta.

Teria Maxine traçado um plano de fuga diferente? Se assim foi, onde se encontraria? Apoiando-se no *Volkswagen* prateado, Emilia ponderou nas suas opções, sem saber ao certo que passo dar.

No seguimento da sua conversa nada proveitosa com o inspetor Meadows, Emilia considerara regressar à redação, mas acabara por se decidir a ficar, curiosa por verificar se tentariam levar Pryce sorrateiramente para outro local. Estava preparada para uma espera demorada, mas afinal não tivera de aguardar muito, com o atormentado polícia a irromper de repente do apartamento, num estado de pura ansiedade. Observou a rua com atenção, falando apressadamente para o seu rádio. Apesar de Emilia não ouvir o que ele dizia, a mímica deu-lhe uma boa pista do que se passava, e os trechos que conseguiu escutar da conversa confirmaram-no. Maxine Pryce fugira.

Parecia contraintuitivo, uma atitude irresponsável, mas Emilia não ficou surpreendida. Porém, teria fugido por se sentir encurralada? Ou decidira simplesmente que era uma loucura esconder-se, quando toda a gente a procurava? De uma maneira ou de outra, desaparecera.

Enquanto a polícia fazia buscas frenéticas na vizinhança, pedindo reforços, Emilia pôs a memória a trabalhar. Maxine tinha um novo *Volkswagen Golf*, o seu orgulho, que mantinha num parque de estacionamento privado para o manter a salvo de condutores

descuidados. Gabara-se da sua aquisição na entrevista que lhe dera por telefone — o carro e o parque de estacionamento privativo como prova da sua riqueza recente. Emilia correu então para lá. Maxine não ia demorar-se por ali, à espera de ser apanhada; teria de ter um objetivo, um plano. A primeira paragem seria o parque de estacionamento. Dali, poderia partir para qualquer lugar, presumivelmente planeando afastar-se o mais possível de Southampton.

Contudo, para surpresa de Emilia, o carro de Maxine ainda ali se encontrava, parado impotentemente no seu lugar, com o pneu da frente completamente em baixo. Emilia sentia-se cada vez mais frustrada. O seu desejo de encontrar Maxine aumentava, agora que a história parecia estar a progredir: uma jovem em perigo, a fugir do seu apartamento para tentar a sua sorte, ou talvez recusando a proteção policial para dar seguimento à sua carreira — de uma maneira ou de outra, havia um desenvolvimento concreto na história de Daniel King que ela desejava acompanhar. Mas, antes de mais, precisava de Maxine. Um comentário e uma fotografia serviriam na perfeição. Mas onde é que ela se enfiara?

Retirou o telemóvel do bolso e marcou o número de Maxine. Foi mais uma questão de esperança do que de convicção, mas, para sua surpresa, o telemóvel tocou. Não no seu auricular, mas ao vivo. O que é que se passava? Não havia sinais de Maxine. Ter-se-ia livrado do telefone antes de fugir? Era possível, claro, mas porque é que fora até ali se não era para levar o carro? Talvez o pneu furado tivesse impedido a sua tentativa de fuga, mas, mesmo assim, porque é que abandonaria o telemóvel?

O toque parou e a chamada foi encaminhada para o voicemail. A jornalista voltou a marcar o número, pondo-se atentamente à escuta. E então reparou em algo. Embora conseguisse ouvir o som, estava abafado, distante. Esforçando-se por perceber a origem, detetou algo mais. O toque melódico parecia provir da mala do carro.

Emilia hesitou. Deveria prosseguir a sua investigação ou retirar-se para alertar as autoridades? Espreitou para trás, mas encontrava-se completamente sozinha no parque de estacionamento deserto, pelo que, enfiando a mão dentro da manga, puxou o manípulo, abrindo a

mala. Com cautela, espreitou para o interior, mas levou de imediato a mão aos lábios, deixando escapar um leve arquejo.

Encontrara Maxine Pryce, mas demasiado tarde. A mulher jazia sem vida na mala do seu próprio carro, com uma intensa contusão circular roxa em volta do seu pescoço esguio.

— O que é que quer saber sobre a Maxine Pryce?

Notava-se desconfiança, mas também preocupação, no tom de voz da mulher. Charlie sabia que teria de apaziguar os receios dela, para a pôr do seu lado, se pretendia extrair algo de significativo daquela conversa.

— Estamos a fazer uma investigação de fundo sobre o relacionamento da Maxine com os colegas que foram raptados. Calculo que os conhecesse a todos?

Donna Parks, desde há muito subdiretora da escola, assentiu ao de leve.

— Sim, eram todos bons miúdos, com muito para dar. Nem acredito que o Justin e o Callum...

Visivelmente perturbada, não conseguiu proferir as palavras, pelo que Charlie decidiu aproveitar a deixa em seu favor.

— É uma tragédia terrível, e estamos determinados a descobrir quem o fez para ser levado à justiça. — Parks pareceu grata com o propósito, sendo evidente o sentimento de perda que sofria. — Para lá chegarmos, é essencial compreendermos as ligações entre os alunos raptados, para se perceber que tipo de relacionamento mantinham... zangas, romances, passatempos partilhados, e por aí fora. Até que ponto os conhecia?

— Bastante bem. Ao longo do tempo, acabei por ser professora de todos eles.

— Deve ter sido muito complicado para si, para a escola, quando desapareceram.

Parks arrepiou-se com a recordação.

— Nem sei como descrever... Foi horrível. Encorajamos imensos

dos nossos alunos a participarem no Prémio Duque de Edimburgo. É uma experiência fantástica e fica muito bem no currículo, mas o que lhes aconteceu... bem, foi a concretização do nosso pior pesadelo. — Era uma frase que Charlie ouvira muitas vezes associada a Daniel King. — O que aquele homem fez à Rachel, o que os outros suportaram — prosseguiu Parks, abanando energicamente a cabeça, com mais lágrimas a formarem-se-lhe nos olhos. — Fizemos o que pudemos para apoiar os pais, para ajudar nas buscas... e sentimo-nos tão aliviados por terem aparecido. Acho que todos pensámos que poderíamos perdê-los.

— E depois de terem sido descobertos, o que é que aconteceu?

— Foram observados no South Hants, e a seguir interrogados pela polícia. Eu e o diretor estivemos lá, claro, a dar todo o apoio possível. Tínhamos a esperança de que todos regressassem a St Mary, para prosseguir os estudos, mas... acabou por não ser bem assim. Alguns ficaram, outros optaram por uma mudança de cenário. Tentei manter-me em contacto com eles, claro, mas foi complicado...

— E os que ficaram? Permaneceram chegados?

— De certa forma. Partilharam uma dor e uma experiência que mais ninguém seria capaz de compreender, mas eu... eu fiquei com a sensação de que se evitavam uns aos outros. Quando estavam com outras pessoas, quase conseguiam esquecer o passado e ser outra pessoa...

Charlie digeriu a informação, tomando algumas notas.

— E como é que eles eram antes do rapto? Formavam um grupo unido? Socializavam juntos? Houve romances?

Fora aquilo que verdadeiramente motivara Charlie a ir à escola, e a experiente subdiretora pareceu aperceber-se disso mesmo.

— Isto é *off the record*?

Parecia estranhamente tensa.

— Se preferir. Por agora, pode ficar apenas entre nós o que quer que venha a dizer.

Donna Parks ponderou, sopesando as suas opções, até que, por fim, respondeu:

— Bem, era um grupo heterogéneo. O Callum e a Rachel vinham de ambientes complicados, voláteis, o Justin e a Maxine eram de

famílias mais estáveis e abastadas.

— E a Fran Ward?

— Algures a meio.

— E a dinâmica entre eles?

— Variava. O Justin e a Maxine eram chegados; eram os líderes do grupo. O Callum era amigo de toda a gente; o brincalhão. A Fran era a de maior confiança; sólida, sensível, prática. E a Rachel... bem, ela era nova na escola e ainda andava à procura do seu espaço. Acho que participar no Prémio Duque de Edimburgo seria a forma de tentar encaixar.

— Então, os maestros eram a Maxine e o Justin?

— Sem dúvida. Acho que a Maxine gostava da ideia de serem os dois a mandar, tipo o rei e rainha do baile.

— Alguma vez houve entre eles algo mais do que amizade?

— Não, embora eu desconfie que a Maxine não tivesse dito que não. Ela... nós... na altura não sabíamos que o Justin era gay. Não era algo que ele andasse a propagandear.

— E havia tensões específicas entre eles? Desavenças? — Parks hesitou, como se procurasse a forma correta de responder. — Estou particularmente interessada em saber o que as pessoas pensavam da Maxine Pryce. — Charlie disse-o de forma suave e cuidadosa, mas detetou de pronto uma reação. — Tudo o que me puder contar será de grande ajuda.

— Bem, a Maxine era uma rapariga que sabia sempre o que queria. Não me surpreende que tenha sido ela a conseguir... tirar algo de positivo daquilo por que passaram. Sempre foi muito ambiciosa, muito determinada. Talvez achasse que o mundo estivesse em dívida para com ela...

— Devido ao ambiente privilegiado em que vivia?

— E também pela personalidade dela. Era uma daquelas miúdas que tinha de ser superior em tudo, não suportava estar por baixo.

— Mas, quando isso acontecia, como é que ela era?

Parks encolheu os ombros antes de responder:

— Reagia.

Era uma tentativa óbvia de evitar a pergunta, mas Charlie não ia de maneira nenhuma alinhar.

— De que forma?

— Ela... redobrava esforços para ficar sempre por cima. E, se tal não resultasse, tentava... outros meios.

Parks calou-se novamente, como se lhe custasse falar mal da sua antiga aluna.

— Como assim?

— Bem, estou convencida de que copiou no trabalho final de curso, talvez até nos exames. E sem dúvida que mentiu... em relação a ela, em relação a terceiros...

— Como assim?

— Gabava-se muito, e ao mesmo tempo rebaixava os outros. Espalhava mentiras, rumores, arranjando-lhes problemas...

— Ocorre-lhe algo específico?

— Lembro-me de que uma vez acusou a Fran Ward de lhe copiar o trabalho, quando eu tinha a certeza de que ela não o fizera. E foi muito bruta com a Rachel.

— Porquê?

— Agora parece uma estupidez — prosseguiu Parks, abanando a cabeça. — Mas acho que ela meteu na cabeça que o Justin tinha um fraquinho pela Rachel. A Rachel vinha de um meio muito complicado e violento, daí ter mudado de repente para esta escola, para esta zona. A Maxine soube disso, descobriu que a mãe da Rachel por norma lá pelo meio-dia já estava embriagada e tratou de pôr o resto da escola a par disso mesmo. Típico da Maxine... uma reação exagerada a algo bastante insignificante.

— Porque tinha de ser ela a ganhar?

— Por um lado, sim — respondeu Parks, com tristeza. — Por outro lado, porque gostava de se armar em má.

— Isso é um pouco mais do que armar-se em má.

— Tem razão — corrigiu-se Parks. — Era vingativa, premeditada e cruel. Naturalmente, a Rachel nunca soube quem espalhava tais rumores. Se o soubesse, nunca teria participado no Prémio Duque de Edimburgo.

— E esse comportamento, essa atitude maldosa, era comum da parte da Maxine?

A pergunta ficou suspensa no ar. Por momentos, Charlie achou

que a subdiretora não ia reagir, mas, depois de baixar o olhar, respondeu:

— Para ser sincera, sim. A Maxine tinha algumas qualidades; era simpática quando se sentia feliz e confortável. Mas, quando se zangava ou aborrecia, então... então era veneno puro.

O carro ainda rodava e já ela deitara a mão ao manípulo da porta. Saindo da viatura, Charlie mostrou o crachá da polícia ao agente que se abeirava e depois ergueu o cordão policial e apressou-se para o parque de estacionamento.

O bebé dela mostrava-se irrequieto naquela manhã, sempre a mudar de posição enquanto ela avançava rapidamente pelo pavimento de gravilha. Charlie sentia-se sem fôlego e desconfortável, hesitando ao aproximar-se do *Volkswagen* prateado. Por um lado, queria ver o que havia no seu interior, mas, por outro, na verdade, não queria; só que não tinha escolha, dado que fora chamada por Helen. A sua velha amiga encontrava-se junto à mala aberta, com uma expressão séria, e, ao espreitar lá para dentro, Charlie percebeu porquê. Maxine Pryce jazia ali, com uma contusão intensa no pescoço e uma expressão de puro terror estampada no rosto.

— Quem a descobriu? — murmurou Charlie.

— A Garanita — respondeu Helen, abanando a cabeça, ainda a assimilar os acontecimentos. — Andava a rondar à porta do apartamento dela. Quando se tornou evidente que a Maxine se tinha pirado, veio aqui na esperança de a apanhar... mas só encontrou isto.

— Ela viu alguém?

— Diz que não, e acredito. O corpo está completamente frio. — Charlie olhou para Maxine. Não era patologista, mas percebeu que o *rigor mortis* já se apoderara do corpo da jovem. — Ela está a prestar depoimento neste momento — prosseguiu Helen —, mas não me parece que virá dali algo de útil. Nem sequer sabemos quando é que a Maxine saiu do apartamento. — Charlie interiorizou a informação. — A equipa do local do crime deve chegar nos próximos dez

minutos. Vou ter de te pedir que aguentes o forte até lá.

— Claro... — respondeu lentamente Charlie, surpreendida por Helen querer abandonar o local do crime.

— O sargento-inspetor está a organizar o porta a porta. Assim que o local se encontrar isolado e a equipa da Meredith estiver a trabalhar em pleno, quero que mandes o resto do pessoal para a base para começarem a investigar os movimentos da Maxine, os telefonemas, as transações financeiras das últimas 24 horas... Se ontem à noite recebeu uma chamada ameaçadora, se isso a levou a fugir, eu quero saber. — Helen incidiu então a sua atenção no cadáver. — Ainda tem com ela o telemóvel, mas quero que os técnicos forenses o examinem, por isso contacta a operadora e arranja o histórico completo de chamadas. Liga-me assim que souberes de alguma coisa. — Afastou-se da viatura.

— Quanto tempo achas que vais demorar? — perguntou Charlie, tentando perceber o que se passava.

— Uma ou duas horas. — Apercebendo-se da curiosidade da amiga, Helen acrescentou: — Tenho de ir a um sítio.

Partiu sem desenvolver, deixando a amiga sozinha com o cadáver. Charlie observou o corpo, incrédula. Sabia que Maxine e Fran corriam potencialmente perigo, mas ainda assim não lhe parecia possível que aquela mulher — aquela mulher forte e poderosa com quem falara nem dois dias antes — estivesse morta. Maxine, cujo rosto embelezara diversos jornais, cuja voz fora ouvida na rádio e na televisão, fora brutalmente assassinada. Servia de lembrete para a fragilidade da nossa vida, para como toda a nossa energia, determinação e força nos podiam ser furtadas num abrir e fechar de olhos. Com um sentido de oportunidade perfeito, o bebé dela deu-lhe mais um forte pontapé na pélvis. Mas desta vez Charlie não sentiu qualquer dor.

Sentiu-se apenas entorpecida.

Ele avistou-a de relance apenas pelo canto do olho, mas sabia que era ela. Ninguém se movimentava como Helen — enérgica, graciosa, atlética —, nem com tal determinação. Alguns dos agentes distraíram-se com a aparição dela, lançando olhares à agente de investigação de maior patente entre eles, mas Joseph Hudson estava determinado a não reagir. Não iria dar-lhe essa satisfação, aparecendo como um fiel cachorrinho a arrastar-se atrás dela. Não quando se dera uma reviravolta decisiva.

Passara mais uma noite inquieto, a ponderar na melhor maneira de abordar a situação. Ele é que fora enganado, mas ela é que tinha o posto, a influência, o crédito no banco. Se desejasse despachá-lo, talvez assegurando que a investigação ao recente acidente dele fosse suficientemente danosa, então provavelmente fá-lo-ia. Toda a gente dizia que ela tinha Grace Simmons na mão, que podia fazer o que quisesse... mas porque é que ele havia de ser despachado? Esforçara-se imenso por conquistar aquele cargo, e recusava-se a ficar parado por causa das paranoias e bisbilhotices de Helen.

Mas qual seria a melhor maneira de reagir? Deveria não dizer nada, na esperança de que o potencial embaraço por o relacionamento deles se tornar público bastasse para Helen deixar tudo em suspenso? Ou deveria partir para o ataque, fazendo-a ver claramente a sua posição e desafiando-a a fazer-lhe frente? Tendara para esta última opção e pensara em fazê-lo já naquela mesma manhã, mas depois os acontecimentos escaparam-lhe ao controlo.

Bentham ligara-lhe pouco depois das 9 horas. Estava a contactar todos os inspetores de patente, convocando-os para se juntarem à equipa no parque de estacionamento privativo junto ao apartamento

de Pryce. Joseph não contara com um ataque a Pryce, questionando se King seria tão imprudente, tão impetuoso, estando elas já sob proteção policial. Mas a verdade é que voltara a atacar, conseguindo de alguma maneira atrair Pryce a sair do seu apartamento para ir ao encontro da sua morte. Não pôde deixar de admirar a eficácia e perícia do assassino; parecia seguir sempre um passo à frente deles, capaz de atacar no próprio momento, aparentemente sem correr riscos. Desafiava a lógica, mas os factos falavam por si. Três cadáveres e pouco mais do que um avistamento fugaz. Ria-se deles. Joseph interrogou-se então se haveria algo — ou alguém — capaz de o impedir de completar a sua vingança.

— Já sabem como isto funciona — rugiu, ocultando os seus receios do grupo de agentes diante dele. — Queremos um porta a porta exaustivo e permanecemos no local até falarmos com todos os residentes. A Maxine Pryce foi vista com vida pela última vez pelo inspetor Dan Meadows às 21 horas de ontem, por isso procuramos quaisquer avistamentos entre essa altura e as 9 horas desta manhã, seja na rua, seja junto ao parque de estacionamento. Ruídos estranhos, sons de luta, desconhecidos na rua, viaturas suspeitas a rondar ou a sair a grande velocidade do local... — Os agentes anuíram com a cabeça, digerindo as palavras dele. — Descubram se há algum grupo de vigilantes no bairro, alguém que possa ter gravações das ruas locais... em telemóveis, câmaras de videovigilância, câmaras de motos ou carros. O inspetor Reid está já a verificar avistamentos junto de pessoal de distribuição, taxistas ou empresas de entrega de comida. Se algum se vier a revelar importante, vou querer voluntários para os procurar.

Continuou a distribuir ordens, com o pessoal reunido a assentir com determinação a cada indicação, mas, aos poucos, a mente dele começou a vaguear. Já fizera aquilo imensas vezes, podia tratar de tudo de olhos fechados, mas a sua atenção recaiu de novo em Helen, que mais uma vez entrou no seu campo de visão. Para sua surpresa, abandonava o local do crime, montando na sua moto. Estava a uns meros seis metros dele, mas ele não se surpreendeu por ela nem sequer olhar na sua direção, não reconhecendo sequer a existência

dele. Uma operação casa a casa era de importância vital num crime daquele calibre, pelo que, face a isso, não era de admirar que ele tivesse sido incumbido de liderar esse processo. No entanto, Joseph estava certo de que se tratava de outro castigo, uma tarefa subalterna que o manteria afastado do melhor, o local do crime. A honra de gerir esse espetáculo previsivelmente recaía em Brooks, a velha amiga e companheira de Helen.

Helen tinha o motor em rotação, pronto a partir. A sua capacidade de ir e vir ao seu bel-prazer sublinhava toda a sua força. Brooks e ele detinham a mesma patente, mas havia uma regra implícita de que Brooks era a agente de investigação responsável na ausência de Helen. Nem sempre fora assim, mas tornara-se evidente que assim seria dali em diante. Se alguma vez tivera a esperança de se candidatar ao papel de imediato dela, Joseph queimara as suas hipóteses. Já não seria de confiança, nem recomendado pela sua antiga namorada.

Profissionalmente bloqueado, ainda assim podia tomar a iniciativa em termos de vida privada. Helen podia achar que tinha as cartas na mão, que podia usar e abusar dele, acusá-lo, conforme mudava o vento, mas de modo algum ele iria permiti-lo. Não iria ser o capacho de ninguém. A relação deles poderia estar a desmoronar-se sob a pressão da hostilidade e desconfiança fúteis de Helen, mas ele não iria esperar pacientemente que ela aplicasse o golpe final. Não — iria pôr fim àquilo nos seus próprios termos.

A moto rugiu ao passar, acelerando rua fora. Helen Grace parecia bastante empenhada na sua tarefa, de olhos presos na estrada, alheada do que a rodeava; alheada do facto de se encontrar a poucos metros de quem assassinara Maxine.

O vulto parado na esquina da rua acompanhou o progresso da moto, observando com admiração enquanto Grace serpenteava pelo meio do trânsito, desaparecendo aos poucos de vista. Não havia dúvidas de que era uma figura impressionante — dinâmica, forte, determinada —, mas naquele dia tal admiração estava maculada por preocupação.

Estava, nitidamente, com pressa de chegar a algum lugar. Mas onde? E porquê?

Até ali, tudo decorrera como planeado. A morte de Pryce revelara-se extremamente satisfatória, e não mais difícil do que as outras. Na verdade, de certa forma, até fora mais fácil. Justin Lanning pelo menos tentara dar luta, enquanto Callum Harvey tivera a presença de espírito de implorar. Pryce não fizera nem uma coisa nem outra, com o pavor a desprovê-la da capacidade de falar, de agir. Simplesmente, submetera-se ao seu destino.

A descoberta do corpo por parte da jornalista não fora planeada, mas isso não interessava. Mais cedo ou mais tarde, alguém iria dar pelo corpo, estranhando o facto de o carro estar sempre ali. Depois disso, os acontecimentos respeitaram um padrão habitual, com Grace e o circo de inspetores a chegar ao local, numa busca desesperada por pistas, por testemunhas, algo que lhes fornecesse qualquer migalha sobre o autor do crime. Era divertido observá-los por ali a correr às voltas, tão determinados, mas tão cegos, sem

saberem minimamente como pôr um travão àquilo.

Nos dois primeiros homicídios, Grace passara um tempo considerável no local, ávida por encontrar alguma pista, algum rumo, por mínimo que fosse. Mas daquela vez não. Daquela vez chegara e passara a pasta à sua colega, para a seguir partir. Praticamente fora a correr para a sua moto, saltando para cima da mesma e arrancando apressadamente, contornando o bloqueio de estrada da polícia antes de acelerar diante da multidão de transeuntes e mirones. Muitos de entre eles rodaram a cabeça para a ver partir, mas, por comparação, a curiosidade deles foi mínima e insignificante. Para eles, não passara de uma pequena diversão, mais do que uma questão de vida ou de morte.

Onde iria Grace? Porquê tanta urgência? Não abandonaria o local do crime de livre vontade a não ser que se tratasse de algo de grande importância. Mas o quê? O fim encontrava-se tão próximo... Seria possível que Grace ainda conseguisse pôr-lhe um travão? Pareceu-lhe impossível, mas a dúvida persistiu, gerando desconfiança e até medo. Grace já capturara assassinos perigosos, sozinha, em algumas ocasiões, e sempre parecera uma oponente perigosa. Até ali, fora mantida ao largo, mas, com a curiosidade espicaçada e uma preocupação crescente, surgia uma possibilidade terrível. Seria possível que ela travasse a matança? Que Maxine Pryce fosse a última a morrer?

Não pareceu credível, não pareceu correto. Mas onde antes havia apenas certezas, agora restavam apenas dúvidas.

— Como é que aconteceu?

O agente diante dela remexeu-se desconfortavelmente, evitando o seu olhar.

— Para ser sincero, não sei. Até agora, só tenho os elementos mais básicos. A inspetora Brooks vai entrar em contacto em breve, será capaz de lhe dizer...

— Ela foi assassinada?

Fran não se importou de soar rude. Queria apenas conhecer os factos. Enfiada naquela casa sufocante e deprimente, começara aos poucos a enlouquecer, antes sequer de o embaraçado agente ter entrado para lhe comunicar a triste novidade.

— Tal como eu disse...

— Foi assassinada?

O tom dela era áspero, e, ao falar, Fran avançou um passo na direção do agente. Se fosse preciso, arrancar-lhe-ia a informação à força.

— Sim, foi.

— Estrangulada?

O agente não respondeu, obviamente dividido. Era obrigado a cumprir ordens, mas não deixava de ser humano e compreendia a necessidade de Fran saber a verdade. Lentamente, ergueu o olhar e assentiu ao de leve.

Fran sentiu-se a ficar sem ar, deixando escapar um gemido pelos lábios. Aflita, deixou-se cair na cama, tapando o rosto com as mãos. Passaram-lhe pela mente imagens horríveis — Maxine a ser estrangulada, lenta e penosamente —, e o mundo começou a andar para trás. Sentiu-se cercada pelas trevas, pelo sofrimento, pela morte.

Já lá iam anos desde que experienciara algo semelhante, mas sentia-se de regresso a isso, presa naquela quinta horrível, com King a impor-se diante dela. Visualizava na perfeição o rosto dele, via o prazer com que os informava de que iam morrer.

— Tal como expliquei, a inspetora Brooks liga-lhe daqui a nada.

Fran assustou-se com as palavras. Perdera-se de tal forma nos seus pensamentos que se esquecera da presença do agente.

— Não se incomode, não quero falar com ninguém.

Sentiu-se tomada por náuseas e pelo medo. Só queria enterrar a cara na almofada e fingir que nada daquilo estava a acontecer.

— Penso que devia conversar com a inspetora. Por certo terá algumas informações...

— Nada de chamadas.

O tom dela era de desafio, determinado.

— Então, está bem. Talvez pela manhã. Entretanto, estou lá fora com o meu colega na porta de entrada, por isso está bem segura.

Se dissera aquilo para a descansar, não fora bem-sucedido. Como é que dois agentes poderiam esperar resistir à força implacável de Daniel King, um homem determinado a destruir aqueles que lhe haviam escapado das garras?

O agente estava a recuar, em silêncio. Mas, ao chegar à porta, deteve-se, com o soalho a ranger ruidosamente quando se voltou para trás, para ela.

— Mais uma vez, lamento imenso a sua perda.

Fran até poderia ter rido, de tal modo fracassou a tentativa de a consolar. Não era dor o que ela sentia, nem sequer tristeza. Tudo em Maxine a repugnava — a sua insensibilidade, a duplicidade, o egoísmo horripilante — e tinha a certeza de que o mundo não sentiria a sua falta. Não havia compaixão por aquela vida perdida, nem sofrimento pela sua morte. Não, não era uma sensação de perda que se apoderava de Fran. Era de angústia. De terror.

Mas, acima de tudo, de culpa.

Excerto de Uma Noite Sombria, de Maxine Pryce

Acho que foi o Justin o primeiro a aperceber-se da nossa oportunidade. Tínhamos sido sujeitos a uma noite infernal de tortura e horror — os insultos, os espancamentos e depois a promessa de que todos íamos morrer na cave imunda do King. Eu estava convencida de que ia ser a primeira, com o King a exercer tanta força no arame que quase perdi os sentidos. Mas, então, de repente ele libertou-me, soltando o arame e retirando-o com um floreado. Ainda me lembro da expressão de entusiasmo dele ao absorver o meu terror.

O King estava a divertir-se; disso não havia dúvida. Nenhum de nós punha em causa que ele nos ia matar. Deu voltas e voltas olhando-nos a cada passagem, cingindo o arame nos seus punhos cerrados.

— Bemmmm — disse, com a fala arrastada. — Quem quer ir primeiro? — Estava demasiado traumatizada, demasiado dorida para falar, mesmo que quisesse. Os outros obviamente sentiam o mesmo, mantendo um silêncio desesperançado. — Ninguém se oferece? OK, então se calhar vou ter de ser eu a decidir.

Sentia-me prestes a vomitar. Seria o início do fim?

O King continuou a dar voltas em nosso redor. Murmurava para si mesmo, feliz e despreocupado, e de repente desatou a cantar, repetindo uma cantilena infantil com um efeito odioso.

— Um-dó-li-tá...

A cada palavra, a sua atenção saltava de uma potencial vítima para outra.

— Cara de amendoá...

Destroçados como estávamos, ficámos presos a cada palavra.

— Um segredo colorido...

Era tentador avançar mentalmente e perceber quem seria o

contemplado, mas eu não aguentaria, caso terminasse em mim. Fechando os olhos, preparei-me para a última frase da rima, mas, para meu espanto, o King subitamente parou.

Abri os olhos. Estava parado a meio da cave, com o corpo rígido de tensão. Escutava atentamente, e percebi porquê. Ouviam-se ruídos no andar de cima.

De início, não percebi do que se tratava, mas de súbito compreendi. Eram os cães. Os *Dobermanns* do King estavam frenéticos por causa de um intruso, talvez um carro, o que significava que aparecera de surpresa. Alguém que talvez andasse à nossa procura.

Preocupado, ele subiu as escadas, batendo a porta ao sair. Ouvimos a chave a rodar na fechadura e a seguir passos apressados a afastarem-se. Não fui suficientemente rápida e alerta para alcançar o significado daquilo, mas o Justin foi. Anteriormente, ao abandonar a divisão, o King trancara a porta antes de correr dois ferrolhos para segurança extra. Desta vez, com a pressa, esquecera-se de o fazer. Ou seja, entre nós e a liberdade havia apenas uma fechadura enferrujada.

— Vamos lá, pessoal. É agora...

O que aconteceu a seguir foi extraordinário. Depois de termos estado tão em baixo, tão derrotados, de repente todos ganhámos vida, incentivados pelo Justin. Estávamos amarrados a canos de água, mas os nós do Callum encontravam-se apoiados num suporte metálico, que mantinha os canos no lugar. Ele estivera discretamente a esfregar lá as cordas, mas redobrou o esforço.

— Por favor — implorou a Rachel. — Por favor, despacha-te...

O Callum fez ainda mais força. Cada segundo pareceu uma hora. Os cães ainda ladravam, mas contávamos que o King regressasse a qualquer momento.

— Vamos...

Era a Fran quem incentivava, dirigindo-se a todos nós. Agora que tínhamos uma réstia de esperança, uma leve oportunidade de fuga, tínhamos de a aproveitar. De repente, inesperadamente, a corda do Callum cedeu. Ele estava já de pé, avançando rapidamente para a Rachel. Libertou-a. Não parecia possível, mas era verdade. Pouco depois, estávamos todos de pé, a olhar uns para os outros.

A energia pulsou pelos nossos corpos. Era tentador galgar aqueles degraus, mas o Justin aconselhou cautela. Guiou-nos lenta e cuidadosamente, receando alertar o King para a nossa tentativa de fuga. Cada passo era um sofrimento, com as tábuas do soalho a ranger horrivelmente. Eu estava mesmo a contar que a porta se escancarasse e o King surgisse diante de nós de caçadeira em punho, mas chegámos ao cimo sem ser detetados. O Justin tinha apanhado um cinzel enferrujado caído no chão e enfiara-o na abertura entre o caixilho da porta e a fechadura. Com firmeza, aumentou a pressão. Foi terrível de presenciar — porque é que demorava tanto?; porque é que não cedia? —, mas, então, a fechadura saltou, abrindo a porta.

Tomado pelo instinto, o Callum correu e lançou-se para a porta, mas o Justin deteve-o, puxando-o para trás. De início, ficámos chocados, mas depois percebemos porquê — o King estava lá à frente, a gritar com os cães. Se seguíssemos nessa direção, daríamos de caras com ele. Assim, optámos antes por percorrer o corredor escuro até às traseiras, e lá — para nosso espanto e prazer — demos com outra porta. Erguendo o ferrolho, deitei a mão à maçaneta e puxei. Sentimos o ar noturno húmido a entrar, fresco e retemperador, mas não nos demorámos, transpondo a porta e saindo.

O pátio das traseiras estava pejado de tralha, e o caminho em frente era arriscado. O nevoeiro apresentava-se ainda mais cerrado; mal víamos dois palmos à frente do nariz. De repente, todo o esforço pareceu em vão. Como é que havíamos de saber que caminho seguir? Que direção tomar?

— Vamos seguir em linha reta — sussurrou a Rachel, ansiosa. — Há de ir dar a alguma estrada ou assim...

— Mas como é que sabemos se seguimos em linha reta? — ripostou a Fran. — Podemos andar por aí aos círculos.

— Não temos escolha. Vamos ter de ir avaliando o melhor que pudermos.

A voz do King, penetrante e cruel, pôs fim à nossa conversa. Os cães sossegaram e ele repreendia-os por ladrarem às sombras. Tornou-se então evidente que não havia qualquer grupo de resgate, pelo que não ficámos ali à espera e mergulhámos no nevoeiro denso.

Desde o início, a caminhada revelou-se complicada. Conseguimos

abandonar a quinta, mas deparámos logo a seguir com problemas. O terreno era pouco firme, pantanoso e desnivelado. O Callum enfiou o pé numa toca de coelho, afundando no solo, e atrás dele a Rachel já começava a sentir dificuldades, com o tornozelo inchado a atrasá-la. Apoiámo-la, ajudando-a a atravessar o solo mais mole, incentivando-a a prosseguir a marcha.

— Vamos lá, Rach. Sei que dói, mas temos de continuar...

Enquanto a encorajávamos, lançávamos olhares inquietos por cima dos ombros. Contudo, ainda não havia sinal do King, nenhum indício de que tivesse dado pela nossa fuga, mas sabíamos que não demoraria muito, pelo que lá seguimos, cambaleantes, a praguejar, a chorar, enquanto nos afundávamos até aos tornozelos no solo aquoso. Passáramos por tanto, aguentáramos tantas indignidades — e agora, ali, tentando correr pelo nevoeiro que tinha tanto de impenetrável como de infinito, sentíamo-nos a atravessar um pesadelo. Eu era atormentada por uma sensação doentia de que a qualquer instante estaríamos de regresso à quinta, mas guardei isso só para mim, ajudando a Rachel e a Fran a avançarem, com ambas já em grandes dificuldades.

Nem se punha a hipótese de pararmos, de desistirmos, mas ainda assim paralisámos quando o ouvimos. O King gritava pelos nossos nomes, amaldiçoando-nos com grande agressividade, os cães juntando-se a ele, ladrando selvaticamente. Estacámos, ouvindo atentamente. Estaria o som a soar mais débil, afastando-se de nós? Ou mais alto?

Não saímos dali, envolvidos pela bruma, esforçando-nos por ouvir. A voz do King soava mais alto. Seria possível que os cães farejassem o nosso odor? Ou estaria o King a agir por instinto, traçando uma rota aleatória? De um modo ou de outro, tínhamos de fugir.

Redobrámos o esforço, avançando com ímpeto. Todos nós, até os rapazes, íamos já a choramingar, determinados a seguir em frente, apesar de perdidos de medo. Todos nós estávamos em boa forma física, mas o sofrimento que nos fora infligido furtara-nos o ânimo, a energia, pelo que avançámos atabalhoadamente. O King praguejava cada vez mais alto. Perceberia que estávamos perto? Conseguiria ver-nos?

Um ligeiro grito fez-me virar para trás. Para meu horror, vi a Rachel no chão, aparentemente incapaz de se mover. Os rapazes pararam, enquanto eu e a Fran corremos para junto dela.

— Rachel, não podes parar agora...

— Não aguento...

— Tens de te levantar, temos de seguir.

— Não consigo dar nem mais um passo. — Escorriam-lhe lágrimas pelo rosto. Agachei-me ao seu lado para lhe observar o tornozelo, terrivelmente inchado. A Rachel deverá ter-se apercebido da minha reação, porque entretanto exclamou: — Avancem!

— Não — dissemos nós, ajudando-a a pôr-se de pé. — Isto ainda não acabou.

Dominando a dor, a Rachel reuniu o que lhe restava de coragem e avançámos todos. Sentimo-nos aliviados, mas não surpreendidos, pois ela sempre revelara o seu melhor na adversidade. Estávamos a apoiá-la, suportando algum do seu peso, impulsionando-a para a frente. Felizmente, daí a nada já seguíamos de novo a um bom ritmo, e ela não tardou a seguir ao seu próprio ritmo, meio a coxear, meio a correr para nos acompanhar. Penso que nessa altura sentimos uma injeção de energia, de otimismo, achando que talvez tudo fosse correr bem.

Tentei pensar apenas em coisas felizes. Pensei nos meus pais, no meu gato, no meu quarto acolhedor. E pensei nos meus amigos, nos tempos mais felizes que se avizinhavam para o Callum, o Justin, a Fran, a Rachel e para mim. Deus bem sabia o quanto o merecíamos.

— Onde está ela?

Foi a Fran quem lançou a pergunta. Regressando a custo ao presente, virei-me para trás e senti de imediato o coração a cair-me aos pés. A Rachel desaparecera de vista.

— Ela estava mesmo atrás de nós — suspirei. — Juro que estava mesmo atrás de nós. — Dei um passo em frente. — Rachel? — O meu grito vagueou pela névoa, mas sem gerar resposta. — Rachel? — Desta vez gritei mais alto, e então ouvi algo. Um ténue grito de resposta. — Temos de voltar para trás. — Disse-o à Fran, enquanto me virava para os rapazes. Porém, eles tinham desaparecido. Senti-me tomada pelo medo, mas, entretanto, dei a mão à Fran. — Vamos.

— A Fran pareceu relutante; contudo, apesar do pavor, apesar da proximidade do King e dos seus cães, avançámos aos tropeções pelo nevoeiro, de volta ao local onde pensávamos ter visto a Rachel pela última vez. Mas não a encontrámos. — Rachel, por favor — gemi. — Onde é que estás?

Porém, a única resposta que recebemos foi o ladrar dos cães do King. Andávamos às apalpadelas, agarradas uma à outra, numa busca desesperada pela nossa amiga. Não podíamos perdê-la, a corajosa e irreprimível Rachel, agora que tínhamos escapado. Iríamos encontrá-la, *tínhamos* de a encontrar. Ia ficar tudo bem...

Foi então que ouvimos — um grito estridente e doentio, a voz angustiada da Rachel a soar, antes de subitamente se apagar.

Ela sentou-se à secretária, embrenhada nos seus pensamentos.

Ao chegar à redação, Emilia merecera o interesse e a preocupação de todos. Nem queria acreditar quando colegas que nunca tinham demonstrado o mínimo interesse nela a inundaram de perguntas.

— Estás bem?

— Precisas de ir ao hospital?

— O que é que aconteceu à Maxine?

— Porque é que não vais para casa descansar?

— Afinal, o que é que viste?

— Foi o King?

Emilia suportou aquilo uns 20 minutos, mas depois esclareceu que estava chocada, sim, mas que estava bem, e que tinha trabalho para fazer. Apressando-se para a sua secretária, ligara o computador e preparara-se para escrever a manchete daquela tarde, mas por uma vez falharam-lhe as palavras. «Maxine Pryce encontrada morta.» «Maxine Pryce assassinada.» Nada parecia encaixar, nada captava todo o horror do que acabara de viver.

Não sentia nada por Pryce, não parecia ser melhor nem pior do que qualquer outra pessoa. Emilia admirara o seu espírito, a sua independência, a sua determinação, ainda que maculados por inveja e uma certa hostilidade territorial. Emilia já escrevera dois livros sobre a sua própria vida, sobre os seus próprios sofrimentos, mas nunca recebera tanta atenção e cobertura mediática quanto Pryce; não continuaria a trabalhar para um jornal local se assim tivesse sido. Encontrara-se uma vez com Pryce, tinham falado ao telefone algumas vezes, e, até àquela última presença na Waterstones, a ambiciosa jovem parecera em controlo do seu próprio destino.

Mas, olhando em retrospectiva, era evidente que Pryce pressentira o perigo. O seu comportamento errático e receoso na livraria assim o confirmava. Estaria à procura de King? A contar que ele reaparecesse diante de toda aquela gente? Se assim foi, falhou por completo, com King pacientemente à espera até ela se encontrar sozinha para a apanhar.

Emilia já estivera perto de cadáveres, mas ver Maxine jazendo na mala do seu próprio carro afetara-a imenso. Em parte, devido ao contraste entre o seu habitual dinamismo e o seu corpo sem vida, mas também devido aos ferimentos — aquelas contusões roxas hediondas e o horrível traço carmesim, onde o arame se enterrara na carne. Poderia haver forma mais horrível de morrer do que aquela em que a vida era literalmente espremida de nós?

Emilia arrepiou-se e reparou que as mãos lhe tremiam. Era difícil passar para palavras a experiência daquela manhã, porque ainda se encontrava em choque, porque a recordação era demasiado horrível, porque o que estava a acontecer era demasiado inacreditável. Era possível expor os factos básicos numa manchete — Maxine Pryce, a sobrevivente profissional, fora assassinada —, mas isso nem de perto nem de longe resumia todo o horror, todo o significado da sua morte. Pois não fora apenas outra jovem a morrer, nem um assassino retorcido que atacara de novo. Tratava-se de algo mais terrível e espetacular. O que verdadeiramente significava era que os acontecimentos estavam a chegar à sua maldita conclusão, que aquele fantasma estava perto de saciar a sua sede de vingança.

Daniel King estava perto de concluir o trabalho.

Fora ali que o tinham visto pela última vez com vida.

Helen levara menos de uma hora a lá chegar, atravessando as fronteiras do condado enquanto acelerava rumo à pequena povoação de West Ashling. Estava nos limites das South Downs, um território desconhecido, e por norma teria ligado ao seu homólogo da Equipa de Incidentes Graves de West Sussex para o alertar da sua presença, mas não havia tempo para isso. Teria de ser rápida se queria evitar mais uma matança.

A aldeia era o epítome da pacata vida rural inglesa. Helen estacionou à porta de uma bela loja. Com as suas caixas recheadas de frutas e legumes, parecia ser um cenário improvável para uma cena dramática, mas há oito anos fora o epicentro da caça da polícia local a Daniel King.

Seguindo os estudantes em fuga, King deitara a mão a Rachel Wood, arrastando-a de volta para a quinta, exercendo uma terrível vingança sobre a rapariga ferida, sabendo que daí a nada o jogo chegaria ao fim. Incendiando a casa, fugira depois, pelas Downs, optando pelos cursos enlameados e, cedo, regressara à civilização. Saíra dos territórios selvagens em West Ashling, tendo sido captado por uma câmara de videovigilância a escapar de uma estação de serviço nos limites da povoação. Mas não era esse avistamento que interessava a Helen — ela já vira as gravações e sabia que eram granuladas e breves —, era a testemunha que vira King na aldeia que a intrigava.

Ligara antes, desejando confirmar se a mulher das verduras ainda mantinha o negócio, por isso não se surpreendeu por ver Peggy Turner parada à porta da loja, a observá-la.

— Não pode estacionar aí, querida. Vai apanhar uma multa — avisou a lojista idosa, com um sorriso.

— Eles que tentem — retorquiu Helen calorosamente, mostrando o seu crachá de identificação. — Inspetora-chefe Grace. Falámos ao telefone?

— Sim, é verdade. Entre.

Afastou-se para o lado, abrindo a passagem para que Helen entrasse. Cinco minutos depois, estavam na sala das traseiras, instaladas em poltronas e com chávenas de chá fumegantes nas mãos. Helen não dispunha de grande tempo para amabilidades, e a sua anfitriã pareceu perceber a sua urgência, indo direto ao assunto.

— O Danny vinha aqui muito regularmente — informou, recordando. Soou estranho a Helen ouvir o nome dele proferido daquela maneira. Sempre fora «Daniel King, o assassino»; o recurso à abreviatura do primeiro nome fez com que ele parecesse vulgar, banal até. — A mãe dele não tinha muita mobilidade, por isso era ele que fazia a maior parte das compras de mercearia. Acho que preferia a Sainsbury's junto a Chichester, mas não era muito organizado. Esquecia-se constantemente de coisas e ligava com frequência para aqui a pedir mantimentos de emergência. — Sorriu com a memória, mas o sorriso depressa desapareceu com a intrusão de pensamentos mais sombrios. — Sempre o achei estranho, mas era leal e atencioso com a mãe. Nunca pensei que acabasse... a fazer o que fez.

— O que é que comprava?

— O habitual. Ovos, pão, leite, cigarros e bebidas alcoólicas, claro. Para o final, era sobretudo isso. Provavelmente, não lhe devia vender álcool, mas ele não tinha muito na vida depois de a mãe morrer, e eu não tinha grandes argumentos para lho recusar.

O arrependimento estava bem estampado no rosto da mulher, apesar das suas justificações. Era como se a lojista idosa temesse que as cervejas e outras bebidas alcoólicas que vendera a King de alguma forma tivessem contribuído para o sofrimento dos estudantes.

— Então, ele era presença habitual na aldeia?

— Não era habitual, mas víamo-lo por aí. Ele era... — hesitou, como se temesse soar ridícula — ... uma espécie de bobo da aldeia, para ser sincera. Víamo-lo a passar todo pomposo com o seu casaco

encerado e o seu chapéu, com os *Dobermanns* atrás, como se fosse o senhor de uma mansão e não o dono de uma quinta decrépita. Eu ficava sempre com a ideia de que procurava algo... estatuto, respeito, não sei bem o quê...

— Percebo — reagiu Helen, já intrigada. — E nessa manhã, na manhã em que os miúdos fugiram, na manhã do incêndio na quinta, tinha a mercearia aberta como era habitual?

— Sim, tal como contei ao Bob Stevenson. Levantei-me pouco antes das 6 da manhã. Vim cá abaixo como era normal, e estava lá fora, a expor as frutas e os legumes.

— E foi então que o viu?

— Sim. Reparei logo nele porque não andava mais ninguém na rua... e por ser estranho vê-lo tão cedo na aldeia.

— Conte-me exatamente o que aconteceu.

A idosa fez uma pausa, observando Helen com atenção, como se a pergunta pudesse ter alguma rasteira. Mas a expressão de Helen incentivou-a a prosseguir.

— Estava a pôr lá fora as caixas e olhei para cima. E ali estava ele do outro lado da rua, a andar apressadamente. Só mais tarde é que fiquei a saber o que tinha acontecido, que ia a fugir...

— Lembra-se do que ele vestia? — interrompeu Helen, desejosa de manter a conversa bem encarrilada.

— Já contei tudo isto antes, deve estar nos arquivos...

— Por favor, faça-me o gosto.

— Bem, como disse na altura, ele vestia roupa normal de sair à rua. Um casaco encerado comprido, botas, o chapéu dele...

— Em que posição estava ele em relação a si? De frente ou...?

— Seguia um pouco mais ao fundo da rua, com pressa.

— Então, não lhe viu a cara?

Turner fez uma pausa, para tentar recordar.

— Não, mas não tenho dúvidas de que era ele. Quanto mais não fosse, dava para perceber pelo tamanho. Era alto...

— Viu alguma parte do corpo dele? Mãos? Pernas? A nuca?

— Bem... não, penso que não conseguiria...

— Falou com ele? Tentou conversar?

— Sim, sim, acho que sim — confirmou a lojista, recuando até àquele dia. — Chamei por ele; fazia isso com frequência quando o via por aí.

— E ele reagiu?

— Não. Ia apressado...

— Virou-se sequer para trás, quando o chamou?

— Não.

— Isso era comum? Costumava ignorá-la?

— Não, acho que não. Ele não tinha muitos amigos; as pessoas ficavam um pouco de pé atrás com ele, por isso eu dizia-lhe sempre olá.

— Então, ele comportou-se de forma diferente do habitual.

— Bem, sim, mas estava em fuga, não era? Ia a correr pela vida dele...

O tom era de desafio; o seu testemunho, definitivo, mas a tensão na sua voz traía-a. Peggy Turner fora uma testemunha essencial na investigação original e gozara de uma certa fama por ter visto um assassino. Mas, para Helen, era evidente que naquele momento a lojista idosa já não se sentia bem segura do que dizia, temendo ter cometido um erro terrível.

O inspetor Osbourne percorreu o corredor em passo de corrida, com o precioso embrulho debaixo do braço. Estava acostumado a que a inspetora-chefe Grace o incumbisse de tarefas urgentes, mas aquela parecia ser ainda mais importante do que o habitual. Não conseguira perceber tudo o que ela dissera — ela estava em West Ashling e a rede era muito fraca —, mas compreendera o essencial das instruções, correndo então para o laboratório forense em Woolston.

Chegava agora ao fundo do corredor imaculado, deslizando ao travar junto às portas do laboratório. Bateu e espreitou pelo vidro, mostrando o crachá de identificação à assistente de laboratório que se aproximou. Premindo o botão de abertura da porta, ela fez-lhe sinal para que entrasse.

— Procuo a Emma Barton.

Foi-lhe dito que Meredith Walker, a chefe do laboratório, ainda se encontrava no parque de estacionamento de volta do carro de Pryce, pelo que Osbourne recebera indicações para procurar a sua representante.

— Está ali — respondeu a assistente, apontando para um vulto alto e magro nas entranhas do laboratório.

Agradecendo-lhe, Osbourne dirigiu-se rapidamente a ela, com a técnica de laboratório a virar-se para o cumprimentar.

— Deve ser o inspetor Osbourne.

— Prazer em conhecê-la — replicou Osbourne, apertando a mão estendida dela.

— Disse que tinha algo importante para me entregar?

— Pedido urgente da inspetora-chefe Grace — disse, entregando-lhe o embrulho volumoso. — É da investigação do caso King.

Barton anuiu com sobriedade, o seu sorriso desvanecendo ao de leve.

— Estou a ver.

— São da investigação original. A inspetora-chefe Grace liga-lhe daqui a pouco para confirmar as instruções, mas basicamente queremos um exame forense exaustivo.

Barton observava já com atenção o embrulho, verificando o selo, atentando à etiqueta, que lhe confirmou que os artigos no interior já não eram tocados há oito anos, tendo sido guardados num armazém da polícia em função da conclusão satisfatória do caso.

— Quaisquer células de pele, pelos, muco, toda e qualquer fonte de ADN deve ser examinada e anotada.

— Até quando?

— Até uma hora atrás. Foram essas as palavras exatas.

— Bem, vou dar o meu melhor, mas se ela o quer feito como deve ser...

Já lhe virara costas, calçando luvas e transportando o embrulho para uma área de exame esterilizada. Ali, quebrou cuidadosamente o selo, retirando os artigos do interior, antes de os dispor na mesa.

Osbourne observou-a, fascinado não só com a abordagem gentil e metódica dela, mas também com os próprios artigos; artigos que pareciam fazer despertar de novo para a vida um fantasma desaparecido. Diante de Barton encontravam-se dispostos o chapéu, as botas e o casaco encerado salpicado de lama de Daniel King.

Ela espalhou as folhas pela secretária, analisando as intermináveis filas de números. Tal como prometido, Charlie isolara o local do crime, esperando pacientemente por Meredith Walker, mas aproveitara bem o seu tempo, encarregando um dos analistas de dados de obter o histórico de chamadas completo de Maxine Pryce e Fran Ward.

Assim que Meredith chegara, Charlie partira, correndo de volta para a base e para o sétimo andar. Ficara contente por ver que tinham feito tudo diligentemente, e um pouco mais tarde tinha os dados espalhados diante dos seus olhos. Baixando-se, passou o dedo pelas filas, observando datas, números de telefone, duração de chamadas, etc. Em casos complexos como aquele, o diabo por norma escondia-se nos detalhes.

De imediato, deparou-se com um obstáculo. Maxine Pryce fora assassinada exatamente como Justin Lanning e Callum Harvey, mas com uma diferença essencial. As duas primeiras vítimas tinham recebido uma chamada, a avisar que lhes restava uma hora de vida. Mas Pryce não. Era complicado determinar a hora precisa da morte dela, mas provavelmente fora já depois de a noite cair, tendo em consideração a temperatura do corpo e o *rigor mortis*. Fora vista com vida às 21 horas, escapando do seu apartamento pouco depois, talvez. Charlie assumira que ela recebera um telefonema ameaçador e decidira fugir, querendo ir a casa buscar o carro, dinheiro, etc., mas o histórico do seu telefone revelava que ela não recebera qualquer chamada na altura.

Antes disso, o seu telefone estivera bastante ocupado, com os preparativos para a publicação do livro e o rescaldo da morte de

Lanning. Mas depois das 16 horas da véspera ela não recebera quaisquer chamadas. Talvez a agente dela tenha avisado as pessoas para não lhe ligarem; talvez Maxine tenha seguido o conselho da polícia e desligado o telemóvel. De uma maneira ou de outra, não houve telefonemas com ameaças, nenhum aviso prévio do que estaria para lhe acontecer.

Porquê? O autor dos horríveis crimes fora tão clínico, tão preciso, tão sádico ao desfrutar do terror das vítimas, deleitando-se com o facto de elas saberem que a sua morte estava iminente... Por isso, porquê a diferença no caso de Pryce? Porque é que ela fora poupada a esse tormento psicológico?

Convencida de que algo lhe estava a passar ao lado, Charlie observou com atenção as fileiras de números. Seria possível que o assassino tivesse deliberadamente optado por se manter discreto, tendo em conta que escapara por pouco da propriedade industrial em Northam? Mas onde é que isso encaixava com a autoconfiança serena até então demonstrada? Convicta de que ele teria tentado contactar Pryce de algum modo — afinal de contas, ela era a mais proeminente e conhecida dos sobreviventes —, Charlie decidiu recuar ainda mais no tempo, verificando os dias prévios, até semanas, para perceber se ela fora perseguida.

Ignorando números conhecidos, procurou chamadas de um número bloqueado ou retido. Os telefonemas ameaçadores a Lanning e Harvey tinham sido precisos, durando cada um deles aproximadamente um minuto, pelo que Charlie cruzou a duração da chamada com a origem da mesma, numa busca desesperada por algo que explicasse a estranha anomalia. Mas não havia nada; ela não recebera chamadas nem pelo telefone fixo nem pelo telemóvel.

Perplexa, Charlie preparava-se para ligar a Helen quando algo lhe ocorreu. O inspetor Reid referira que Maxine andava a passar algum tempo num apartamento no centro da cidade, que pertencia a uma amiga da agente. Era um lugar onde podia estar sem que a incomodassem, onde ficava *sozinha*. Pressentindo que poderia existir ali uma revelação, Charlie procurou o endereço, para então verificar se havia telefone ou outros serviços. Uns momentos mais tarde,

estava ao telefone com a British Telecom, fazendo-lhes perceber a urgência da sua investigação.

Até que encontrou o que procurava. Há semanas que não ocorriam chamadas para o telefone fixo do apartamento, recebidas ou efetuadas, já que a proprietária estava nos Estados Unidos. Contudo, na última sexta-feira houvera uma chamada. Fora recebida às 18 horas de um número sem registo, e durara exatamente um minuto.

Charlie expirou pesadamente, satisfeita por ter dado com a chamada, mas baralhada com a altura em que fora feita. Maxine Pryce fora assassinada já noite dentro no domingo, mas recebera um telefonema 48 horas antes. Consultando a cronologia no quadro de homicídios, Charlie percebeu, com surpresa, que na verdade o telefonema acontecera antes de Harvey ter sido marcado e assassinado. Porque é que o assassino não atacara? Não teria sido complicado apanhar Maxine, fosse no apartamento ou quando seguia a pé sozinha para a Waterstones. Porquê esperar dois dias até concretizar a ameaça? E porquê fazer antes de Callum Harvey um alvo, na manhã da primeira chamada para Pryce?

Era possível que tivesse ocorrido algo que tornasse Harvey um alvo fácil, mas aquele assassino era engenhoso, arrojado, determinado; não parecia ser do tipo de se acanhar diante de um desafio. O que levou Charlie a pensar... seria possível que Pryce de alguma forma tivesse adiado o seu destino, levando a atenção do assassino a incidir em Harvey? Pareceu-lhe improvável, mas não pôs completamente de parte que ela o pudesse ter feito, se lhe tivesse sido dada a oportunidade.

Se lhe tivesse sido dada a oportunidade. Aquela ideia entranhou-se bem na mente de Charlie. De repente começou a vasculhar a papelada, em busca do histórico de chamadas de Fran Ward. Se Maxine de alguma maneira adiará o seu encontro com a morte, desviando as atenções para Harvey, seria possível que Fran Ward tivesse feito algo similar? Teria sido essa a razão para Pryce não ter sido contactada nas horas que antecederam a sua morte?

O seu dedo percorreu rapidamente a lista de chamadas, recuando a partir daquele dia. Ignorou o telefone fixo — Fran estava a viver em

casa dos pais —, focando-se antes no telemóvel. E em menos de um minuto chegou lá. Fran recebera uma chamada na noite de sábado de um número sem registo, por volta das 21h30. E, tal como nos outros casos, o telefonema prolongara-se exatamente por um minuto. Em 24 horas, Pryce morrerá, enquanto Fran aparentemente enganara a morte.

E então, pela primeira vez ao longo daquele caso inquietante, Charlie sentiu as peças a começarem a encaixar. Não duvidou que Fran, deliberadamente, tivesse desviado dela para Pryce a atenção do assassino — não gostava por aí além da sua antiga colega de escola; aliás, parecia até desprezá-la. De repente, surgiu-lhe uma imagem terrível, com a sua mente a recuar até à festa de Jessica. De súbito, tornou-se claro para ela que Fran, Pryce e os outros se haviam envolvido numa espécie de jogo, uma versão cruel do Passa o Embrulho, que desafiava amizades, tentando os participantes com a oportunidade de evitarem o seu destino.

Instintivamente, pressentiu que Pryce aproveitara a sua oportunidade, condenando Callum Harvey à morte. Fran Ward presumivelmente teria feito o mesmo, daí Pryce se encontrar já morta. Mas o que significava isso para Fran? Já não restava ao assassino ninguém a quem ligar, não sobrara ninguém a quem Fran pudesse passar a pasta. Isso significava que ela seria poupada? Ou que seria a última vítima daquele brutal assassino?

Assustada com tal pensamento, Charlie pegou no telefone, com a intenção de ligar a Helen. Mas, quando o ia a fazer, a própria irrompeu na sala de operações, avançando diretamente para ela.

— Não pode ser ela, pois não?

O inspetor Reid falou em nome de muitos dos colegas, cuja perplexidade era evidente. Encontravam-se na sala de reuniões, amontoados em redor de Helen. A superintendente Simmons juntara-se ao grupo, para dar encorajamento e apoio, mas até ela se esforçava por ocultar o seu espanto.

— Ela morreu no incêndio na quinta...

— Nós *achávamos* que a Rachel Wood tinha morrido no incêndio, mas nunca houve confirmação por via de ADN, já que o corpo foi completamente consumido pelas chamas... ossos, dentes, tudo — corrigiu-o Helen. — O que se encontrou de facto foi uma grande concentração de cinzas humanas na cave, tal como os brincos e o colar da Rachel, assim como vestígios dos seus sapatos. Por isso, é fácil compreender o erro. Os outros miúdos foram lá torturados, e o King era maior e mais forte do que a Rachel, que até já estava magoada.

— Mas o King foi visto umas horas depois do incêndio a atravessar apressadamente West Ashling.

— Uma testemunha pensou ter visto o King, mas agora já se confirmou que ela nunca lhe viu a cara.

A equipa digeriu a informação bombástica, com um ar empalidecido de incredulidade. O fantasma de que andavam à procura era efetivamente apenas um fantasma?

— A equipa de investigação seguiu a narrativa óbvia: o King captura a Wood, mata-a, incendeia a casa e foge, mas sabemos agora que esse cenário levanta algumas questões. Primeiro, os cães. Eram tremendamente leais ao King, tal como ele aos animais. Então,

porque é que foram abandonados, deixados a morrer no fogo? O Bob Stevenson especulou que o King teria sacrificado os cães, pois eles iriam atrapalhar a sua fuga, mas não sei se isso faz sentido. Eram os únicos amigos do King, os únicos seres de que ele gostava. Mas, se fosse o corpo do King na cave, a presença dos restos mortais dos cães junto dele justificar-se-ia. Leais ao amo até ao fim... — Alguns elementos da equipa assentiram, com a versão dos acontecimentos de Helen a começar a fazer um sentido sombrio e lógico. — No entanto, mais importante é a prova que o inspetor Hudson recuperou no armazém — prosseguiu ela, apontando fugazmente na direção de Joseph, com este a baixar o olhar para evitar o dela. — Uma receita de *Riluzol* passada ao Daniel King. Foi isto que me levou a pensar que seguíamos o rumo errado. O *Riluzol* é receitado para esclerose lateral amiotrófica. Trata-se de uma doença incurável, uma doença degenerativa dos músculos que pode ser genética. A mãe dele morreu disso... E, afinal, parece que o King também sofria do mesmo.

— Porque é que não soubemos disto antes? — perguntou o inspetor Osbourne, sem disfarçar a sua irritação. — Porque é que a equipa do Bob Stevenson não descobriu isso?

— Terias de lhe perguntar — respondeu calmamente Helen. — Mas diria que eles não andavam à procura disso. No que lhes dizia respeito, perseguiram um fugitivo, que ou se matara ou escapara para o continente. O foco deles seria encontrá-lo... detetar o telefone dele, verificar a conta bancária, perseguir quaisquer amigos ou cúmplices, e não visitar o médico dele para uma conversa exploratória. Além do mais, o nosso «coleccionador» roubou esta receita da quinta destruída antes de a equipa de busca lá chegar, pelo que a equipa de investigação nunca deu com esta prova...

— Mas que significado tem isso? — inquiriu o inspetor Bentham, atrevendo-se a interromper. — A receita foi passada, o quê, há oito anos...?

— Tal como eu referi, a esclerose é uma doença degenerativa. Não há cura e a esperança de vida após o diagnóstico é curta: três, quatro anos, no máximo.

— Então, o mais provável era ele já estar morto por esta altura? —

reagiu Charlie.

— Sim. E, se não tivesse morrido, estaria gravemente incapacitado. Numa cadeira de rodas, no hospital. Tendo isto em conta, é inconcebível que tivesse levado a cabo os recentes ataques. Daí eu ter pedido à Meredith Walker para inspecionar de novo o casaco encerado, as botas e o chapéu do King. — A equipa ficou em silêncio, sopesando cada palavra. — Da primeira vez, não foram testados, pelo menos de um modo adequado, já que não passavam de peças de vestuário deixadas por um fugitivo... as chaves, a carteira, o telemóvel estavam nos bolsos, e isso bastou ao Stevenson. Mas a Meredith analisou hoje o casaco com mais atenção e descobriu um fio de cabelo preto, preso numa presilha na parte de dentro da gola. Como sabem, o King tinha cabelo claro, pelo que a Meredith recolheu de lá uma amostra de ADN e passou-a pelo sistema. Foi compatível com a Rachel Wood.

Nesse momento, o arquejo de espanto foi geral e audível, mas Helen prosseguiu:

— Não podemos ter a certeza quanto ao que aconteceu, mas calculo que a Rachel de alguma maneira subjugou o seu agressor naquela cave, incendiou a casa, acidental ou deliberadamente, e fugiu. Fragmentos da sua roupa, um fecho de uma tira de soutien, uma fivela de um cinto, foram encontrados no quarto das traseiras da cave, o que encaixaria com o facto de o King a ter despido antes de a atacar. Se ela tivesse fugido da casa em chamas para o nevoeiro, despida, fria e vulnerável, então seria perfeitamente possível, até provável, que agarrasse nas primeiras coisas que lhe aparecessem à mão, o casaco, as botas e o chapéu do King, e as vestisse. Acho que a razão pela qual o King não se virou para cumprimentar a Peggy Turner naquela manhã na aldeia não se deveu ao facto de ir em fuga, mas por, na verdade, se tratar da Rachel Wood.

— Mas e o avistamento na discoteca? Há duas noites? — Joseph levava o seu tempo a intervir, e escolhera a pergunta mais difícil e premente.

— Não faço ideia — respondeu Helen com sinceridade. — Mas temos de descobrir. Talvez a Tatiana se tenha enganado. Talvez ela estivesse deliberadamente a iludir-nos. Seja como for, precisamos de

ter gente lá imediatamente, para obter respostas. E, se ela de facto nos mentiu intencionalmente, então isso terá custado a vida à Maxine Pryce.

— E os telefonemas? Tanto o Lanning como o Harvey disseram ter sido contactados por um homem...

— Sem dúvida, mas as aplicações de distorção de voz hoje em dia são muito sofisticadas e comuns. Se a Rachel quisesse disfarçar a voz, não lhe seria difícil fazê-lo.

— Mesmo assim, se a Rachel escapou de facto da quinta — insistiu Joseph, provocando olhares curiosos entre os outros elementos da equipa —, porque é que não foi simplesmente à polícia para pôr um fim ao seu sofrimento? Porquê desaparecer? O que poderia ter ela a ganhar?

Helen não percebeu se Joseph atacava a sua versão dos acontecimentos para a pôr à prova ou para a deixar ficar mal. Fosse o que fosse, Charlie intrometeu-se antes de ela conseguir responder.

— Talvez tenha visto ali uma oportunidade — começou, ganhando a atenção de toda a equipa. — Nos últimos dias, tenho andado a estudar a vida da Rachel, e a leitura não é propriamente agradável. Estava há pouco tempo na St Mary; foi para lá transferida alguns meses antes do caso no seguimento de uma Ordem de Proteção de Emergência. Ela e a mãe, Vanessa, tinham sido vítimas de violência doméstica ao longo de anos, às mãos de um companheiro dominador e violento. As coisas por cá correram-lhes melhor, mas o dinheiro era escasso, a Vanessa era alcoólica e a Rachel era alvo de graçolas na escola, por causa do modo como se vestia, como falava, da sua falta de dinheiro...

— E então? Achas que ela aproveitou deliberadamente a oportunidade para desaparecer, para se reinventar? — Joseph insistiu naquela questão, mas já soou menos provocador.

— Ora pensa lá bem — respondeu Charlie. — Mata um homem, sai a custo da quinta, passa uma longa noite a vaguear pelas Downs. Poderia ter ido à polícia, *deveria* ter ido à polícia, mas porventura achou que os outros miúdos já tinham chegado a casa e alertado as autoridades. E o que resultaria daí? Uma grande investigação policial ao King, a *ela*, e um enorme interesse da imprensa nos jovens. O

nome dela inevitavelmente iria aparecer nos jornais, na TV...

— Alertando o pai dela para o seu paradeiro — acrescentou o inspetor Reid.

— Exatamente. Bem, ela poderia ser colocada numa nova casa, receber até uma nova identidade, mas ainda assim seria deixada à mercê de um relacionamento complicado com uma mãe negligente e alcoólica, sem dinheiro, nem perspectivas... Ao passo que, aproveitando a oportunidade para desaparecer, para começar de novo quando o mundo a dava como morta, nunca seria encontrada pelo pai, pela mãe, por *ninguém*. E nem sequer teria de responder pelos seus atos na quinta, por matar o King...

Era uma história sedutora, uma história que, vendo bem, fazia todo o sentido. Mas a equipa continuava a ter dúvidas, cabendo então ao inspetor Osbourne intervir.

— Mesmo sendo tudo isso verdade, porquê agora? Porque é que a Rachel Wood atacaria os colegas ao fim de tantos anos? Qual seria o seu propósito?

Uma vez mais, todos os olhares incidiram em Helen.

— É uma boa pergunta, inspetor Osbourne — já contava com esta questão e estava preparada —, mas não sou a pessoa indicada para responder.

Fran Ward andava de um lado para o outro, com o olhar preso no chão. Helen observou-a com atenção, olhando de relance para Charlie, antes de insistir no pedido.

— Se houver algo que nos possa dizer, algo que possa explicar porque é que a Rachel faria de si, e dos seus amigos, um alvo, chegou a altura de o partilhar.

Ward não ergueu o olhar. Ainda digerira a revelação de que King poderia não ser o responsável pelos horríveis homicídios. Que, na verdade, poderia ser a sua velha amiga, a rapariga por quem fizera o luto e chorara, quem estava a levar a cabo uma terrível vingança.

— Eu... eu não vejo como é que isso é possível...

— Eu sei e compreendo o seu choque — prosseguiu Helen, com brandura. — Mas verificámos junto do hospital local do King. Confirmaram que lhe foi diagnosticado esclerose lateral amiotrófica. Daí ele arrastar a fala quando o encontraram; a doença já lhe estava a afetar os músculos, o equilíbrio, até a capacidade de fala. Ele não podia, de maneira nenhuma, ser responsável por nada disto.

As palavras pareceram tirar o fôlego a Ward, que parou de andar às voltas, deixando-se abater na cama.

— Então, sendo a Rachel responsável por estes crimes — acrescentou Charlie —, pode dizer-nos porque é que ela poderia fazer algo assim? O que tinha ela contra o Justin, o Callum, a Maxine? Contra si...

Fran deixou o rosto cair sobre as mãos. Charlie lançou um olhar rápido a Helen, receando que estivessem a perdê-la, mas então a mulher falou.

— A culpa é dela. — As palavras saíram de rajada, angustiadas e

amarguradas.

— Da Rachel?

— Da Maxine — corrigiu-a Ward. — É tudo culpa dela.

— Não entendo...

Ward inspirou fundo. Parecia que as palavras lhe eram arrancadas da alma, enquanto prosseguia:

— O que ela disse na TV... o que escreveu naquele livro... — Ward não conseguia disfarçar a repulsa. — Não foi verdade.

— Algumas partes devem ter sido — retorquiu Charlie. — O vosso rapto, o sofrimento por que passaram...

— A base, sim, ela não podia mentir em relação a isso — prosseguiu Ward. — Mas o resto era uma grande treta! Nunca fomos os Famosos Cinco... Nunca fomos um grupo feliz...

— Porquê? O que é que aconteceu?

— Aconteceu a Rachel.

— Como assim? — inquiriu Helen, curiosa.

— Ela foi um acrescento de última hora à equipa. Sugestão do Justin. Nós não tivemos problemas com isso, achámos que ele estava a tentar ser simpático, mas a Maxine detestou a ideia.

— Por ter achado que o Justin sentia um fraquinho pela Rachel?

Ward assentiu, tristemente.

— A Maxine implicou com a Rachel desde o início, pondo defeitos nas roupas dela, no equipamento, na atitude. A Rachel não tinha culpa de ter de pedir as coisas emprestadas, de não ser atlética como nós. E era verdade que o aspeto dela não era o melhor, com o cabelo preto brilhante, as pestanas falsas, a maquilhagem, mas nem por isso era necessário ser tão cruel com ela... — Mesmo ao fim de tantos anos, a memória do desejo de vingança de Maxine permanecia fresca. — Como é óbvio, depois de a Rachel se ter magoado no tornozelo, tudo piorou. No livro dela, a Maxine alegou que culpámos o Callum por ele ter perdido o mapa, mas isso não foi verdade. Foi a *Rachel* quem a Maxine culpou... por nos termos perdido, por termos ido parar à quinta, por conhecermos o King... — Ward estremeceu, envolvendo-se nos seus próprios braços. — Quando estávamos lá em baixo, naquele lugar, à espera da nossa vez, à espera de sermos torturados, violados, assassinados... só Deus sabe... a Maxine não se

calava. Aferroando a Rachel, culpando-a pelo nosso infortúnio... Tentámos defendê-la... Bem, eu tentei, mas isso não deteve a Maxine.

— E, então, o que é que aconteceu? Quando escaparam, a Maxine abandonou-a de propósito? Deixou-a ficar para trás, no nevoeiro?

Ward hesitou, com lágrimas a marejarem-lhe os olhos.

— Ela... — Parecia que não suportava dizê-lo. — Ela nunca chegou a sair da cave.

Helen fitou-a, apanhada completamente de surpresa.

— Mas a Pryce disse que todos vocês escaparam, que a Rachel se perdeu no nevoeiro.

— Não foi nada disso que aconteceu! — Continuava sem conseguir olhar para Helen.

— Conte-me, Fran. Conte-me o que se passou naquela noite. — A voz de Helen denotava ternura, mas também firmeza. Elas tinham de saber.

Fran Ward inspirou fundo, chorosa, antes de acabar por responder:

— O King... ele... ele amarrou-nos na cave. Andava à nossa volta, a cantarolar aquela cantilena horrível, a tentar decidir quem... quem matar primeiro.

— Foi aí que os cães começaram a ladrar...

Ward abanou vigorosamente a cabeça.

— Isso nunca aconteceu. Eles estiveram sempre connosco na sala. — Charlie lançou um olhar de preocupação a Helen, mas esta ignorou-o. — O King... O King não chegou ao fim da cantilena. Só que não foi por causa daqueles cães. Foi a Maxine que o travou.

— Como assim?

— Talvez ela tivesse contado antes dele e soubesse que lhe ia calhar a ela. Talvez estivesse só assustada. A verdade é que, antes de ele terminar, ela disse-o...

— Disse o quê?

— Disse-lhe... para escolher a Rachel.

Pela primeira vez, Helen ficou muda, estupefacta com aquele impiedoso ato de crueldade. O silêncio tomou conta da divisão, com a exceção do leve soluçar de Ward. Parecia destroçada, uma sombra do que fora em tempos.

— E o que é que aconteceu depois, Fran? — perguntou Charlie,

extremamente atenta. Ward não respondeu. Parecia não ter ouvido a questão. — Fran, por favor...

Ward incidiu um olhar angustiado em Charlie, prosseguindo depois, hesitante e pesarosa.

— A Rachel... A Rachel implorou pela vida, dizendo ao King para escolher antes a Maxine... E então... ele perguntou-nos o que achávamos. Foi então que a Maxine se lançou ao ataque, recordando-nos de que mal conhecíamos a Rachel, que ela desde o início se revelara um problema; como ela nos metera naquela confusão... Eu não quis ouvir, sabia que era aquilo que o King queria de nós, mas então... então ouvi o Justin a concordar com ela, dizendo ao King para escolher a Rachel. E o Callum também... Ele não disse nada, só assentiu com a cabeça, mas mesmo assim... Depois disso, não tive grande escolha; o que eu dissesse já não serviria de nada...

— Então, deixou que ele a levasse? — Ward não respondeu, desabando num soluçar profundo e gutural. — O que é que se passou a seguir?

Helen sabia que Ward queria parar, mas não iria, definitivamente, poupá-la naquele momento.

— Não suportei olhar. Fechei os olhos, mas não deixei de ouvir. Ouvi a Rachel a ser arrastada para uma divisão nas traseiras, ouvi os gritos dela enquanto ele lhe arrancava a roupa, ouvi a agonia dela enquanto ele lhe batia, repetidamente. E chorei. Chorei e voltei a chorar, querendo que aquilo acabasse, querendo morrer ali naquele momento... mas de repente percebi, *pressenti*, que estava alguém de pé à minha frente.

— Quem?

A resposta talvez fosse óbvia, mas Helen precisava de a ouvir diretamente de Ward.

— A Maxine. No livro, ela relatou que foi o Callum quem se libertou, só que foi ela. Deve ter-se livrado das amarras antes de o King ter iniciado o seu jogo horrível.

— Daí estar tão ansiosa para que ele levasse a Rachel, porque isso lhe daria uma distração, para ganhar mais algum tempo para escapar. — Ward assentiu pesarosamente, confirmando a terrível verdade. — E depois?

— Depois... ela desamarrou-nos.

— E depois? — insistiu Helen, impaciente.

— Eu... eu quis ajudar a Rachel, claro. Éramos quatro, talvez desse para dominar o King... Mas a Maxine não alinhou, disse que não lhe devíamos nada, que ela não era nossa amiga. O Callum estava aterrorizado, e o Justin sugeriu que seria melhor irmos procurar ajuda. Fosse como fosse, ambos a seguiram escadas acima e começaram a tentar forçar a porta. Um minuto depois... partiram.

— E a Fran?

— O que podia eu fazer?! — Ward ergueu o olhar, fitando Helen nos olhos. A sua expressão era de súplica, sincera, mas carregada de culpa. — Eu queria ajudar a Rachel, queria mesmo. Não suportava a ideia de a deixar ali. Mas estava sozinha; era uma rapariga de 17 anos contra um adulto...

Virou-se para Charlie, como que a implorar pelo seu perdão. Mas nada obteve da parte dela.

— E então?

— Então, fugi...

Escondendo uma vez mais o rosto nas mãos, Ward soluçou. Soluços enormes e violentos. Helen pousou uma mão reconfortante no ombro dela. Sentiu pena dela, da jovem deixada perante uma situação impossível, mas também se sentia zangada. Por causa das mentiras, das omissões, da impiedosa traição a uma jovem vulnerável. Para se pouparem, para que o mundo ficasse com boa imagem deles, os sobreviventes haviam sido coniventes com uma terrível ficção. Mas o logro e a crueldade deles custaram-lhes bem caro.

— É por isso que isto está tudo a acontecer? — deixou escapar Ward, por entre lágrimas. — Os telefonemas, os...

— cremos que sim.

O soluçar intensificou-se. Ward estava obviamente devastada, destrocada pela sua horrível confissão. Noutras circunstâncias, Helen ter-se-ia sentido tentada a deixar tudo por ali, mas ainda havia uma pergunta a fazer.

— Fran... — O soluçar deteve-se o tempo suficiente para que

Helen fosse ouvida. — Quando recebeu o telefonema, tratou-se de uma ameaça direta à sua vida? Ou foi-lhe dada uma escolha? A oportunidade de enganar a morte? — Ward ergueu o olhar, com a cor a esvair-se do seu rosto traçado por lágrimas. — Fran?

Ela olhou para Helen, entorpecida, e a seguir baixou a cabeça.

— Foi... foi-me dito que tinha uma hora de vida. Mas... mas que podia evitar isso... se escolhesse... se escolhesse a Maxine para morrer por mim.

Assim que Fran recomeçou a chorar, Helen virou-se para Charlie. Começava a formar-se uma imagem clara. Rachel Wood poderia ter-se vingado daqueles que a tinham traído de um modo mais simples, atacando-os quando menos esperassem. Mas isso não lhe bastou. Não, ela queria que eles *experenciassem* aquele horrível medo da morte, queria que fossem esmagados pelo iminente peso da morte que ela experienciara às mãos de King. Mais do que isso, queria brincar com eles, destroçá-los. Oferecendo a possibilidade de nomear um amigo para morrer, desmascarava o quarteto, revelando como eram ténues os laços da dita amizade, num jogo cruel de passar o embrulho ao seguinte. Callum Harvey e Justin talvez se tivessem redimido, recusando-se a alinhar naquele jogo doentio. Pryce e Ward não se tinham saído tão bem, sacrificando terceiros para se salvarem.

Wood estava determinada a expor a bancarrota moral dos seus antigos amigos, executando para tal uma vingança meticulosa e terrível. O que significava que, apesar de a imagem estar então bem formada, nem assim se concluía a história.

Enquanto Fran permanecesse viva, Rachel Wood não descansaria.

Ela olhou-se ao espelho, observando com atenção o seu reflexo.

O vidro estava rachado e sujo, pendurado na parede de uma casa de banho pública que se vira obrigada a utilizar desde que Helen Grace descobrira a sua base em Northam, mas era suficiente. Permitia que visse as suas feições angulosas, o rosto pálido, os seus penetrantes olhos azuis. Enquanto Rachel fitava o espelho, um sorriso surgiu-lhe no rosto, emprestando luz e vida à sua expressão. Aquilo era ela — autêntica, vulnerável —, e isso deu-lhe grande prazer.

Nem sempre assim fora. Nem sempre se sentira agradada com o seu aspeto. Em criança, entendia que a sua aparência era estranha — demasiado alta, com ombros largos e um rosto arrapazado assimétrico, e isso antes de o seu pai começar a remodelá-lo. Costumava ver-se no espelho da casa de banho, olhando para as nódoas negras no pescoço e maçãs do rosto, a pensar na melhor forma de as disfarçar. A sua mãe sempre lhe dissera que ninguém podia saber, que os espancamentos eram culpa *delas*, por isso, desde muito nova, fora-lhe permitido usar a maquilhagem da mãe.

Olhando em retrospectiva, era tudo tão confuso — a maquilhagem a funcionar como recompensa depois das tarefas —, e recordou, então, que chegou a pensar que a violência poderia ser algo *bom*, tendo em conta as recompensas e os mimos que se seguiam. O pai acabou por destruir essa noção, quase matando a mãe certa noite, na sua fúria embriagada. Pouco tempo após as vidas delas terem mudado para sempre, as duas sumiram de Manchester a coberto a noite para iniciar uma nova vida em Southampton, mas ela manteve a sua adoração por maquilhagem. Os seus novos colegas de escola, e

até alguns professores, acharam que aquele moreno falso, o *gloss* nos lábios, as pestanas absurdamente compridas era algo típico do Norte, nem lhe passando pela cabeça que, na raiz, estava o desejo de Rachel disfarçar a própria cara. Ela não se importou, sentia-se feliz por alinhar na altivez deles, em especial por alguns dos rapazes gostarem do ar dela.

Como lhe parecia feia essa Rachel agora. Uma puta pintada, embonecada e patética, desonesta e covarde. Já há anos que mudara de aspeto, em especial durante os anos de exílio em Brighton, Bournemouth e todos os outros locais, mas quando chegou a hora, o momento de entrar em ação, deleitou-se em dispensar de vez o seu velho eu. Os longos cachos grossos foram cortados, surgindo no seu lugar um corte curto atrás e dos lados. As pestanas compridas foram para o lixo, tal como o moreno falso, devolvendo à sua pele o ar pálido e arrapazado.

O seu eu adolescente ter-se-ia revoltado contra aquela figura assexuada, mas o seu reflexo passara a transmitir-lhe apenas felicidade. Longe iam as tentativas de agradar, as tentativas de apaziguar. Restara unicamente aquilo — a verdade nua e crua — e isso deixava Rachel entusiasmada.

A sua transformação estava concluída. Antes, fora uma marioneta, uma boneca horripelantemente decorada, desprezada, gerando dó em quem com ela se cruzava. Mas passara a ser um objeto de terror, de pavor.

Tornara-se um anjo da morte.

— Quero que o dispositivo de segurança seja duplicado. Sempre quatro agentes ao serviço, dia e noite...

Helen afastou-se da casa a passos largos, abrandando apenas para que Charlie, em grande esforço, a conseguisse acompanhar. Sabia que caminhava demasiado depressa, que o seu tom fora duro, mas sentia-se profundamente assustada com o que acabara de ouvir.

— Claro, telefone já a tratar disso — confirmou Charlie, pegando no telemóvel.

— Temos andado sempre um passo atrás — prosseguiu Helen, abanando a cabeça. — Mas, se conseguirmos salvar uma vida, isso já será positivo...

— Sem dúvida — reagiu Charlie, marcando o número e levando o telefone ao ouvido.

— Envia-me uma mensagem assim que estiver feito. Vemo-nos na base.

A ligação de Charlie foi estabelecida e ela voltou costas, pelo que Helen prosseguiu caminho, marchando depressa para a sua moto. A visita delas a Ward fora bastante informativa — Helen dispunha entretanto de um progresso palpável para apresentar a Simmons —, mas nem por isso se sentiu melhor. Desde o início que andavam à procura no lado errado, perseguindo um colecionador inocente, a seguir um fantasma há muito morto, e permitindo à verdadeira culpada prosseguir livremente com o seu plano assassino. Quantas vidas poderiam ter sido poupadas se tivesse trabalhado mais arduamente, mais depressa, de forma mais inteligente? Já tinham três funerais para encarar, e Helen temia que, apesar de todos os seus esforços, o pior ainda estivesse para vir.

Sabia que estava a ser dura consigo mesma, com a equipa. Ninguém fazia a mínima ideia de que Rachel sobrevivera ao inferno. No entanto, se não tivessem sido distraídos por outros rostos, por outros suspeitos, poderiam ter chegado à verdade a tempo de salvar Maxine Pryce. Já lá iam quase 48 horas desde que tinham descoberto o covil do tesouro do colecionador relacionado com King. Se Joseph e Helen tivessem trabalhado mais unidos, se os seus problemas pessoais não tivessem prejudicado o relacionamento profissional, teriam detetado mais depressa aquela prova essencial, a receita médica para King? Uma vez mais, Helen censurou-se por se ter excedido, deixando-se distrair pelas suas próprias necessidades egoístas. Será que ainda não tinha percebido que as relações terminavam sempre em tristeza e fracasso? O seu erro poderia ter custado uma vida.

Parecendo ensaiado, o seu telemóvel deu sinal. Baixando o olhar, viu que se tratava de uma mensagem de Joseph. Curta, mas não particularmente doce.

«Acabou. A confiança é o mínimo.»

Se não se sentisse furiosa, ter-se-ia rido da lata dele. Se estivesse naquele momento diante dele, ter-lhe-ia arrancado a cabeça, enfurecida com tal arrogância egoísta e pomposa. Fora *ele* a falhar, fora ele a mentir, mas ainda assim comportava-se como a parte ofendida. Como ela avaliara mal a situação, o avaliara tão mal, era algo que a ultrapassava. Pensara que pudessem entender-se bem, mas, na realidade, ele não passava de um homem sem valor.

Deveria ter sido ela a pôr fim ao caso, a dar por terminado todo aquele triste episódio, mas, evidentemente, o ego dele não o permitiria. Ele marcara a sua posição, e com clareza. Para homens como Joseph, era importante controlar, pelo menos o final. Ele determinaria quando e como terminaria a história.

Há sempre um preço a pagar pelos nossos atos.

Emilia aprendera isso em criança, e da pior maneira, vítima de um ataque com ácido por parte dos parceiros de crime do próprio pai, homens para quem ela se recusara a traficar droga. Nunca se arrependera das suas decisões, com a detenção dos seus atacantes a libertar a sua família de tal escravidão, mas a sua resistência tivera o seu custo, tanto a nível mental como físico. Em tenra idade, representou uma lição valiosa, uma que nunca esqueceu.

Já outros levaram mais tempo a aprender, acreditando que os seus privilégios, a sua posição na sociedade, a pura boa sorte de alguma maneira os absolviam de tal acerto de contas. Ocasionalmente, cabia a Emilia reequilibrar a balança, e adorara fazê-lo com o inspetor Hudson. Ele não era mau polícia, nem particularmente incompetente, nem sequer corrupto, mas era arrogante, agressivo e desdenhoso. Por outras palavras, o típico machista. De início, resistira às propostas de Emilia tentando alcançar o que desejava sem pagar um preço justo, mas depressa percebera que isso seria um erro. Talvez pudesse comportar-se assim com Grace e Brooks, mas não com ela. Quando ela fazia um acordo com alguém, contava que fosse respeitado.

Ele tentara pôr fim àquilo, sugerindo que já fizera o suficiente, e não restavam dúvidas de que se revelara útil. Mas os serviços dele ainda não tinham terminado, pelo menos enquanto perdurasse aquela investigação, e ela precisava de lhe ligar imediatamente. As tentativas dela para encontrar Maxine Pryce tinham dado frutos, mas não do modo que esperara. Proporcionara outro desenvolvimento sensacional ao caso e devolvera Emilia às luzes da ribalta, quer como

testemunha-chave quer como jornalista na vanguarda dos acontecimentos, mas não lhe facultara uma perspectiva interna, um testemunho pessoal, da parte dos mais diretamente envolvidos. Era por isso que Emilia realmente ansiava — uma percepção daquilo por que tinham passado, uma percepção de como era sentir a morte a perseguir-nos.

Maxine Pryce morrera, tal como acontecera com Justin Lanning e Callum Harvey. Assim sendo, restava apenas uma pessoa que poderia facultar a Emilia aquilo de que necessitava, que poderia completar-lhe a imagem. Por motivos óbvios, a presente localização de Ward era um segredo muito bem guardado, daí a importância do auxílio de Hudson. Ele iria recusar, claro. Iria alegar que poria em risco a vida dela, comprometendo a investigação... mas no final teria de alinhar, quando percebesse que a alternativa seria a exposição e correspondente desgraça.

Teria de ser assim, era a única forma possível. Cinco dias antes, o mundo conhecia Lanning e os amigos apenas como sobreviventes; quatro jovens que corajosamente tinham ultrapassado a tragédia e a tristeza e abraçado uma nova vida, um novo futuro. Mas três deles estavam mortos, executados de forma brutal e eficaz. O assassino ainda andava a monte, e restava apenas um troféu; apenas uma pessoa lhe poderia dar a satisfação por que ele ansiava e, a Emilia, o furo de que necessitava. Todos os caminhos iam dar a Fran Ward.

E Joseph Hudson iria ajudar Emilia a encontrá-la.

— Como assim, ela foi-se embora?

As palavras explodiram-lhe na boca, projetando saliva no ar.

— É como eu disse, ficou por aí umas horas depois de terem falado com ela e pronto... *puff!* — Lisa McGee agitou as mãos ao ar, imitando uma nuvem de fumo. A subgerente da Moon Lounge não estava agradada com o regresso da polícia à sua discoteca e parecia querer mostrar isso mesmo a Joseph. — É sempre assim — prosseguiu ela. — Encontro funcionários bons como ela...

— Trabalhadores ilegais — corrigiu Joseph.

— Bons trabalhadores, contentes por trabalharem no duro, imensas horas, a ganharem o seu! Depois vocês aparecem, a fazer um monte de perguntas incómodas. E adivinhe? A seguir ela desaparece do mapa. Põe-se a andar sem sequer levar o vencimento a que tem direito...

— Então, até compensa, não? — contrapôs Joseph, irritado tanto com o tom de voz dela como com a novidade que relatava.

— Não é bem assim! Onde é que vou encontrar, assim de repente, outra funcionária tão esforç...

— Faz alguma ideia de qual possa ser o paradeiro dela? — interrompeu Joseph. — Tem uma morada para onde enviar o correio, um número de telefone? Faz alguma ideia de onde ela possa estar?

Mas McGee já abanava a cabeça.

— Era dinheiro na mão. Se aparecia para trabalhar, recebia. Era assim que funcionava.

— Mas como é que ela veio aqui parar?

— Foi uma amiga dela, uma albanesa, a Ajola, quem a

recomendou. E, antes que pergunte, ela também já não trabalha aqui. Por isso, adoraria ajudar... mas estou de mãos atadas.

Gesticulou uma vez mais na direção dele, unindo as mãos. Joseph sentiu-se extremamente tentado a enfiar-lhe umas algemas, arrastá-la até à esquadra e acusá-la de obstrução à justiça, mas de pouco valeria. Estava nitidamente a dizer a verdade. Agradecendo-lhe secamente, seguiu o seu caminho, amaldiçoando a sua sorte. Deslocara-se ali na esperança de chegar ao fundo do mistério, tentar compreender o motivo por que Tatiana mentira à polícia, mas saía de mãos a abanar. Que hipóteses tinha ele de a encontrar? O mais provável era que reaparecesse algures noutra local na economia paralela, ou seja, levaria semanas a ser detetada, se conseguissem sequer fazê-lo. Seria como procurar uma agulha num palheiro, tendo em conta o modo como Southampton funcionava atualmente.

Talvez nunca viessem a conhecer a razão da fuga dela. Teria sumido por ser ilegal, assustada com a possibilidade de a polícia voltar atrás nas suas promessas e denunciá-la aos serviços de imigração? Ou teria sido assustada por alguém? Seria possível que tudo não tivesse passado de um estratagema, que aquela testemunha vulnerável tivesse sido pressionada a mentir à polícia por alguém que a controlasse? Ou ter-se-ia simplesmente equivocado em relação ao que vira? Seria sequer possível que tivesse lido algo nos jornais sobre King, visto algo na televisão, convencendo-se de certa forma de que o vira?

Joseph saiu intempestivamente pelas portas para a luz do dia. A sua fúria era crescente, com a frustração a disparar, e regressou em passadas firmes à moto, irritado, a pensar num modo de informar a equipa. Apesar da rutura no seu relacionamento com Helen, estava determinado a mostrar-lhe, a ela e à equipa, que ainda era um agente eficiente, um elemento valioso. No entanto, como podia fazê-lo, com a vida sempre a frustrá-lo? Como poderia mostrar-lhes ser merecedor do seu respeito?

Quando ia a montar a moto, o seu telemóvel começou a tocar. Retirou-o de pronto do casaco — teria havido desenvolvimentos? —, mas, ao ver a identificação de quem ligava, ficou desanimado. Emilia Garanita. Sentiu-se tomado pela raiva; a última coisa de que

necessitava naquele momento era dela a pisar-lhe os calcanhares. Apeteceu-lhe destruir o telefone, destruí-la a *ela*, e deu por si com o braço levantado, pronto a lançar o seu *iPhone* ao chão. Mas, no último momento, deteve-se, com a sensatez a conseguir refrear-lhe a raiva.

Rejeitando a chamada, voltou a guardar o telemóvel no bolso. Ficara malvisto, por Helen, por Emilia, pela equipa, mas perder o controlo em nada o ajudaria. Precisava de uma pista sólida, algo impressionante que pusesse o jogo novamente do seu lado, e não seria a petulância que o iria ajudar. Não, tinha de ser esperto, prudente, bem-sucedido. A jogada final estava em curso, e ele não tinha outra opção que não fosse marcar presença na hora da verdade, para arrebatá-la a vitória das garras da derrota.

Ainda assim, ao ligar a ignição, percebeu que a sua mão tremia. Tinha de controlar a sua raiva, para ser engenhoso e eficaz, mas não seria fácil. A adrenalina bombava-lhe nas veias, as suas emoções eram um turbilhão, sentia-se cada vez mais injustiçado. E, apesar de até poder sentir-se tentado a mentir a si mesmo, não havia como negar que estava perigosamente na beira do precipício.

— Não consta nenhuma «Rachel Wood» no registo eleitoral de Southampton, Portsmouth, nem sequer em nenhum outro local de Hampshire.

Helen não se surpreendeu com a declaração do inspetor Reid. Seria estranho se a principal suspeita deles se tivesse estabelecido como uma cidadã genuína e recenseada, depois de tantos anos antes ter decidido desaparecer do mapa.

— E contas bancárias, cartões de crédito...?

— Há montes de contas com o titular «Rachel Wood» por todo o país — explicou Reid. — Mas nada a nível local. E nas últimas oito semanas não foram utilizados quaisquer cartões de débito ou crédito em Southampton com esse nome. Podemos recuar ainda mais...

Mas Helen já abanava a cabeça.

— Ela já deve circular há anos com um novo nome; possivelmente vários nomes diferentes. Além disso, não ia cometer um erro tão básico. Estes homicídios exigiram um planeamento meticuloso. Deu-se a imenso trabalho para não ser vista, para não deixar um único registo forense; não se ia deixar apanhar através de um meio convencional.

Um silêncio pesado instalou-se no grupo de agentes reunidos. Helen e Charlie tinham regressado à sala de operações, e estavam agora ladeadas por Joseph Hudson e uma série de inspetores. Com Fran Ward em segurança, a prioridade passava então por deter Wood.

— E um retrato eletrónico? — questionou Charlie. — Para ver se alguém a reconhece.

Helen espreitou para o quadro de homicídios. Fora recentemente acrescentada uma fotografia de Rachel Wood com 17 anos, captada

pouco antes de ser raptada. Helen observou-a com a atenção — cabelo comprido e brilhante, pestanas lustrosas a contrastar com as feições finas e angulosas, e uma certa desconfiança nos seus estreitos olhos azuis.

— Pode valer a pena tentar compor alguma coisa, focando-nos nas feições, na forma da cara. O resto... cabelo, maquilhagem, cor dos olhos... é fácil de alterar. Mas mesmo isso só nos leva até certo ponto... Não sabemos que estilo ela prefere agora, que roupas veste, qual é a zona em que se movimenta...

— Podemos recuar até Northam — propôs Reid.

— Ela já saiu de lá há muito.

Helen não pretendia soar tão desdenhosa, mas preocupava-a a incapacidade que se lhes afigurava de deitar a mão ao que quer que fosse relacionado com aquela assassina esquiva. Onde é que ela estava? O que planeava? Não conseguia evitar sentir que andavam em círculos.

— E se recuarmos ainda mais? — propôs Charlie, despertando Helen dos seus pensamentos.

— Como assim?

— Bem, quando a Rachel frequentava a escola, ela e a mãe viviam num apartamento em Townhill Park. Deve ter havido lugares aonde ela ia, depois das aulas, quando a mãe se passava; lugares onde se sentisse segura. Um lugar conhecido, onde se sentisse em casa, onde passasse despercebida. Podia ser um parque, um centro comercial, lojas, um café. Se tivéssemos uma imagem do aspeto que ela pode ter agora, poderia valer a pena fazer umas perguntas, tentar perceber se alguém a terá visto.

Não era muito, mas era alguma coisa. Charlie tinha razão — os assassinos tendiam a gravitar em redor de lugares que lhes eram familiares. Townhill Park não era uma zona da moda de Southampton, pelo que não haveria muita gente além do pessoal que vivia e trabalhava lá. Poderia ser um bom esconderijo.

— OK, destaca um punhado de agentes para lá. Vamos falar com os residentes locais, mas também vamos manter-nos atentos a propriedades abandonadas, edifícios ocupados e afins. Há por lá muitas propriedades comerciais vazias onde ela poderia refugiar-se.

— Mas é estranho, não? — observou Osbourne. — Ela é de Townhill Park, frequentou a escola em Bitterne, mas ao longo disto estabeleceu-se em Northam. — Helen sabia que ele tentava mostrar-se construtivo, que não era seu objetivo minar a sugestão de Charlie, e até tinha a sua razão. — Northam era a área de atuação do King; ele ia aos *pubs* e discotecas de lá, não ela.

— Não temos a certeza disso, ela pode lá ter ido... — contrapôs Charlie.

— A Rachel não era muito de beber, por causa da mãe. Além disso, o Lanning, o Harvey e o resto do grupo gostavam de ir a Portswood beber uns copos, ao *pub* Jolly Sailor. Não vi nada que sugerisse que iam a Northam.

— Talvez andasse deliberadamente a tentar enganar-nos — replicou Helen. — Os telefones utilizados para contactar o Lanning e a Pryce deram sinal primeiro em Northam; a base dela acabou por ser detetada lá. Talvez quisesse levar-nos a pensar que era o King por detrás de tudo isto.

— Possivelmente — reagiu Osbourne. — Mas isso sugeriria que foi ela quem pôs a Tatiana a mentir-nos, certo?

Era inegavelmente uma possibilidade, apesar de não fazer sentido. Porque é que a jovem albanesa contaria tal mentira para ajudar uma completa estranha? Teria sido subornada por Rachel? Ameaçada?

— É impossível ter a certeza — disse de pronto Helen, determinada a não se deixar distrair. — Por agora, vamos enviar agentes a Townhill Park, mas também a todos os lugares por onde, tanto quanto sabemos, a Rachel passou nos últimos dias. Lordswood, Shirley, Wickham. Até aqui, procurámos um homem desconhecido. O facto de agora procurarmos uma mulher que nos é conhecida altera completamente tudo. Vamos distribuir cópias das fotografias originais dela, além de uma imagem eletrónica do aspeto que poderá ter agora. E toca a sair para a rua, falar com possíveis testemunhas, voltar a analisar as gravações de videovigilância, tentar tudo e mais alguma coisa para a encontrarmos.

Todos os elementos da equipa se levantaram, cheios de vontade e prontos para levar a cabo as instruções de Helen, mas, assim que o fizeram, o inspetor Bentham intercetou-os. Era notório que tinha

algo urgente para transmitir, pelo que Helen ergueu a mão, detendo toda a gente.

— Desculpem a intromissão, mas acabei de receber uma chamada do pessoal das comunicações... — Helen ouvia com atenção, subitamente tensa e esperançosa. — O telemóvel utilizado para ligar à Maxine Pryce... acabou de voltar a dar sinal.

— Onde é que ela está?

Helen e Charlie encontravam-se já na sala de comunicações, acompanhadas pelo inspetor Bentham. Rose Richardson, que passara grande parte do seu dia a seguir sinais telefónicos, estava sentada diante deles, com um mapa digital de Southampton a preencher-lhe o ecrã.

— Neste momento — respondeu Rose, apontando para um pontinho vermelho na base do ecrã —, está em Bitterne.

— Quando é que o telemóvel deu sinal?

— Há uns dez minutos. Naquela zona há uns quantos bons retransmissores, daí o sinal ser bastante forte.

— Está parada ou em movimento? — perguntou Helen, esperando ansiosamente que Rose confirmasse a primeira hipótese.

— Parada.

— Certo — disse Helen, virando-se então para Bentham. — Avisa os agentes da zona. Assim que tivermos uma localização mais específica, encaminhamo-los para ela.

Bentham não precisou que lho dissesse duas vezes, apressando-se para a porta. Nesse preciso momento, surgiu Joseph Hudson na entrada, preenchendo o espaço. Instintivamente, Bentham desviou-se para o lado para dar passagem ao seu superior, antes de seguir caminho.

— O Osbourne disse que tinhas uma pista quanto à localização da Wood.

Foi dito num tom seco e profissional, como se nada se tivesse passado entre eles nos últimos dias. Helen estava determinada a responder com amabilidade, recusando-se a permitir que algo os

perturbasse naquele momento crítico.

— O telemóvel voltou a dar sinal.

— Onde?

— Em Bitterne — esclareceu Helen, antes de se virar para Rose Richardson. — É possível obter uma localização mais precisa?

— Bem, é difícil consegui-lo. O sinal está a fazer triangulação entre aqueles três retransmissores, o que quer dizer que pode estar em qualquer ponto dentro desse raio.

Com o dedo, traçou um círculo imaginário no ecrã.

— Qual é a dimensão dessa área? — inquiriu Charlie.

— Uns 800 metros.

Helen olhou para Charlie. Era uma área maior do que ela esperaria, mas que escolha tinham?

— Esperem — alertou, entretanto, Richardson. — Ela está em movimento.

— Merda! — A palavra escapou-se-lhe dos lábios sem que Helen a conseguisse deter.

O mais provável era que Wood se escapulisse aos agentes fardados... a não ser que de alguma maneira conseguissem intercetar-lhe o caminho.

— Em que direção segue ela?

— Para norte.

Todos estavam de olhos postos no monitor, a seguir o progresso do pontinho, que subia freneticamente no ecrã.

— Ela vai muito depressa, não vai? — questionou Helen, intrigada.

— Não vai certamente a pé.

— Onde é que está agora?

— Segue para Bitterne Hill. Olhando para a direção do trajeto, diria que provavelmente estaria em Woodmill Lane...

Helen lançou outra olhadela a Charlie, mas esta já pegava no telefone para ligar a Bentham.

— Esperem, voltou a parar.

Helen aproximou-se mais, olhando com atenção para o pontinho, entretanto parado. Mas apenas por uns momentos, com o pequeno círculo vermelho uma vez mais a dirigir-se para norte.

— Porque é que ela parou ali? — perguntou Joseph. — Não há semáforos nem passadeiras.

— Como é que está o trânsito?

— A esta hora, deve estar a fluir normalmente — respondeu a técnica, virando-se para outro monitor. Após teclar por uns segundos frenéticos, surgiram imagens em direto de Woodmill Lane, a provar que o trânsito efetivamente fluía sem impedimentos. — Sim, está a avançar depressa, para norte...

— Rumo a Eastleigh.

Mais uma interjeição da parte de Joseph, que chamou a atenção de toda a gente. A casa segura onde Fran Ward era mantida em vigilância situava-se em Eastleigh.

— Alto, ela voltou a parar.

— Que diabo?! — murmurou Joseph. — O que se passa? As ruas estão desimpedidas.

Helen fitou o ecrã, confusa. Depois, disse:

— Ela vai de autocarro. — Virou-se para Joseph e Charlie, que estavam já mesmo junto dela. — Não há outro motivo para aquele padrão de para-arranca. E vejam ali...

Helen apontava para o ecrã. Um autocarro n.º 12 da Bluestar era bem visível, afastando-se da paragem.

— Ela está novamente em movimento — confirmou Richardson.

— Então é isso — disse Joseph, virando-se para Helen.

— Aviso os agentes fardados? — perguntou Charlie. — Digo-lhes que vão para lá...

— É melhor sermos nós a tratar disto — interrompeu Joseph. — Nada pode ser deixado ao acaso, muito menos agora. Faço todo o gosto em levar para lá uma equipa, interceptar o autocarro...

— É melhor avisarmos a brigada de trânsito e fazer a coordenação com eles — insistiu Charlie, irritada por ter sido interrompida.

— Não há tempo para isso — retorquiu Joseph. — Além do mais, eles não conseguem lidar com algo desta dimensão. Se quiserem montar bloqueios de estrada, tudo bem. Mas não conseguem confrontar a Wood sozinhos, não fazem ideia daquilo com que lidam.

— O sargento-inspetor Hudson tem razão, Charlie — reagiu Helen. — Temos de ir até lá, mas com a presença de uma unidade tática. Se alguém correr perigo de vida, neutralizamos a Wood. Compreendido?

— Compreendido — respondeu Joseph, parecendo bastante animado com o que aí vinha. — E queres que eu lidere a operação?

Finalmente, olhou para ela. A expressão de Joseph era neutra, mas havia algo no seu olhar — desafio — que não passou despercebido a Helen. Charlie olhava para ela, sem dúvida à espera de que lhe negasse o pedido, e Helen sentiu-se bastante tentada a fazer precisamente isso.

— Sim, lideras. Avisa-me assim que lhe puseres os olhos em cima.

Joseph nem se deu ao trabalho de responder, saindo apressadamente da sala, tal a urgência em arrancar. Helen também não se demorou, agradecendo a Richardson pela ajuda e seguindo Joseph pela porta. Deu conta da perplexidade de Charlie, e percebeu que a sua velha amiga a queria questionar, mas não estava pronta para a dissecação. Ainda não.

Ela olhou pela janela, mas viu apenas escuridão.

A noite tomava conta de Southampton, invadindo casas, pontos de referência, os locais que Fran conhecia e amava. A sua terra natal parecia-lhe estranha e desconhecida, como se a estivesse a deixar à deriva. Fran estava habituada a viver sozinha, mas nunca se sentira tão sozinha como naquela noite.

Decidira não alinhar em conversas de ocasião com os agentes, retirando-se através de outra porta reforçada para os seus aposentos no primeiro andar. Questionava a sensatez da sua decisão. Estava encurralada. Encurralada naquele pequeno quarto abafado. As paredes pareciam fechar-se em volta dela, dado estar proibida de utilizar o telemóvel ou a Internet, sendo a sua única distração espreitar pelas cortinas de rede para a cidade lá em baixo. Mas a paisagem citadina também então lhe fora furtada, escondida nas sombras, o que significava que ficara absolutamente sozinha com o seu arrependimento, claustrofobia e medo.

A cada minuto, a sua ansiedade intensificava-se um pouco. Sentia uma dor de cabeça latejante e alguma dificuldade em respirar. Além disso, estava a convencer-se de que aos poucos ia perdendo o juízo. Talvez o mais sensato fosse ligar aos agentes e abandonar por uns minutos aquela minúscula prisão, para conversar sobre o tempo, futebol, o que fosse. No entanto, instintivamente sabia que não o faria. Não se sentiria a salvo fora daquele quarto sufocante, e, além do mais, sobre o que iria ela conversar? O que havia para dizer enquanto Rachel andasse por aí à solta? Nada interessava enquanto não fosse capturada, até terminar todo aquele pesadelo horrível.

Como lamentava o dia em que os conhecera — Justin, Callum,

Maxine. Na verdade, Fran nunca fizera verdadeiramente parte do grupo. Era mais popular do que Rachel, o que não era difícil, mas nunca fora uma das pessoas fixas, ou divertida, ou atlética, ou gira. Era apenas a Fran — a fiável, responsável e competente Fran, alguém útil para ter à mão. Aceitara o convite de Maxine para se juntar ao seu grupo do Duque de Edimburgo, recebendo com agrado Rachel mais tarde, satisfeita por ela ter encontrado algum espaço num ano letivo que nem sempre fora agradável. Sabia que a composição do grupo não agradava a Maxine, sentia a sua hostilidade, a sua paranoia, mas teve a certeza de que aguentariam bem os dois dias. Como se equivocara...

Desde que tudo acontecera, desde aqueles dias horríveis, passara grande parte do seu tempo a odiar Maxine, imaginando-se a dizer-lhe o que pensava exatamente dela, contando ao mundo o que tinham feito, como fora nojenta a traição deles. Esses sonhos acordados davam-lhe um alívio temporário, mas pouco mais, pois depressa regressava à triste realidade, mais uma vez vergada pela culpa. Revivera mentalmente o momento — o segundo em que virara costas e fugira — inúmeras vezes, imaginando cenários diferentes em que ficava com Rachel, e até a salvava. Mas a ideia de King a lançar-se a ela, a *matá-la*, travava-a sempre, provando que os seus pensamentos eram vãos. Pura e simplesmente, era uma cobarde, tendo-se posto a si própria em primeiro lugar, quando deveria ter ajudado uma amiga. Quem poderia garantir que não faria o mesmo agora, se colocada diante de semelhante situação?

Sim, todos tinham traído Rachel, sacrificando-a em prol de si próprios, e todos haviam pagado por isso. Era aterrador pensar que a sua amiga da escola andava lá fora, a observar, à espera, a escolher o momento para atacar. A vingança de Rachel era obscena, doentia, cruel, mas poderia Fran dizer, do fundo do coração, que era injustificável? Se fosse ela que tivesse sido abandonada às mãos de King, como se teria sentido? Se tivesse sido obrigada a viver na sombra, enquanto os outros tiravam proveito da experiência. Mentindo, inventando histórias, aparecendo na televisão, arranjando-se e posando para as câmaras. Como se deve ter intensificado a amargura de Rachel ao vê-los a todos a prosperar, a seguir com a

vida, enquanto Maxine relatava o sofrimento deles a troco de lucros, mentindo quanto à sua tristeza pela morte de Rachel, alimentando-se do cadáver da sua velha «amiga». Compreendia a raiva, a amargura, mas ainda assim o sangue gelava-lhe, deixando-a tomada pelo medo. Sim, tinham-na traído, sem dúvida, mas eles pensavam que ela estava morta. Que final alternativo poderia haver para aquela história, agora que Rachel continuava a escapar à polícia, atacando à vontade? De repente, a força dela e o seu alcance pareceram-lhe fora de controlo. Talvez afinal fosse tudo uma questão de tempo.

Agarrando com força a base da janela, Fran observou a noite. Contara encontrar conforto nas vistas, mas naquela noite viu apenas desolação e perigo. Nada havia para fazer, nenhum lugar aonde ir, nada que a distraísse da sentença que lhe fora passada. Assim, permaneceu imóvel, a olhar para o céu negro, interrogando-se se veria um novo amanhecer.

O carro zumbiu ao longo da rua escurecida, ao ritmo da sua presa. Joseph Hudson seguia ao volante, com o inspetor Bentham ao seu lado, enquanto os inspetores Reid e Malik seguiam no banco de trás. De início, a conversa fora abrupta e abundante, mas agora o quarteto seguia em silêncio, concentrado na tarefa em mãos.

— Verifiquem o tempo estimado de chegada da unidade tática.

— Três minutos, no máximo quatro.

Joseph assentiu, mantendo o olhar preso no autocarro diante de si. Circulava bastante cheio, com imensas paragens antes de terminar o trajeto em Eastleigh, e era difícil distinguir as pessoas individualmente, mas sentiu-se seguro de que Wood lá seguia, escondida entre os passageiros. Quanto a saber como é que lhe ia deitar a mão, isso era outra questão. Teriam de parar o autocarro antes de Eastleigh, mas quando? Quando é que começaria a sair mais gente, reduzindo a quantidade de potenciais alvos? Mesmo que arriscassem, seriam capazes de a reconhecer, depois de tanto tempo? E, se assim fosse, iriam convencê-la a sair tranquilamente? Ou seria uma luta até à morte?

Joseph deveria sentir-se assustado face a tal perspetiva, talvez até entusiasmado. Mas nem uma coisa nem outra. Toda a experiência lhe pareceu estranhamente natural, até inevitável, como se tudo tivesse estado em crescendo até àquele momento. Depois de tudo o que passara, depois de todas as más escolhas e reveses, chegara a hora de brilhar — a sua oportunidade de concluir aquele caso.

— Um minuto de distância.

Joseph assentiu, antes de responder:

— OK, pessoal, preparem-se. Deixamos o autocarro parar em mais

uma ou duas paragens e depois, se as circunstâncias o permitirem, imobilizamo-lo à força. O pessoal armado avança primeiro, e a seguir vamos nós. Nós temos melhor noção de quem é a Rachel, do que ela é capaz, por isso temos de entrar no autocarro, mas quero que todos sejam extremamente cautelosos. Não quero que ninguém fique ferido.

Não resistiu a espreitar para Malik pelo retrovisor. Fora dada como apta para regressar ao trabalho, e era estranhamente adequado que ela ali estivesse, uma vez mais no carro com ele, na altura de encerrarem o caso. Talvez deixasse de bisbilhotar tanto, de se queixar tanto, quando ele algemasse Wood.

— Cá vamos nós...

Olhando pelo retrovisor lateral, Joseph viu uma carrinha *Audi* com vidros fumados a ultrapassá-lo, passando facilmente o autocarro, antes de entrar de novo na faixa. Estava na hora. O autocarro encontrava-se encurralado, a equipa tática de apoio em posição, a equipa a postos. Dentro de poucos minutos, Rachel seria detida.

Bastava que, para isso, Joseph desse uma ordem.

Ela fechou a porta ao sair, isolando-se do mundo. Sabia que em breve teria de enfrentar Charlie, talvez até revelar um pouco do que se passara entre ela e Joseph, mas antes precisava de um tempo a sós.

Joseph, a equipa, praticamente toda a esquadra parecia frenética com o desenvolvimento do drama em Bitterne. Aparentemente, ao fim de dias de buscas infrutíferas, iam enfrentar a esquiva assassina. Até certo ponto, Helen partilhava desse entusiasmo, com alguma esperança de que o complicado caso fosse finalmente encerrado, mas em parte sentia-se perturbada, incapaz de apreciar o ambiente carregado de adrenalina da sala de operações.

Charlie talvez a repreendesse por ter permitido que fosse Joseph a assumir a liderança, mas a complacência de Helen não fora inteiramente desprovida de estratégia. Tal como os outros, ficaria mais do que agradada se prendessem Wood, mas o instinto dizia-lhe para não acreditar numa resolução simples. Não o poderia ter dito a Joseph, nem, provavelmente, à equipa, mas tudo lhe parecera demasiado fácil. Wood sempre fora cautelosa no que tocava a visar as vítimas. Usara sempre um telefone diferente, utilizando-o apenas uma vez para ligar ao infeliz escolhido antes de o descartar. Todos os passos que Wood dera haviam requerido grande esforço para ocultar o seu rasto: com os telefones, revelando uma voz masculina, instalando-se em Northam, talvez até forçando uma testemunha a mentir por ela. Revelara-se perita a baralhar a polícia, levando-os a olhar para onde ela pretendia. Não seria possível, até provável, que estivesse agora a fazer o mesmo? Sim, o sinal do telefone rumava na direção certa, para Eastleigh, mas porquê ligar o telemóvel? Não tinha havido atividade até então, nem qualquer tentativa de contactar

Ward, por isso, porquê arriscar ligá-lo se não pretendia utilizá-lo? A não ser que desejasse deliberadamente encaminhá-los para um beco sem saída... Para os distrair face ao verdadeiro alvo?

Andando de um lado para o outro no seu gabinete, com os estores fechados, a mente de Helen regressou uma vez mais às palavras iniciais de Osbourne. Wood era uma mestre da manipulação, alguém que conhecia bem King, que sabia do interesse público naquele fantasma e que fora capaz de aplicar esses conhecimentos para os seus próprios fins, levando o mundo a acreditar que um morto voltara à vida. A sua atenção ao detalhe e o seu conhecimento do interesse de King em Northam era tal que conseguira montar acampamento no antigo terreno de eleição dele, e daí resultara que, mesmo aquando da descoberta do seu covil, tivessem permanecido às escuras, levando a cabo uma caça ao homem por alguém há muito morto.

O modo como lhes escapara desafiava a lógica, a não ser que beneficiasse mesmo da sorte do Demónio, mas havia muito naquele caso que era inexplicável. Como é que Tatiana fora pressionada a mentir à polícia? Porque é que Callum Harvey aparentemente a deixara entrar de livre vontade na sua casa? Como é que Wood estava a par de tanta informação, aparentemente sempre um passo à frente da investigação? A mente de Helen disparou de volta para o primeiro suspeito, o colecionador macilento munido de um *taser*, que sabia tudo sobre Daniel King. Teria dado um bom suspeito, mas de modo algum Callum o teria deixado entrar em casa, e tornara-se evidente que ele não se deslocara à Moon Lounge. Não, quem quer que tenha abordado Tatiana teria passado algum tempo na discoteca, tê-la-ia encarado como o elo mais fraco e possuía os meios para a convencer a alinhar. Como ela adoraria ter naquele momento na sala de interrogatórios a imigrante ilegal, encaminhando a jovem para uma confissão, para a revelação de quem a intimidara...

Então, ocorreu-lhe de repente uma ideia, um pensamento tão chocante, mas tão convincente, que ela até estacou. Ali parada, a sua mente recuou até à manhã de domingo, a um interrogatório à porta da Moon Lounge. E uma outra memória imiscuiu-se, a recolha de uma pequena anomalia nas provas, algo que detetara na altura, mas

que nunca processara.

Correndo de volta para a sua secretária, Helen abriu as suas pastas, arrancando folhas até descobrir o que procurava — os depoimentos de testemunhas recolhidos junto dos vizinhos de Harvey após o seu homicídio. Folheou-os, depressa descobrindo o que procurava. O primeiro depoimento pertencia à Sra. Frances Lang, registando o que observara às 10h08. O segundo era de um Sr. Dan Crowther, detalhando o que testemunhara às 10h14. Os testemunhos eram parecidos, mas um tinha uma diferença crucial, que revelou a Helen tudo o que ela necessitava.

Enfiando as folhas de novo na pasta, Helen correu para a porta. Abrindo-a para trás, surpreendeu-se ao dar com Charlie do outro lado. A sua velha amiga parecia um pouco embaraçada, até cerimoniosa, como se tivesse um discurso preparado. Mas Helen não lhe deu hipótese.

— Anda comigo.

— Ninguém se mexe!

Já no interior do autocarro, Joseph enfrentava um mar de rostos espantados. Havia umas 20 pessoas sentadas diante dele — pessoas que momentos antes seguiam para norte na direção de Eastleigh, desfrutando de um dia igual a tantos outros. Tudo isso mudou num ápice. Primeiro, uma viatura das forças de apoio travou de repente em frente ao autocarro, obrigando-o a parar. A seguir, quatro agentes, com equipamentos de proteção e brandindo armas semiautomáticas, abordaram o autocarro. De um momento para o outro, encontrava-se um inspetor diante deles, com um crachá de identificação na mão, a rugir ordens. Estavam estupefactas e, mais do que isso, assustadas.

— Sou o sargento-inspetor Hudson, e isto trata-se de uma operação policial de busca. Por favor, mantenham-se nos vossos lugares até receberem autorização para sair.

Já ia a percorrer o corredor, espreitando para os rostos diante dele. Uma idosa branca, um jovem asiático, uma jovem negra. O seu coração batia descompassadamente; sentiu adrenalina, medo, expectativa. Seguiu em frente. O rosto de outra idosa, enrugado e acusador, passou diante de Joseph, mas ele não parou. Dois rapazes adolescentes pareciam entusiasmados com o que se passava. Uma grávida aparentava estar tremendamente irritada. Joseph avançou numa passada firme, mas a sua convicção já esmorecia. Estava convencido de que Wood seguia naquele autocarro, mas, olhando para a frente, percebia que restava apenas um punhado de passageiros. Nenhum deles se parecia nem de perto nem de longe com Wood.

Teria deixado passar alguém? Quando chegou ao fundo da viatura,

voltou-se e marchou de novo pelo corredor, confirmando as primeiras impressões, de forma a garantir que não fora ludibriado. Mas sem frutos. Wood não seguia a bordo do autocarro.

— O que queres fazer?

Bentham encontrava-se ao seu lado, parecendo abatido. O seu subalterno sussurrara, tentando conter a vergonha, mas Joseph não sentiu tal sentimento. Virando-se para os passageiros, disse bem alto:

— Quero ver as vossas identificações imediatamente. Carteiras abertas, bolsos do avesso... — Ao dizê-lo, lançou a todos um olhar irado. — E ninguém sai enquanto não for meticulosamente revistado.

Olharam atentamente para a fotografia, avaliando a imagem diante deles. Procuravam feições familiares, na esperança de saborear um caloroso reconhecimento, mas as suas expressões mostravam bem que não haviam dado com nada. Por fim, foram obrigados a admitir:

— Não, peço desculpa... Não conhecemos essa pessoa.

A Sra. Walker devolveu a fotografia a Helen. Mal o fez, o marido deu-lhe a mão, pressentindo que ela estava a ficar emocionada.

— Não precisa de pedir desculpa, foi muito prestável — disse Helen, reconfortando-a.

— E a senhora diz — comentou o Sr. Walker, vacilante — que essa pessoa... — apontou para a fotografia da mulher sorridente — usou o nome da Polly, a identidade dela...

— É isso mesmo. Esta imagem é da agente Polly Walker, elemento das forças de segurança de Hampshire. Quando se candidatou à polícia, há dois anos, forneceu os dados que obviamente «pediu emprestados»... Pôs os vossos nomes como pais, usou a data de nascimento da Polly, apropriou-se dos dados escolares dela...

— Mas não é nada parecida com ela. A Polly era ruiva, por amor de Deus. Vocês não confirmam as identidades?

— É claro que confirmamos. Todos os recrutas são rigorosamente escrutinados, mas é possível enganar o sistema. Se se deitar a mão ao passaporte de alguém, por exemplo, e falsificá-lo com a sua própria fotografia... — O Sr. Walker virou-se para a esposa, com Helen a detetar a comunicação silenciosa. — Posso perguntar-vos quando viram a Polly pela última vez?

A pergunta pareceu magoá-los. A Sra. Walker baixou o olhar, enquanto o marido procurava uma resposta.

— Há três anos, possivelmente um pouco mais. A Polly é a nossa única filha, e amamo-la imenso, apesar de tudo. Mas nunca conseguimos chegar a ela, controlá-la. Tinha amizades pouco fiáveis, namorados desagradáveis, e assim que se deixou levar pelas drogas...

— Fazem alguma ideia de onde ela possa estar atualmente? — questionou Charlie, num tom brando.

— Nenhuma. — A dor era evidente no modo como a voz dele tremia, na forma como agarrava a mão da mulher. — De vez em quando ouvimos falar dela. Amigos, conhecidos que a veem. Certa vez em Brighton, outra em Portsmouth. Eles... eles tentam embelezar a situação, mas sabemos que ela vive mal, sobrevivendo como pode...

— E é possível que tivesse o passaporte com ela? — perguntou Helen.

Mais uma troca de olhares silenciosa entre marido e mulher.

— Quando a Polly saiu pela última vez... levou tudo o que pudesse ter algum valor. Joias, *iPads*, portátil, até a televisão. Só mais tarde percebemos que também o passaporte desaparecera. Levou-o do armário sem nós percebermos...

— E seria dela vendê-lo, para poder comprar drogas?

— Sem dúvida.

Foi dito com determinação, veemência, mas também com pesar. Era difícil não sentir uma profunda compaixão pelo casal que amara e perdera.

— E quando é que foi vista pela última vez?

Uma longa e significativa pausa, até que o Sr. Walker respondeu:

— Há cerca de um ano. Sinceramente... nós... nós não fazemos ideia se ainda estará viva.

E ali estava. Enquanto Charlie avançava para confortar o pai de Polly, que desabava tomado pela tristeza e pela dor, Helen baixou uma vez mais o olhar para a fotografia. Depois de desaparecida das Downs, tendo simulado a morte de King, Rachel Wood permanecera fora do alcance do radar, mas sem dúvida mantendo-se por perto, assombrando a costa sul. Talvez de início vivendo na rua, talvez em *hostels*, talvez até sofresse de problemas de dependência, tal como a própria mãe. Seja como for, terá travado conhecimento com Polly

Walker. Quem sabe em que triste estado estaria a pobre rapariga quando vendeu a Rachel Wood o seu passaporte, ou quando lho foi tirado, mas Helen desconfiou que esta nem quisera saber. Rachel alcançara o que queria — o poder de se tornar outra pessoa.

Olhando para o rosto sorridente diante de si, Helen repreendeu-se pela sua estupidez. O *taser* deveria ter servido de pista; todos os agentes possuíam um, era padrão. Tal como deveria ter sido levado em conta o facto de Callum ter deixado entrar o atacante de livre vontade. Em quem mais confiaria ele nessas circunstâncias, depois de ter chamado *a polícia* para o ajudar? E depois havia a pequena questão do testemunho de Tatiana, com a agente Polly Walker junto dela enquanto ela recitava as mentiras a Helen. Pareceu-lhe óbvio que Rachel/Polly teria ameaçado a jovem, com prisão, deportação, regressando mais tarde para lhe ordenar que desaparecesse. Uma jovem sem amigos, sem poder, não teria outra opção que não fosse obedecer, assustada com aquele alarmante contacto com a autoridade.

Fora a farda e o seu papel como genuína agente policial que haviam protegido Rachel, permitindo-lhe executar o seu plano mortífero e manter debaixo de olho a caça da equipa ao assassino, escondendo-se à vista de todos. Isso e a sua capacidade de se camuflar. Justin Lanning não reconhecera a sua antiga amiga, com o cabelo curto, ombros largos e uniforme de motorista anónimo. Callum Harvey provavelmente também não a reconhecera, até ser demasiado tarde. E Helen também não dera por ela. Estiveram cara a cara em várias ocasiões, mas Helen nada vira. O seu cabelo mudara, os longos caracóis sendo substituídos por um corte curto atrás e dos lados. Também alterara a cor dos olhos, presumivelmente com recurso a lentes. Não usava maquilhagem e até a forma do rosto se alterara, agora ligeiramente mais cheio, mas, à exceção disso, as feições estranhamente angulosas, o nariz e a boca finos, vistos com atenção, eram inegavelmente dela. Parecia incrível, mas era verdade.

A alegre e dedicada agente Polly Walker era, afinal, Rachel Wood.

As suas emoções encontravam-se num turbilhão, a frustração dominava-o. Nada daquilo fazia qualquer sentido.

O bando de passageiros havia sido encaminhado para o exterior do autocarro, um a um, sob escolta armada. Tiveram de fornecer duas provas de identidade, antes de serem submetidos a uma revista. De início, incluía apenas carteiras, casacos e bolsos, mas, dado que não encontraram o telefone, as buscas intensificaram-se, para desânimo de vários passageiros, cuja expressão passava do espanto à irritação.

Ignorando as queixas, Joseph voltou a entrar no autocarro, percorrendo o corredor para a frente e para trás, numa busca desesperada pelo telemóvel desaparecido. Estava convicto de que um dos passageiros o teria atirado para o chão, ou escondido debaixo de um assento, mas, por muito que tivesse procurado, não encontrou nada. Os seus dedos estavam enegrecidos com sujidade, mas prosseguiu. Tinham Wood na mira, ela estava ali, a viajar na direção de Eastleigh... mas de repente evaporara-se. Que raio acontecera?!

— Alguma coisa? — Bentham entrara no autocarro e apressava-se na direção dele. Hudson negou com a cabeça. — Queres que verifiquemos a parte de baixo do autocarro, no espaço das rodas...?

— Porque não? — respondeu Joseph, sem prestar grande atenção, ajoelhando-se apoiado nas mãos.

Não era uma posição digna, mas não lhe restou alternativa. Assim, enquanto Bentham descia do autocarro, Joseph começou a rastejar pelo corredor, verificando a parte de baixo dos assentos, os recantos escondidos, palpando e enfiando os dedos em esconderijos sujos. De maneira nenhuma poderia regressar de mãos a abanar à esquadra. Já aceitara que haviam falhado em localizar Wood, mas era

inimaginável regressar sem uma explicação. Desse por onde desse, teria de encontrar uma justificação para aquela estranha reviravolta.

Foi então que o viu, três filas à frente dele. Arrastando-se pela superfície imunda, espreitou por baixo do assento. E ali estava, um telemóvel grosseiramente colado com fita adesiva à parte inferior do assento. Praguejando, só a custo conseguiu conter-se a arrancá-lo, lívido com a sua própria estupidez. Pensara que finalmente tinham apanhado Wood, que iriam intercetá-la e detê-la, mas, tal como a sua astuciosa manobra de diversão acabara de o provar, Wood permanecia como sempre um passo à frente deles.

Parou de andar de um lado para o outro, lançando uma fugaz espreitadela à agente fardada diante dela antes de regressar ao seu ponto de observação privilegiado junto à janela. A agente da polícia transportava uma bandeja com comida, mas Fran não se mostrou interessada na salada de frango. Na verdade, naquela noite não se sentia com grande apetite para nada.

Ouviu a agente a pousar a bandeja e depois a regressar à porta, fechando-a suavemente ao sair. Abrindo uma vez mais as cortinas, Fran espreitou lá para fora, mirando a rua suburbana vazia mais abaixo. Mas, ao fazê-lo, ouviu outro som. O suave ranger do soalho.

Não estava sozinha. Pelo canto do olho, avistou o preto da farda da agente. Afinal, ela não saíra, apesar de Fran ter ficado com a ideia de que sim, apesar de ter fechado a porta. Que brincadeira era aquela, deixar-se ficar por ali daquela maneira? E o que a levava a fechar a porta? Porquê a necessidade de privacidade?

E, então, um horrível pensamento apoderou-se de Fran. Mas antes sequer de conseguir registá-lo por completo, antes sequer de conseguir abrir a boca para falar, soou uma voz. Uma voz chocantemente familiar.

— Olá, Fran.

Era impossível. Virando-se para trás, Fran viu a agente a retirar o chapéu, atirando-o descontraidamente para cima da cama enquanto se aproximava dela. Fran ficou ali parada, petrificada. Só podia ser um engano. Rachel não tinha cabelo curto, nem um rosto tão redondo... Mas era inequivocamente ela... a expressão, as feições delgadas e os penetrantes olhos azuis.

— Rachel... — Suspirou a palavra, incapaz de lhe dar volume,

convicção.

Foi como levar um soco no estômago, vendo-se privada da fala, das forças, até da capacidade de ordenar os pensamentos. Rachel morrera, assassinada pelo monstro Daniel King, mas ali estava ela, viva e de boa saúde. Onde estivera todos aqueles anos? O que é que lhe acontecera? E King? Se Rachel estava viva, ele devia...

Reparou então na arma no braço estendido de Rachel. Numa fração de segundo, tudo se tornou claro. Não era uma reunião amistosa, era o seu encontro com a morte.

Abriu a boca para gritar, mas foi abruptamente interrompida quando as pontas do *taser* lhe bateram em cheio no peito. Um choque momentâneo, e, de seguida, todo o seu corpo entrou em convulsão, destroçado por uma dor profunda. Arquejando, tropeçou e caiu, chocando com força no soalho. Ficou ali a contorcer-se, insensível a tudo o que não fosse a dor que a consumia, com as pernas a desabarem impiedosamente no chão. Ainda assim, apercebeu-se de Rachel a curvar-se sobre ela, removendo-lhe as sondas do peito. Já não eram necessárias; Fran não tinha como dar luta. A sua atacante nitidamente sabia-o, agachando-se ao seu lado e passando o dedo gentilmente pela sua bochecha, enquanto dizia:

— Que bom voltar a ver-te.

— Temos de ligar já para lá. — Helen descia apressadamente as escadas à porta da casa dos Walkers. Desta vez, Charlie conseguiu acompanhar-lhe o passo. — Contacta a casa; ninguém tem acesso à Fran Ward até eu lá chegar.

Charlie já pegara no telemóvel e consultava a lista de chamadas recentes.

— Como é que foi possível? Como é que ela passou pela rede? — murmurou, dando, por fim, com o número que procurava.

— Ela criou uma identidade — limitou-se a responder Helen. — Há dois anos que mora em Portswood. As referências dadas pela senhoria e pelo outro inquilino são genuínas, tal como os detalhes que ela forneceu relativos à sua vida passada. Para todos os efeitos, ela *era* a Polly Walker.

Charlie levou o telefone ao ouvido, mas a sua mente continuava às voltas face às revelações espantosas do dia.

— Já deve andar a planear isto há pelo menos dois anos...

— Mais ou menos desde que a Maxine Pryce começou a aparecer nos *media*. Deve ter sido difícil de engolir, quando se vive nas ruas, depois de se ser sacrificado pelos amigos...

Chegaram então à moto de Helen, e ela passou-lhe a perna por cima. Depois de ter Fran Ward em segurança, a prioridade passaria por encontrar a agente da polícia Polly Walker. Até aí, ela conseguira manter-se escondida, recorrendo ao seu acesso privilegiado para aceder à investigação, aos registos policiais, ao caso King, para engenhosamente lhes baralhar a atenção. Helen não teve dúvida de que fora ela a comunicar os avistamentos anónimos de King, lançando cuidadosamente as fundações para o seu plano, mesmo

quando ainda treinava para a polícia. Toda a gente a tomava por uma novata — verde; empenhada, mas inexperiente. Na realidade, era o oposto. Demonstrara uma sabedoria e uma experiência superior ao normal para a sua idade, assassinando fria e cruelmente quem a traía.

No entanto, pela primeira vez dispunham de uma vantagem. Ninguém sabia onde Charlie e Helen tinham ido, pois esta decidira manter o resto da equipa na ignorância, até saber ao certo com o que lidavam. Wood, presumivelmente, ainda achava que a sua manobra de diversão com o autocarro os manteria ocupados, e Helen teria de aproveitar isso em seu proveito.

Ligando o motor, largou ao de leve o travão, com as rodas a avançarem um pouco. Antes de partir, olhou para a sua velha amiga. Charlie virou-se para ela, ainda com o telemóvel na mão. Parecia pálida, aflita.

— A Wood está lá na casa. Eles... eles acabaram de a deixar entrar.

O agente da polícia Jack Bullen correu escadas acima, com os agentes Marsh e Thomas na sua esteira. Conversavam no *hall*, a dissecar o jogo de futebol da noite anterior, quando receberam a chamada. Assim que a sargento-inspetora lhe relatara as últimas revelações, o sangue dele gelara. A principal suspeita, a mulher responsável por três homicídios brutais, era agente policial. Alguém que ele conhecia e apreciava. Alguém a quem acabara de franquear o acesso à casa.

Quando ela aparecera, não levantara suspeitas, já que era normal a rotação regular de agentes, graças a um estrito sistema de turnos. Walker fora indicada para aquela noite, pelo que a deixara entrar, tal como faria a qualquer outro agente. Parecia entusiasmada, ansiosa por ajudar, oferecendo-se para ir entregar o jantar a Ward. Até sugerira ficar por lá algum tempo, para tentar animá-la. Bullen até lhe desejara boa sorte em tal tarefa, sem se aperceber minimamente das suas verdadeiras intenções.

Ao chegar ao cimo das escadas, ele deitou a mão à maçaneta. O primeiro andar, onde Fran Ward estava instalada, contava com uma porta reforçada para se manter seguro em relação ao andar de baixo. Bullen pressionou a maçaneta com força, mas, tal como contara, a porta, trancada por dentro, nem se mexeu.

Voltando-se para os seus colegas ofegantes, fez-lhes sinal para que recuassem, para ganhar espaço. De repente, ganhando impulso, lançou-se contra a porta. O ombro dele chocou no metal reluzente, mas sem qualquer impacto, com a barra a provocar-lhe correntes de dor no seu flanco. Abalado, mas determinado, voltou a lançar-se contra o obstáculo. O caixilho da porta tremeu, a escadaria vibrou,

mas ainda assim sem gerar qualquer efeito visível na própria porta.

— Deixa-me tentar.

Thomas avançou, lançando-se contra a porta, uma, duas, três vezes, antes de desistir, agarrado ao ombro. O agente Marsh tomou aquilo como uma deixa, dando um passo em frente e pontapeando a fechadura com toda a sua força. Uma vez mais, a porta tremeu, mas aguentou-se. Ele voltou a tentar, e de novo foi repellido.

— Vamos tentar juntos.

Assentindo com a cabeça, Marsh posicionou-se junto a Bullen.

— Aos três. Um, dois, três...

Lançaram-se para a frente, chocando com a porta.

Nada. Conseguiram amolgar a superfície, mas a porta manteve-se imóvel. Exausto e dorido, Bullen soltou um palavrão. Quanto mais demorassem, mais perigoso seria. Uma assassina cruel estava trancada lá dentro com Ward, que naquele preciso momento poderia estar a lutar pela vida. O tempo era vital; nada corria a seu favor, e eles faziam tudo o que era possível.

Ainda assim, o obstáculo diante deles recusava-se a ceder.

Fran apoiou-se na porta, incapaz de resistir quando Rachel lhe pôs o arame em volta do pescoço. Queria ripostar, agarrar a amiga pelo cabelo, arrancar-lhe os olhos, mas sentiu os ombros pesados e inertes, com o corpo a tremer devido ao choque do *taser*. Sentia-se desequilibrada, desprotegida, completamente à mercê da sua agressora.

— Consegues imaginar como é — disse Rachel, baixinho, completando o laço do arame — *saber* que se vai morrer? — As palavras não foram proferidas com satisfação, mas sim com uma amargura sombria. Como se a raiva ainda ardesse dentro dela. Fran assentiu, para indicar que compreendia, mas os seus movimentos eram desajeitados e erráticos. — Não, não consegues. Não fazes a mínima ideia. Eu olhei para os olhos daquele homem, os olhos daquele monstro, e percebi que ele ia matar-me. Que eu ia morrer, despida e sozinha, naquela cama horrível. — Fran cerrou os olhos, vertendo lágrimas. Era o cenário que ela temia, o cenário que imaginara com frequência. Rachel arrastada para aquele quarto horrível, abusada, torturada e assassinada. — Mais do que isso, ele ia apreciar cada minuto. Lembras-te do que ele nos dizia? A minha cara vai ser...

— ... a... a última co... coisa que vês. — Fran só a custo conseguiu articular as palavras. Sentiu a língua inchada e rígida, como se lhe desse luta. Sabia que tinha de a controlar se queria acalentar a esperança de se salvar. Tinha de conversar com Rachel, fazê-la ver a razão, implorar por piedade.

— Ah... afinal, lembras-te... — murmurou Rachel, animando-se. — Ele disse-mo naquela noite. Ainda sinto o bafo quente dele na

minha cara. Só que não fui *eu* a morrer naquela noite.

Para surpresa de Fran, surgiu um sorriso na cara da sua agressora. A experiência por que Rachel passara custara-lhe caro — de perto parecia mais velha do que era —, mas Fran vislumbrou nela orgulho. Assim como uma grande confiança, como se tudo tivesse corrido exatamente como previra. Rachel parecia completamente alheada da agitação nas escadas — os gritos, as pancadas na porta —, dedicando-se calmamente à sua tarefa, como se fosse intocável.

— Ele achou que eu estava à mercê dele, que podia fazer o que quisesse comigo — prosseguiu, com o sorriso a esmorecer. — Mas havia um prego solto na cabeceira da cama. E enquanto ele me espancava, enquanto tentava vergar-me, eu usei-o para me libertar dos laços e, a seguir, quando ele apareceu para me matar... — o olhar dela pareceu alhear-se, perdido em recordações — cravei-lhe aquele prego imundo em cheio no olho. — Fran estremeceu intensamente, repugnada com a imagem. Conseguia imaginar o prego a penetrar o crânio de King, o sangue a jorrar sobre a jovem Rachel. — Ele não estava a contar com aquilo — admitiu Rachel, rindo-se. — Armou uma grande confusão no quarto, chocando contra coisas, derrubando-as...

— Deve... deve ter sido ho... horrível...

Mas Rachel não a ouviu.

— Eu não sabia bem o que fazer... se acabava ali com ele ou... Mas depois as pernas dele mexeram-se; foi quando derrubou o candeeiro a querosene. E aí percebi exatamente o que tinha de fazer. Nunca corri tanto na minha vida... — Aproximando-se, Rachel devolveu a atenção a Fran. Agarrando as pontas do arame, preparou-se para apertar o nó. — Saí, Fran. Sobrevivi ao incêndio. Mas nunca esqueci aquela sensação... de impotência. Saber que ia morrer, que me restavam apenas uns minutos de vida.

— Por favor, Rachel...

— É o que quero que sintas, Fran. Foi o que quis que *todos* vocês sentissem.

— Eu... eu... não mere... mereço ist...

— Não dês luta, Fran. Era assim que era suposto ser. — A sua agressora agigantou-se, olhando-a diretamente nos olhos, com uma

fúria crua a inflamar-lhe os olhos azuis e frios. — Acabou o tempo.

Helen seguiu estrada fora, com o vento a vergastar-lhe o corpo. Atrás dela, ouvia as sirenes, uma dezena de carros-patrolha a dirigir-se para Eastleigh. Por norma, teria esperado por eles, chegando com a cavalaria na sua esteira, mas isso não era equacionável naquele momento. Wood encontrava-se na casa, e todos os segundos contavam.

Helen rodou ainda mais o acelerador, rugindo sobre o alcatrão, rezando para não chegar demasiado tarde. Andaram a jogar ao gato e ao rato ao longo de dias com a assassina, juntando lentamente as peças do horrível puzzle dela, e, entretanto, tudo redundara naquilo. Uma corrida contra o tempo para salvar a vida de Fran Ward.

Todos aqueles estudantes haviam sofrido. Todos tinham máculas nas suas consciências. Mas nenhum se sentira mais culpado do que Fran. Nada a movera contra Rachel, sentira pena dela, na verdade até tentara ser sua amiga. E quando foi preciso, perdidos naquele terrível nevoeiro com King a persegui-los de perto, tentara salvar Rachel. *Quisera* salvá-la, até ser dominada pelo medo. Não era algo simpático de se fazer, não era a atitude correta, mas não merecia pagar com a vida pelos seus atos. Contudo, isso era exatamente o que Rachel Wood pretendia — aterrorizar e executar a rapariga que achara que a traíra.

Devido à hora tardia, as estradas mostravam-se desimpedidas. Helen aproveitou-se disso ao máximo, acelerando para norte, para lá da saída para o Aeroporto de Southampton. Já avistava as placas para Eastleigh, direcionando-a para a estação ferroviária e para o centro recreativo, mas não eram esses os pontos de referência que lhe interessavam. A casa segura ocultava-se entre fileiras de

propriedades geminadas no coração dos subúrbios de Eastleigh — era lá que teria lugar a batalha final.

Acelerava pela estrada principal, com a via-férrea já visível à sua direita, mas mudou então de direção, dando mais gás ao inclinar-se para uma curva mais apertada à esquerda, saindo da via principal para a Derby Road. Também essa se apresentava desimpedida, pelo que seguiu em frente a grande velocidade, até voltar a sair, desta feita virando para a direita. Quase travou, com os pneus a chiar em protesto com a súbita mudança de direção, derrapando sobre o caminho de gravilha e projetando pequenas pedras. Grantham Green, um pequeno jardim comunitário, surgiu diante dela, vazio à exceção de um par de namorados num dos bancos. Pela segunda vez em dias, Helen deu por si a cruzar um dos espaços abertos de Southampton, desviando-se dos namorados, e a seguir do recinto das crianças, antes de emergir do outro lado.

Reduzindo a velocidade, desceu o passeio, verificando se havia carros em movimento. Mas a sorte estava do seu lado e pôde acelerar, seguindo a grande velocidade para a Wilmer Road. Aquela pacata rua residencial por norma encontrava-se vazia, o típico subúrbio dormitório, mas naquela noite passava-se qualquer coisa. Helen avistou um pequeno amontoado de pessoas, a deambular no passeio em pijama e roupão, parecendo perturbadas e preocupadas.

Helen seguiu na direção delas, receando o que iria encontrar. Afastaram-se quando se aproximou, fitando-a sem conseguir disfarçar a curiosidade, antes de devolverem a atenção à casa. À primeira vista, nada havia de invulgar na propriedade. Tratava-se de uma casa geminada simples e discreta. Não havia nada para ver, fossem lutas ou detenções. Mas o som proveniente do interior era impressionante — a porta da frente estava aberta e ouviam-se pancadas e gritos oriundos de lá de dentro.

O agente da polícia James Marsh correu ao encontro dela. Helen esperava fervorosamente que eles tivessem conseguido salvar Fran, que tivessem chegado a tempo, mas a expressão dele indicou-lhe que não havia boas notícias.

— Ela trancou a porta de acesso. Tentámos tudo, mas não conseguimos derrubá-la... — Helen sentiu-se tomada pela ansiedade

ao olhar para a janela do primeiro andar. O que se passava lá dentro? O que estaria Wood a fazer-lhe? As cortinas estavam cerradas e era impossível ver, o horror no interior escondido da vista. — Um dos carros-patrulha traz um aríete. Assim que chegarem, derrubamos a porta e conseguiremos entrar, mas ainda vão demorar no mínimo uns cinco ou dez minutos...

Enquanto ele falava, as esperanças de Helen esfumaram-se. Não havia forma de entrar, não havia forma de retirar de lá Fran Ward. Tinham dado o seu melhor, mas tarde demais.

O fio de arame apertava-lhe o pescoço com força, cravando-se na sua pele. Fran debatia-se para respirar, arquejando por ar, enquanto a sua atacante se deleitava a puxar o nó lenta e deliberadamente.

— Por favor...

Mal se ouviu, uma súplica débil e patética a uma assassina impiedosa. A visão de Fran começava a turvar, sentia que a sua traqueia podia quebrar a qualquer momento, e continuava sem forças para levantar os braços. Sabia que não haveria piedade, nem indulto, mas tinha de tentar.

— Rachel... — A agressora pareceu não registar o seu próprio nome, perdida no momento, enquanto puxava o cabo com força. O que quer que tivesse restado da perturbada rapariga que Fran conhecera há muito que desaparecera, com Rachel a não demonstrar qualquer emoção no momento em que se preparava para lhe furtar a vida. Tornara-se o monstro que em tempos temera. — Eu... queria salvar-te... — esforçou-se Fran por articular. — Por favor, acredita em m...

Mas a palavra morreu-lhe nos lábios quando Rachel puxou o cabo com mais força, cortando-lhe o fornecimento de ar. Fran foi tomada pelo pânico — não conseguia respirar, não conseguia fazer chegar oxigénio aos pulmões. Esperneava, recuperando alguma sensibilidade quando a adrenalina e o medo lhe invadiram o organismo. Mas a sua agressora pareceu não querer saber, ajoelhando-se sobre os seus braços enquanto aplicava um último apertão ao cabo.

— Não querias nada — sussurrou, aproximando o nariz do de Fran. — Abandonaste-me. E agora vais pagar por isso.

— O que é que quer fazer? — O olhar de Helen estava fixo na janela do primeiro andar, mal ouvindo o chilrear ansioso do agente Marsh junto a si. — Temos de fazer alguma coisa, senhora inspetora.

A voz dele tremia, dominada pela ansiedade e pelo medo, mas Helen ignorou-o, procurando desesperadamente uma forma de chegar a Fran. A janela do primeiro andar ficava demasiado alto para aceder a partir dos caixotes do lixo, e não havia um cano de escoamento por perto para trepar. Se arranjassem um escadote, talvez desse para chegar ao peitoril, mas não tinham nenhum à mão, e mesmo assim seria uma manobra arriscada, envolvendo partir a janela pendurada numa beira estreita. Wood ripostaria facilmente, empurrando o intruso para o pavimento de cimento.

Os agentes Thomas e Bullen emergiram então da casa, exaustos e derrotados. Correram na direção dela, mas sem qualquer novidade para partilhar.

— Tentámos tudo, mas a porta não cede. — O olhar de Helen incidia na casa, nas escadas que davam para a porta reforçada. — Até chegar o aríete, precisamos de experimentar algo...

E, de repente, Helen percebeu exatamente o que poderia fazer.

— Afastem-se!

Deu gás em ponto-morto, e os dois homens saíram da frente num pulo. Puxou o acelerador até ao fim, uma, duas, três vezes, com o motor a rugir enquanto a roda traseira patinava furiosamente no passeio. Então, inesperadamente, Helen largou o travão. A moto impulsionou-se para a frente, através da porta aberta, e Helen atingiu o degrau na base. Por momentos a moto saltou do chão, com as rodas numa rotação vertiginosa no ar, antes de voltarem a assentar

na alcatifa, impelindo-a para a frente. Se hesitasse, se não se empenhasse por completo naquela loucura, fracassaria. A moto seguiu em frente com ímpeto, aproximando-se a grande velocidade da porta trancada. Fechando os olhos, Helen agarrou os manípulos e preparou-se para o impacto.

Ergueu de repente a cabeça, surpreendida com o violento estrondo lá fora. Até então, as tentativas dos seus colegas agentes para chegar até ela tinham parecido distantes e estranhamente mudas, como se a gritaria e as pancadas tivessem lugar noutro mundo. Mas *aquela* som era inconfundível; alguém arrancara a porta reforçada das suas dobradiças.

Rachel Wood foi tomada pelo medo e pela incerteza. Ao longo dos últimos dias, tudo corra conforme o planeado — *tudo* —, e estava prestes a dar por finda a sua missão, eliminando aqueles que a haviam sentenciado à morte. Mas agora tudo parecia posto em causa.

Devolvendo a atenção a Fran, puxou o arame com toda a sua força. A cara de Fran ficou roxa, com os olhos esbugalhados. A morte teria de estar a uns meros segundos, pelo que Rachel redobrou esforços, determinada a concluir o trabalho. Porém, apercebeu-se então de que uma mão a agarrara pelo cabelo, puxando-a para trás. Perplexa, olhou nessa direção, para descobrir que Fran recuperara a sensação nos membros. Começava a dar luta.

Libertando-se dela, puxou uma vez mais o arame, mas por escassos instantes afrouxou-o, e Fran aproveitou a oportunidade para se contorcer e afastar. Rachel agarrou a sua vítima pelo cabelo, obrigando-a a enfrentá-la uma vez mais, só que detetou movimento do lado de fora. Ouvira um rugido estranho do outro lado — algo ruidoso e mecânico —, que, entretanto, parara... para ser substituído por passos apressados na direção dela.

Rachel não hesitou; largou o cabo e fugiu. Não pretendia ser apanhada, passar o resto dos seus dias a apodrecer numa cela. Chegara tão longe, alcançara tanto... Recusava-se a acabar os seus

dias dessa forma. Correndo pelo quarto, lançou-se pela porta — precisamente a tempo de ver Helen Grace a correr na sua direção. Por momentos, paralisou, observando a figura de capacete que parecia coxear ligeiramente; depois virou-se e fugiu, contornando o corrimão e correndo escada acima até ao piso superior.

Irrrompendo pela porta, deu por si num modesto sótão convertido. Não existiam mais escadas nem saídas de emergência, mas havia um par de janelas duplas que davam acesso a uma pequena varanda. Conseguia ouvir Grace a subir as escadas no seu encaicho, pelo que, impulsionando-se para a frente, Rachel destrancou as janelas e abriu-as, saindo apressadamente para o exterior.

Olhou em redor. Não havia como descer pela parede e seria um suicídio saltar, o que lhe deixou somente uma opção. Grace estava apenas a uns passos, pelo que Rachel não hesitou, trepando pela balaustrada para a beira do outro lado. Enquanto o fazia, a sua perseguidora irrompeu para a varanda, o que levou Rachel a saltar, cobrindo o pequeno espaço entre as casas e aterrando no telhado em frente. De imediato, começou a deslizar, mas, com uma mão estendida, agarrou o isolamento metálico. O seu corpo estacou, e, a seguir, lenta e cuidadosamente, içou-se, acabando por chegar ao cume do telhado.

No ponto em que as telhas se uniam, formavam um carreiro perigosamente estreito. Pondo-se de pé, Wood espreitou para trás. Grace preparava-se para saltar, pelo que ela virou-se e percorreu rapidamente o carreiro. Tinha uma largura de 20 centímetros e era extremamente difícil de atravessar — as telhas eram irregulares e revelavam-se escorregadias com o orvalho noturno —, mas, com os pneus das viaturas da polícia a chiar ao travar lá em baixo, não lhe restava alternativa que não fosse arriscar.

Ou isso, ou morrer.

Joseph derrapou ao travar, saltando da sua moto o mais depressa que conseguiu. Não fora convocado pessoalmente, mas, assim que ouvira a chamada, apressara-se ao local. Era evidente que o telemóvel no autocarro se tratara de uma manobra de diversão, uma armadilha na qual tinham caído, permitindo a Wood avançar livremente para a sua última vítima. Se houvesse uma forma de corrigir esse erro, se pudesse ajudar a pôr fim àquela triste saga, então iria aproveitá-la. Para ele, para a sua carreira, os minutos seguintes podiam ser cruciais.

Já ia a meio do carreiro, com o bastão extensível aberto, o corpo tenso e pronto a entrar em ação, quando, ao abeirar-se da anónima casa segura, um grito ali perto o levou a parar. Um dos polícias de serviço apontava para o telhado, gritando freneticamente. Confuso, Joseph estacou, dirigindo o olhar para o alto, mesmo a tempo de ver Helen a lançar-se no ar, aterrando com estrondo no telhado da casa vizinha.

— Mas que merda...?!

Aquele salto fora uma loucura. Nesse momento, a figura desesperada descia pelas telhas escorregadias da frente da casa. Em segundos, iria cair do telhado, tombando no solo de uma altura de dois andares. Helen tinha fama de ser corajosa, destemida, mas até pelos padrões dela aquilo era uma loucura.

Ele sentia o coração a bater-lhe na boca, assistindo ansiosamente à descida, mas então, de repente, e misericordiosamente, o pé dela prendeu-se na calha, conseguindo travar a queda. Já seguia de novo em movimento, escalando pelas telhas até ao cimo do telhado. E então ele percebeu porquê — logo à frente dela, avançando com

cuidado e tentando equilibrar-se, seguia Rachel Wood.

Era uma visão bizarra — uma polícia fardada a ser perseguida por uma *motard* —, mas nada naquele caso se revelara normal ou simples. Cada desenvolvimento, cada reviravolta na investigação originara novos problemas e desilusões. Joseph teve esperança de marcar presença no desfecho, de recolher algo dos destroços da investigação, algum pedaço de triunfo, mas tornara-se evidente que chegara demasiado tarde. Nada lhe restava a não ser permanecer na sombra de Helen, como parecia sempre acontecer, pouco esperançado num desfecho positivo.

O destino de Rachel Wood residia então nas mãos de Helen.

Helen agarrou a beira do telhado, içando-se. Enquanto o fazia, os seus dedos escorregaram na superfície lisa. Por momentos, sentiu o corpo de novo a deslizar, mas, esticando a outra mão, conseguiu voltar a agarrar-se, elevando-se para o topo do telhado.

Ao virar-se, viu Wood a aproximar-se da beira do telhado. A casa ligava-se à do lado, pelo que a fugitiva se apressou, vacilando um pouco antes de se endireitar. Recuperando o equilíbrio, Helen partiu no seu encaço. Já lhe faltava o fôlego, pois as costelas estavam extremamente doridas do impacto da *Kawasaki*, e sabia que ferira o joelho direito. Conseguia correr — sem abusar —, mas era mais um coxear rápido e pesado, desengonçado, no mínimo. Ainda assim, não dispunha de alternativa que não fosse seguir em frente. Wood parecia determinada a escapar à captura, esperando talvez desaparecer tão facilmente quanto antes, mas Helen não o permitiria.

Não se atreveu a descer o olhar, não podia dar-se ao luxo de se deixar distrair pela agitação que ia lá em baixo. Se queria escapar com vida, se queria dispor da oportunidade para apanhar Wood, não podia perder a concentração por um segundo que fosse. O caminho que percorria era estreito, com meros centímetros, pelo que teve de pousar cuidadosamente um pé à frente do outro, mantendo os braços abertos para se equilibrar. Estava uma noite fria, com o orvalho escorregadio já a formar-se nas telhas, e o vento começava a levantar. Sempre que era acoçada por uma rajada forte, desequilibrava-se, ameaçando um desastre. Mas lá seguiu em frente, mantendo o impulso ao saltar para a propriedade vizinha.

Via Wood mais à frente, avançando inabalavelmente. Intrépida,

indiferente ao perigo, determinada a escapar. Progredia sem esforço sobre as telhas, mantendo uma passada firme, de braços estendidos, como se cavalgasse o vento.

Helen espantou-se com a sua confiança e postura, questionando-se se teria a mínima possibilidade de a apanhar. Wood mostrava-se estranhamente invulnerável, como se os habituais perigos, as leis da física, não se lhe aplicassem. Parecia decidida a escapar, independentemente dos obstáculos que lhe surgissem pelo caminho.

Helen acelerou o passo — não podia arriscar-se a perdê-la —, mas, assim que o fez, o pé resvalou-lhe. Tropeçou, caindo de cabeça no telhado e soltando um grito. Esticou um braço e lá conseguiu agarrar-se, segurando-se a uma velha antena de televisão presa a uma chaminé ali perto. Por momentos, ficou suspensa no ar, pendurada por uma mão na vara de metal rangente, esperneando freneticamente. Ouvia os gritos lá em baixo, mas ignorou-os, concentrando-se na tarefa em mãos. Os pés apoiaram-se de novo nas telhas e, grata, voltou a trepar.

Sem fôlego, com o coração a bater com intensidade, virou-se de novo para Wood. Contara ver a fugitiva já a alguma distância, livre, mas na verdade seguia apenas uns dez metros mais adiante, tendo inexplicavelmente parado. Helen aproveitou a oportunidade, saltando até à casa vizinha e apressando-se pelo cume estreito na sua direção. Encurtava a distância entre ambas e, ao aproximar-se da sua presa, percebeu a razão do atraso.

O espaço entre a casa onde se encontravam e a propriedade vizinha era invulgarmente grande, um amplo caminho lateral que separava as casas. Não era fácil de transpor e, em circunstâncias normais, ninguém tentaria o salto. Wood nitidamente achou que não teria escolha e, ao reparar na rápida aproximação de Helen, lançou-se no ar.

Tal foi o impulso do seu salto que por momentos Helen pensou que ela atravessaria facilmente o espaço; porém, assim que Wood se aproximou da casa ao lado, pareceu perder o ímpeto, mergulhando no vazio. Helen gritou, mas de repente a queda de Wood foi travada, com a desesperada fugitiva agarrada à calha na beira do telhado. Salvou-se, e içava-se de novo para a segurança.

Recuando uns passos, Helen preparou o salto. Permitiu que Wood se afastasse e deu por si a correr na direção da beira. O sucesso dependia de uma avaliação certa, e, assim que Helen chegou praticamente ao limite do telhado, fez força com o pé dianteiro. Deslocava-se no ar, aproximando-se rapidamente do telhado. Avaliara melhor a distância do que Wood, mas ainda assim aterrou de joelhos, deslizando pela beira estreita. Sentiu uma dor a espalhar-se pelo corpo, a pele a rasgar; porém, levantou-se imediatamente, seguindo em frente.

Wood seguia pouco mais de cinco metros na dianteira, talvez cansada, mas teimosamente resoluto. Seguiu caminho, avançando de casa em casa, esforçando o seu corpo ao máximo. Helen não perdeu terreno, sentindo por fim que tinha alguma hipótese naquela corrida, uma tênue esperança de apanhar aquela assassina impiedosa. Lenta e inexoravelmente, a distância entre as duas encurtava.

Inesperadamente, Wood voltou a estacar. Estavam na última casa da fila, e, mesmo tendo a vista limitada, Helen percebeu que se tinham reunido lá em baixo carros-patrolha e um círculo de agentes. Ainda que Wood conseguisse descer até ao solo, não teria como escapar. Chegara a um beco sem saída.

Wood claramente concluiu isso, virando-se então para a sua perseguidora. Helen abrandara o ritmo e caminhava lenta e cuidadosamente na direção da suspeita. Wood olhava em volta, tentando freneticamente encontrar uma forma de escapar, mas era evidente que não havia nada a fazer. A perseguição redundara naquilo, as duas mulheres frente a frente no topo de um telhado escorregadio.

— Basta, Rachel. Está na hora de pôr fim a isto.

Para sua surpresa, a sua adversária sorriu.

— Eu é que digo quando chegou a hora.

— Não tem para onde ir. Por isso, vamos descer juntas.

— Para me prender? Para sempre?

— Para podermos conversar.

Wood resfolegou, com escárnio.

— Desculpe lá, *senhora inspetora*, mas não vou ser presa como um animal, para ser exibida a toda a gente. Não volto a ser uma vítima.

— Não é nada disso. Eu sei o que passou, e é por isso que eu...

— Eu deixei de ser *essa* pessoa — ripostou Wood. — Nunca voltarei a ser essa pessoa. Isto sou eu agora. — Uma rajada de vento gelado rugiu por cima delas, desequilibrando momentaneamente Wood. Pareceu levá-la a decidir-se, e ela avançou um passo na direção de Helen. — Talvez tenha razão, Helen. Talvez isto seja o fim do caminho. Para ambas.

Avançou mais um passo na direção de Helen, e mais outro, sempre a intensificar o ritmo.

— Rachel, ouça-me. Sei que sofreu. Sei aquilo por que passou, mas não tem de ser assim. — Wood sorria, com as palavras de Helen a ecoarem quando ela desatou a correr. — Não lhe desejo mal. Só quero ajudar...

Mas já era tarde. Wood já se decidira, e corria na direção dela. A Helen nada mais restava a não ser preparar-se para o impacto.

Charlie esticou bem o pescoço para observar as figuras lá no alto.

Tentara acompanhar Helen enquanto seguiam a grande velocidade para Eastleigh, mas revelara-se uma tarefa impossível. Perdera-a antes de passarem pelo Aeroporto de Southampton, chegando à casa demasiado tarde para lhe poder prestar qualquer apoio. Quando saiu a custo do carro descaraterizado, Helen já entrara na casa, depois de ter derrubado a porta, e já andava a perseguir destemidamente a principal suspeita.

Apesar do seu estado, apesar do perigo, Charlie mostrara-se determinada a juntar-se a ela, para lhe dar todo o apoio possível. Mas o seu progresso era hesitante e lento — a sua barriga de repente dava-lhe umas dores terríveis —, e, enquanto se esforçava por chegar à casa, avistou dois vultos a percorrerem os telhados. Charlie ficou estupefacta, cheia de medo, incapaz de fazer algo a não ser acompanhar à distância a perseguição frenética. Charlie gritara em mais de uma ocasião: primeiro quando Helen escorregara do telhado, depois quando Wood avaliara mal a distância, quase mergulhando para a morte. E observou com horror quando a fugitiva investiu diretamente na direção de Helen, determinada a derrubá-la.

Charlie estava convencida de que Helen reagiria, de que teria um truque na manga. Mas a verdade é que a amiga não tinha para onde fugir, nenhuma forma de evitar a investida de Wood. Então, Charlie assistiu ao impacto — Wood a lançar-se para a frente e a envolver Helen com os braços, derrubando-a. A colisão impulsionou ambas as mulheres e elas caíram, deslizando rapidamente pelas telhas. Aconteceu tudo tão depressa que Charlie mal teve tempo para gritar, com o som a morrer-lhe na garganta enquanto via a dupla a voar do

telhado e depois a embater no solo com um terrível som de esmagamento.

Ela olhou para o céu, com um olhar vítreo e fixo. O seu rosto, momentos antes rosado, já perdera a cor, com a palidez da morte a reclamá-la. Ela lutara, lutara pela sobrevivência, mas a batalha terminara, com o último fôlego a escapar-se-lhe, estendida no pavimento frio e duro.

Helen já vira gente morrer, mas raramente tão perto. Estava deitada em cima da sua adversária, nariz com nariz, e praticamente conseguiu ver a alma de Wood a elevar-se enquanto a luz se esvaía dos seus olhos. Apesar de tudo, Helen desejava capturar-lhe a essência antes de partir, dando um derradeiro sopro de vida àquela perturbada jovem. Mas havia poucas hipóteses de isso acontecer. Mesmo que Wood pudesse ter sido salva, Helen não estava em condições de a ajudar.

Ela convencera-se de que aquilo era o fim. Wood lançara-se contra ela e de repente estavam a cair, rodopiando aleatoriamente, mergulhando na direção do solo. E, de facto, foi o fim — de Wood, a esmagar-se ao embater no pavimento, ainda agarrando Helen contra o seu peito. O impacto foi horrível, chocante, percorrendo todo o corpo de Helen, enquanto um longo e lento gemido escapava dos lábios da assassina, mas a proteção facultada por Wood tê-la-á protegido. Estava viva.

Todo o seu corpo reagia, tremendo com violência. A sua visão estava turva, mas ainda assim conseguiu vislumbrar uma poça de sangue a espalhar-se, formando um círculo na parte de trás da cabeça da mulher. Por momentos, o rosto de Wood cobriu-se de uma lucidez plena — Helen denotou um olhar de surpresa, como se Wood nunca tivesse contado que o seu plano terminasse daquela

forma. Mas foi tudo o que Helen conseguiu discernir. Esforçou-se por se deitar de costas, junto à figura estendida, a olhar para o céu, e a seguir para o rosto ansioso de Charlie, quando lhe apareceu à frente.

— Helen? Helen, consegues ouvir-me? — A amiga quis assentir, mas não conseguiu mexer a cabeça, com todo o seu corpo a começar a paralisar. Por isso, limitou-se a sorrir, provocando lágrimas de alívio em Charlie. — Céus, Helen... Porque é que me fazes isto?

Charlie ria por entre as lágrimas, agarrada à barriga. Helen quis responder para a reconfortar, mas não lhe restava fôlego, pelo que se limitou a apertar ligeiramente a mão da amiga. Mesmo que conseguisse falar, o que teria dito? Não sabia o que a levava a arriscar a vida para apanhar Wood; porque é que se punha constantemente no fio da navalha. Tudo o que sabia era que se sentia compelida a agir assim, e gostava disso. Salvara a vida de Fran Ward, e, apesar de Rachel Wood ter morrido no processo, aquele capítulo horrível das suas vidas aproximava-se do fim.

— Acabou. — As palavras escaparam-se-lhe da boca, praticamente inaudíveis. Charlie virara-se para o outro lado, para tentar controlar as emoções, e Helen quis reconfortar a sua velha amiga, para que soubesse que, contrariamente ao que parecia, tudo ficaria bem. — Conseguimos...

Charlie voltou-se então de novo para ela. Helen ainda lhe agarrava a mão e esperou ver alívio, até felicidade, na sua expressão. Mas, para sua surpresa, viu antes preocupação, até medo. Helen levou um momento a processar o que se passava — porque é que Charlie se sentia tão ansiosa? —, até que viu a sua mão agarrada à barriga. E, antes sequer de Charlie falar, Helen já sabia o que ela ia dizer.

— Acho que o bebé vem aí.

DIA SEIS

— Quanto tempo vai demorar?

Helen estava deitada na cama do hospital, a pura imagem da frustração.

— Já falta pouco. Ora bem, siga por favor a minha caneta com o olhar.

Helen obedeceu, observando o movimento repetitivo, o ir e vir pendular da caneta, rezando para que terminasse depressa. Já há horas que estava no hospital, e, apesar de alegar que se sentia bem, recusaram-se a dar-lhe alta. O dia começava a amanhecer — Helen via o brilho rosado escuro do Sol por entre os estores —, mas não lhe davam tréguas, tendo de suportar uma bateria de testes para assegurar que não havia ossos partidos, concussões, hemorragias internas. Helen estava convencida de que não era necessário — sentia-se moída e pisada, mas não se ferira com gravidade —, só que ali não mandava nada.

— Muito bem, a última...

O médico pousou a caneta, pegando na mão de Helen. Procurando a sua pulsação, consultou o relógio preso ao casaco, contando em silêncio enquanto pressionava os dedos na pele dela. Imperava o silêncio no quarto, e até os sons do exterior estranhamente emudeceram. Enquanto Helen olhava para o relógio do médico, para o ponteiro que avançava implacavelmente, os seus pensamentos deambularam até aos acontecimentos extraordinários dos últimos dias.

Até para os padrões de Helen se tratara de um caso bizarro e perturbador. Ao fim de oito longos anos, o desejo de vingança de Rachel Wood era tão ardente que se empenhara em assustar de

morte os seus antigos colegas de escola, avisando-os antecipadamente da morte iminente, antes de aplicar o golpe fatal. Foi horrendo, cruel, mas havia ali uma lógica perversa, tendo em consideração a insensibilidade da traição deles e as experiências horríveis dela às mãos de Daniel King.

Já a motivação dele era mais complexa de perceber. Previamente, Helen assumira que King era um sádico, um solitário perturbado cuja noção de realidade fora irreparavelmente estilhaçada pelo álcool e pelas drogas. Contudo, a partir do momento em que dispôs do retrato completo da sua vida solitária e perturbada, questionou-se se haveria mais em jogo. King vira a sua mãe morrer, o corpo dela a ser lentamente destruído pela doença, e ele sabia que o mesmo destino o aguardava. O diagnóstico dele terá sido como uma sentença de morte, tendo em conta o que já testemunhara. Seria possível que sentisse um certo alívio ao aterrorizar os outros, fazendo com que eles experienciassem a mão gélida da morte? Terá sido essa, perversamente, a única altura em que se sentira verdadeiramente vivo?

Era uma possibilidade intrigante, uma que Helen instintivamente achou que fazia sentido, mas nunca poderiam ter a certeza. De acordo com Fran Ward, Wood confessara ter matado King naquela cave sombria. King, no entanto, levara os seus segredos para o túmulo. Só lhes restava especular; sem dúvida que muitos livros seriam escritos sobre Daniel King e Rachel Wood nos anos vindouros.

Helen ergueu o olhar e deu com o médico a sorrir.

— Desculpe, disse alguma coisa? — perguntou ela, despertando de repente.

— Sim, eu disse que, apesar de algo contrariado, vou dar-lhe alta. — Helen já ia a levantar-se; porém, o Dr. Macdonald pousou a mão no seu ombro, detendo-a. — Mas quero-a em casa pelo menos uma semana. Nada de trabalho, seja o que for, e principalmente nada de se armar em heroína, OK?

Helen concordou com agrado, deslizando para fora da cama e assinando a papelada da alta. Estava com péssimo aspeto, envergando uma bata de hospital que lhe assentava mal, mas não

quis saber. Deitou a mão a um roupão que encontrou no quarto e vestiu-o, enquanto se apressava para a porta. Falando sobre o ombro, agradeceu ao médico pelo seu cuidado, mas não ia ficar ali a perder tempo.

Tinha onde ir.

Helen levou dez minutos a dar com a zona da maternidade — o hospital era um autêntico labirinto — e mais tempo ainda para conseguir entrar. O período oficial de visitas ainda não começara, e, dado que Helen não era da família, as parteiras mostraram relutância em deixá-la entrar. Helen ficou extremamente sensibilizada quando Steve tomou conta da situação, insistindo que ela *era* da família e que lhe deveria ser dado acesso imediatamente.

— Como é que te sentes?

— Em plena forma — mentiu Helen, reparando que Steve tivera o tato de ignorar o seu coxear desajeitado. — E tu, como estás?

Para grande prazer de Helen, Steve mostrou um sorriso radiante.

— Nas nuvens. Ela é... — Hesitou, parecendo perdido nas palavras, para então apontar para o quarto. — Bem, porque é que não vês por ti?

Sorrindo, Helen passou cuidadosamente a porta, dando com Charlie sentada na cama, com a sua recém-nascida aconchegada no colo. De pronto, Helen sentiu lágrimas a acumularem-se-lhe nos olhos — Charlie era o que ela tinha de mais próximo de uma família real, e sentiu uma grande felicidade ao ver que mãe e filha estavam bem.

— Estás como eu me sinto — brincou Charlie, com um ar cansado, quando Helen se aproximou da cama. — Tens a certeza de que já podes andar a pé?

— É provável que não, mas não consegui resistir.

Adivinhando as suas intenções, Charlie mudou de posição, permitindo a Helen vislumbrar o rosto rosado e enrugado da sua bebé adormecida. Helen observou com atenção as suas feições

suaves, os dedinhos minúsculos a espreitar por cima da manta, e, uma vez mais, a emoção tomou conta dela. A beleza simples de uma vida inocente era arrebatadora.

— Decidimos dar-lhe o nome de Orla, como a avó do Steve.

— Orla — repetiu baixinho Helen, passando um dedo gentilmente sobre a pequena bochecha da bebé.

— Não vale a pena contrariar o legado irlandês...

Foi dito com um sorriso, e Helen reagiu. Era um grande alívio verificar que tanto a mãe como a bebé estavam bem, tendo em conta o início pouco auspicioso e prematuro do parto de Charlie. E, depois dos terríveis acontecimentos dos últimos dias, era um poderoso lembrete para ela de que havia coisas boas no mundo, de que algumas histórias contavam com um final feliz.

— Quanto tempo tenho? — perguntou Helen, espreitando para o relógio.

— Falta cerca de uma hora para a irem pesar. — Enquanto falava, Charlie voltou a mover-se, indicando a Helen que pegasse na bebé. — Anda lá, alivia-me o fardo.

Helen obedeceu, retirando cuidadosamente Orla do abraço da mãe para a aconchegar nos seus braços. A sensação, o ser embrulhado encostado ao seu peito, revelou-se revigorante. De repente, Helen sentiu-se plena de energia, de força, de otimismo. Nos últimos tempos, tudo fora tão duro, tão sombrio, mas essa luta amarga já lhe ia desaparecendo da mente, substituída por algo melhor, por algo *bom*. Chegara o momento de Helen — uma hora perfeita que poderia passar com aquela bebé maravilhosa.

E pretendia desfrutar dela em pleno.

Helen deambulou de novo pelos corredores do hospital, alegremente alheada de tudo. Sentia-se exausta e dorida, mas feliz. Iria estimar as recordações da chegada de Orla, e esperou poder viver muitos mais momentos semelhantes ao longo dos anos. Surpreendendo de certa forma Helen, Charlie convidara-a uma vez mais para ser madrinha, honra que não achara merecer, tendo em conta as suas fugazes aparições até então na vida de Jessica.

Enquanto se dirigia novamente para o seu quarto, Helen jurou fazer melhor. Independentemente do que a vida lhe trouxesse, estava determinada a ser uma presença mais ativa dali em diante. Estaria pelo menos uma semana dispensada de ir trabalhar, tempo suficiente para mimar Jessica e Orla, e ajudar Charlie e Steve a lidar com a sua família mais numerosa. Seria uma excelente oportunidade para conhecer melhor Jessica — os anos pareciam passar a correr, era incrível o facto de já andar na escola; se Helen não se despachasse, a jovem rapariga tornar-se-ia uma jovem mulher sem que ela se apercebesse.

Empenhada em não se demorar, Helen regressou rapidamente ao seu serviço, determinada a recolher as suas roupas, telemóvel e chaves. Iria para casa, dormir um pouco, para depois voltar a ligar-se ao mundo, e à vida.

Deitando a mão à maçaneta da porta, empurrou-a. Mas fê-lo com tal ímpeto que quase chocou com um vulto alto parado junto à cama, segurando um ramo de flores. Detendo-se a tempo, surpreendeu-se ao ver Joseph Hudson.

— Disseram-me que te encontrava aqui. — Helen assentiu com a cabeça, mas nada disse, apanhada de surpresa com a presença dele.

— Cheguei a pensar que te tinhas posto a andar.

— Fui visitar a Charlie — murmurou Helen, sentindo-se desconfortável, apanhada desprevenida.

Cingiu mais o roupão, tentando ocultar a fina bata de hospital, mas Joseph pareceu reparar no seu desconforto.

— Sim, ela é a próxima da minha lista. Por falar nisso, a equipa mandou-te isto. — Ofereceu-lhe as flores. Helen segurou-as mecanicamente, mas sem olhar para elas. — Vão ficar contentes por saber que já andas por aí às voltas.

— Estou bem, a sério...

— É claro que estás. E então, quando é que podemos contar contigo de volta à esquadra? Vais fazer uma bem merecida pausa, ou regressas já ao trabalho?

Ela fitou-o, sem saber o que dizer. A animação e energia dele deveriam ter sido encorajadoras; contudo, pareceram completamente desenquadradas, até erradas, tendo em conta tudo o que se passara entre eles. Foi como se ele achasse que um sorriso confiante pudesse varrer para o canto as mentiras, as discussões, o afastamento.

— Ainda não decidi, não sei, mas... — Helen hesitou, sem saber até que ponto poderia ser franca — não sei se isto vai resultar, Joseph. — Ele continuou a sorrir, mas semicerrou os olhos. — Pertencermos ambos à mesma equipa, depois de tudo o que aconteceu...

— O que é que estás a querer dizer, Helen?

O tom dele soou calmo. Helen ficou com a nítida impressão de que deliberadamente se fazia de desentendido.

— A Charlie vai ficar de licença de maternidade e... bem, não sei se ter-te como meu número dois será grande ideia, para ambos. — Joseph não reagiu, observando-a com atenção. Uma vez mais Helen calou-se, mas o que ganhava em estar com rodeios? — Acho que provavelmente seria melhor para toda a gente se apertássemos as mãos e cada um fosse à sua vida. Terei todo o gosto em ajudar-te a procurar uma nova colocação, algo que encaixe na tua patente e experiência. Sei que não é o que desejavas, nem... o que eu desejava, mas tal como as coisas estão...

— Não. — Uma única palavra, disparada com veneno suficiente

para a levar a calar-se. — Não vai ser nada assim. Não duvido que gostarias de... me varrer para debaixo do tapete e seguir em frente... mas não vai acontecer. Trabalhei muito para ter este cargo, sacrifiquei *demasiado*, para que agora me tires tudo. — As palavras saíram de rajada, com a fúria patente no seu olhar. Nesse momento, ele avançou um passo, com o peito a pressionar as flores que ela ainda agarrava. Instintivamente, Helen recuou um passo, e mais outro, mas Joseph continuou a aproximar-se, encurralando-a a um canto. Por momentos, Helen achou que iria agarrá-la, quiçá atacá-la, e preparou-se para o ataque. Mas, em vez disso, aproximou-se mais, encostando o seu rosto ao dela. — Se queres seguir em frente, tudo bem — disse ele, com aspereza —, mas mete isto na cabeça. Não vou a lado nenhum.

Susteve o olhar, desafiando-a a reagir, antes de desviar lentamente os olhos, encaminhando-se para a saída. Uns segundos mais tarde, bateu a porta com força, deixando Helen sozinha.

E ela ali permaneceu, uma figura solitária num quarto tranquilo iluminado pelo sol, com o ramo de flores ainda encostado ao seu coração agitado.

Agradecimentos

M. J. Arlidge e a Orion Fiction gostariam de agradecer a todos na Orion, no Reino Unido, que trabalharam na publicação de *Uma Hora de Vida*.

Editorial

Emad Akhtar
Lucy Frederick

Edição

Liz Hatherell

Revisão

Clare Wallis

Áudio

Paul Stark
Amber Bates

Contratos

Anne Goddard
Paul Bulos
Jake Alderson

Design

Debbie Holmes
Joanna Ridley
Nick May

Gestão Editorial

Charlie Panayiotou

Jane Hughes
Alice Davis

Financeiro

Jasdip Nandra
Afeera Ahmed
Elizabeth Beaumont
Sue Baker

Marketing

Tom Noble

Publicidade

Leanne Oliver

Produção

Ruth Sharvell